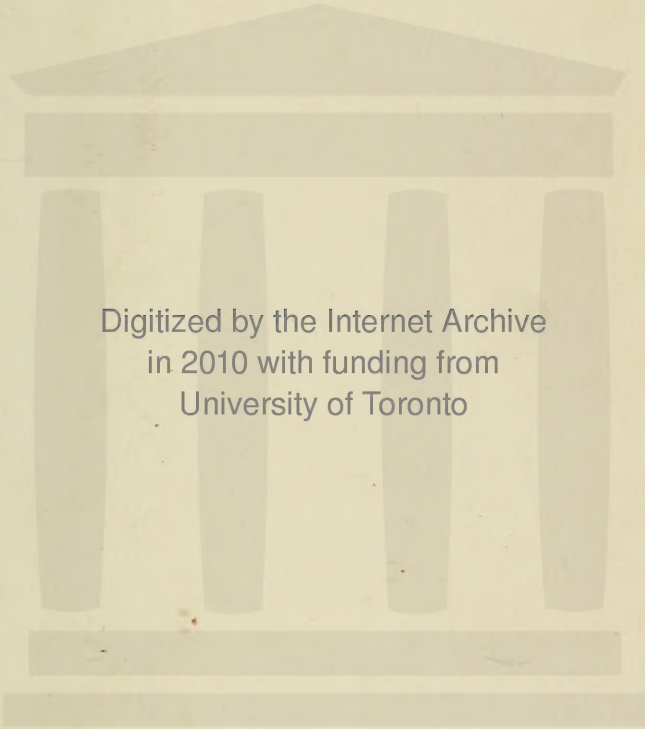
3 1761 07045831 0


Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mocidadededjoo23rebe

893

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XVII

Este Livro pertence a
Mário João de Vasconcelos
17/2/935

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V.
XIX—Fastos de Egreja (1.º)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XVII

THEATRO — II

A MOCIDADE DE D. JOÃO V

COMEDIA-DRAMA EM 5 ACTOS

2.ª EDIÇÃO

V. 223

LISBOA

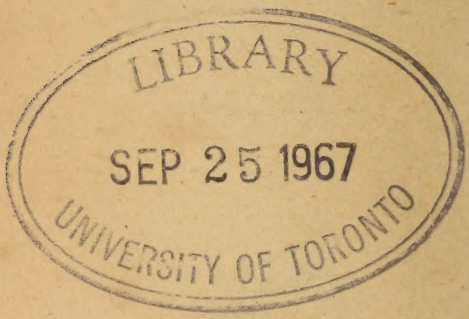
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA — *R. Augusta, 95* ‖ TYPOGRAPHIA — *45, R. Ivens, 47*

1907

PQ
2261
R4M6
1907
v. 2-3



PERSONAGENS

D. JOÃO V.
PADRE VENTURA.
JERONYMO GUERREIRO.
DIOGO DE MENDONÇA.
FILIPPE DA GAMA.
COMMENDADOR LOURENÇO TELLES.
FR. JOÃO DOS REMEDIOS.
ABBADE SILVA.
THOMÉ DAS CHAGAS.
CAMÕES DO ROCIO.
CECILIA.
THEREZA.
ABBADESSA DO CONVENTO DE SANTA CLARA.

ACTO I

O locutorio do convento de Santa Clara. Grade no fundo. Porta á direita que dá para o interior do convento. Uma porta da esquerda, meio escondida por um confessionario.

SCENA I

Thomé das Chagas e Fr. João dos Remedios

Thomé

Ninguem diga: «eu d'esta agua não beberei!» Padre procurador, não somos nada n'este mundo.

Fr. João

Então o que quer, Thomé das Chagas?! Os peccados pagam-se.

Thomé

Como os nossos padres hão-de estar sentidos!... E esse excommungado papel... não terá remedio?

Fr. João

A provisão do Desembargo do Paço? Por mais que scisme não lh'o vejo. E' ir de Cesar para Cesar

— de el-rei para el-rei!... Como a esta hora hão-de rir em S. Roque os padres da Companhia!

Thomé

Pois elles entram n'isto?

Fr. João

A pedra partiu da sua mão, e suas paternidades atiram certo.

Thomé

Não julgava. Com que temos jesuitas no caso?

Fr. João

Irmão Thomé, fique sabendo que temos jesuitas em tudo. Acaso n'estes reinos, desde que elles vieram, fez-se já alguma coisa, que não cobrissem com a roupeta?

Thomé

Ah! Então esse papel?

Fr. João

(*Irado*) E' obra dos herejes, dos christãos novos, dos inimigos de Deus e da sua gloria. Digo, creio e affirmo. (*N'este momento apparece á porta o padre Ventura, e vendo-os conversando, conserva se occulto atraz do confessionario*).

Thomé

E' muito, padre mestre! Atrever-se essa gente!? E então no Desembargo do Paço! Bem rosna o povo! Estamos perdidos, devoto S. Domingos da minha alma!

Fr João

Tome sentido no que vou dizer-lhe, irmão Thomé. Hade ir logo da minha parte, á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça Corte Real, levar-lhe esta carta

(*dá-lh'a*). Mas a provisão não é natural. Querem metter o alvião nos cunhaes do nosso convento. Tratam de o arrazar pelos alicerces!

Thomé

(*Que beijou a carta ao recebel-a, erguendo os braços com admiração hypocrita*).

Santa Maria, Mãe de Deus, orai por nós peccadores! Deitar abaixo uma Babylonia d'aquellas? Quem é o impio?

Fr. João

Babylonia o convento do nosso padre S. Domingos? Veja o que disse irmão Thomé. Lembre se de que era a cidade das profanações, a mãe dos vicios...

Thomé

Mea culpa, mea maxima culpa! (*curva-se todo compungido*).

Fr. João

(*Abstracto e passeando*) A provisão não foi tal feita no Terreiro do Paço; é falso! Veiu de S. Roque...

Thomé

Diga V. Reverendissima da Companhia de Judas, que é mais certo! Deus me perdoe! Mereciam abrazados elles e as roupetas nas bentas fogueiras do Santo Officio! Ha tanto tempo que não se queima um hereje! (*suspira*).

Fr. João

Sentido, irmão Thomé! Olhe que as paredes teem ouvidos... Vou vêr a minha confessada, e depois na volta para o convento. passarei por casa de Lourenço Telles, a dar-lhe noticia das meninas. Não se demore com a carta, e leve lá a resposta.

Thomé

N'um pulo estou na rua da Calcetaria, descanse V. Reverendissima (*Fr. João entra para o convento*).

SCENA II

Thomé e Padre Ventura

Padre Ventura

(*O padre Ventura sáe do confessionario, e passando por traz de Thomé, sem ser visto, põe-lhe de leve a mão no hombro*). Pax christe, irmão Thomé!

Thomé

(*Sobresaltado*) Santa Barbara! (*Olhando para o Padre Ventura, agacha-se como se lhe cahisse um peso em cima, e fica immovel e boquiaberto*).

Padre Ventura

Filho, d'alli vi e ouvi tudo; e sabe? Gostei do seu modo. Vossa mercê foi bem, foi optimamente, com grande zelo da religião, e muito temor de Deus Nosso Senhor. Depois é bom catholico, ama e respeita a Santa Inquisição. Tem alguma coisa?

Thomé

(*Confuso e espantado*) Não é nada!... Estou melhor.

Padre Ventura

Ainda bem Não nos adoeça; queremol-o são. Sabe d'onde isso tudo procede provavelmente? E' do calor, que toma. A carne não pode com o espirito... e receio bem, filho, que um dia, venha ainda a fazer-

lhe muito mal o seu espirito! Ora pois, repito gostei de o ouvir. Fr João é que me pareceu tibio, mas felizmente, o irmão Thomé espertou-o. Olhe, de tudo o que disse, o que me tocou mais foi o seu conselho de curar a heresia a ferro e fogo... Não o achei de todo mau!

Thomé

(*Aterrado e convulso*). Misericordia, reverendo padre! Pequei por leviandade!

Padre Ventura

Quem não pecca, meu filho? V. Mercê tem genio e habilidade. Tirei informações a seu respeito, e não posso consentir que a luz de um entendimento claro fique apagada em tanta humildade. As missões da America estão pedindo homens assim zelozos da cura das almas, e do serviço de Deus.

Thomé

Valha-me Deus! Errei contra a Companhia; mas V. Paternidade acuda-me pelas chagas de Christo. Não me deite a perder.

Padre Ventura

Socegue, filho. Falou da Companhia de Jesus; mas ainda assim teve caridade. Castigando o corpo lembrou-se da alma. E' preciso um exemplo, tem razão. Ha muito tempo que não se queima um hereje... Olhe, parece-me, que tenho agora mesmo a mão em cima de um!... (*Thomé recúa*) V. Mercê é da cidade de Evora?

Thomé

Sim meu padre. Lá nasci, e me crearam.

Padre Ventura

Muito bem. Então conheceu por força um tal Ono-

fre Crespo, algum tempo familiar do nosso padre Simões? Não conheceu outra coisa.

Thomé

Estou apanhado... se não fujo! (*alto*) Que figura tinha? V. Paternidade mandou-lhe tirar os signaes? E a historia do crime... se o houve... está bem averiguada? Sahi de lá tão novo!

Padre Ventura

Outros correm mundo mais moços. Quando mudou de terra, o irmão Thomé já contava os seus vinte annos... segundo me disseram. O roubo foi por esse tempo.

Thomé

(*Espavorido*). Que memorião! (*alto*) Fique V. Paternidade certo. Se eu o conhecer... (*á parte*) Sendo commigo, o Jesuita descalça-se, e ponho-me em seguro. Sendo com outro, se eu sei quem elle é, denuncio-o, do Ceu lhe venha o remedio. A caridade bem entendia começa por nós.

Padre Ventura

(*Que esteve conferindo uns papeis*). Sei que sabe lêr, e até que tem seus principios de grammatica; e sei mais aonde estudou e quem foram os seus mestres.

Thomé

(*A' parte*). Não gosto nada. Este padre, pelo menos, sabe de mim a metade do que eu sei, e não é pouco queira Deus que não saiba tudo!

Padre Ventura

Ora leia este papel, e verá que o rol dos crimes do hypocrita não é curto! (*Dá-lhe o papel*) Conta-se ahi, que um certo Onofre Crespo furtou vinte dobrões

e mais uma prata da sua capella, no valor de duzentas moedas, ao Padre Simões. Parece-me que diz isto o papel? O que responde? Tinha artes o hypocrita, e genio. E' pena!

Thomé

Digo a V. Paternidade que não o conheço.

Padre Ventura

Ora espere. Vamos aos signaes. Estão? (*Corre com o dedo o papel como quem lh'os indica*). Exquisita coisa! Não me sáe V. Mercê escripto e pintado!?... Nem dois gemeos!

Thomé

(*Convulso*) Jesus! Nome bento de Maria! Ahi anda bruxaria!

Padre Ventura

Está claro! Entretanto não é bom. Ha muito quem nos queira mal, e tomára eu uma palma de gloria por cada innocente, que padeceu injustamente por causa de falsas similhanças... Deus o livre de inimigos, sobre tudo em devassa aberta, ou em denuncia ao Santo Officio. E' peior parecel-o, do que sêl-o.

Thomé

Pois o justo hade pagar pelo peccador?

Padre Ventura

Nunca ouviu que pela bocca morre o peixe? O innocente no nosso caso, morre por ter a cara do peccador!

Thomé

V. Paternidade pinta tanto ao vivo!

Padre Ventura

Mas se parece mesmo laço do demonio! (*tira-lhe o papel e lê*). Ora oiça. Rosto comprido e olhos par-

dos... um pouco vesgos. Altura mediana. Até aqui, bem vê, é tal e qual. Côr esverdeada. Nariz aquilino e uma verruga na ponta. Modos beatos, e um ar no lado esquerdo.

Thomé

(*Escoando-se parvo de susto*). E' mentira. E' geito de nascença.

Padre Ventura

Pois então! N'elle era ar, em V. Mercê foi geito de nascença, póde admittir-se. Mas agora me recordo. Dê-me um abraço. De casa temos o remedio. Chegou o nosso padre Simões, e está em S. Roque.

Thomé

(*A' parte*) Estou perdido.

Padre Ventura

Iremos vêl-o, e... Que é isso? Deu-lhe alguma coisa?

Thomé

(*Ajoelhando*). Fui temerario, meu padre. Deus castigou-me. Se a justiça o sabe... estou perdido.

Padre Ventura

Não se precipite. Seja forte. Falou mal da Companhia, é verdade, pois se o coração a accusa, medite, excogite coisa do serviço d'ella, e faça a reparação.

Thomé

Se eu podesse...

Padre Ventura

Todos podemos... Então ainda não achou nada no capitulo das reparações moraes? Ajuda-me que eu te ajudarei, diz o adagio. Se V. Mercê podesse, se quizesse, por exemplo, a Companhia resistia me-

lhor aos seus inimigos, e com os nossos padres, pela sua parte, o sr. Onofre... digo o sr. Thomé tambem se havia de dar melhor. Ainda não entendeu?

Thomé

Principio a perceber, meu padre.

Padre Ventura

Com verdade, responda-me: não leva uma carta á Calcetaria, a casa de Diogo de Mendonça, creio eu, da parte do padre fr. João dos Remedios, de S. Domingos, ao secretario d'estado de el-rei nosso senhor?

Thomé

Levo, sim senhor.

Padre Ventura

E tem-a comsigo, por signal! Pois olhe eu, no seu caso, reconciliava-me de caminho com algum dos nossos padres... De S. Roque á Calcetaria são dois passos.

Thomé

Mas se entrego a carta aberta...

Padre Ventura

Aberta ou fechada, quem fala n'isso? Deve notar, que ha olhos tão penetrantes, que até por cima dos sobrescriptos sabem lêr. Ao sr. Thomé póde cair-lhe a carta... involuntariamente, e outro apanhal-a. Entretanto V. Mercê não abriu, não mostrou, e não lêu. Agora, por interesse, ou por curiosidade... se outro o fizer, o que temos nós? Percebe?

Thomé

De mais, meu padre! (*deixa cahir a carta disfarçadamente. Ventura levanta-a do mesmo modo).*

Padre Ventura

Falaram-me tambem de uns papeis judiciaes feitos ha dois dias pelo padre mestre Remedios... Isso fica para depois; tenho aqui a carta d'elles... Vá com Deus, filho, que se faz tarde, passe por S. Roque, demore-se uns vinte minutos a fazer oração e conte que a carta hade tornar a apparecer... *e intacta.* Quanto ao tal Onofre Crespo se ouvir falar n'elle...

Thomé

O que heide fazer?

Padre Ventura

Rezar-lhe por alma. Agora me lembro que falleceu.

Thomé

(*Beijando a manga a Ventura e saíndo todo curvo*) Deus o tenha á sua vista! (*Sáe.*)

SCENA III

Padre Ventura, depois a Abbadessa

Padre Ventura

(*Seguindo-o com os olhos, e levando lentamente o dedo á fronte com gesto reflexivo*) O habito não faz o monge! Aqui temos um grande santo com a mascara fóra; mas depois de conhecido não faz mal. A prudencia é a chave dos negocios, e ás vezes um grão de areia basta para a melhor roda não andar. Bem humilde é a grama, e entretanto lavra e enreda um campo. Bem! Agora seguem-se os outros. A Companhia tem muitos inimigos, e poucos amigos... Subiu de mais, está poderosa, e servem-n'a de

má vontade... os que a servem. Paciencia! Joga-se para ganhar, e até sair a ultima carta... ha sempre esperança. (*Vendo a abbadessa*) Ora venha em boa hora a nossa querida abbadessa! Temos novidades por esta devota clausura ou appareceu algum caso capital de consciencia?

Abbadessa

Foi o ceu que o trouxe, padre visitador! Ainda bem que se diz, que V. Paternidade, veiu de Roma, para reformar a ordem...

Padre Ventura

(*Sorrindo e atalhando-a*) Dizem isso por cá?... Pois asseguro-lhe que não adivinham. Mas continue, tem alguma coisa, que a sobresalte, que a desgoste?

Abbadessa

(*Suspirando com ar beato*) Ai, padre Visitador, o meu desgosto é não poder já com o peso d'este governo. Se V. Paternidade por caridade, me alliviasse d'elle.

Ventura

(*Ironica e risonho*) Devéras!... Ora pois, louvado seja Deus por tudo! O pezo é grande, sei, mas ha de ter por força a sua compensação... Succedeu alguma coisa?

Abbadessa

A madre rodeira diz-me, que veiu á portaria um primo da educanda Cecilia, aquella que lhe chegou hontem o pae, que se julgava morto, e que o commendador Lourenço Telles tracta por sobrinha...

Ventura

Diga, neta. O commendador para tio é muito velho. E então o tal primo o que deseja?

Abbadessa

Pediu para entrar. Diz que vae para a guerra, que não sabe se tornará, e que, por força, ou por vontade hade falar, hoje mesmo, á nossa educanda.

Ventura

Idéas de rapaz! Sei que primo é. E depois?

Abbadessa

Depois... pareceu-me que em ella vêr o seu parente não havia perigo, nem escandalo...

Padre Ventura

Nenhum! De mais Cecilia não é freira, nem toma veu...

Abbadessa

Apezar d'isso, como eu respondo a seus paes ..

Padre Ventura

Tem toda a razão. Mas agora não é caso d'isso. O primo, que eu conheço, vem despedir-se. Não ha coisa mais natural. Ella recebe-o aqui, n'este locutorio externo... deixâmol-os uns cinco ou dez minutos, livres..

Abbadessa

V. Paternidade perdoará, mas é contra a regra. Na minha presença, ou da regente sim, mas sós!... Deus nos accuda! O que não falariam os maldizentes!...

Padre Ventura

Que digam! que falem! Olhe, querida abbadessa, o que Deus nos pede é o coração .. As maledicencias do mundo, bom é evital-as, mas não se consegue facilmente. A minha regra n'estas coisas é a doçura. Guarde o recato e os escrupulos para as grandes. Demais Cecilia e sua irmã...

Abbadessa

Thereza!

Padre Ventura

Justamente, Thereza. Sahem ambas hoje, ou amanhã do convento. O pae, que foi capitão de navios e que esteve tantos annos ausente não as quer separar de si. Portanto, bem vê, este caso sahe da regra geral. Deixemos falar os primos...

Abbadessa

Mas...

Padre Ventura

Se é peccado, eu o tomo sobre mim. Faça o que lhe digo.

Abbadessa

Devo a obediencia a V. Paternidade... Mas o pae, o tal capitão de navios... não nos poderia deixar Thereza por uns mezes? Parece-me que ella não estaria longe de tomar o veu, e de professar aqui...

SCENA IV

Os mesmos e Filippe da Gama

(*Filippe da Gama entrou a tempo de ouvir as ultimas palavras da Abbadessa, e adeanta-se com ira e grossaria*).

Filippe

Com a bréca! Que historia é essa de veu e de freirices? Estimo que tenha passado muito bem! Perdoe se offendo a sua palavra honrada. A senhora é que é o piloto cá da nau?

Abbadessa

(*A'parte a Ventura*) Quem será este labrego?

(*Alto*) O Sr. vem enganado. As naus e os pilotos andam no mar. Aqui reza-se e serve-se a Deus!

Filippe

(*Com uma grande risada*) Historias! Essas labias commigo não pegam. Filippe da Gama tem já ás costas um par de janeiros, entende? e não cáe em ratoeiras. Com que então, (*cruza os braços*) parecia-lhe que eu estive creando minha filha para a fazer Maria do Béu, ou anjinho de procissão? Espere, que está fresca! Antes um tubarão me coma do que eu vêl-a... de gualdrapas e bentinhos...

Padre Ventura

(*Sorrindo e interpondo-se entre elle e a abbadessa*) Desculpe-o querida abbadessa, os homens do mar tem esta casca grossa. (*Alto a Filippe*) O sr. Filippe da Gama, quer vêr as suas filhas? Vem achal-as umas senhoras! Deixou-as creanças, e encontra-as perfeitas e prendadas ..

Filippe

O Sr. padre é lá de casa?... desculpe!... Como cheguei hontem, ainda não tomei os rumos ao vento, e ando á tôa (*A'parte*) Hum! o jesuita tem-me cara de muito mettediço. Pois vem bem para cá. Já sabe o que venho fazer ao convento!? (*Alto a Ventura*) Sabe que mais? extranho...

Padre Ventura

Que o conheça de perto, sem nos termos visto? É natural. Sou confessor de suas filhas.

Filippe

Espero que não lhes terá mettido na cabeça a tal diabrura do veu e da freirice?

Abbadessa

(*Irada*) Sr. Filippe da Gama, em sessenta annos de edade...

Filippe

Ponha dez por cima se quer falar verdade.

Abbadessa

Nunca ouvi similhantes heresias...

Filippe

Pois ouve agora. Quando morrer leva mais essa novidade. Ora faça favor, vire-me de bordo e vá buscar-me as raparigas. Estou com pressa. Isto são onze horas, e o tio Commendador, ao meio dia em ponto está com a sopa a contas. Não quero passar por baixo da meza. Vamos! Allon! E' alargar o passo e metter na manga a gravidade do officio!

Abbadessa

(*Cholerica*) Senhor!

Filippe

Isto cá é como sahe. Se gosta de sopinhas de mel vá a outra freguezia.

Abbadessa

(*A parte*) Forte selvagem! (*alto*) Bem se vê que o senhor veiu da terra das onças...

Filippe

E dos monos! Temos conversado.

Padre Ventura

Deve reparar madre abbadessa, que não tem remedio senão fazer a vontade ao Sr. Filippe da Gama.

Filippe

Tal e qual! Apito na bocca e marinheiro nas gaveas!

Abbadessa

Vou em attenção ao Sr. Padre Ventura!... (*vae a sahir e torna atraz*) É verdade. E o primo da menina?

Padre Ventura

(*Interrompendo-a*) Por quem é, querida irman, compadeça-se das saudades d'este pae, que não vê suas filhas ha tanto tempo.

Filippe

Sua paternidade falou como um Bispo! Não me tire dos meus eixos, Madre Abbadessa, olhe que eu estou por um fio a metter a proa áquella porta. (*Aponta por a porta do interior*) Não se queixe depois.

Abbadessa

Faltava-me vêr isso! (*A Ventura*) Mas se o primo está lá, porque não hade subir tambem?

Padre Ventura

Porque não é occasião agora.... bem vê!... (*Fala-lhe em segredo*)

Filippe

A senhora faz de mim sineta de surdo? Se tem primos, ature-os ou despeça-os, mas não m'os empurre. E esta? O que eu quero é que me traga as minhas filhas.

Abbadessa

Até me admira, que o não encontrasse e que não viessem juntos?

Filippe

(*Assoprando no castão da bengala*) E que me di-

zem ao da rebeca? Os primos das abbadessas são principes da casa? Olhe: se o hospital dos doidos se não mudou para Santa Clara, deve estar perto.

Abbadessa

Tem razão. O que admira é ver os doidos soltos. (*A Ventura que lhe acena que saia*). Vou já, padre Visitador. O sr. Filippe não morre por esperar mais dois minutos (*entra para o interior do convento*).

SCENA V

Padre Ventura, Filippe da Gama

Filippe

Que serpente, anjo bom! E se não fosse V. Paternidade, esta meia hora mais chegada, não parava de moer. Agradeço-lhe.

Padre Ventura

Sei que chegou hontem...

Filippe

E por signal que ia ficando na rua...

Padre Ventura

Sim? porque?

Filippe

Porque para bater á porta duas cousas são precisas—ter casa—e saber aonde ella é. Ha doze annos, que andava fóra e ha sete completos que não recebia noticias... Quem tem bocca vae a Roma, diz o rifão, mas esta Lisboa, é uma loba, e um homem não ha de andar a perguntar a toda a gente pelo sujeito da capa

parda. Puz-me então a scismar, e eis o que fiz. . Lembrei-me do meu antigo amigo fr. João dos Remedios...

Padre Ventura

E foi procural-o?

Filippe

Tal e qual. Mas primeiro que lá chegasse foram peras! Parti direito ao Rocio. Na rua dos ourives vi um homem parado: parei tambem e perguntei-lhe: sabe-me dizer se o padre fr. João dos Remedios estará alli em cima, em S. Domingos? Que resposta cuida que me deu aquelle seresma? «*What do you say*?...» Era inglez o maldicto! Pés para que te quero. Entro na rua dos escudeiros, e dou com outro estafermo embasbacado; pergunto lhe o mesmo, e chapa me: «*Whas verlangen sie*!» Era allemão... caspité! Deitei a todo o panno, e já bem azoado chego ao Rocio e topo com um soldado; falo-lhe, e sae me com esta cantiga em soprano: «*Che siete voi per capo di Caio Mario!*» Fiquei varado! Até que a final, mesmo na portaria do convento, encontrei um figurão desengonçado pedindo para as almas, e por signal com uma cara de não ser boa rez, e por elle soube, que se chamava Thomé das missas, ou das Chagas, e que padre Remedios estava lá em cima na sua cella. Ora diga-me, Sr. Jesuita, isto é Portugal, ou que demonio é? O que anda por cá cheirando tanta gente de fóra? Ha de perdoar, se o offendo, o sr. tambem me não parece portuguez, mas...

Padre Ventura

Desejava muito sel-o, póde accrescentar! Essa gente veiu na armada dos alliados, e entretem se chupando a olha da panella portugueza... Ahi vem suas filhas .. Veja pelos seus olhos, que não lhe menti!

SCENA VI

Os mesmos, Cecilia, Thereza e a Abbadessa

Ambas

Meu pae ! meu querido pae !

Filippe

Alto ! Não me amarrotem os engommados, que não estou para ouvir sua mãe, mais os seus padres nossos ! (*Abraçando-as e beijando-as enternecido*). Minhas filhas da minha alma! Estão lindas !... são duas perolas!

Cecilia

Bem me dizia o coração, que ainda o havia de tornar a ver. Nunca pude acreditar...

Filippe

Que eu tivesse morrido. Pois olha, eu mesmo, e mais estou vivo, ainda não sei como issso foi. Bem me posso pezar a cêra. Safa !

Thereza

Deus ouviu as nossas orações...

Filippe

E as da minha desconsolada e santa Magdalena!... Então, vocês fazem-me lagrimejar, raparigas ? E esta ? Nada de mulherices! Um homem é um homem! (*Limpa os olhos a furto*). E se me vissem, não lhe dizendo quem era, conheciam-me?

Cecilia

Eu conhecia, meu pae !

Filippe

Pois olha, tua mãe, que tinha mais razão d'isso... não foi capaz. Nada de coisas tristes. Aguas passadas não moem moinhos. (*A Thereza*) E' verdade; que historia é essa, que me azoinou os ouvidos, ainda agora, de te quereres metter freira? Tu sabes lá o que te convem, ou o que precisas! Ora pois! E' ir já para dentro metter no bahu o vosso fato; e despedir das vossas amigas...Não quero filhas de gaiola! (*Aponta para a grade*). Sua mãe, esta tarde, vem buscal-as.

Cecilia

E vamos ambas?

Filippe

Essa é boa! Só o que eu me zanguei com tua mãe por vos metter aqui! Beatas e gulosas commigo não hão de medrar. Mas ella é toda d'essas carolices!

Abbadessa

(*Irada*) No convento de Santa Clara ensina-se a religião e o temor de Deus...

Filippe

Adeus! adeus! Commigo não faz farinha. Diga isso a Magdalena. (*Ouve-se uma sineta dentro*) Estas badaladas são para o meio dia? Pois então, filhas, até á noite. O tio commendadar, lá em horas de comer, não é para graças!... (*Vai a sair, torna a raz, abraça as, e beija as*) Até á noite! sr. padre... como é a sua graça?

Padre Ventura

Julio Ventura.

Filippe

Pois sr. padre Julio Ventura—a casa é de meu tio, mas não importa. Cada vez que quizer... Sr.ª

madre Abbadessa desculpe alguma offensa, mas sempre lhe digo, que é a pessoa mais birrenta... Safa!

Thereza

E eu vou á minha cella dispor tudo para a tarde... (*sáe pela porta interior*).

SCENA VII

Padre Ventura, Cecilia e a Abbadessa

Cecilia

Ah! padre Visitador! Meu pae vivo, e ao lado de minha mãe, que ha tantos annos o chora! Como ella ha de estar contente agora! *(Entre lagrimas)*.

Padre Ventura

Não são coisas que se levem com lagrimas! Para a tristeza o que reserva então?... Madre Abbadessa póde mandar entrar aquelle parente, que está esperando...

SCENA VIII

Cecilia e Padre Ventura

Padre Ventura

Seu pae, foi satisfeito, Cecilia, das perfeições que achou nas suas filhas.

Cecilia

Se elle soubesse!... Padre Ventura diz-me o coração que chegou a hora...

Padre Ventura

De alguem lhe ter amor? Socegue. Sei tudo.

Cecilia

Tudo!

Padre Ventura

Tenho um dedo, que adivinha... Sei que faz cinco mezes um cavalleiro moço a viu em S. Domingos, e lhe declarou um mez depois o seu amor, uma sexta feira á noite, n'este jardim. Sei quem lhe deu entrada, levou, e trouxe os recados. Sei mais que hontem, ainda hontem, lhe escreveu elle pela mesma beata uma carta para lhe dizer, que viria hoje, a esta hora, custasse o que custasse... Admira-se? São milagres da nossa roupeta. Cecilia, eu não censuro, nem approvo. Os Jesuitas, ha de convencer-se, não são tão máus como quer o padre fr. João dos Remedios, nem como diz a madre Abbadessa, que é uma santa pessoa...

Cecilia

Mas quem revelou a V. Paternidade?...

Padre Ventura

Provavelmente alguem que o sabia. Filha, nada se faz que se não descubra. Repito: nem condemno, nem absolvo. Mas diga-me: não sabe, ou pelo menos não suspeita quem elle é, e o que póde vir a ser?

Cecilia

Amo-o! Não sei mais, e basta me.

Padre Ventura

Faz mal. Receio que do coração lhe venha a morte. Já tem edade, e deve reflectir. Olhe que o sacrificio é grande aos olhos de Deus e immenso aos olhos do mundo.

Cecilia

V. Paternidade assusta-me! Sabe alguma coisa?

Padre Ventura

Eu? Não vê, que estou perguntando? Antes de se decidir, procure confirmar-se na verdade. Lucte em quanto tiver forças e, não podendo vencer-se, tracte de remir a culpa com o exercicio da virtude. A voz do mundo não é sempre verdadeira; ouça antes a voz do ceu. Saiba que para o serviço de Deus importam menos os meios, que os fins.

Cecilia

Não entendo a V. Paternidade.

Padre Ventura

Um dia entenderá. E' a madre Abbadessa... e seu primo vem por este lado. (*A's palavras do Ventura, tem apparecido os dois a cada uma das portas*).

Cecilia

(*Vendo D. João*). Ah!

SCENA IX

Os mesmos, D. João e a Abbadessa

Abbadessa

O sr. padre Ventura assegurou me que era parente d'esta menina, e que tem coisas importantes a dizer-lhe. Entendemos, que este logar era mais proprio, do que a grade. Póde falar, mas desculpe, se o meu dever me obriga a assistir.

Padre Ventura

Se me dá licença, veneravel madre, já resolvemos esse ponto. Não ha inconveniente em ficarem aqui os dois primos um instante. Cecilia não é freira, e a prova, é que sahe esta tarde do convento.

D. João

(*Com alegria*) Ah!

Padre Ventura

(*Continuando*) Assim elles ficarão aqui, e nós vamos para a casa da secretaria, que é a proxima. Tenho que lhe communicar.

Abbadessa

Obedeço, padre visitador; mas sempre digo que lavo as minhas mãos. Não respondo senão por mim.

Padre Ventura

E não faz pouco. O mal e o abuso é abrir os ralos dos locutorios ao vicio e á seducção — e fazer da casa de Deus casa de murmurações e de requebros profanos. Eis o perigo e o peccado, mas ha-de remediar-se com a ajuda de Deus.

Abbadessa

Menina! Sabe quem manda aqui, e as minhas ordens quaes foram. Veja o que o seu parente lhe quer, e depois peça licença, e retire-se immediatamente.

Padre Ventura

Cecilia!.. Póde ouvir e responder. Esteja em quanto lhe for preciso, e prohibo-lhe que deixe este quarto sem minha venia. Não lhe recommendo modestia e circumspecção porque lhe faço justiça. Não ignora o que deve a si, e a esta casa.

Abbadessa

V. Paternidade ignora que eu estou aqui, ou julga que não sou já a prelada d'esta casa?

Padre Ventura

Eu já lhe perguntei alguma coisa madre Abbadessa, ou esse interrogatorio envolve a temeridade de querer pedir-me contas? Vamos, querida irman, já lh'o notei, temos que falar, e não me posso deter muito (*Sae com a Abbadessa pelo interior*).

SCENA X

D. João e Cecilia

(*Apenas elles desapparecem D. João apodera se da mão de Cecilia, que o repelle brandamente*).

Cecilia

A's santas só é que se beija a mão.

D João

A alegria enlouquece! olha, estou ao pé de ti, vejote, e ainda não posso crer. Se soubesses com que saudade esperei para este dia, e o receio que tive d'elle não chegar! Cecilia!... A felicidade deseja-se, imagina se, mas assim de repente—é como a dôr, custa a supportar. Assegura-me que não é sonho! Se o não ouvir, aqui mesmo e da tua bocca... embora os meus olhos digam que sim, ainda duvidarei.. Salva-me!

Cecilia

Com tão pouca fé será possivel? Hei de pegar-te na mão, e pôl-a sobre o coração para que sintas, que

não bate menos, do que o teu? Em que acreditas, se os olhos estão a ver, e tu duvidas?

D. João

Em ti, como em Deus!

Cecilia

É de mais. Se amasses com fé...

D. João

Poderia salvar-me?

Cecilia

Talvez!

D. João

E promettes ouvir-me?

Cecilia

Estaria aqui sem isso?... Queres, que mais timida, antes de te ouvir, eu diga que amo? Sou alegre, serei criança, como elles me chamam, mas os meus juramentos estão firmes... Foram feitos deante de Deus, e gravei-os na minha alma. A ventura, que posso esperar, toda a entreguei nas tuas mãos. O que faço não é bom, sei! O mundo tinha razão, se me accusasse... Uma donzella, que se estima, não diz assim de repente a um homem, o que eu estou dizendo Mas sabes? Confio em ti! Se abusasses... desprezava-te, e quando se despreza... o amor caíu, e não tem virtude. Tu e eu somos incapazes de dar essa morte ao nosso... não é verdade?

D. João

Porque és bella de mais, porque ha nos teus olhos a pureza dos anjos, é que deves crêr que o amor comtigo, nasceu e arde sem um pensamento mau!

(*Quer ajoelhar*) Cecilia! Tens razão. Vim para te jurar que és a luz da minha vida, e agora, aqui, as palavras fogem-me!... E' que a alma de contente não póde com a felicidade. Se visses com que saudade te falo na ausencia, a magoa com que te chamo, e a alegria que me alvoroça, ouvindo o teu nome, o teu doce nome! Eu, que não devo inclinar a cabeça senão a Deus, e a meu pae, que não ajoelho senão a Christo, olha, estou prostrado, e quasi que deixo correr as lagrimas sobre as tuas mãos!... Dize, esta vista que se inflamma com a tua, este coração, que estremece suffocado de jubilo, não valem mais do que juramentos e promessas?

Cecilia

Agora! N'este instante! João, tenho medo de tanta felicidade!... sou fraca, sou mulher... receio, que o amor, que é a minha luz, se apague, não sei de que modo, nem por que mãos!

D. João

Que loucura! Teme só a morte. Ella é que póde separar-nos.

Cecilia

(*Triste e impetuosa*) Não jures, não digas nada! Para que? Estes momentos, o dia de hoje são meus, bem sei; mas depois? Eis o meu receio! Rainha, dava-te uma coroa; simples donzella, sem fidalguia, nem thesouros — dei-te toda a ventura, que posso... viver comtigo. Não tenho senão isto — e entrego-t'o.

D. João

(*Beijando-lhe a mão*) E reinar sobre esse coração, é pequena gloria? Não, anjo da minha alma, socega! Esses bellos olhos porque estão tristes? Quero-os firmes no imperio, que lhes dei! Lagrimas aqui, ao

pé de mim!... Vamos! A bocca, formada pelo amor em um sorriso, não ha de ficar triste e pensativa! Duvidas de mim, e da minha ternura?

Cecilia

Não duvido, creio. Mas ouve-me, o tempo é precioso. Esta tarde saio do convento, aonde colhi as doces e ternas memorias da minha vida. Se não tornar a vêr-te, este annel é para te lembrares. Promettes, olhando para elle, dar uma saudade á tua Cecilia? *(Passa-lhe o annel no dedo)*.

D. João

Juro!... Sobre a minha alma e a minha honra protesto antes morrer, do que esquecer-me!

Cecilia

E não amas outra?

D. João

Ninguem te eguala.

Cecilia

Serás meu, só meu?

D. João

Não vês que tanta gloria mata? Não reparas que nos esperam as saudades?

Cecilia

A saudade tambem consola. Disse-te que amava, e nunca te perguntei quem eras. Ha um segredo que me occultas. Porque escondes o teu nome? Meu egual, o que te impede? Meu inferior eu descerei...

D. João

(Sorrindo) E fidalgo? E grande?

Cecilia

Subirei para te encontrar.

D. João

Não, querida, eu é que heide subir para te egualar. Rainha, davas-me a corôa, e se eu desejo um throno é para te assentar n'elle. Um dos meus... um dos nossos reis não fez rainha a linda Ignez?

Cecilia

Triste rainha... depois de morta! Mas quem és, responde?

D. João

Um homem, que desejava ser Deus para viver comtigo eternamente.

Cecilia

Mas que não é rei, apesar dos seus desejos... E Conde és?

D. João

Não. Mas os condes...

Cecilia

Valem menos. Queres que diga? Desejava-te grande fidalgo. Como as gallas da côrte cahiriam bem n'esse airoso corpo! E os bordados, e diamantes ornando esse peito, que é tão nobre!... Vês, se fosse Deus, fazia-te rei, agora mesmo.

D. João

Querida, a galla verdadeira de um cavalleiro é a sua espada.

Cecilia

E o teu pae? Chama-se?

D. João

Pedro.

Cecilia

O teu nome todo?

D. João

D. João de Villa-Viçosa.

Cecilia

Então és fidalgo, e titular talvez?

D. João

Na minha familia o titulo é o direito, e custou caro!

Cecilia

E deixas por mim as damas, as senhoras da côrte?!

D. João

Deixaria por ti uma princeza.

Cecilia

(*Pegando-lhe nas mãos com enthusiasmo*) D. João, pobre amava-te! Mechanico, adorava-te! Sem parentes nem riqueza, queria-te com egual extremo. O meu amor te serviria de pae, de nome, e de nobreza...

D. João

E eu Cecilia, pela alma de minha mãe o protesto! Por ti esquecerei familia, poder, grandezas, se...

SCENA XI

Os mesmos e o Padre Ventura

Padre Ventura

(*Que entrou sem ser visto e ouviu tudo*) Se Deus não ordenasse aos filhos que venerassem em seus paes a imagem do Creador!

D. João

(*Com impeto*) Padre ! Julguei que estava só.

Padre Ventura

(*Frio e sereno*) E só esteve. Apenas ouvi as ultimas palavras, e essas não diziam nada, porque não posso acreditar, que dissessem muito... Cecilia, seu primo tem deveres pezados, entenda. Roguemos a Deus, que o auxilie para os desempenhar com gloria. Se o ama segundo o seculo, conte com o seu coração... não conte com mais nada.

Cecilia

E que mais posso desejar ?

Padre Ventura

Conforme. A's vezes, ignorando o valor das coisas, damol-as de graça e depois arrependemo-nos.

D. João

(*Irado*) Padre !...

Padre Ventura

O meu nome é Julio Ventura. (*Para Cecilia*) Seu primo é bom e justo. Sabe que lhe corre nas veias o sangue mais illustre d'estes reinos, e que o primeiro... um dos primeiros fidalgos portuguezes deve ser o symbolo da honra... Isto bem considerado ha de inspirar-lhe uma resolução virtuosa, e digna d'elle.

D. João

(*Impetuoso e féro*) Se V. Paternidade sabe a quem fala, não continue, aconselho-o !

Padre Ventura

Aconselha mal, é o que faz. Na companhia, deve

saber, costumam experimentar-nos desde noviços para todos os lances e trabalhos... Quem prége na America, na China, e no Japão, conhece a que se expõe! não ignora que póde morrer pela verdade; e com tudo isso o Evangelho chegou pela nossa bocca ás regiões mais barbaras; e a cruz arvorada por nós e regada pelo sangue dos nossos martyres está de pé e floresce. . Cuidei que lhe tinham ensinado isto... (*Para Cecilia*) Sejamos razoaveis. O que lhe disse, Cecilia, é exacto. Seu primo tem grandes obrigações a cumprir. Fidalgo, a sua honra é sagrada; portuguez ámanhã, hoje mesmo se fôr chamado... ha de ir.

D. João

(*Altivo e impetuoso*) Hei de ir ?! Ás ordens de quem?

Padre Ventura

A's de el-rei e da sua patria, julgo eu. Creio que obedecerá a ambos.

Cecilia

Mas isso o que tem com o nosso amor!

Padre Ventura

Tudo, ou nada, filha. Se nos limitarmos ao estado em que nascemos, passa a nuvem, e não nos toca. Se nos excedermos, póde alcançar-nos. Deixemos as allegorias. Quer saber, se tem deveres pezados, seu primo? Veja. (*Tira do seio uma carta e entrega-a a D. João*).

D. João

Quem lh'a deu?

Padre Ventura

A pessoa que a escreve.

D. João

Então sabe?

Padre Ventura

Só o que me dizem.

D. João

(*Depois de lêr com sobresalto*) Não importa. Veremos se este casamento se faz, não querendo eu ! .. (*A Cecilia*) Sou obrigado a sahir já. Esta carta é na realidade importante. Mas socega. Dentro de poucos dias nos veremos. Bem sabes, não posso com as saudades da ausencia ! (*estas palavras são ditas a meia voz á bocca da scena*).

Padre Ventura

(*Passando ao lado de Cecilia, em quanto D. João relê a carta*) Eu não lhe dizia que seu primo tinha devêres, e que havia de cumpril-os ?

D. João

(*A Ventura*) Padre Ventura, procure-me, precisamos falar! (*Ventura inclina-se profundamente; a Cecilia, pegando-lhe na mão e tirando-a de parte*). E' o meu retrato ! (*entrega-lhe um pequeno maço lacrado*) Lembra-te com elle de quem te repete que é mais facil morrer, do que esquecer-te. Adeus ! adeus ! (*Sáe arrebatado*).

SCENA XII

Padre Ventura e Cecilia

Cecilia

(*Depois de curta pausa, tendo mettido o retrato no seio*) A carta, meu padre, era de muito valor ?

Padre Ventura

Filha, aquella carta vale uma corôa.

Cecilia

Então D. João é ?...

Padre Ventura

Mais baixo ! De vagar! E' um homem que está para receber a maior herança de Portugal.

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO II

Uma sala em casa do Commendador Lourenço Telles. Mobilia do seculo XVIII. Portas ao fundo e lateraes. Uma janella do lado esquerdo.

SCENA I

Cecilia e Thereza

Thereza

E como acaba a historia ? Estou anciosa por saber. Flor dos corações reinou com elle?

Cecilia

Não. Conta o livro, que Flor dos corações, sabendo que o seu amante era rei, como tinha os merecimentos, e não o sangue, e não podia ser rainha . . .

Thereza

Não podia ? . . . Porque ?

Cecilia

E' simples ; porque as pastoras não são princezas.

Thereza

Então deixou-a ? . . . E ella morreu de pena ?

Cecilia

Era mãe. Viveu para crear seu filho !

Thereza

Mas o principe esqueceu-a ?

Cecilia

Não. Cada vez lhe tomou mais amor ! ... E as saudades foram tantas, e tão grandes, que adoeceu, e mandou que a procurasse n pelo seu imperio com promessa de grandes premios. Os medicos prognosticaram, que a morte do principe era infallivel se Flor dos corações não apparecesse para o salvar.

Thereza

E ella? ...

Cecilia

Appareceu, e salvou-o. Não podia ter animo de o ver morrer. Depois bem sabes, irman, elle amava-a!

Thereza

Pois eu não ia, ainda que soubesse que o matava ! O perfido ! Não acha a pastora fidalga para a seduzir, e envergonha-se, depois, e não se atreve a premiar um coração, que lhe fôra tão fiel na desgraça ? Quem me desprezasse, embora morresse, não tornava a baixar os meus olhos para elle !

Cecilia

Era o pae do teu filho, ias ! Era o primeiro, e unico amor da tua vida, tornavas. Theresinha, verás um dia ! Estala-se de paixão ; cançam-se os olhos de chorar; é uma dôr d'alma, que se não explica ... mas odio, o odio mortal, que tu julgas, finge-se, mas não existe. Se o amor foi verdadeiro sabes que nome tem o odio ? Chama-se ciume, saudade, e magoa !

Deixa dizer, tudo o mais é falso. Deixa falar; o orgulho mente.

Thereza

Como estás adeantada, Cecilia! Sou noiva ha quasi dois annos; amo e estimo Jeronymo; sei o que uma paixão custa... e apesar d'isso, agora vejo, não sabia nada.

Cecilia

Tambem eu vejo, ou adivinho. O que sentes, o que palpita no teu peito, nunca se chamou amor...

Thereza

Como lhe chamarás então?

Cecilia

Tudo, menos isso. Quando se estremece alguem devéras, o jubilo de o ver converte-se em loucura. Se o coração nos não pertence! Por ora, Theresa, sonhas só com a ternura, e nada mais.

Thereza

Sonho?... E talvez seja essa a verdade. Eu é que me enganava. O amor por força deve ser mais. Mas dize, Cecilia: tu não sabias se não tivesses amado já, se não amasses ainda! Não te accuso. O segredo fica entre nós. Amas!... Não sei a quem, nem pergunto; mas percebe-se nos olhos, vê-se no rosto. Possa elle ser digno do teu affecto! Por mim não me queixo. Antes de prometter devia de conhecer melhor o estado da minha alma. Fui credula; assentei que amava, e o coração estava mudo, porque dormia.

Cecilia

Minha irmã!... Tem confiança em Deus.

Thereza

Não sabes que é sagrada a palavra de meu pae, e que elle a deu?

Cecilia

Não importa. Chama Jeronymo, e conta-lhe tudo. Queres que eu o desengane?

Thereza

E' tarde. Agora desprezava-me

Cecilia

(*Abraçando a irmã com impeto. N'este movimento cae-lhe um retrato do seio*) Não! não pódes ser sua esposa. Fala-lhe. Diz-lhe como eu lhe diria: «quero-lhe muito, mas não o amo. Sejamos irmão, e irmã, já que não podemos ser mais...» (*reparando no retrato*) Ai! o meu retrato!

Thereza

(*Apanhando-o*) Até que afinal vou saber tambem o teu segredo.

Cecilia

Não abras; peço-te.

Thereza

Abriu-se elle por si... Mas se é segredo... não olho.

Cecilia

Um dia verás; mas agora!...

Thereza

Agora sim. Não te confias de tua irmã?

Cecilia

(*Indo á janella*) Confio.

Thereza

(*Vendo-o*) Ah! Sancto Deus! E'... Não ha duvida; é o mesmo que D. Catharina de Athaíde me mostrou, ao lado do seu noivo...

Cecilia

Então? Como o achas?

Thereza

Esbelto mancebo. E chama-se?

Cecilia

D. João de Villa Viçosa. Queres saber se está parecido? Repara. Ahi vai elle em companhia do conde de Aveiras.

Thereza

(*Olhando tambem pela janella*) Agora já não posso duvidar... Perdida! Estás perdida, minha pobre irmã!...

Cecilia

(*Voltando e notando a pallidez da irmã*) O que tens, meu amor?

Thereza

Cecilia, eu bem temia!... Este retrato sabes o que é?

Cecilia

Porque me assustas?

Thereza

E' a morte; é a desesperação, se não morreres.

Cecilia

(*Sorrindo*) O meu retrato?

Thereza

Esse mancebo, por minha alma te juro, que não

pode ser teu esposo. Acreditas na amisade de tua irmã ? Por amor d'ella farás um sacrificio ?

Cecilia

Explica-te.

Thereza

Promettes não o tornar a ver senão depois de nove dias ?

Cecilia

Não posso. Não sabes que o espero hoje, que vem logo ? Em nome do ceu, fala, minha irmã. Dize : elle é casado ?

Thereza

Não.

Cecilia

E' fidalgo ?

Thereza

Muito.

Cecilia

Então ?

Thereza

Irmã, mesmo solteiro é como se fosse casado. Põe na tua idéia, que o amas, mas que está morto.

Cecilia

Fazes-me viuva sem ser esposa ?

Thereza

Não perguntes. Salva-te. Salva-te, que ainda é tempo.

Cecilia

Olha, ditosa, ou infeliz, é a minha sina. Deixa-me viver e morrer com ella. Ahi vem Jeronymo. Fica só com elle; e dize-lhe tudo. Ha de perceber, e resignar-se. (*beija-a e sáe*).

SCENA II

Thereza depois Jeronymo

Thereza

Como tu! Quem a na deveras, morre, mas sempre julga que viveu!

Jeronymo

(Entrando) Theresa! Foi o ceu que me trouxe aqui.

Thereza

O ceu? Talvez!... Sente-se ao pé de mim e ouça Admira-se? Não sabe que somos quasi irmãos?

Jeronymo

Irmãos?

Thereza

Se tivesse um irmão, Jeronymo, havia de amal-o muito.

Jeronymo

E eu havia de ter ciumes d'elle.

Thereza

De meu irmão?

Jeronymo

De todos. A's vezes chego a invejar as caricias feitas a Cecilia. O meu desejo era sermos sós no mundo e não haver ninguem no meio.

Thereza

Diz que me a na? Quero saber a verdade.

Jeronymo

A verdade? Uns poucos d'annos de constancia não lhe disseram ainda tudo?...

Thereza

(*Com meiguice*) Está disposto a fazer o que eu mandar?

Jeronymo

Sendo possivel! ..

Thereza

Sim, ou não?

Jeronymo

Antes de saber?...

Thereza

Descortezia! Sem responder, perguntar? Fazia-o meu cavalleiro.

Jeronymo

Seu cavalleiro, Thereza? Não se lembra já que sou seu captivo?...

Thereza

Ah! Recorda-se de quando cantavamos o romance da Donzella que vai á guerra, e eramos tão creanças?

Jeronymo

Se recordo!... Era em Cintra. Assentavamo-nos por signal debaixo das arvores, vendo correr a agua. Um dia, disse-me duas palavras, e deu me um annel... Que tarde aquella! Nunca os teus olhos, Thereza, foram mais bellos. Vivos que nem o sol que rompia pelas sombras do arvoredo; verdes, puros, que faziam a inveja d'aquellas folhas que não bolia sequer um sopro! Se aquella tarde me esquecer, diga Thereza, que já não sou do mundo..

Thereza

Lembras-te bem, demais! Cuidei que hoje...

Jeronymo

Nunca esquece! O coração morria se não vivesse de tudo isto. Estava de joelhos, e, não sei como, a bocca chegou á tua mão, e voôu um beijo... Sorrindo, e fugindo com os dedos, tiraste á pressa a tua memoria de ouro, e déste-m'a em penhor. Eil-a aqui! Depois, sentindo os passos de tua mãe, não pude conter-me, e exclamei: Thereza, é o teu amor que me dás aqui?

Thereza

E por signal eu não respondi!

Jeronymo

Parti logo depois. Foi a ultima viagem. Os perigos e as ondas em tormenta não me assustaram; sabia que havia de voltar, e ver-te. Se fiz alguma acção, que chamaram grande, era para saberes de mim! Sobre as aguas do mar eras sempre a minha estrella; nas solidões da America acompanhou-me a tua imagem. Nunca me achei só, senão ao pé de outra mulher. Ha tres annos que vivo de esperanças, e o penhor foi esta memoria. Dir-me-has hoje o mesmo que na vespera de S. João á tarde? Callas-te, choras? Não tenhas susto, não me queixarei, não te direi senão uma vez ainda que te adoro. Recebe o teu annel e ficas livre! Só te peço que não me digas tu mesma que hei de perder-te. Sou mais fraco do que me julgas.

Thereza

Jeronymo, eu não mereço o seu amor! Tem muitas saudades d'esse tempo? Não lhe parece que vivemos demais... em sonhos? E se nos tivessemos enganado?

Jeronymo

Enganado!...

Thereza

Deixe-me dizer! Supponha que me enganei eu! E se não houvesse amor? Se fosse amizade, extremosa... mas só amizade? Não era bastante, não era melhor?

Jeronymo

E' tão diverso!

Thereza

Menos do que julga!... Uma irmã é o sangue do nosso sangue.

Jeronymo

Mas uma esposa, Thereza, é o sangue da nossa alma. Uma irmã é muito; porém o amor é tudo. Thereza, conhece que estremeço Cecilia, e sabe se desejava vel-a feliz... pois, se a perdesse podia consolar-me, e viver depois...

Thereza

Parece lhe. Costumou-se a vêr em Cecilia uma irmã, e em mim a sua noiva. Pois eu era capaz de acceitar a troca!

Jeronymo

Tu!

Thereza

Eu! Não se admire. Tenho medo, assusta-me vêl-o assim... Não amou outra, não conhece ainda...

Jeronymo

(*Com ironia e amargura*) E se tivesse amado, perdoava-me?

Thereza

Promette confessar-me tudo?... Sou discreta. Foi ha muito tempo?

Jeronymo

Desde a ultima viagem!

Thereza

Ah! Quando me dizia, justamente a mim... E amou-a muito?

Jeronymo

Tanto, que só agora sei, que ainda se póde querer mais!

Thereza

Ah! Hoje é que se engana, talvez! Era bonita?

Jeronymo

Linda como só conheço uma! Se eu lhe mostrasse o retrato!?

Thereza

Para que? A descripção basta. Se é galante e prendada como diz; se é menina e meiga como creio...

Jeronymo

Tem a sua edade; nem um dia mais.

Thereza

Jeronymo, se não quizesse ser sua irmã, sabe que é cruel o que acaba de me dizer? E se eu o amasse? Julga que uma esposa, depois d'esta confissão, ANIMADA, digo só ANIMADA, não ficava infeliz por toda a vida?

Jeronymo

Thereza, quem amava era eu. Ella não.

Thereza

Ah! os homens! os homens! E eu que cheguei a crer!... Se o tivesse amado, Jeronymo, despresava-o. Esse riso fere mais ainda, do que as palavras, e é indicio d'uma alma... que outros souberam conhecer melhor.

Jeronymo

Ao menos veja o retrato. Se elle me não desculpa...

Thereza

O retrato ! Que me importa ? Eu conheço-a ? Ella sabia ?

Jeronymo

Conhece !... Sabia!

Thereza

Oh ! então quero conhecel-a eu tambem. O retrato ! o retrato ! Mostra-m'o.

Jeronymo

Conduzindo-a deante do espelho) Eil-o aqui. Dirá ainda que me enganei ? (*Leva-a ao espelho, e mostra-lhe o rosto deante do vidro.*)

Thereza

(*Vendo-se e sorrindo*) Ah ! Vou dizer-lhe a verdade !... Pensei que não lhe tinha amor ; cuidei que era só ternura, affeição d'irmã ; mas ainda agora quando imaginei que outra era mais amada, senti o coração. Sei só que se o visse esposo d'outra...

Jeronymo

Acabe.

Thereza

Não. Ainda tenho medo de o enganar.

Jeronymo

Porque não morri eu antes de vir aqui !

Thereza

Porque não se morre quando ha esperança !

Jeronymo

Uma pergunta só, Thereza : ama, ou amou alguem ?

Thereza

Não sei.

Jeronymo

Mas receia amar? Teme?...

Thereza

Desejo!

Jeronymo

E diz-me que espere?

Thereza

Sim!

Jeronymo

E manda-me viver?

Thereza

Sim. Não percebe que se eu amar, somos felizes?

Jeronymo

Basta. Adeus.

Thereza

Volta?

Jeronymo

Quero saber o que devo esperar. (*Sáe*)

SCENA III

Thereza, Cecilia, depois o Commendador e o Abbade

Cecilia

(*Que entrou*) Então, disseste-lhe tudo?

Thereza

Disse.

Cecilia

Tiveste animo para lhe confessar que o não podias amar?

Thereza

Não! Olha Cecilia... parece-me, que principio hoje... Estava enganada!

Cecilia

Devéras? Escuta! Não! Vamos para o meu quarto. Não vês quem alli vem? (*vão sentar-se n'um sophá á esquerda.*

Commendador

(*Ao abbade entrando*) Então, querido abbade, ateimará ainda que Horacio na sua ode quiz citar o patriarcha Japhet em logar do heroe da fabula? *audax Japeti genus?*

Abbade

Meu amigo, cada vez estou mais convencido. Depois de nos separarmos hontem, offereceu-me a fortuna um manuscripto precioso, em caracteres allemães minusculos vulgarmente chamados gothicos, e, folheando ao acaso, descobri os commentarios de algumas odes do poeta valido de Mecenas. Ora o glosador entendeu justamente este verso como eu...

Commendador

Que serie de prodigios! Com que o sr. abbade viu o livro? Diga-me, o frontispicio tinha araras, ou papagaios? Nunca me hão de esquecer aquelles malditos pavões de ouro, que tanto citava, e que eu tive a simplicidade de andar procurando na torre do castello, no meio das risadas dos archivistas!

Abbade

O livro existe, sr. Lourenço Telles!

Commendador

Mas os pavões voaram heim ?

Abbade

Deixe-se de remoques improprios da sua edade, e indignos do respeito que deve aos outros. Vi o manuscripto, sim senhor. Por signal um volume de capa de pergaminho, e fechos de latão. Torno a repetir ; vi o livro ; admirei o relevo dos seus caracteres gothicos ; e asseguro-lhe que é dos ultimos annos dos templarios ...

Commendador

Justamente ! Escripto por Gualdim Paes, que sabia Horacio como um mestre de meninos, e illuminado por Francisco de Hollanda, que viveu tres ou quatro seculos depois... Dou-lhe os parabens ! D'esta vez não resuscitou os mortos : fez mais do que Jesus Christo, metteu no bolso trezentos, ou quatrocentos annos. Pasmo como ainda lhe não cairam os dentes ! E' preciso serem de ferro para mastigar similhantes pilulas.

Abbade

Sr. Lourenço Telles, compadeço-me das trevas do seu espirito. O manuscripto ha quem o tenha ; fiquemos n'isto.

Thereza

(*A Cecilia, em quanto os dois vão ao fundo agitados*) E tu prometteste ?

Cecilia

Prometti.

Thereza

A' noite... no jardim ?

Cecilia

Sim.

Thereza

Não vás, peço-te.

Cecilia

Vou.

Commendador

(*A Cecilia*) Confidencias, e entre irmãs ? Não ha que reparar !... E Jeronymo, que é d'elle ?

Thereza

Não o vejo desde esta manhã !

Commendador

Percebo ! Temos arrufos ? Ora pois ; logo farão as pazes. Hoje não quero tristezas.

SCENA IV

Os mesmos, Diogo de Mendonça e Fr. João

Diogo de Mendonça

(*Depois de reciprocas cortezias*). Dez minutos para a uma ! Caso raro ! Se a memoria me não engana é a segunda vez que me succede chegar a um jantar antes da hora justa. Fr. João, encontrariamos nós algum torto em jejum ? Fico desconfiado em fazendo qualquer cousa fóra do meu costume.

Commendador

Em todo o caso o obzequio é muito lisongeiro.

Diogo

O meu antigo amigo Lourenço Telles, dá-me li-

cença para ser verdadeiro? Sempre tenho muito gosto na boa companhia que me faz, mas d'esta vez agradeço a exactidão a sua illustrissima. A impaciencia de aproveitar em tão douta conversação obrigou-me a pôr tudo de parte.

Commendador

(*Perdido de riso*) E os negocios?

Diogo

Os negocios que esperem! Estes dias são de ferias...

Abbade

E sua magestade el-rei nosso senhor?

Diogo

Mais precisava de uma visita de v. illustrissima, do que das venenosas garrafadas, que lhe estão administrando. Sabe sr. Lourenço Telles, que se não fosse o sr. abbade a esta hora tinhamos o nosso fr. João entre os martyres e confessores?

Fr. João

E' verdade. Salvou-me da tesoura da parca... Tinha caído nas mãos de Dionisio Lopes...

Commendador

E passou para as do abbade?

Abbade

A ingratidão é negra, sr. Lourenço Telles. Esqueceu-se depressa. Lembre-se de que, se ainda conserva queixos e gengivas, a mim o deve.

Commendador

Julguei que meu pae se não chamava abbade Silva!

Abbade

Deus o tenha em gloria! Longe de mim a idéa de fazer de pae de quem póde ser avô.

Diogo

Vamos fazendo-nos velhos meu amigo; os annos não passam debalde.

Abbade

V. S.ª está muito bem conservado.

Diogo

Pois a culpa não é minha. Attesto. Devia de ser velho aos 30 annos. Oh! Fr. João, tu lembras-te? aquelles nossos suetos de Coimbra?

Commendador

Quem se demora é o padre Ventura. E admira. A companhia de Jesus não costuma fazer-se esperar.

SCENA V

Os mesmos, Padre Ventura

Padre Ventura

Mas em se chamando por ella, verão que sempre a acham perto! (*depois de cumprimentar*) Peço mil perdões se estou incommodando. Mas na escada encontrei-me com o sr. Filippe da Gama, e teve a bondade de me dizer que podia subir.

Commendador

V. Paternidade dá-nos sempre muito gosto.

Padre Ventura

São esmolas, que agradeço... (*a Thereza*) E a

nossa noiva como está? Formosa como sempre. Feliz edade!

Diogo

(*Ao padre Ventura*) E esta feiticeira não ha de ter um noivo? Este coração que está a pular e a fugir como uma andorinha, não lhe armaremos um laço que o socegue? Qual é o seu voto, padre Ventura?

Padre Ventura

Receio que ella fique mal commigo?

Cecilia

Oh! não fico... diga!...

Padre Ventura

Como quer! O meu voto é que a deixemos escolher; mesmo porque leio nos seus olhos que não cede constrangida. Póde morrer, mas não ha de amar senão quando o seu coração disser que sim. Bem vê; ella ri-se; e não me desmente.

Diogo

Pois devéras ainda acredita que se morre d'isso?

Padre Ventura

Acredito. V. S.ª é sabio, e tem noticia dos reinos da natureza. Na America ha flores que murcham de dia; parece que o sol as mata; mas em o zephiro as refrescando, e em as sombras da noite cahindo, alegram-se e perfumam tudo. A's vezes o espirito humano é como ellas. Fecha-se mais comsigo do que se cuida. No fim, qual de nós aos dezoito annos não fez o seu romance? E a quem não lembra elle? Uns por que teem saudades sempre; outros por fingir que se esquecem; e alguns, os fortes de espirito... para acreditarem que verdadeiro é só o amor de

Deus, porque fumo e pó são todas as vaidades do seculo!

Diogo

Estou pasmado do que ouço a V. Paternidade? Se o conhecesse menos suppunha que a sua tunica... foi o que insinua, uma mortalha? Percebo nas suas palavras ainda um ar de saudade!...

Padre Ventura

De saudade, não, é muito; mas de memoria e de arrependimento porque não? Ninguem nasceu perfeito.

Cecilia

(*A Thereza*) Em quanto não nos chamam para o jantar vamos ao nosso toucador. Aqui não podemos dizer tudo (*levantam-se*).

Padre Ventura

Deixam-nos? não tenho que perguntar, vão consultar o espelho?... São privilegios de quem é menina e bonita.

Cecilia

Adivinhou V. Paternidade. (*Saem as duas*).

SCENA VI

Os mesmos, menos as duas

Commendador

Sabe, sr. padre Ventura! Tenho ás vezes medo de Cecilia. No meio das travessuras do seu genio, sáe com acertos, que me admiram. Depois é tão fraquinha de compleição, tão franzininha de corpo, que se tivesse desgosto forte...

Padre Ventura

Ella se fará mulher. O corpo parece fraco, mas a alma é grande e o coração tambem. Cuidado com alguma paixão infeliz. Ninguem póde prevêr aonde a levaria a sua dôr.

Commendador

Por esse lado estou tranquilol. E' tão nova ainda!...

Padre Ventura

Faz mal. A's vezes o amor não espera pelos annos.

Commendador

De certo. Eu mesmo (e estou falando) aos 16 annos já tinha as minhas proezas, como o duque de Richelieu, filho do meu antigo amigo.

Diogo

Mas o sr. Lourenço Telles, pagando o tributo ás verduras da edade, encostou-se á reflexão, e ficou no prologo.

Commendador

Prouvera a Deus!

Padre Ventura

Como está el-rei, sr. Diogo de Mendonça?

Diogo

Por ora os medicos ainda não perderam a esperança. Desde que trouxeram para o seu quarto a bem aventurada imagem de N. S.ª das Necessidades, as melhoras continuam. Confio em Nosso Senhor que ellas não hão de parar para satisfação e gloria d'estes reinos.

Padre Ventura

(*Sorrindo*) Elevemos o nosso espirito a Deus! Elle

fará o que fôr servido. V. S.ª estava hontem na Côrte Real, já sei, e beijou a mão do principe ?

Diogo

Demorei-me perto d'uma hora com sua alteza.

Padre Ventura

Diga antes que S. alteza o demorou, fazendo-lhe perguntas sobre o estado do reino e a sorte das armas portuguezas em Castella. O sr. Lourenço Telles conhece de perto S. alteza ?

Commendador

O principe era muito pequeno, quando lhe beijei a mão a ultima vez.

Padre Ventura

E de sua casa, ninguem o conhece ?

Commendador

Ninguem. Quem já beijou a mão de S. alteza foi Jeronymo Guerreiro.

Diogo

Ahi vem o nosso capitão ! acho-o triste e abatido. Costuma ser mais alegre.

Commendador

Annos de namorado. Thereza é caprichosa, e Jeronymo entre ovelhas não sabe ser leão.

SCENA VII

Os mesmos e Jeronymo

(*Jeronymo cumprimenta e vai ter com Diogo de Mendonça*).

Padre Ventura

(*Comsigo*) Sempre o receei. O mundo é assim. Uma creança, um grão de areia, um sopro derrubam o gigante, quebram a machina, ou desarraigam a arvore! Este homem, que na flor da edade olhava para a morte, como os heroes antigos, deixa agora que o pé delicado d'uma mulher lhe pize sem dó o coração, e o sugeite.

Diogo

Temos grande novidade, sr. Lourenço Telles! Telemaco quer fugir da ilha de Calypso! Não adivinha o que me pedia agora o sr. Jeronymo Guerreiro ?! Deseja ser mandado reunir ao exercito do marquez das Minas por que está por dias rompendo se uma batalha O que diz Mentor a isto ?

Commendador

Mentor queixa-se da ingratidão do seu pupillo, por desejar separar-se d'elle, quando o deixa com os pés na cova.

Diogo

E mais não se tocou ainda na magoa de Ariadna, por Theseu ausente!

Jeronymo

Ariadna ha-de consolar-se!

Padre Ventura

(*A' parte*) Não tem animo. Eu lh'o darei. Uma

desgraçada paixão não m'o hade consumir obscuramente; sou como seu segundo pae, porque o levei nos braços ao altar, aonde se consagrou ao instituto. Contei com elle. A companhia precisa de homens da sua grandeza. Não quero que vá procurar uma balla de proposito! (*Diogo de Mendonça affasta-se pelo braço do abbade, e fica ao fundo conversando com elle, mostrando-se constrangido. Jeronymo sempre triste, aproxima-se mais da bocca da scena, em quanto o Commendador sahe da sala em ar de quem busca uma pessoa ausente. Fr. João ao fundo observa o jesuita, depois vae direito ao grupo de Diogo de Mendonça e do abbade*).

(*Chegando-se a Jeronymo*) Não se lhe figura que nos encontrámos já? Longe d'aqui, em outros logares desertos, em dias de perigo e de sacrificio?

Jeronymo

Julgo que V. Paternidade se não engana. Estou-o conhecendo, mas não sei dizer de onde. Creio que alguma vez falámos; estou certo de que a sua voz me não é estranha.

Padre Ventura

Ora veja! Eu já achei, e passaram por mim mais annos. Talvez que o ultimo dia, em que nos encontrámos, fosse o dia em que nos despedissemos para sempre. Acredite em milagres, porque sem elles não estava aqui nenhum de nós, e não fuja de um resuscitado porque o vem achar com muitos cabellos brancos, e bastantes trabalhos de mais. Ainda não se recorda?

Jeronymo

Eu já vi a V. Paternidade. Já estivemos ambos...

Padre Ventura

Com a morte deante dos olhos e Jesus na bocca, diga!

Jeronymo

E por signal...

Padre Ventura

Dei-lhe um annel e disse-lhe tres palavras.

Jeronymo

E' verdade! Foi...

Padre Ventura

Na America! Ora o annel conserva-o ainda, d'aqui vejo. As tres palavras e o seu voto é que não sei. Esqueceram-lhe? Era natural.

Jeronymo

Espere! Eram?

Padre Ventura

Muito padece quem sabe o que ellas valem... Então, não se lembra ainda do meu nome?

Jeronymo

Ah! o dia de S. Bartholomeu! V. Paternidade é...

Padre Ventura

Não diga!... Esse nome, e o homem que o tinha, morreram na America, em Roma, aonde quer que ficou o missionario que nós conhecemos ambos. Hoje, vê aqui apenas o padre Julio Ventura, que veiu beijar a mão a el-rei, e dá infinitas graças encontrando vivo e feliz... um companheiro dos seus trabalhos. Esqueça o primeiro nome, e apezar do segundo acredite que o homem não mudou, e é o mesmo sempre

Jeronymo

V. Paternidade salvo ! Vi-o atado ao brazeiro, ouvi os descantes barbaros dos salvagens...

Padre Ventura

E torna a ver-me sem mais lesão, do que algumas cicatrizes, prova de que tambem ha valor em prégar a fé entre os idolatras ?

Commendador

(*Approximando-se*) Mas aonde foi meu sobrinho ; que é feito d'elle ?

SCENA VIII

Os mesmos, e Filippe da Gama

Filippe

Eis-me aos seus pés, querido tio da minha alma ! Mestre mandar, preto obedecer ! Aqui venho a todo o panno. Esperem ! E esta ? Vou ferrar nos segundos rinzes este demonio (*Puxando a gravata*). Sr. Padre Ventura, agradeço-lhe muito o Santo Antonio que deu á Magdalena. Cada vez está mais piegas com elle. Tenciono um d'estes dias pendural-o pelo pescoço dentro do poço, só com a cabeça de fóra. Quero vêr se o santo manda chuva, ou me deixa seccar o cebolinho.

Fr. João

Calla-te impio !

Commendador

Filippe, advirto-o de que está com as pessoas que vê...

Filippe

Se eu as vejo, e ellas me vêem, todos nos vemos, tio! E' claro como agua.

Commendador

Bem. Então espero que se lembre das minhas recommendações.

Filippe

Fique descançado. Meu amigo (*apontando para o abbade*) não me escapa. Os trocos d'aquellas continhas são para outro dia. Não perde por esperar. (*Ao padre Ventura*) Vê aquelle caracol, para não dizer seresma, de que o tio não gosta? Filippe me não chame eu, se elle não tragar gato e lagarto, e não fôr moido com um sacco d'areia até Judas gemer Jesus!

Commendador

Filippe!

Abbade

Ah! padre mestre, o selvagem cada vez está peior! (*Ventura sorri*).

Commendador

(*Ao abbade*) Venha commigo para a Bibliotheca, e não lhe dê ouvidos. Este laponio era capaz de me tirar o appetite... (*saindo com o abbade*).

Filippe

(*Ao abbade*) O dito, dito, meu abbade!

SCENA IX

Fr. João, Padre Ventura, Diogo de Mendonça e Filippe da Gama.

Filippe

Olé está por cá, o meu militar d'agua doce ! ?...

Jeronymo

Engana-se. Antes d'esta farda, vesti a da marinha real. Não sei se as ondas da bahia de Biscaia e do golfo persico são doces; ou se as aguas de Gôa, de Malaca e da America, são serenas, diga-o quem as navegou. O que sei é que vi fuzilar os raios no Cabo da Boa Esperança, e que ouvi rugir o pampeiro nas costas do Brazil. Creio que isto chega para não enfiar no mar.

Filippe

Fala serio ? E' dos meus ?

Jeronymo

Muito serio.

Filippe

Porque me não dizia isso ? Toque. Vamos conversar para o jardim. Estes malditos porões das salas põem os miolos pela bréca. Gosto do ar livre. Agora é já outra cousa. Dou-lhe licença para ser meu genro *Dá-lhe o braço e saem*).

SCENA X

Padre Ventura, Fr. João e Diogo de Mendonça

(*O padre Ventura tem-se ido sentar de lado, folheando um livro, mas sem perder de vista os dois*).

Diogo

(*A Fr. João*) Até que a final nos deixaram sós um instante. Que negocio é esse em que disseste que tinhas que falar commigo quando nos encontrámos á porta de casa?

Fr. João

(*Solemnemente*) Peço justiça! Requeiro attenção!

Diogo

(*Imitando-o com ironia*) Pois fale V. Rev.ma. Sou todo ouvidos.

Fr. João

A ordem dos pregadores tinha alugado os seus arcos do rocio...

Diogo

(*Atalhando-o*) Ah! fr. João, compadece-te de mim. Esses malditos arcos é a centesima vez que m'os cravas na cabeça ás martelladas. Eternos arcos!

Fr. João

Aquelle sr. padre, que não tenho a honra de conhecer, é da Companhia de Jesus, e desejará saber tudo desde a origem da *causa litis*?

Diogo

Pois fala, homem; ambos te escutamos; mas dos arcos para baixo. Tem caridade, fr. João!

Fr. João

(*Cada vez mais grave*) Sua paternidade pertence á Companhia, e pois o acaso o trouxe aqui, deve ser informado...

Padre Ventura

(*Sorrindo-se*) Com todo o gosto; só peço a V. Rev.ma que não se enfade.

Fr. João

(*Enfunando-se*) Continúo, depois d'esta advertencia essencial. A ordem dos pregadores foi mettida debaixo dos pés, condemnada em provisão do desembargo do paço, e isto hoje é a pedra de escandalo da cidade... Só admiro a tranquillidade de S Paternidade!

Padre Ventura

Como é coisa obscura e panica prestei-lhe pouca attenção; não estranhe V. Rev.ma. Ainda dura o processo? Não suppunha!

Fr. João

(*Fazendo-se fulo*) Se dura o processo!? O meu nome é fr. João dos Remedios, e, graças a Deus, ainda posso com esta demanda, mesmo tendo a balança da justiça em um dos pratos a Judas e á sua... escolta de phariseus. Se V. Paternidade me conhecesse!...

Padre Ventura

De nome tenho essa honra ha muito tempo; e louvo agora a Deus por me dar o gosto de conhecer de perto a V. Rev.ma.

Fr. João

Muito obrigado! Mas vamos á rasão final. A demanda sahiu contra nós. O desembargo do paço condemnou a egreja, e deu a palma aos vendilhões

do templo. Impiedade e subrepção! Heresia! O que resta? As leis concedem um meio ao aggravado. E' a queixa immediata ao principe, arbitro supremo, pae e tutor dos seus vassallos. Accuso, portanto, no meu recurso a Companhia de Jesus, por ter induzido a má fé dos aggravados, e ennegrecido as virtudes dos aggravantes. Provo-lhe que, entregue á cubiça e á soberba, por vias criminosas, attenta contra a magestade d'el-rei, e na sua terribilidade põe em perigo a santa religião, machina a queda ao tribunal do Santo officio, e vende a patria aos judeus e aos francezes. O que diz a isto V. Paternidade?

Padre Ventura

O que disse um dos nossos padres vendo o risco de um convento muito rico para uma ordem muito pobre... Bella obra se não fosse de papel!

Fr. João

Socegue V. Paternidade. A obra não é tão leve como julga! E' um recurso que ha de dar brado segundo espero. O sr. secretario das mercês deve pol-o desde logo, de officio, aos pés de el-rei... e por isso V. Paternidade será o primeiro que leve a noticia para S. Roque.

Padre Ventura

Se fôr do gosto de V. Rev.ma!...

Fr. João

Não violento vontades! Levo a generosidade ao ponto de prevenir a V. Paternidade, de que vai ouvir amargas verdades, e de que talvez fosse melhor...

Padre Ventura

Lêr eu mesmo o papel de V. Rev.ma. E' mais segu-

ro para a memoria; entretanto, rogo-lhe que permitta, que eu lhe apresente o outro (*tirando um papel*). E' uma copia que me parece muito fiel.

Diogo

(*Estupefacto e sobresaltado*) Do meu recurso!... Tem uma copia do meu recurso?

Padre Ventura

Desde hontem pela manhã. Veja! (*Fr. João corre-a pelos olhos, e cahe sobre uma cadeira deixando escapar o outro papel das mãos e rebentando-lhe as lagrimas*).

Diogo

(*Alterado*) V. Paternidade matou-me o frade!

Padre Ventura

Eu! Ignoro como! Errou, emendei-o. Que menos podia fazer?

Fr. João

(*Erguendo-se pouco a pouco*) Ha tempo que eu desconfiava d'isto! A mão occulta que regia a Companhia de Jesus era a sua. Ganhou V. Paternidade! O modo é que não sei se foi... nobre e licito.

Diogo

Bem! Bem! E agora quanto aos maldictos arcos? ..

Padre Ventura

(*Acudindo placido*) E' negocio concluido. O hospital levanta a renda, obrigo-me eu. Os adelos estão quatro palmos fóra do alinhamento, e o senado obriga-os a recolher; está prompto a fazêl-o. Ora, recolhidos os logares, os homem entram por força para dentro, e ahi estão na propriedade do convento...

Fr. João

E pagam irremissivelmente! Excellente meio!

Padre Ventura

(*Sorrindo*) Então este parece-lhe licito e nobre, meu padre?

Diogo

Fr. João estás a tremer de frio; vejo-te pallido, não abuses.

Fr. João

Sinto-me constipado, estou com dôres de garganta. Desculpe-me com Lourenço Telles. Não posso assistir ao jantar. Adeus. Sr. padre Ventura não julgue de mim por esta infeliz campanha...

Padre Ventura

Os bons generaes nem sempre as ganham... Mas digo-lhe que venceu mais do que devia esperar.

Fr. João

Talvez. Mas Deus me livre de victorias similhantes (*sáe*).

SCENA XI

Padre Ventura, Diogo de Mendonça

Padre Ventura

(*Tomando uma cadeira, e sentando-se ao lado de Diogo de Mendonça, que faz o mesmo*) Sabe, sr. Diogo de Mendonça, que estimo muito mais o nosso padre mestre, depois do encontro aqui? Agora percebo, porque V. S.ª gosta de ir jogar tendo-o da sua parte. E' bom parceiro... Deu-nos que fazer. Ora bem; com elle está concluido; faltamos nós. Quer que hoje seja o dia da paz universal?

Diogo

Pois V. Paternidade acha-me cara de inimigo? Eu, tão devoto da Companhia, e escravo de Nossa Senhora da Cadeia?

Padre Ventura

Não o accusei. Desejo a paz universal, e se V. S.ª a quer tambem, não ha necessidade de justificação. (*Pausa, os dois observam-se*). O Sr. Diogo de Mendonça é fino politico, e sabe que a concordia sempre fez milagres. Quando Jesus Christo veiu ao mundo, os anjos cantaram gloria a Deus nas alturas, e aos homens paz na terra! Bem meditado, no Evangelho não ha mais. E' verdade que, dizendo isto, disse tudo... Queira desculpar!... Ia-me esquecendo... Puz-me a ensinar a lei ao mestre!

Diogo

Discipulo obscuro de V. Paternidade. Faz-me grande obsequio. Tambem entendo assim a religião.

Padre Ventura

Depois de o observar um momento) Quer que falemos abrindo o coração, e pondo a mascara em cima da meza? Deixemos as finuras aos principiantes, homens da nossa experiencia riem-se d'ellas. Cartas na mão, e jogo liso. Não arriscamos nada.

Diogo

A proposta é seria?

Padre Ventura

Positiva!

Diogo

Acceito! (*Rindo e apertando a mão a Ventura*) Abaixo as mascaras! (*Faz o gesto de tirar a sua*).

Padre Ventura

(*Sorrindo-se, e em voz mansa*) Sabe V. S.ª que ha mais alguem no caso de Fr. João, ou em peiores circumstancias talvez?

Diogo

Eu não sou, por certo!

Padre Ventura

Não diga nada, Sr. Diogo de Mendonça. E' o meu conselho.

Diogo

Pomos outra vez as mascaras?

Padre Ventura

Porque?

Diogo

Porque estavamos menos ás escuras antes de tirar a minha.

Padre Ventura

E' por ora... Depois tanta será a luz, que nos cegue.

Diogo

Mas isso não embaraça, que sejamos sempre dois embaixadores encarregados de ajustar a *alliança* de duas potencias?... Se percebi, foi a proposta de V. Paternidade.

Padre Ventura

Percebeu excellentemente... como costuma.

Diogo

N'esse caso, o estylo manda apresentar os poderes dos negociadores.

Padre Ventura

Estou ás suas ordens.

(*Levantam-se. Diogo de Mendonça tira do bolso um pergaminho com sellos pendentes. O Padre Ventura saca do bolso da roupeta um papel dobrado. Passam os diplomas de mão para mão; tornam a sentar-se*).

E' a carta de nomeação para secretario das Mercês, datada de 24 de Março de 1704. Muito bem, acha a minha egualmente em regra?

Diogo

Certamente. E' o sello e a divisa do geral da companhia, authenticando a eleição do Padre Julio Ventura, na qualidade de visitador assistente nas provincias de Hespanha e Portugal...Diga-me V. Paternidade, não haverá omissão em nenhum dos poderes?

Padre Ventura

Hoje não; mas ámanhã, Deus sabe. Póde parecer de mais em um d'elles, e haver de menos no outro. O Sr. D. Pedro II...

Diogo

(*Sobresaltado*) Está melhor!

Padre Ventura

Passou hontem mal, e hoje está peior; receio que nos dê grande desgosto por estes dias. E fallecendo el-rei, a observação de V. S.ª póde sahir certa, achando-se de mais talvez o seu nome n'essa carta. São muito sujeitos a quedas os logares altos.

Diogo

Então a proposta final de V. Paternidade é?...

Padre Ventura

Eu digo. Se nos entendermos, é fazel-o secretario de estado do novo rei, o sr. D. João V... Querendo

ficar neutro propor-lhe uma enviatura para Londres, ou para Roma... E declarando-nos inimigos, ensinar-lhe o caminho do conde de Castello Melhor, com uma volta pelas pedras de Angoxe, ou por outro qualquer presidio.

Diogo

De tudo, a jornada d'Africa é a menos agradavel! (*Rindo*) Mas V. Paternidade esqueceu um ponto essencial.

Padre Ventura

Diga!

Diogo

A difficuldade, não digo de proposito, o impossivel, de elevar o mesmo homem a ministro do Estado, ou de o desterrar para um presidio. O degredo suppõe crime de leza-magestade...

Padre Ventura

Exactamente. E o crime existe; e as provas tambem.

Diogo

(*Sobresaltado, erguendo-se com impeto e ameaça*) Sabe que disse uma cousa, que póde matar a um de nós? E se eu exigir que me convença?

Padre Ventura

(*Sereno e sentado*) Faço-lhe a vontade.

Diogo

(*Com assombro*) Faz-me a vontade?! (*Aceno affirmativo de Ventura*) Um crime de lesa magestade, pena de morte, ou degredo perpetuo? (*Pausa. Grande ironia*) Se assim é, nada de falsas generosidades. Pode dictar a lei.

Padre Ventura

Deixe-me dar metade de partido. Não tenha dó. Se

não lhe dissesse nada, duas horas depois da morte d'el-rei, ia V. S.ª pelos alçapões da torre abaixo! Não estamos creanças, Sr. Diogo de Mendonça, e os homens como nós sempre são mais velhos, do que a sua edade. O que digo, provo-o. Quando affirmo cousas d'este perigo (chamo-lhe o que é) sei com toda a certeza, que não hei de ser desmentido.

Diogo

Mas porque não diz V. Paternidade tudo?

Padre Ventura

V. S.ª manda! Lembra-se de ter recebido confidencialmente de el-rei um maço lacrado, com ordem de o não abrir, e de o entregar fechado, depois da morte de S. Magestade, nas proprias mãos do Principe Real o Sr. D. João?

Diogo

Perfeitamente. Por signal que me foi entregue quinta feira á noite 13 de Abril de 1705 estando presente o padre Sebastião de Magalhães, confessor de el-rei... que de certo (*com intenção*) nada revelaria a V. Paternidade.

Padre Ventura

Pois bem. N'esse maço estão as cartas autographas, em que a defunta rainha D. Maria Francisca, e sua irmã a duqueza de Saboia, escreveram grandes confidencias de Estado... e encerraram por signal o segredo mais triste do governo de sua magestade... (*Gesto de pasmo de Diogo de Mendonça*) Continúo. Ha tambem no maço tres copias das cartas do prior Jacomo Spinelli á princeza sua ama, e como elle era propenso á satyra lê-se mais de uma historia desagradavel nos seus papeis... sobre tudo o espirito de el-rei Nosso Senhor...

Diogo

(Com terror e espanto) Mas é um prodigio! O negocio mais secreto!... O casamento da infanta na casa de Saboia!

Padre Ventura

E accrescente, o caso mais desairoso para o governo de el-rei D. Pedro, porque o duque de Cadaval chegou a ir a Niza para trazer o noivo e voltou sem elle. A victima de tudo foi a princeza, que tomou a peito a recusa, e morreu apaixonada.

Diogo

(Allucinado) Não ha duvida! V. Paternidade leu as cartas. Mas como, Santo Deus!

Padre Ventura

Como li os papeis de Fr. João dos Remedios (*levanta-se*)

Diogo

As minhas gavetas são mais seguras.

Padre Ventura

E se eu lhe disser que não?

Diogo

Duvidarei. Para pôr as mãos nos papeis era preciso descobrir a chave, que os fecha, e adivinhar o segredo, que ella abre; e no mundo só um homem o conhece, e é Diogo de Mendonça Corte Real, humilde servo de V. Paternidade. Estou inteiramente socegado. Posso jurar que tenho o deposito intacto.

Padre Ventura

Jura falso! O deposito não está intacto, porque d'elle só a capa, com um sello falso, pára nas suas mãos!

Diogo

Senhor Padre Ventura isto é uma scena de Molière, uma comedia?

Padre Ventura

Não zombe de Molière. Apezar de nosso inimigo, é um grande poeta. Lembre-se V. S.ª de que algumas das suas peças são mais verdadeiras, do que muitos livros serios. Se elle fosse vivo, e estivesse aqui compunha de certo uma obra nova, e intitulava-a—o *Infiel Depositario*!

Diogo

Repito a V. Paternidade que hei de restituir os papeis, como os recebi.

Padre Ventura

E eu repito-lhe, que não, porque os perdeu. Quer que lhe diga, aonde está a chave do seu cofre? E' na estante segunda do seu escriptorio na columna da parede: o botão escondido pelas obras de Santo Agostinho serve de mola para abrir o pedestal... O cofre, é tambem uma bonita peça! Por signal que se lhe tirar as duas carrancas douradas e os pregos que prendem o jogo da fechadura, a chave dá tres voltas para a direita, e a tampa salta. Segredo inventado em Goa! Vi outro contador assim. A differença era ser a volta para a esquerda.

Diogo

(*Com desesperação e ancia*) Não é possivel. Foi um sonho! Os papeis... trago-os commigo hoje por signal, e estão como el-rei m'os entregou!...

Padre Ventura

(*Sereno e frio*) Pois abra, e veja!

Diogo

(Rompendo o sello, e achando dentro um maço em branco) Ah!

Padre Ventura

Bem vê! O crime existe... (*pausa*).

Diogo

(*Erguendo lentamente a cabeça, triste e resignado, mas com grande dignidade*). Este segredo revelado pode custar-me a cabeça. Entendo claramente. Só accrescentarei uma coisa. Erraram contando com o medo do criminoso. Persuadiram-se mal, se cuidaram que Diogo de Mendonça se lhes lançava aos pés com temor da morte, ou se vendia para não cair em maior desgraça.

Padre Ventura

Note V. S.ª que por exemplo o maço pode ir ter ás mãos de el-rei de França, ou ás de seu neto, o pretendente de Hespanha, e que...

Diogo

Estava-me occorrendo. Apenas achei de menos os papeis, logo previ. Avalio o uso que a Companhia sabe fazer das armas, que possue, mas tenho valor para encarar a verdade... Dão-me a escolher entre a desgraça, e a infamia? Bem! A minha resposta é simples. Estou resolvido a ir para a torre, ou para o degredo de Africa. Prefiro a ruina á deshonra. Quando fôr tempo, mande V. Paternidade o roteiro do conde de Castello Melhor. Não hei de fugir.

Padre Ventura

Esperava já essa grandeza d'alma, sr. Diogo de Mendonça. Fiz-lhe justiça mesmo antes de o ouvir. Mas sabe se a Companhia lhe pede cousa, que fique mal?

Diogo

Nem pergunto! Cartas na mesa, disse V. Paternidade. Entrego o jogo—que mais quer? A minha unica vingança é ter dó dos meios, que empregaram. Não me queixo, entenda. Incommodava-os, desviam-me; era de esperar.

Padre Ventura

Seja mais justo. Os traidores são instrumentos, e não amigos. Sr. Diogo de Mendonça, o espelho que tem defronte da sua estante foi quem o denunciou. Alguem espreitou, e descobriu tudo. Agora diga: não ha ninguem, que tenha um contador similhante ao seu?

Diogo

Não conheço.

Padre Ventura

Examine, que ha de achar. Não lhe occorre, que o ladrão de casa é o peior? Roque Monteiro não terá interesse em se desfazer de um emulo capaz de o offuscar?

Diogo

(*Alterado, e perplexo*) Roque Monteiro!... Está certo? Estou perdido!... Mas quem lhe disse a elle que eu tinha os papeis?

Padre Ventura

El-rei, provavelmente.

Diogo

Agora me recordo. Faz tres semanas abri o segredo, como hoje. Por inadvertencia ficou meio aberta a porta...

Padre Ventura

E alguem, que estava alli de proposito... viu tudo. (*nova pausa.*)

Diogo

(*Triste e pegando na mão ao Padre*) Sr. Padre Ventura, de duas potencias, que eramos no principio, ha só uma aqui, é V. Paternidade. Bem vê quão fragil a outra era—uma palavra bastou para a deitar por terra. Com que posso concorrer, se amanhã, se hoje mesmo, posso jazer em uma torre ?

Padre Ventura

Com a pessoa, com o saber, e com o coração sobre tudo! Assim com a alma nas mãos, não lhe parece, sr. Diogo de Mendonça, que o homem, e a humanidade ganham mais ? Desgraçadamente não é possivel sempre. Ha venenos, que matam, se tirarmos a mascara. Cuida que vou pedir-lhe grandes sacrificios ? Socegue. Sei o que offereço, e o que dou ; mas tambem conheço o que recebo. V. S.ª acceitando, põe-me ainda em divida...

Diogo

(*Respirando, e absorto de alegria*) Padre Ventura, se a Companhia se lhe assimilha, digo que a tenho calumniado!

Padre Ventura

(*Grave e animado*) Veja o que são as cousas!... Para ella, e para mim ha mais gloria, em a verdade lhe arrancar essa confissão, do que em honrarmos um acto de justiça com o seu nome. Olhe, a sociedade é arvore, e eu o fructo ; medite as palavras de Christo, e achará que a obra sempre vale menos, do que o auctor... Perdôe a comparação. Sabe do que preciza a Companhia? De mais homens e de menos terras. Está rica ; occupa muito logar nos dois mundos ; eis o seu mal, e o seu perigo. Convem levantar-lhe os olhos de cima dos rebanhos e da grossura das riquezas, e voltar-lh'os piedosos para a pobresa e humilda-

de de Jesus Christo e cuja imitação foi o seu voto... Acredite-me : depois de mais de dois seculos de gloria e de dominio, a companhia cahirá, mas não cahe só ! Uma grande reforma ainda a póde salvar, e a nós com ella ; e commettida por um ministro sabio, e um prelado forte, sinto, que não ficará obscura, nem esteril na acção do mundo .. Quer ajudar-nos a povoar os desertos, e a fazer homens dos selvagens ? Dê á Companhia força e auctoridade no Brazil e na India, para que Roma não converta a Asia, e a America em feitorias apostolicas, e em troca offereço-lhe mais de tres milhões de homens instruidos e civilizados por nós... Com elles, e comnosco el-rei de Portugal não ha de achar impossiveis. Por mais alto, que levante o desejo ; poderá realizal-o. Acaso sabia D. Manuel, que havia de morrer, tendo metade do mundo por seu vassallo ou tributario?

Diogo

Quando quer V. Paternidade, que assignemos a paz universal ? (*aperta a mão ao jesuita*).

Padre Ventura

No dia em que o Secretario de Estado se chamar Diogo de Mendonça Côrte Real.

Diogo

E até lá ?

Padre Ventura

Segredo.

Diogo

E a Companhia?

Padre Ventura

Pede só que a julgue pelas suas obras... sei o que vai dizer. Não lhe dê cuidado Roque Monteiro. Uma

bella manhã elle ha de achar o tempo lindo, e fazer uma jornada á provincia. Descance.

Diogo

Optimo ! Excellente !

Padre Ventura

Quer um conselho ? Passe esta tarde pela côrte Real e beije a mão ao principe D. João. S. Alteza ha de estimar.

Diogo

Então V. Paternidade julga ?...

Padre Ventura

Julgo que dentro de poucos dias ha rei e ministro novo ; e n'essa tarde, espero em Deus, assignamos o tractado.

SCENA XI

Os mesmos, Filippe e o Commendador

(*Falam ainda de fóra da porta*)

Filippe

Aposto que o tio as vai achar ferradas no somno como dois potes ?

Commendador

Calle-se lingua venenosa, e aprenda a tractar com pessoas de respeito... (*entrando*) Sr. Diogo de Mendonça, sr. Padre Ventura, se os não incommoda, se já acabaram, o jantar espera por nós.

Padre Ventura

Vamos. O que falta para concluirmos... de hoje a oito dias na varanda de S. Roque (*sorri-se, e aperta a mão a Diogo de Mendonça*).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO III

O theatro é dividido quasi ao meio, havendo maior espaço do lado direito, que é o jardim da casa de Lourenço Telles. Do lado esquerdo a rua. No muro ha uma portinha que deita para esta. E' tarde e vae anoitecendo a pouco e pouco.

SCENA I

Commendador e o Abbade, (no jardim)

Abbade

Sr. Lourenço Telles, seu sobrinho jurou a minha morte, e não descança sem a conseguir. As sevicias e os ultrages repetem-se, e agora começam os venênos. Lembre-se do que succedeu ao seu jantar.

Commendador

No fim de tudo, querido abbade, vi só que pagou a pena de Talião. Tem mettido tanto gato por lebre, que tirar-lhe uma vez a lebre, e assanhar o gato não foi senão justiça.

Abbade

As suas graças veem fóra de proposito. Não sou tigre nem lobo; sou um homem grave e de bem. Se

faz da sua meza um banquete de selvagens tenha primeiro a bondade de prevenir os hospedes. Nem todos querem voltar á cosinha de Nemrod! Os seus animaes arranham-me, bebem-me o sangue. Seu sobrinho saqueia-me a casa, manda-me bastonar pelo hediondo macaco, socio das suas maldades, e conclue todas as proezas por um attentado sem exemplo. Olhe, ahi vem elle. Peço-lhe que tome o seu logar, e que lhe faça conhecer o seu injustificavel comportamento

SCENA II

Os mesmos, e Filippe

Commendador

Ande cá Filippe! Aquella sua ultima brutalidade esgotou a minha paciencia. Adverti-o dos seus deveres; cancei-me a ensinar-lhe o respeito, que merecem as pessoas que nos honram, e que V. Mercê não é digno de acompanhar. Palavras perdidas! Está muito velho para se fazer creança; e cada vez acho mais pezadas as suas graças. Isto aqui não é matto, nem sertão...

Filippe

Cheira-me isso a historias do abbade, tio (*á parte*) Deixa estar que não as perdes!

Commendador

Não faz caso de seu tio, mas eu o obrigarei a mudar de costumes e a conter-se. Esta casa não serve de pateo das comedias nem de baloiço d'arlequins. Retiro-me, porque não admitto que me desinquiete mais o espirito. Espero que dê uma satisfação ao sr. Abbade. Tem direito a exigil-a. Deixo-o com elle (*vai a sair*).

Abbade

Eu dispenso... disculpo...

Filippe

Mas eu não!... Não ouviu o tio? (*á parte*) Ha-de sair-te cara a queixa.

Commendador

Bem, meu sobrinho. (*á parte*) Ha-de pulir-se... mas devagar, muito devagar. (*sai*)

SCENA III

O Abbade e Filippe da Gama

Filippe

Agora vamos nós a contas. Juro que se ha-de arrepender do máu boccado que me fez passar.

Abbade

(*A' parte*) Se eu podesse sahir d'aqui! Mas o selvagem tomou a porta.

Filippe

Ora até que te apanhei, carochinha! Vamos ás contas, e pagarei os trócos. Com que então o sr. Abbade entende que ha-de intrigar-me com meu tio?...

Abbade

Por quem é, sr. Filippe!... Nunca fui intrigante, e. . nunca me metti com as vidas alhéias...

Filippe

Mas metteu-se na minha. Que mal lhe fiz? Eu não

lhe dei senne nem agarico macho ; foi gato por lebre, e rans de molho ; coisas muito saudaveis e menos exquisitas do que V. illustrissima...

Abbade

Sr. Filippe! Eu...

Filippe

O sr. é um alicanço enredador!... conte que lhe mando dar dois abraços pela macaco Simão, que lhe hão de lembrar, se não me deixa socegado.

Abbade

O socego me tira o sr. Filippe a mim !

Filippe

Quer viver em paz commigo?

Abbade

Com todo o gosto.

Filippe

A primeira resinga, que eu tenha com meu tio, e que me palpite que foi obra de V. illustrissima... Simão te valha... largo-lh'o... e verá que da outra vez foi só o panno da amostra...

Abbade

(*A' parte*) Estou a tremer!... Não apparecerá uma alma christã, que me tire das mãos d'este minotauro?

Filippe

Parece-me que está rosnando?... (*pegando-lhe n'um braço*) Tome conta no que lhe digo, senão verá quem é Filippe da Gama...

Abbade

Conheço-o já bastante... (*áparte*) demais.

Filippe

Quem domesticou o bruto de Simão, ha-de saber dar dois pontos na bocca a V. illustrissima para não ser linguareiro.. Vem gente ! Nem palavra.

SCENA IV

Os mesmos, Padre Ventura e Jeronymo Guerreiro

Abbade

(A' parte) Se se demoram mais. Parece-me que morria de susto.

Padre Ventura

Então, fizeram se essas pazes ?

Filippe

Estamos os melhores amigos do mundo. Não é verdade, sr. Abbade ?

Abbade

E'... é verdade.

Filippe

Vê ?

Abbade

Vou ter com o Commendador. Com licença (*esgueirando-se*).

Filippe

(*Que o toma no caminho. Baixo.*) Veja lá o que faz !... Logo quero vêr meu tio, de braços abertos...

Abbade

Conte commigo... mas dê-me licença (*Sae*).

SCENA V

Jeronymo, Filippe e o Padre Ventura

Filippe

Embirro com estes sugeitinhos que á laia d'osga se intromettem nas vidas alheias; mas apanhou uma licção menos má, e se se fizer tolo ha-de vêl-a bonita.

Padre Ventura

O sr. Filippe jurou endoidecer o nosso abbade?...

Filippe

Nada, não sr... Mas não se me dava. Ah! padre Ventura, isto sim senhor, isto é que uma joia *(apontando para Jeronymo)* uma perola. Mas ha de levar um dote... de arrombar o costado aos invejosos.

Jeronymo

Sr. Filippe!

Filippe

Gosta de Thereza, ha-de casar com ella... e se a rapariga lhe fizer biquinho, não tem duvida, casa, casa com anjinhos nos dêdos. Se preferisse Cecilia era o mesmo. Até ambas, que desejasse, fazia-me turco, e dava-lh'as. E' claro como agua. Salvou-me a vida. Eu cá penso assim.

Padre Ventura

Salvou-lhe a vida?

Filippe

Não sabe a historia? pois eu lh'a conto. Foi em Malaca, no sabbado de S. Bartholomeu. Sahi do porto na minha lancha com a manhã de rosas e o

mar de leite. Levanta-se de repente o vento, aquelle maldicto ventinho que Jeronymo sabe, que é um cavallo á desfilada. Amaina-se a vella, vamos a remos; qual! pah, pah! Era cada pancada no costado, que gemia a lancha. Para encurtarmos razões, uma onda, como uma montanha, desaba, apanha a casca de noz atravessada, e vira-m'a de tampos para o ar. Não sei como, achei-me a cavallo no mastro e agarrei-me. Digo-lhe que nunca bebi tanta agua salgada em minha vida. Puph! O porto estava a vinte braças, e aquella amaldiçoada canalha da gente baça não se mechia, e eu por um triz quasi a afogar-me! De repente um escalersinho sáe pela pôpa da nau, e boleo d'aqui, boleo d'acolá, prôa abaixo, prôa acima, vejo-o vencer-me a corrente, cortar o tufão, e chegar-se ao pé de mim, gritando: Chegue-se um pouco, o melhor da festa ainda não passou! e isto dito com um sangue frio!... Era uma creança sem barba, que vinha ao leme, mas juro-lhe que parecia que passeava por sua casa. A creança era Jeronymo, conheci-o pelas palavras que lá me tinha dito, e que me repetiu: «Capitão, n'estes mares os homens trazem a vida a juros e um descuido custa caro. Beba um copo d'aguardente de cajú!» E' um heroe.

Jeronymo

Não me envergonhe, o que fiz não valeu... nada.

Filippe

Salvou-me. Por isso ainda agora mandei ajoelhar. Magdalena e as filhas deante d'elle, dizendo-lhe: Aqui está quem salvou seu pae. Se as visse, padre Ventura como ellas choravam, pareciam tres Magdalenas. E o caso era para isso... Tambem eu agora mesmo... Adeus! Não sou para estas cousas. Vou-me embora. Se ficasse, não sei se... Jeronymo

conte commigo... para a vida e para a morte (*sae commovido*).

SCENA VI

Padre Ventura e Jeronymo

Padre Ventura

(*Pegando na mão do mancebo*) Irmão Jeronymo, faltou á Companhia escondendo os seus pensamentos. Eu sei o que padece e adivinho o que me occulta. Um homem, Jeronymo, e um homem com o seu coração, não tem remorsos da fraqueza de meditar o suicidio e de o pedir a Deus?

Jeronymo

Ah! padre Ventura, se soubesse o que sinto, se conhecesse a dôr que me trespassa! Cuida que posso existir assim e levantar a cabeça, tendo sobre ella este pezo de desenganos e de maguas? Se de repente a luz da sua alma se apagasse, e a alegria da sua vida lhe fugisse, o que fazia em meu logar?

Padre Ventura

Pedia a Deus constancia, e no calvario do martyrio arvorava a esperança duravel, a esperança divina

Jeronymo

A sua alma é forte. Mas eu é que não tenho animo. Julgava que o coração d'ella se unia ao meu nos trabalhos e nas esperanças. Nunca senti os braços carinhosos, e tão suaves para os outros. O meu berço foi um berço d'orphão, e amei Thereza, amei-a, com o extremo de filho, de irmão e de amante; hoje que me desenganei, morro porque estou só.

Padre Ventura

O homem nunca está só. E a mim quem me acompanha, quem me esforça, e me ha de cerrar os olhos com ternura e amizade? Julga que não sei os tormentos da saudade, e que não ouvi dentro do peito os mesmos gritos da paixão, tambem louca, tambem cheia de magoa? Porque me vê amortalhado cuida que não vivi, que fui sempre velho de espirito e de coração? Sonhei do mesmo modo; e ao acordar, procurando a alma, encontrei-a banhada em pranto ao pé de um tumulo. Era pouco?

Jeronymo

Mas v. Paternidade não é um homem como os outros. Como quer que esqueça, se o meu coração não sabe e não diz outro nome? Se a alma não está commigo, mas com ella?

Padre Ventura

E porque não manda ao coração que se cale e á alma que veja outra cousa? Se fossem seus, obedeciam-lhe.

Jeronymo

Ha tantos annos, padre Ventura, que a vida não é minha...

Padre Ventura

Então se o não amarem?

Jeronymo

Não posso viver.

Padre Ventura

Hão de amal o.

Jeronymo

Não, meu padre. O desengano veiu da bocca d'ella. O seu amor... passou.

Padre Ventura

Já me viu prometter de leve, irmão Jeronymo? Entre perdel-o por uma paixão obscura, e salval-o, satisfazendo-lhe o erro, porque é só erro, prefiro que viva. Conheço que do homem, que era a minha esperança, e em que punha a gloria futura da Companhia, só ficará o espirito comnosco, porque por mais que faça não póde tornal-o pequeno... Assim mesmo com o coração captivo e a alma longe de nós espero que se a Companhia o chamar...

Jeronymo

Ainda que Thereza me pedisse de joelhos...

Padre Ventura

Não diga palavras temerarias. Se ella mandasse, ficava! O escravo não póde dizer: «eu farei.» A vontade é do senhor.

Jeronymo

Padre visitador, eu não mereço...

Padre Ventura

Merece! Hoje quer morrer porque não tem animo para supportar a dôr; ámanhã o que fará para não perder a felicidade? O valor que honra o coração e o espirito é a serenidade no infortunio, e a constancia na occasião adversa. Ora aqui a occasião chegou, e o homem fugiu; diga-me se uma creança faria menos?

Jeronymo

Padre Ventura, é preciso todo o meu respeito...

Padre Ventura

Julga então já que é covardia matar-se, ou expôr-se voluntariamente á morte, que vale o mesmo, por-

que achou rigor em uns olhos, aonde esperava vêr sorrisos? Seja homem. O amor é um bello sentimento, mas nasceu para nos dar a vida e não para nos causar a morte! Medite, fortifique-se, e tome posse do seu coração e da sua alma. Costume-se a tomar conselho com a razão e a moderar-lhe os impetos. Tenho que escrever para Castella. Quando parte, irmão Jeronymo?

Jeronymo

(*Inclinando-se e cruzando os braços*) Quando V. Paternidade disser.

Padre Ventura

Muito bem. Vamos melhorando, pelo que observo. Então fica em quanto eu não quizer o contrario?

Jeronymo

Depois da promessa de V. Paternidade o logar, aonde espero, é-me indifferente.

Padre Ventura

Dê-me um abraço e confie em Deus. Amanhã falaremos devagar.

(*Jeronymo sáe pela porta do jardim. E' quasi noite*)

SCENA VIII

Padre Ventura, depois Thomé das Chagas.

Padre Ventura

Suppuz que era outra cousa. Podia ser peior. (*Neste momento Thomé das Chagas sáe sorrateiramente de casa e dirige-se para a porta da saida, mas*

dá de frente com o padre Ventura, que se voltou e se dirigia para o mesmo lado.) O irmão Thomé por aqui a estas horas?...

Thomé

O padre visitador!

Padre Ventura

Cosendo-se com as arvores para que o não vejam. O que o trouxe por cá, irmão Thomé...

Thomé

A mim... foi... ah! uns cirios que vim trazer á santinha da sr.ª Magdalena da Gama...

Padre Ventura

Irmão Thomé, não desculpe causas ruins e profanas com as divinas... O que o conduziu aqui, sei...

Thomé

(*Tremendo*) V. Paternidade sabe? Pois crê!... (*á parte*) Este jesuita sabe tudo...

Padre Ventura

Creio!... tenho a certeza. Traz recados da tia Monica. A Companhia de Jesus nada ignora. Cuidei que v. mercê se não esquecia tanto.

Thomé

Bem vejo, padre visitador... (*á parte*) por meus peccados.

Padre Ventura

Essa carta é d'ella? (*fala-lhe ao ouvido*)

Thomé

Desconfio...

Padre Ventura

Fale verdade, irmão Thomé.

Thomé

E' d'ella!

Padre Ventura

Uma resposta. Bem. Póde sair. Olhe...

Thomé

(*Humilissimo*) Que manda V. Paternidade?

Padre Ventura

Tem resado por alma d'Onofre Crespo...

Thomé

(*Beato e contricto*) A todas as missas, padre visitador...

Padre Ventura

Pois continue!... Tenha muito medo dos resuscitados.

Thomé

(*Saindo*) Maldicto padre! Está-me queimando a fogo lento.

SCENA VIII

Padre Ventura

Uma carta?... E' d'elle por força, e vem para Cecilia. Alguma entrevista de ambos á noite. Vigiaremos.

(*E' noite completa*)

(*Ao sair o padre Ventura cruza-se com a ronda; logo que o padre Ventura desapparece, desponta na esquina da rua um vulto de capa escura embuçado ás*

canhas; avança para a scena e chegando ao pé da lampada que arde em frente do retabulo abre um papel que amarrotava em contracções nervosas com a mão convulsa—lê para si, batendo no fim com o punho nos copos da espada. N'este momento outro vulto desemboca, e roçando-lhe quasi pelo hombro, vai encostar-se á esquina opposta, d'onde parece vigial-o. Em quanto dura esta scena muda do lado de fóra, Cecilia apparece no jardim).

SCENA IX

Cecilia

E' quasi a hora. Tremo de amor e de susto. Oh! aquellas palavras de minha irmã alvoroçaram-me! Porque receiará tanto este affecto? Que segredo será aquelle, que me esconde, e que torna tão tristes os seus presentimentos? Mas que importa? A minha vida é de João... Dei-lh'a! Abri-lhe o coração que me encheu de luz e de amor Feliz ou desgraçada, é a minha vida, e não quero outra. (*Senta-se n'um banco e fica pensativa*)

SCENA X

Os dois vultos que se fitaram mutuamente apalpando ao mesmo tempo os punhos dos espadins, medem se reciprocamente.

Camões

Deus seja comnosco! cavalheiro, que linda noite para um passeio; é pena estar clara. Não acha a rua estreita para dois? Isto de espadas é quizilento; em se encontrando pela ponta, não ha remedio depois senão soltal-as pelo punho.

Jeronymo

Se a rua é estreita e a noite clara, tem o remedio na mão. Procure um largo e embuce-se mais.

Camões

Santa Catharina de monte Sinay! Não me entendeu, ou falei grego? Em duas palavras lhe explico. Se não tivesse prizão aqui, fazia grande favor a um devoto deixando-lhe a rua livre por uma hora. Sabe o que são lances.

Jeronymo

E se tivesse prizão, ou guardasse o passo justamente por uma hora ou duas?

Camões

Bom catholico, como me prezo de ser, e temente a Deus, perguntava-lhe se a sua oração era á imagem do painel, ou á santa encoberta, que está por cima?

Jeronymo

Sou tão devoto e tão discreto, que não soffro que indaguem qual é a santa da minha devoção. Boas noites, cavalheiro (*e desapparece pela esquina*).

SCENA XI

Camões

Convinha afastal-o! Agora observemos. (*N'este momento D. João embuçado n'uma capa apparece e vendo Camões, dirige-se a elle*) Hum! Moiros na costa! Aonde irá o chaveco? Já vejo: a ronda tem esta noite que fazer. *Con su pan se las coma.*

D. João

Salve-o Deus, cavalheiro. Faz alguma cousa ahi parado?

Camões

Guarde-o Deus, cavalheiro. Vai salvar alguem da morte n'essa corrida?

D. João

Siga seu caminho, e não se importe com os outros.

Camões

Ah! ah! Fala-se por aqui muito alto!

D. João

Que mais?

Camões

Vamos a ellas. (*Arrancando da espada e enrolando a capa*).

D. João

A minha prompta estava; mas ha uma difficuldade...

Camões

Qual?

D. João

Vai longe?

Camões

Longe! porque?

D. João

Porque d'aqui a dez minutos estava mais ao seu dispor.

Camões

Verdade falando tambem eu d'aqui a meia hora...

D. João

Bello! Então primeiro a obrigação, depois a devoção. O que diz?

Camões

Que preciso que não vejam para onde vou.

D. João

Nem eu aonde fico. Mas temos o caso arranjado. Voltamo-nos ambos para a parede, e rezamos tres credos. No fim d'elles...

Camões

Estou pelo ajuste. Mas á meia noite...

D. João

Vamos a ellas!

Camões

Palavra de homem honrado.

D. João

Palavra de rei, se é mais sagrada.

(*Voltam-se costas com as costas. Camões vai para ao pé da imagem. D. João entra no jardim; n'este momento Jeronymo apparece*).

Jeronymo

Hum! hum!

Camões

Ouviu tudo?

Jeronymo

Tudo.

Camões

E o que tenciona fazer?

Jeronymo

Passar-lhe as duas estocadas promettidas.

Camões

Quer um conselho? Não pegue em brazas que se queima...

Jeronymo

Isso é commigo.

Camões

Olhe, pelo habito, nem sempre se conhece o monge. Este homem é muito mais do que parece. Cuidado!

Jeronymo

El-rei que fosse... era o mesmo.

Camões

Como! pois sendo el-rei?...

Jeronymo

Bem sabe, de noite não se vê. E um rei a escalar fóra de horas os muros, roubando aos seus vassallos mais do que a vida, roubando lhes a honra, não era rei, era um ladrão. Sinta o que sentir, não acuda...

Camões

Se eu aqui ficar, sou surdo.

Jeronymo

Boas noites. (*Dirige-se para o fundo e desapparece*).

Camões

A comedia vai bonita! Tracta-se agora de impedir algum lance de tragedia. Servirá v. mercê de Senhora da Paz, sr. Camões.

(*Em quanto dura esta scena, D. João tem entrado e vai ter com Cecilia. Scena muda um pouco mais ao fundo, em quanto dura o dialogo; depois os dois adeamtam-se para a bocca da scena, e continuam o dialogo que fingem ter começado.*)

SCENA XII

D. João e Cecilia

Cecilia

Promette não esquecer que tive tanta confiança no seu amor, como uma irmã na ternura d'outra irmã? Não me fará lembrar que de noite e sósinha, não tenho senão a sua honra e o seu respeito em minha guarda?

D. João

Cecilia!... Se fosse capaz... Entrego-lhe a minha espada em penhor...

Cecilia

Não é preciso. Basta que se não esqueça de que a sua honra fica no meio de nós para me defender. Não peço mais. Não foi a sua voz que ouvi ainda agora? Não disputava com alguem?

D. João

Falava alto. Assustou-se?

Cecilia

Tremi! E se por minha causa se levantasse um desafio? E eu alli a dois passos, sem poder acudir, sem ter meios de o salvar? (*Durante este scena Camões e a ronda apparecem de vez em quando na rua*).

D. João

Combatendo ao meu lado como as Amazonas?

Cecilia

Não; pedindo a Deus com o coração e aos homens com as lagrimas.

D. João

Se soubesse que a amo tanto, que tinha até ciumes d'essas lagrimas, e as faria correr de sangue para as vingar!

Cecilia

Quer que tenha medo dos seus zelos?

D. João

Ouve Cecilia. Se um principe estivesse em meu logar e conhecesses que te amava com a ternura, que me abraza, pondo a corôa a teus pés, e offerecendo-a mão para subires com elle ao throno... o que lhe dizias?

Cecilia

Dizia-lhe: não vos conhecendo, pedi e dei-vos amor; a paga foi trahires me. O meu affecto entrega-se, mas não se vende. Sendo principe ainda que vos amasse, nunca o dizia. Para me colher o coração, foi preciso mentirdes. Sois rei, e os reis estão altos para serem vistos; levantai-vos, senhor! Eu é que devo ajoelhar e pedir perdão de não saber ha mais tempo que sois o soberano e eu a vassalla. A corôa que esperei de vós não era de oiro, era de flores; Deus vos não tome contas, porque m'a pozestes de espinhos.

D. João

Mas se elle te amasse como eu?

Cecilia

Tinha sempre medo que me enganasse como quando jurava falso.

D. João

Os anjos não são mais puros! Tens razão, querida, vale mais esse coração do que todas as ambições e grandezas. Perdôa uma loucura... que será a ultima. Juras, se me amas, que farás o que eu pedir?..

Cecilia

Juramentos ? Se me pedes a alma e o coração, não são teus, não t'os dei já?

D. João

Juras, que no dia, em que eu, com esta promessa, vier offerecer-te a mão e chamar-te esposa, me seguirás, quem quer que eu seja, para onde quer que vá ?

Cecilia

(*Sentindo as folhas mexerem*) Não sentiste ? O vento não foi !

D. João

Foi a minha capa, roçando, que te assustou. Juras ?

Cecilia

Mas esse segredo que tu escondes ?

D. João

Já me déste o direito de o revelar ? A quem amas ? Se fosse a mim, seguias o coração.

Cecilia

Pois bem ! Mendigo ou nobre, cavalheiro ou mechanico, a minha vida será sempre a tua. E agora dir-me-has o teu segredo ?

D. João

Deante de Deus, que nos ouve protesto revelar-t'o dentro de dois dias. Confias em mim até então ?

Cecilia

Não vês que amo ? Mas por que não m'o dizes já ?

D. João

Porque para o dizer...

SCENA XIII

Os mesmos, e Jeronymo

Jeronymo

(*Avançando em frente d'um macisso proximo da porta*) Era preciso inventar mais uma falsidade.

D. João

(*Tirando a espada*) Oh! agora... agora quem quer que seja!

Jeronymo

Não me esperavam? Se não fosse um resto de compaixão por... ambos, tinha saido; não os interrompia; mas vendo-os enganados um e outro, e sem saberem que se estavam a illudir...

D. João

Basta. De que servem palavras, quando temos espadas? Em guarda!

Jeronymo

Tudo tem o seu logar! Esta senhora sabe?...

Cecilia

(*Com voz fraca*) Eu, Jeronymo?

Jeronymo

Que não somos tão estranhos, que me não conhecesse logo, apezar da escuridão da noite; e que eu, não seja capaz de dizer quem ella é, mesmo sem lhe vêr o rosto. Temos passado tantos annos juntos!

D. João

(*Batendo o pé*) Estou esperando...

Jeronymo

Socegue ! antes de sair havemos de conhecer-nos tambem. Se percebi, esta senhora, disse-lhe ha pouco, que o amava.

D. João

Se ouviu não precisa da resposta. Os espiões...

Jeronymo

Logo tractaremos d'isso. Vejamos ! Ella ama-o, assegura-lh'o?

D. João

(*Com orgulho*) Não ouviu ?

Jeronymo

Ouvi ! E o silencio agora ainda o confirma. E acredita-a ; crê nas suas promessas ?

D. João

Como em Deus.

Jeronymo

Tenho pena ! Porque são falsas.

Cecilia

(*Suffocada erguendo as mãos*) Jeronymo !

Jeronymo

Falsas como as que me fez a mim.

Cecilia

(*Recuando*) Eu !

Jeronymo

E com a mesma voz, e a mesma commoção !... Apesar d'isto ainda a acredita ?

D. João

Agora mais do que nunca.

Jeronymo

Faz mal, porque o enganou. Ainda esta manhã disse a outro homem que não tinha amor, e se viesse a têl-o que seria, para o fazer feliz.

Cecilia

Eu ! Nunca !

D. João

(*Saltando-lhe as lagrimas*) Oh !

Jeronymo

Não se envergonhe ! eu tambem chorei e mais devia ser forte, devia esperar o que succedeu. Ha umas poucas d'horas que sabia tudo por um escripto seu, que ella deixou perder. Assim mesmo não tendo animo já para o aguardar de longe, quando me approximei, e alli occulto ouvi aquella voz que Deus fez tão suave como uma tentação ; quando lhe jurou... e jurou falso, por que é um coração que nada sente, quando jurou !... eu que a amei, e sou tão fraco que ainda a adoro, escutei-a e não morri. E não acabei como desejava, como pedia a Deus... Chorei ! chorei ! como uma creança, como uma mulher ! E veja agora; o meu orgulho não me deixa limpar as lagrimas.

Cecilia

Jeronymo, eu tambem não choro ! O desprezo seccou-me as lagrimas. Não sei por que me persegue, nunca lhe fiz mal, mas Deus ha de castigal-o. Deshonra sua irmã, infama-a sem motivo.

Jeronymo

Minha irmã ! E' verdade ; era o nome que me deu para me trahir, para zombar de um coração...

Cecilia

Jeronymo, Jeronymo ! Essas palavras não pódem ser commigo. Chegue-se. Veja bem... Ha engano.

Jeronymo

Não... se a visse não podia resistir. (*N'este momento apparece Camões passeando do outro lado e pouco depois a ronda*).

Cecilia

João, diante de Deus te juro, que Jeronymo se engana, eu nunca o amei, nem elle a mim !

D. João

Obrigado, meu amor, pelas tuas palavras ! Precisava ouvil-as para não enlouquecer.

Jeronymo

Tem razão senhor, agora só as armas. Tenho pressa de encontrar uma espada...

D. João

(*Desembaraçando-se de Cecilia*) Eil-a. (*cruzam os ferros*).

Cecilia

Não póde ser; ouçam-me! (*mettendo-se de permeio*) Ah ! Feriste-me Jeronymo (*Vacilla e cáe. N'este momento a lua descobre-se um momento e Jeronymo vendo D. João baixa a ponta da espada e dando um grito exclama desesperado* :

Jeronymo

Eu devia perceber! Não era amor, era... Meu Deus! (*soluçando*) Agora vejo, agora sei. Mentias, trahiste-me por que vendeste o coração e a honra a sua alteza real o principe D. João.

D. João

(*Vendo Cecilia lança-se furioso para Jeronymo*) Covarde! Assassino! Vil. (*Jeronymo defendendo-se, fere-o n'uma mão, a espada cáe a D. João*).

SCENA XIV

Os mesmos, e Thereza

Thereza

(*Que tem accudido*) Oh! minha irmã! (*corre a soccorrel-a*).

Camões

(*Entra ao mesmo tempo pela porta do jardim*) Da parte de el-rei! (*D. João chega-se a elle, dá se a conhecer, e indicando-lhe Cecilia*).

D. João

Este homem, matou-a e feriu-me, sabendo que era o principe.

Camões

A sua espada. (*Jeronymo não o ouve absorto que está*) A sua espada. (*Jeronymo dá-lh'a*) Siga-me. Está preso á ordem de el-rei e de S. alteza real. (*Jeronymo segue-o sem dar accordo de si*).

Thereza

(*A D. João*) Respira! Vive! retire-se V. Alteza. Encarrego-me de explicar tudo. Se não lhe podermos dar a vida, ao menos procuremos não lhe tirar a fama.

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO IV

Uma sala no castello de S. Jorge. Porta no fundo e portas que communicam para a direita. Janellas da esquerda. Uma meza de pés torneados, ao centro, com panno escarlate por cima, e armas reaes nas pontas.

SCENA I

(*Ao levantar do panno, o Camões sáe da direita.*)

Camões

Succeda o que succeder, não hei de deixar morrer o rapaz assim. O seu verdadeiro crime aos olhos de el-rei é pensar que ama a mesma dama que Sua Magestade. Bom! Se eu fôr capaz de restituir Dido a Enéas, dando um quináo em Virgilio, o homem fica salvo, e o sr. D. João V entra no paraiso!... (*examinando um papel que traz na mão*) Por isto que leio escripto pela mão do preso... tenho ideia de que não está menos enganado do que Sua Magestade, e que ambos abraçam a nuvem pela deusa! *A la gracia de Dios!* Se d'esta vez me saio bem, protesto escrever uma comedia em castelhano para emparelhar com o *Medico da sua honra* de Calderon e pelo titulo não hade perder; ponho-lhe na taboleta *Los zelos engañados.* Amh? E' hespanhol de ore-

lha, diz a critica? Não importa. Estamos em guerra e posso saquear a lingua, porque tambem elles nos roubam na fronteira. Vamos ao Paço. Esta diligencia não é para engaiolar é para soltar. (*Dirige-se para o fundo; n'este momento, a porta abre-se, apparece o padre Ventura, e ao seu lado um vulto embuçado*).

Camões

(*A' parte*) Por esta não esperava eu! O Jesuita antecipou-se. (*Curvando-se a D. João V*) Senhor!

SCENA II

Camões, Padre Ventura e D. João V

D. João V

(*Fazendo-lhe signal de silencio*) O prezo está só?

Camões

Sim, meu senhor.

D. João V

Está bom. Camões, espera fóra as minhas ordens.

Camões

Primeiro, pediria licença para entregar a Vossa Magestade este papel. Agora mesmo ia ao paço para esse fim.

D. João V

(*Recebendo-o e fazendo-lhe signal que saia*) Não vás para longe. Hei de chamar-te logo.

SCENA III

Padre Ventura e D. João V

D. João V

(*Passando-lhe pelos olhos o papel*) Padre Ventura este papel era para V. Paternidade. São as confidencias de Jeronymo Guerreiro; e confirmam o que me disse. Vejo que não ama Cecilia; mas os seus loucos ciumes cegaram-n'o a ponto de ousar...

Padre Ventura

(*Erguendo a fronte*) Quem ousou, não foi elle. Quem se esqueceu do officio que tinha para se lembrar da vingança, fazendo vara de tyrannia do sceptro, não foi Jeronymo, mas foi aquelle que a sua consciencia mesmo accusa. A quem disse o monarcha o seu nome e qualidade? Allucinado por um erro desculpavel, o mancebo cuidou que perdia em uma hora a esperança e a felicidade; e encontrando nas trévas um estranho aos pés da mulher que suppoz que era a sua, fez o que fariam todos... defendeu-se e defendeu-a!

D. João V

Ferindo vilmente a ambos?!

Padre Ventura

Não! Querendo ferir o seductor, que de noite, e com o rosto coberto, se introduzia n'uma casa honrada. Se el-rei não entende isto, ou, o que é muito peor, se não quer escutar senão o seu resentimento, desgraçado povo e triste rei! N'esse caso dou ao ceu as graças por ser de dias, apenas, a minha estada aqui; escusam os meus olhos de se encherem de la-

grimas, e o meu coração de magoa, vendo um reinado, que principia por onde acabaram os mais detestados e crueis.

D. João V

(*Tremulo e escarlate de raiva*) Quem fala d'esse modo não póde dizer se irá para fóra do reino, ou se ficará sepultado em uma torre!

Padre Ventura

E' verdade. A' sahida da barra não é que estão só os chavecos mouros. Perdôe Vossa Magestade se cuidei que os argelinos não captivavam Lisboa! Levantarei as mãos a Deus, se permittir que dentro mesmo de um estado catholico eu alcance a corôa do martyrio. Aqui, ou em Tunes, desde que se padece pela verdade, tudo é servir a Christo, e confessar a sua fé.

D. João V

(*Depois de reflexão*) Sabe padre Ventura, que póde haver debaixo d'essa roupeta humilde tanta soberba como na purpura e nos arminhos de um monarcha? Quem nos observasse ha pouco diria que estavamos tratando de potencia a potencia e que V. Paternidade era o mais poderoso!...

Padre Ventura

E não se enganava senão em uma coisa, Senhor!

D. João V

Qual?

Padre Ventura

Em suppôr que eram potencias eguaes! A' que eu represento, pedindo justiça, e advogando a causa dos que choram, tem-se curvado os imperios e os sceptros. A corôa de Vossa Magestade é de oiro, é de metal, e quebra-se; em quanto a de Deus, de

quem sou ministro, é de estrellas e de gloria. O soberano está acima dos outros homens, mas Deus a um aceno de sua mão depõe os poderosos; e as suas vaidades que se levantam como pó, um sopro as abate, como outro sopro as faz erguer.

D. João V

Então V. Paternidade crê, que estou em peccado, que erro como homem, e que offendo como rei punindo os que infringem a lei? Não se recorda de que um dos mandamentos diz :— não matarás?

Padre Ventura

De certo; menos em defeza propria; e el-rei é muito justo para não conhecer que a honra vale mais do que a vida. Eis o motivo por que eu appello da ira e do resentimento do principe real para a consciencia de Sua Magestade El-rei o sr. D. João V, cujo sceptro é a primeira vara de justiça dos seus povos!

D. João V

E appella bem! Diga, no meu logar, ferido por um vassallo, e desacatado deante de testemunhas, deixava pisar a corôa?

Padre Ventura

Não, se a corôa vestisse na cabeça de el-rei! Mas aonde estava ella no jardim de Lourenço Telles? V. Magestade é a verdade e a justiça vivas; á voz da sua consciencia é que eu pergunto!

D. João V

A prova de que ella o ouve, é que o principe, subindo ao throno, obteve de el-rei que escrevesse logo esta ordem de soltura. Chame o Camões.

(*Ventura dirige-se á porta do fundo, abre-a e faz um aceno. O Camões entra logo*).

D. João V

Manda entregar a espada a Jeronymo Guerreiro, e dê-lhe esta ordem.

(*O Camões curva-se e sáe*).

D. João V

(*Ao padre Ventura*) Bastava ter cruzado a espada com o seu vassallo para o rei esquecer, sob pena de deixar de ficar sendo cavalheiro... Quiz experimental-o, padre Ventura. Sabe que mais? Não torne a excitar assim a cholera dos monarchas, por que o dito vulgar affirma que é o mesmo do que brincar com as garras do leão. Houve um momento em que estivemos muito em perigo ambos... A verdade quando se carrega, fere...

SCENA IV

Os Mesmos e Jeronymo Guerreiro (*apparece da direita precedido de Camões, que sáe logo*).

Jeronymo

(*Sem vêr os dois que se afastam*) A minha espada! uma ordem de soltura! A liberdade?! De que me serve ella agora?... Quem sabe? Concedem-m'a talvez para... oh! não... nunca!... (*Volta-se e dá com os olhos em el-rei*) El-rei!

D. João V

(*Avançando*) Jeronymo Guerreiro, as trevas da noite cegam, mas quando a luz do dia illumina a ra-

zão, os reis só se lembram dos serviços. O principe real pediu-me que lhe dissesse que estava perdoado.

Jeronymo

Mas eu lembro-me, e não acceito o perdão...

D. João V

(*Altivo*) Não acceita!

Jeronymo

A pobreza honra, mas a villania ennegrece. V. Magestade podia julgar indignos de premio os insignificantes serviços de um soldado; mas el-rei não ignora que um official, embóra tenha um nome obscuro, não o deve trazer arrastado e manchado pelas maledicencias da sua côrte... Escuso de acrescentar mais nada. O principe real, se aqui estivesse, havia de perceber-me. A liberdade por tal preço não se acceita; é melhor a prisão perpetua, é melhor até a morte no patibulo.

D. João V

Ouve, padre Ventura?...

Padre Ventura

(*Baixo*) Elle não sabe a verdade; é a illusão que fala ainda. (*áparte*) E eu que o não desenganei primeiro! (*a Jeronymo*) Escute Jeronymo...

Jeronymo

(*Altivo e soberano*) Falo a el rei! Senhor... Esta espada é minha, e nunca defendeu senão a corôa de el-rei, e os brios d'este reino. Até hoje não se rendeu, nem se infamou. Pura como a gloria das armas portuguezas, não ha de agora deshonrar-se por uma vileza. Não! (*gesto apaixonado e voz commovida*) Não. Aqui acabará commigo! De hoje em deante o

soberano e o vassallo ficaram quites. Nunca mais tornarei a servir a casa de Bragança. Se algum nome ganhei na Asia e em toda a parte aonde se deu uma batalha, não peço nada por isso. O que podia desejar n'esta hora é impossivel, e está acima da sua vontade, porque El-rei... (*lentamente*) é rei, e não responde senão a Deus!... (*beijando a espada com alvoroçada exaltação*) Ao menos, minha boa espada não soffrerás preza na bainha tamanho oprobrio!... Já que não deves vingar-me... não te levantarás d'aqui! (*colloca-a embainhada em cima da meza*) Agora do corpo façam o que quizerem. Sepultem-me n'uma torre, e, se é preciso pedil-o eu, de joelhos o peço. Mais um borrão no escudo da monarchia portugueza é uma vergonha que não quero ver. Ao menos dentro das paredes de um carcere ninguem me verá córar.

(*D. João V pega na espada de Jeronymo, e atira-a aos pés com furia; depois, cego de cholera, arranca do florete, e dá dois passos para elle. De repente suspende-se, como ferido de uma idéia subita, e entrega a sua espada ao padre Ventura*).

D. João V

Receba-a, padre Ventura. E' ministro de Deus, e a Deus a entrego! Nas suas mãos não ha perigo de que um impeto a levante... e a faça descer para castigar quem não merece... senão dó.

Padre Ventura

(*Recebendo a espada*) E' uma nobre acção, meu senhor; e el-rei sabe que lh'o digo, porque o sinto. Esta espada na bainha, e em tal momento, promette a Portugal um grande reinado.

D. João V

Padre ! E' a segunda vez, hoje, que o rei venceu o homem. Seria tentar a Deus o expor-me a mais ! (*Sáe arrebatado.*)

SCENA V

Padre Ventura e Jeronymo

(*Jeronymo, quando el-rei sáe, cáe n'uma cadeira como um homem perfeitamente fóra de si. Ventura approxima-se d'elle, crava a espada de D. João V no chão, e apontando-lhe para ella, diz-lhe :*)

Padre Ventura

De joelhos, Jeronymo Guerreiro !... E' talvez a primeira vez, em que a espada—afiada para ferir—se converte em cruz de remissão e misericordia. Arrependa-se, ponha os olhos n'esse ferro, que para não se manchar quebrou as iras nas minhas mãos, e veja como foi pequeno, e os outros grandes !

Jeronymo

Padre ! Será necessario que leve até ás fezes este calix ?... Poupe-me o sacrilegio !

Padre Ventura

(*Que o observou, e lhe lê na physionomia o desespero da alma*) Jeronymo, quando o vi no sertão no meio dos indios, creança nos annos, homem pelo espirito, louvando a Deus em presença do martyrio, e abençoando a morte sem medo á dôr, enganei-me, e todos se enganariam commigo. Cuidei que da creança sairia um apostolo, ou um heroe. Quando o vi entre-

gue ao amor, abrindo com a espada o caminho da fortuna, e em cada campanha dizendo como Cesar: Eis a minha herança! acreditei que havia perigos na paixão, mas que o mancebo sabia vencel-os como homem. Mas logo que vi o soldado sem animo para supportar o infortunio, e sem valor para resistir ao delirio, ferindo uma mulher, e enchendo de vergonha a casa em que foi creado!...

Jeronymo

Padre Ventura! Daria os poucos dias, as poucas horas que me restam, para que outro homem repetisse o mesmo! Agradeça a Deus! O habito é que o salva!

Padre Ventura

(*Cruzando os braços e sorrindo com ironia*) Não se prenda! Depois de uma menina innocente, que o amou, chegue tambem a sua vez ao sacerdote velho, que o vinha consolar. O valor no crime tambem é valor... Não lhe importe, será mais uma covardia. Acabe a obra! Uma gotta de sangue mais pouco se vê!

Jeronymo

(*Cedendo á sensação, arquejante e desfallecido cáe de joelhos e as lagrimas rebentam-lhe pelos olhos*) Padre! padre! Tenha compaixão.

Padre Ventura

(*Commovido, curvando-se para o mancebo com a bondade e a affeição no semblante*) O doente vai melhor! (*levantando-o e obrigando-o a sentar*) Mas ia matando o medico. Ora socegue; abra os olhos que tem tido fechados, e arrependa-se. Veja o que fez. Tractou-me como inimigo; esqueceu-se do que eu era, e do que sou.

Jeronymo

Padre Ventura, não fui eu, foi a paixão...

Padre Ventura

Foi a paixão, sim; d'isso me queixo. Mas com um homem que tivesse valor, ella seria a escrava, e o irmão Jeronymo o senhor.

Jeronymo

Padre, se experimentasse por si, conhecia a ancia que é perder a alma.

Padre Ventura

Sei de um que perdeu mais... e se não se consolou, mostrou animo, e conformou-se. Quer que diga como? Offerecendo-se a Deus; pedindo-lhe graça e resignação; e fazendo penitencia n'este habito por ter amado a creatura com o extremo, que devia ao Creador.

Jeronymo

Esse era santo, e eu...

Padre Ventura

Era muito peccador, deante dos seus olhos o tem!

Jeronymo

Mas V. Paternidade não viu talvez no coração queimado pela vergonha e pelo desprezo a imagem, que tanto tempo fôra a sua companhia, reduzida a cinzas. Não viu a perfida esquecer as promessas juradas e rir-se d'ellas, esquecida e vaidosa nos braços a que se vendeu? A bocca que as proferiu, não beijou os labios de um principe?.. Esta idéa é um fogo que está a arder sempre aqui. (*levando a mão á testa.*)

Padre Ventura

E' falso! Thereza não amou, nem ama outro! A que viu não era ella!

Jeronymo

Não era ella?

Padre Ventura

Não.

Jeronymo

Então os sentidos mentem? O que se apalpa chama-se illusão? Tudo isto foi sonho, e nada mais?

Padre Ventura

Não: as cousas existiram; mas as pessoas é que são outras.

Jeronymo

Assim o principe real não era o principe?

Padre Ventura

Sua magestade el-rei D. João V esteve alli e até recebeu uma ferida leve da sua espada!

Jeronymo

E Thereza? Não lhe vi correr o sangue, quasi nos braços d'elle?

Padre Ventura

Não era Thereza.

Jeronymo

Padre Ventura, a sua bocca sempre foi verdadeira, mas agora!... Sabe que enganar-me era peior do que a morte?

Padre Ventura

Christo para convencer o apostolo, disse-lhe só: «Olha e toca!» Eu, peccador e mortal, seguirei o

seu exemplo e perguntarei ao incredulo: o que queres para acreditar?

Jeronymo

Se tudo assim fosse, padre, caía de joelhos com as mãos erguidas, e dizia: meu Deus! mais cem annos de martyrio como este, com tanto que o sonho dure!

Padre Ventura

Bom! Agora as provas!

(*Ventura dirige-se á porta e traz Thereza pela mão, decorridos alguns segundos. Cecilia segue-os ainda palida e fraca, pelo braço de fr. João dos Remedios.*)

SCENA VI

Jeronymo, Padre Ventura, Thereza, Fr. João e Cecilia

Jeronymo

(*Ao vêl-as, cáe n'uma cadeira quasi nos braços de Ventura*) Thereza! Foi um sonho: um sonho de que seria crueldade acordarem-me! Quero vêl-a ainda como d'antes... Diziam que vivia! Enganavam-me! Veiu do céu, está-me chamando!

Thereza

Não, Jeronymo, não é sonho. Soube que não podia viver assim, e venho dizer-lhe: a experiencia acabou; amo-o, e nunca amei outro.

Jeronymo

(*Estremece, olha em roda de si, solta um grito e aperta a cabeça entre os punhos; afasta Thereza*

com um gesto glacial, e volta-se para o jesuita que o observa) O que vem fazer aqui esta senhora? Não sou rei, não sou principe! Não lhe posso offerecer senão as penas que lhe devo, e um logar na sepultura que me abriu.

Thereza

Jeronymo!

Cecilia

Meu Deus! como as suas palavras ferem! como cáem cortantes sobre mim! O mundo será injusto e sem misericordia como elle?

Jeronymo

(*Na maior exaltação*) Diga-lhe que se enganou. Esta prisão é baixa e triste para a amante de um rei. Veiu para levar a noticia da minha morte, e negociar com ella? E' mais um collar de perolas, com que poderá ornar o peito em escarneo do amor que vendeu, e do coração que traiu!

Padre Ventura

(*Pegando no braço de Jeronymo com vehemencia, e arrastando-o quasi, tral-o para junto de Thereza e exclama com immenso imperio*)

De joelhos, louco! De joelhos! Peça a este anjo, que lhe perdôe, porque veiu para o consolar na sua magua, e para o salvar do abysmo. Quem amou o principe sem saber a sua qualidade, em toda a innocencia e candura, não foi Thereza, era Cecilia! Quem recebeu o golpe da sua espada e por milagre resistiu, foi ella tambem. A voz que ouviu era a sua e na cegueira do ciume tomou a similhança pela realidade. A carta, que lhe entregaram, não veiu para outra. Note o signal da ferida; observe n'aquelle rosto a amargura das dores, que lhe causou. Sua irmã,

quasi que se levanta do sepulchro, para o convencer! Duvide. Será tão ingrato que não levante a voz ainda para louvar a Deus, e chorar os erros do seu delirio?

(*Jeronymo dominado tem caido aos pés de Thereza, cobre o rosto com as mãos, e soluça em silencio*).

Padre Ventura

(*E Fr. João*) Vencemos. Deus compadeceu-se, e concedeu-lhe um toque da sua graça. Então, padre mestre, não lhe dizia eu? Não temos aqui duas heroinas! apesar de tão extremosas e sensiveis? Não ha nada como o amor para fazer prodigios.

Fr. João

(*Ainda muito commovido*) De certo! sem duvida nenhuma!

Jeronymo

(*A Thereza*) Perdoas-me? Não fui eu, foi um louco, um desgraçado, que duvidou! Devia morrer na hora, em que cheguei a acreditar.

Thereza

Socegue, Jeronymo. Não é a mim, mas a Cecilia que deve pedir perdão. Eu ainda posso amar e ser feliz; mas ella!...

Jeronymo

(*Beijando Cecilia na testa*) Minha irmã, minha querida Cecilia!... (*reparando na sua palidez*). Oh como a dôr te atravessou o coração! Que magoa te cortou a alma por minha causa! Quem ha de consolar-te, e fazer-te ditosa?

Cecilia

Deus e a alegria dos que estimo. A culpa de tudo

foi minha; e aqui vim para remediar o que tinha ainda remedio. Jeronymo, perdoa-me um erro do amor, e não do coração? Ambos temos chorado tanto, que não sei qual deva queixar-se mais!

Jeronymo

Mas o teu sangue, o sangue de minha irmã, que eu derramei!?...

Cecilia

Não se accuse do que não fez... Eu é que fui metter-me entre as espadas.

Padre Ventura

(*Chegando-se*) Bem, muito bem! (*Jeronymo volta-se para Thereza a quem primeiro contempla, e depois agarrando-lhe as mãos beija-lh'as com fervor. Ventura n'este momento diz a Cecilia*) Então Cecilia, persistimos sempre na resolução, que tinhamos? Sente-se com a força necessaria para ir ao paço, e para o tornar a ver?

Cecilia

Padre Ventura, já disse, sinto-me com animo para tudo. Bem sabe! A unica alegria, que ainda podia ter, era ver estes dois, que estremeço, felizes e unidos como estão. Agora, o meu desejo mais ardente é dar o ultimo passo... Sou de mais no mundo. Verá que não hei de chorar, nem tremer; e mais é o ultimo adeus.

Padre Ventura

Filha, filha! Não prometta antes de saber!

Cecilia

Antes de lh'o dizer... perguntei ao coração se tinha forças, e sei que sim.

Jeronymo

Cecilia vá! As lagrimas consolam; e esse que a espera é rei... e por fim hade vencer-se no amor, como se venceu nas mais paixões. (*Apontando para a espada cravada no chão.*) Eis alli a prova! Offendido por um louco, olhou só para a cruz d'aquella espada, e perdoou, quebrando o ferro nas mãos de Deus. Podia convertel-a em cutello e ferir; podia fazer d'ella uma vara de justiça, e fulminar... foi grande, foi rei... poz a mão no peito, e disse ao coração, que ardia em fogo: emmudece!... torna-te de marmore. E o coração callou-se e obedeceu-lhe... (*Ajoelha, arranca a espada e entrega-a ao padre Ventura*) Padre Ventura abençoae a espada do primeiro cavalleiro portuguez!... A de Affonso Henriques, ou a de D. João I terá o córte mais cançado das batalhas, mas não ganhou maior victoria! Esta defendeu a coroa até contra a paixão do rei!

Padre Ventura

(*Recebendo-a, e dirigindo-se com ella ao meio da scena, depois de a beijar.*) Deus a faça tão gloriosa na paz, como foram poderosas e invenciveis as de seus avós, em Ourique e Aljubarrota. Possa a luz d'este ferro não se desvanecer nem declinar para gloria e esplendor da monarchia!

Cecilia

(*A Ventura inclinando a fronte com tristeza*) E a mim, quem ha de cicatrizar a ferida, que ella me rasgou no coração?

Padre Ventura

(*Dando-lhe a mão com melancholia*) Quem cicatrizou as minhas, filha! Deus, e o desengano. Sempre quer ir?

Cecilia

Vamos! Hei de vel-o ainda a ultima vez. Quero levar para a minha sepultura a sua imagem viva! Padre, cada vez sinto que o amo mais!

FIM DO QUARTO ACTO

ACTO V

Um gabinete de Diogo de Mendonça Côrte Real, no Paço. Portas da direita e da esquerda, e outra no fundo. Reposteiros em todas ellas. Duas janellas uma da direita, e outra da esquerda, entre as portas.

SCENA I

Diogo de Mendonça *(sentado defronte d'um bufete examina varios papeis),* **Fr. João e Thomé das Chagas** *(entram pelo fundo).*

Fr. João

Dás licença ?

Diogo

Seja V. R.ma bem apparecida ! Não me dirás, fr. João, que mania foi a tua de me espantares o somno com o teu bilhete ? E' morte de homem, ou furto de donzella ?

Fr. João

E' uma historia que te quero contar para aprenderes a conhecer os homens. (*Thomé vae para se retirar, Fr. João, que repara, diz-lhe :*) Irmão Thomé, espere ! Temos que falar.

Diogo

E eu muito que fazer. Vamos ao caso.

Fr. João

O padre Ventura contou-me a historia de certos papeis de estado que te desappareceram de um contador de segredo...

Diogo

E' verdade. Mas não sei porque te veiu inquietar com isso. Sabes, fr. João; os frades são como as mulheres, curiosos e faladores! Para que vestem elles saias!

Fr. João

Agradeço-te, mas não acceito o cumprimento. Conheces o padre Ventura, e sabes que é pouco attreito a falar debalde; portanto se me contou o caso foi para dizer a maneira engenhosa, com que um servo de Deus te ía mettendo pelos alçapões da torre abaixo! (*Thomé a estas palavras tenta de novo safar-se; porém Fr. João estende a mão para elle e colla-o á parede*) Jesus que pressa, irmão Thomé. Não vê que ainda temos de conversar?

Diogo

Fr. João, creio que não ignoras que esse é um negocio serio, e que podia custar-me a cabeça?

Fr. João

Tão serio que Roque Monteiro Paim deu por elle tresentas moedas, e daria mil, se lh'as pedissem.

Thomé

(*A' parte*) Santo breve da marca! Estou em talas.

Diogo

Ah ! E a prova ? Dá-me as provas ; um fio só que seja do labyrintho, e juro-te...

Fr. João

Não jures, que não é preciso. Temos tudo sem sair d'aqui. O irmão Thomé, que nos ouve, já fez maiores milagres. Pergunta-lhe, e verás que te vae contar tudo, tal e qual como se passou...

Thomé

(*Abrindo os braços*) Jesus da minha alma !

Diogo

O sr. Thomé das Chagas ?

Fr. João

Em corpo e alma. Ou Onofre Crespo, como quizeres ! O nome não importa. Em todo o caso é o meu honrado servente, e o teu virtuoso sachristão. Que diamante bruto possuiamos sem lhe saber o valor ! Meu amigo, tu, e eu, fomos vendidos, e mais barato do que negros. Judas andava com a Companhia de Jesus !

Thomé

(*A' parte*) Isto cheira-me a corda, ou a degredo. Mau !

Diogo

(*Sentando-se admirado*) Ah !

Fr. João

Não perca o animo, sr. Thomé. Uma pessoa do seu merecimento não se prende em ninharias. Se as suas boas obras se limitassem a escarnecer da minha simplicidade, e adormecer-me que nem uma creança com os mexericos e invenções da virtuosa serva de Deus,

que o ajuda a despir o proximo, perdoava-lhe até o espectaculo de irrisão, que deu em mim aos inimigos de Deus, e da nossa ordem Mas v. mercê não se contentou com tão pouco. Ao sr. Diogo de Mendonça roubou-lhe uns papeis, cuja falta accusada por falsos emulos o arruinava para sempre. Ao commendador Lourenço Telles, e ás innocentes netas, não descançou, em quanto não lhes metteu a desgraça em casa, e a desesperação na alma. Sr. Diogo de Mendonça, esta figura que vê, foi o auctor do roubo da prata de Evora, o denunciante das minhas allegações, o ladrão dos seus papeis, e o fautor do que succedeu no jardim do nosso amigo Lourenço Telles. Dez cabeças que tivesse, todas a justiça devia decepar-lhe.

Thomé

(*Espantado e com os olhos em alvo, á parte*) Isto cheira-me a brazeiro do santo officio. Pés para que te quero! Esta janella será alta? (*approxima-se da janella sorrateiramente.*)

Diogo

Tens razão, padre mestre. O sr. Thomé para a sua edade dá grandes esperanças. Aos cincoenta annos acho-o capaz de envenenar as fontes. Ia apostar, fr. João, que tens debaixo dos dedos um processo lindo e que o sr. Thomé das Chagas é o heroe? Vejamos! Deram-te os papeis do roubo da prata de Evora?

Fr. João

Eil-os! Mandou-m'os o padre Simões, que foi mestre d'este... honrado servo de Deus, e que em recompensa ficou nú, como Adão no paraizo, depois do peccado original...

Diogo

Deixa-te de comparações biblicas, fr. João. Fazes frio á gente com o teu Adão nú; olha que estamos em dezembro. E a historia da segunda edição dos teus libellos forenses? Estou ardendo em impaciencia de a ouvir.

Fr. João

É curta, mas compendiosa. Cuidei que dictava a um escrevente, e tinha dois. Este milagreiro passava por não saber lêr, nem escrever, e fiado n'isso confiei-me; e no fim era elle quem de madrugada me abria as gavetas e copiava os papeis.

Diogo

Com effeito?! O methodo parece-me simples! Quem o diria! Fr. João, é notavel, que tantos seculos depois de Homero te mettessem o cavallo de Troia dentro da cella! Diz-me: e tem boa letra o sr Thomé?

Fr. João

(*Irado*) Traidor!

Thomé

(*Recuando e batendo nos peitos:*) Mea culpa, padre mestre! a carne é fragil! (*á parte*) Esta janella, decididamente é muito alta para tomar o fresco!

Diogo

(*Rindo e cruzando a perna*) Paciencia, fr. João! Mas grande coisa fez o nosso devoto aos padres da Companhia! Elles que viraram todas as baterias contra elle!? Agora entro eu em scena. O sr. Thomé não me negará de certo o favor de me dizer se foi por ordem de Roque Monteiro, que tirou os papeis. Conheço agora que é muito serviçal, e conto com a sua bondade. Pode falar sem susto. Aonde o viu?

Thomé

Ao sair da capella de V. S.ª depois de ajudar a missa, um domingo.

Diogo

Quantas vezes lhe falou ?

Thomé

Tres. (*reportando-se*) Duas e meia !

Diogo

Ponha a outra meia por minha conta. E quanto recebeu pelo... serviço que nos fez.

Thomé

(*Devoto e compungido*) Tresentas moedas... para repartir pelos pobres.

Diogo

Ditosos pobres ! E em que mãos as depositou ? Diga a verdade

Thomé

Nas da tia Perpetua.

Diogo

Não conheço.

Fr. João

Conheço eu. É uma descarada hypocrita. A esta hora ha-de estar entrando na inquisição, accusada de desinquietar donzellas honestas com feitiços e quebrantos.

Diogo

Fazes mal em metter a velha no santo officio, olha que sempre se ha-de rosnar... Mas voltando ao caso, dir-me-ha sr. Thomé das Chagas, como deu com o segredo do meu contador, e descobriu aonde eu escondia a chave ?

Thomé

Foi uma quinta feira, dia sancto, depois do serviço divino. Via V. S.ª procurando na sua estante, e tirando de lá uma chave. A porta estava encruzada, e eu... esqueci-me, e espreitei!

Diogo

São exquisitos os seus esquecimentos. Não importa; agradeço-lhe a licção. Uma palavra mais. Quem disse ao padre Ventura tudo isso?

Thomé

(*Suspirando*) Fui eu, Ill^mo^. Sr... e sabe Deus com que magoa!

Diogo

Basta. Agora, fale-me com sinceridade. Roque Monteiro deixou-lhe nas mãos algum papel, que possa servir de prova ao roubo, que mandou fazer?

Thomé

Oxalá! Nenhum. Pagou as tresentas moedas para os pobres, e não o vi mais. Mas se V. S.ª deseja molestal-o, sei de uma historia d'elle; quero dizer, sabe-a o Sr. Padre Ventura. Contou-lh'a o confessor d'El-rei, que Deus haja em gloria.

Diogo

Como é dotado de um ouvido fino, o sr. Thomé escutou naturalmente, e tem pouco mais ou menos idéas do caso?

Thomé

Ouvi falar os dois de certas luvas no tractado com os Inglezes.

Diogo

O tractado de Methwen, talvez?

Thomé

Esse mesmo.

Diogo

Sabe se ha cartas, ou papeis?

Thomé

O padre Sebastião entregou-as, por signal, ao padre visitador.

Diogo

Muito bem. Perdôo-lhe o mal que fez pela noticia que me dá. Mas com uma condição .. Dentro de vinte e quatro horas o sr. Thomé ha de partir para Angola em navio de el-rei. Quero que vá cumprir o degredo voluntario de dez annos, a que o condemno em castigo do roubo da prata de Evora. Tem percebido? Se oito minutos depois da embarcação levantar ferro v. mercê fôr achado em Lisboa, ou a beata Perpetua, que o sr. fr. João a rogos meus mandará soltar do Santo Officio, fique certo de que os entrego ao juiz do crime e ao carcereiro da cidade. Serve-lhe o partido?

Thomé

Se fosse permittido demorar-me tres dias... só tres dias!

Diogo

Nem tres horas.

Thomé

(Compungido) Eu estava para mudar de estado; casava-me ámanhã!

Diogo

A bordo, a bordo! Tenho muito receio dos heroes prolificos. Um só Thomé das Chagas deu-nos que fezer, o que seria muitos. Case se quizer, mas no mar alto, ou na costa d'Africa. Em Portugal não lhe dou licença senão na cadeia.

Thomé

Então vou preso?

Diogo

Não. Leva ordens de sua magestade para o capitão general. Aconselho-o ainda, a que não volte, mesmo no fim dos dez annos, se não se der mal, sobretudo sabendo que me acha vivo. (*Toca uma campainha apparece um preto*) Milciades, vae com este senhor até á rua, e acompanha-o. Boa viagem, sr. Thomé. Case e seja muito feliz. (*Thomé sáe com o preto*).

SCENA II

Diogo e Fr. João

Diogo

Sempre tomavas a serio o papel de tyranno?! pois não cuidei! Sabes que o padre Sebastião de Magalhães foi desterrado e com que zombaria! Sua Magestade, attendendo ao seu zelo pelos progressos da agricultura, encarregou-o de fazer o recenseamento dos olivaes de Santarem, dando conta mensal do estado d'elles, e visitando-os diariamente.

Fr. João

Despachou-o primeiro ministro da arvore de Minerva?

Diogo

E tu fr. João, sempre acceitas o logar de mestre do sr. infante D. Antonio?

Fr. João

Podendo ser... desejo occupar-me. Mas agora me

lembra. Deixa-me sair para livrar Thomé das Chagas dos familiares da inquisição, que estão á espera d'elle.

Diogo

Ah! padre mestre, bem diz o adagio: não ha odio peior do que o odio de frade.

(*Fr. João sae*)

SCENA III

Diogo de Mendonça

(*Só*) Grandes coisas vae este gabinete hoje vêr! O principio não foi mau... e o fim só Deus o sabe! Sinto passos.

SCENA IV

Diogo de Mendonça e o Padre Ventura

Padre Ventura

(*Entrando*) *Pax Christe!*

Diogo

Só? Cecilia arrependeu-se... O sacrificio era deveras grande.

Padre Ventura

Maior é o coração d'ella. Ficou alli no quarto proximo. El-rei annuiu? Virá?

Diogo

S. M. o Sr. D. João V faz-nos essa honra... A' hora marcada vem.

Padre Ventura

Bem!

Diogo

Aproveitarei este intervallo para conversar com V. Paternidade. Sabe que dava muito dinheiro por estar outra vez na Hollanda, apezar da humidade, e da maldita sopa de cerveja?

Padre Ventura

Porque? acha-se em perigo aqui? S. Magestade ainda lê o Telemaco? Já entrou em Salento, ou mandou tirar o papel de Idomeneo para o estudar?

Diogo

Salento é uma historia! Antes Salento! Sabe que mais? Roque Monteiro tenho medo que venha ao de cima de agua, e me deite ao fundo a mim com dois penedos aos pés. Falei a el-rei no caso das cartas de Saboia; disse-lhe o que ajustámos; ouviu-me tocando tambor na copa do chapéu; e creio, Deus me perdoe, que não riu pouco da triste figura, que eu faço.

Padre Ventura

V. S.ª é apprehensivo demais. E o papel deu-lh'o, como lh'o entreguei, e ajustámos?

Diogo

Certamente. Fechado e lacrado, tal e qual o recebi das mãos de V. Paternidade.

Padre Ventura

Bem. Sei de certo que el-rei já o examinou.

Diogo

Sabe? E não teve dó de mim, tirando-me da affli-

cção em que me vê ? Pois eu não sou tão discreto, e por isso direi...

Padre Ventura

Que os regimentos para o governo da America foram assignados antes de hontem, e estão a expedir-se? não me queria dizer isto ?

Diogo

Queria, queria ; mas !... Tomára que me explicassem aonde se mettem os curiosos, que informam a V. Paternidade ?

Padre Ventura

Fazemos pouca bulha, sr. Diogo de Mendonça, e cabemos em toda a parte. Agora, vou mostrar-lhe que não somos ingratos. Conhece esta lettra e estes sellos ?

Diogo

E' a lettra d'el-rei que Deus haja ! São as malditas cartas de Saboia ! Ah !

Padre Ventura

Duas palavras, se m'o permitte! O papel lacrado que por meu conselho entregou a S. Magestade encerrava a historia do infame enredo de Roque Monteiro, contada por mim e attestada pelo ladrão subalterno... aquelle celebre Thomé das Chagas, que todos conhecemos...

Diogo

Ah ! e depois ?...

Padre Ventura

Depois el-rei nosso senhor ordenou ao conde de Aveiras que me fosse chamar, porque me queria ouvir.

Diogo

Grande idéa tivemos!... teve V. Paternidade, quero dizer... Não inventei nada, nem a palavra que é uma obra de charidade dos frades, segundo dizem! E chamam-me esperto! Mas queira continuar.

Padre Ventura

Sua Magestade ouviu tudo da minha bocca.

Diogo

(*Inquieto*) Tudo?

Padre Ventura

(*Sorrindo*) Ou quasi tudo. Aqui tem agora as cartas; el-rei insinuou-me que desejava que V. S.ª lh'as entregasse pessoalmente. Como está satisfeito com os seus serviços, é provavel que lhe dê um testemunho hoje mesmo...

Diogo

V. Paternidade é magico?

Padre Ventura

Sou exacto. A mercê de secretario de estado está lavrada. Logo o ouvirá da bocca de el-rei.

Diogo

Como hei de agradecer a V. Paternidade?

Padre Ventura

Desejando-me a boa viagem, e dando-me as suas ordens para Italia...

Diogo

Quando parte?

Padre Ventura

D'aqui a duas horas.

Diogo

Para Roma ?

Padre Ventura

Porque o diz ?

Diogo

Porque a cabeça falta ao corpo. A séde da Companhia é na séde do orbe catholico, e o Geral não póde estar muito tempo ausente. Faz falta aos pés da cadeira de S. Pedro !

Padre Ventura

O Geral está em toda a parte !

Diogo

E' verdade ! E por signal esteve em Portugal, e só duas horas antes de nos deixar é que adivinhei por este sello gravado no seu annel (*aponta para a mão de Ventura*) o segredo da sua vinda. Quem me diria que o padre Ventura se chamava Miguel Angelo Tamburini ?

Padre Ventura

(*Voltando o annel para dentro*) Foi uma imprudencia minha. Mas já que descobriu a presença do Geral da Companhia saiba, que parte para não tornar, e dê-lhe as suas ordens.

Diogo

Pois despedimo-nos para sempre ?

Padre Ventura

A menos que não o veja em S. Pedro, ou no Vaticano como embaixador de Portugal ! Os meus negocios aqui estão concluidos, e asseguro-lhe que pondo o pé no escaler levo saudades. O Geral da Companhia fez justiça ao merecimento, e assignou com elle, um tractado de alliança. Posso contar que

mesmo longe me fica um amigo para continuar a harmonia das duas potencias ?

Diogo

Ah ! padre Ventura ! Deixe-me dar-lhe o antigo nome da nossa amizade; indo-se o corpo, como quer que fique a sombra ? Já não tenho a quem recorrer nos casos delicados...

Padre Ventura

Miguel Angelo Tamburini tem o coração do padre Ventura e sabe todos os segredos d'elle... Adeus ! um abraço como amigos, e outro como alliados. E' natural que não nos encontremos senão na eternidade; mas os homens como nós, sr. Diogo de Mendonça, se já são velhos para as amizades robustas, são experientes e firmes na estimação reciproca. Eu vou trabalhar na refórma d'uma potencia que julgo opulenta demais ; não adormeça, e trabalhe tambem em engrandecer um reino, ao qual Deus concedeu tudo, menos pilotos que o dirijam... (*n'este momento sente-se abrir a porta da esquerda*).

Diogo de Mendonça

Ahi vem el-rei ! (*o reposteiro afasta-se e apparece D. João V*).

SCENA V

Os mesmos e D. João V

(*D. João V entra, Diogo de Mendonça approxima-lhe uma cadeira, faz a venia e sáe logo*).

D. João V

Diogo de Mendonça fez-me sabedor dos desejos

de V. Paternidade. Bem vê, concedi logo a audiencia pedida! Tem alguma coisa a pedir?

Padre Ventura

Certo da grandeza de V. Magestade, e lembrado da palavra dada em Santa Clara, é que puz aos seus reaes pés a minha supplica...

D. João V

Ah! E que noticias me traz de todas as pessoas... que lá conhecemos?

Padre Ventura

D. Catharina de Athaide...

D. João V

Deixêmos essa. E Cecilia, (*erguendo-se*) Cecilia, que V. Paternidade sabe que amei... que amo ainda?

Padre Ventura

(*Serenamente*) A educanda, perdendo as illusões e conhecendo que o amor de el-rei não podia pertencer-lhe, morreu...

D. João V

(*Fazendo-se pallido*) Morreu! Cecilia, morreu!?

Padre Ventura

Para o mundo, meu senhor. Como não podia tornar a amar na terra, escolheu a Deus por esposo, e volta a Santa Clara para tomar o veu.

D. João V

Sem o meu consentimento?

Padre Ventura

(*Placido e digno*) Sem o consentimento de V Magestade! Em pontos de dever e de religião a consciencia passa adeante. Deus é acima de el-rei.

D. João V

Por ser monarcha hei de por força arrancar o coração do peito, ou fechal-o ao affecto!...

Padre Ventura

Para os reis ha só um amor possivel e unico.

D. João V

(*Ironico*) A gloria?

Padre Ventura

Não, meu senhor! A ventura dos seus povos.

D. João V

Mas em que póde a ternura de Cecilia offender os meus povos?

Padre Ventura

Se V. Magestade permitte, ella mesma responderá!

D. João V

Ella! Como?.. Pois!...

Padre Ventura

Espera á porta a licença de el-rei...

D. João V

(*Magoado e sobresaltado*) Licença! Ella!...

Padre Ventura

E' só para entregar a V. Magestade um retrato e

varios papeis, que não podem pertencer senão á rainha de Portugal...

D. João V

E V. Paternidade sabe, se eu...

Padre Ventura

Sei que V. Magestade deseja ser, e ha de ser um grande rei... Cecilia vem beijar a mão do soberano, e pedir...

SCENA VI

D. João V, Cecilia e o Padre Ventura *(que se retira para o fundo da scena.)*

D. João V

(*Correndo a ella*) Cecilia! Elles não nos hão-de separar, Cecilia. Não vês a saudade e a ternura nas lagrimas de ambos? Como é possivel esquecer isto, e viver depois? Pelo doce nome do nosso affecto, pela corôa de meu pae...

Cecilia

A corôa! a corôa é que nos separa! Porque não sou eu mais, ou porque não havia Deus permittir que V. Magestade fosse meu egual? Não tenho dote para merecer el-rei!... Entre nós e as illusões, está o mundo, está o throno...

D. João V

Que esteja! Sou cavalheiro e dei a minha palavra...

Cecilia

Venho restituil-a! Se a primeira vez que nos vimos, soubesse que era V. Magestade... seria hoje menos desgraçada. A promessa, que recebi, foi de um egual, e não de el-rei. D'esse não podia ouvir, nem acceitar nada, senão... o esquecimento. Se em Santa Clara V. Magestade me dissesse que o principe D. João é quem jurava, eu havia de vencer-me, e nada, do que succedeu, aconteceria. O que pedi não foi a corôa; nunca tive a loucura de sonhar com impossiveis! A quem amei, não foi ao herdeiro do throno, foi ao cavalheiro, cujo appellido ignorava. Desejei outra coisa, e não eram honras; tinham-me promettido mais; pedi amor, sómente amor; e o affecto não se vende, senhor, paga-se como se recebe, puro, extremoso e innocente... Estou enfadando a V. Magestade. Vim aos seus pés pedir perdão e esquecimento, perdão porque me enganei ou me enganaram, esquecimento para expiar o meu erro na sepultura d'um convento...

D. João V

(*Agitado, e detendo-a com o gesto*) Nunca!... Cecilia, meu amor!... Deus não unia duas almas em uma só para os homens as separarem! Escuta! De joelhos t'o peço; e não me levantarei emquanto não ouvir o sim da tua bocca... (*O padre Ventura, vendo ajoelhar D. João V retira-se*).

Cecilia

Veja V. Magestade que não estamos sós!

D. João V

El-rei não está aqui, e não ha olhos que se atrevam a ver, quando os d'elle... choram.

Cecilia

Senhor! V. Magestade tenta de mais a fraqueza do meu animo... (*terna e compadecida*) João! isto não pode, isto não deve ser. Aos meus pés, o rei!

D. João V

E' o seu logar, pedindo perdão e confessando o erro.

Cecilia

Nem uma palavra mais, se ficas de joelhos! Cuidava, que vindo aqui, não tinha senão que chorar as lagrimas de uma despedida eterna. Queres que ellas corram de vergonha e de remorso?

D. João V

(*Erguendo-se pallido e sombrio*) Ouve-me, Cecilia. (*com serenidade*) Não é verdade, que princeza descias do throno, e me offerecias a mão para eu subir?...

Cecilia

Sim! Prouvera a Deus que eu fosse a rainha e tu o vassallo!... Chamava-te esposo, ainda que pizasse a corôa aos pés!

D. João V

Tu o disseste!... Chamavas-me esposo, e não olhavas para o sacrificio. Como queres que amando-te mais do que ao throno, mais do que a mim proprio, faça menos? Palavra de rei não volta! Entre a felicidade e a magua eterna, comprando por um sorriso a felicidade, acho pequeno o preço, embora fique de menos a corôa aos pés de ambos.

Cecilia

Não tornemos a sonhar, João! Sei o teu affecto, não digas mais, sei. Basta-me perguntar ao coração. Mas o rei está primeiro do que o amante. (*D. João*

V, deveras commovido correm-lhe as lagrimas pelas faces) Um homem, João, não chora assim! Tem animo para si e para outros. Se eu fizesse o mesmo, o que havia de ser?... (*soluçando, e enchugando os olhos*) Vês?!... Ouve-me agora. Estas cartas, e este retrato são da rainha de Portugal. A freira, que vae ser, tem a saudade por companhia; e do mundo que deixa, nada deve passar a grade... bastam as penas e as memorias!

D. João V

Nunca! Se queres salvar o rei, não tires para sempre a esperança ao homem. Cecilia, se amasses, como eu, tinhas medo...

Cecilia

De arrastar a tua gloria pelas murmurações do povo e pelas zombarias de todos os soberanos?!... E' verdade, se eu escutasse a paixão, punha na cabeça a corôa, ainda que os festejos fossem risadas e pasquins! De joelhos te peço, João: acceita o que não me póde pertencer; salva a tua, e a minha honra! (*D. João com a voz tomada de dôr, recebe os papeis, e ella ajoelhando tambem arquejante e convulsa, encosta a cabeça ao hombro d'elle*) Então não havemos de ter valor para nos lembrarmos do amor sem remorso? (*D. João, tapa o rosto com as mãos*) João, queres que te ame sempre, pelo doce nome da nossa ternura, tem dó de mim! Não esqueças, que não nos separando, e não podendo amar sem crime, eu havia de morrer despresada por todos e por mim! Não respondes? Queres a minha honra, e não o meu amor? Tua esposa não posso ser; juro! Escolhe, decide: queres que seja menos?!

D. João V

(*Erguendo-se pallido, olha fito para ella, e com um soluço profundo exclama*:) Não! Morre antes para o mundo! Vae para o convento!

Cecilia

Obrigada, João, obrigada! E' verdadeiro, é santo o amor que se despede assim! Adeus! *(Corre para a porta da esquerda, na qual apparece o padre Ventura, e encostando-se a elle fica immovel.)*

SCENA VII

D. João V, Padre Ventura e Cecilia *(no segundo plano)* Diogo de Mendonça *(que entra)*.

Diogo

(*Vindo curvar-se perante D. João V, que vendo-o, tira da algibeira um alvará*). As ordens de V. Magestade?

D. João V

Aqui está este alvará. E' a sua nomeação de secretario de estado. Estes tres dias não ha despacho. Que ninguem entre nos meus quartos!

Diogo

(*Ajoelha e beija a mão a el-rei*) Beijo as mãos a V. Magestade. Agora ousarei pedir ainda uma graça a el-rei?

D. João V

Diga!

Diogo

Jeronymo Guerreiro está alli, e deseja ser ouvido por V. Magestade.

D. João V

Jeronymo Guerreiro !... (*anciedade de todos* ; *depois de pausa :)* Levemos ao fim o calix. Cumpra-se toda a provação. (*A Diogo de Mendonça*) Mande entrar.

SCENA VIII

Os mesmos e Jeronymo Guerreiro *(que logo que entra vae direito a el-rei, ajoelha, e colloca-lhe a espada aos pés).*

Jeronymo

Senhor, até hoje não conhecia o remorso, agora sinto-o. Fui ingrato e injusto ; merecia mil castigos, e o magnanimo coração de V. Magestade perdoou ! Senhor ! Não ha senão um modo de expiar esta culpa... Está a romper por dias uma batalha entre o exercito do Marquez das Minas, e as tropas de D. Felippe de França.. El-rei permitte que o seu vassallo vá lavar no proprio sangue a injuria ? A espada que feriu... um principe, e o braço que a levantou, devem caír para sempre, mas á sombra das quinas portuguezas !

D. João V

(*Fazendo-lhe signal para que se levante, e tome outra vez a espada*) Jeronymo Guerreiro, o que passou foi um sonho !... Esqueçamo-nos todos d'elle. Parta para o exercito, mas quero que volte, e victorioso. Cinja a sua espada ; não é minha, nem sua, é da patria. Faça por alcançar que d'aqui a pouco seja da historia !

(*A um aceno seu saem todos menos Cecilia.*)

D. João V

Cecilia! Adeus! Pela dôr que agora sinto conheço que é só de hoje que principio a reinar! Que mal avaliam os que vendo por fóra a corôa, cuidam que não tem espinhos!

(*Tapa o rosto com a mão, e soluça. Cecilia ajoelha pega-lhe na outra mão e beija-lh'a.*)

Cecilia

(*Erguendo-se resoluta e animada*) João, na vida, e na morte ha de sempre arder no meu coração o teu amor! (*sáe arrebatada*).

D. João V

(*Vendo-a saír*) E eu... sumam-se as ultimas lagrimas do homem... Sou rei!

FIM DO DRAMA

INDICE

	Pag.
Acto I	7
Acto II	41
Acto III	87
Acto IV	115
Acto V	133

OBRAS COMPLETAS

DO

VISCONDE DE ALMEIDA GARRETT

Volumes publicados
no mesmo formato das obras completas

DE

L. A. REBELLO DA SILVA e A. F. DE CASTILHO

A 200 réis cada volume

Tomo I — **Camões.**
» II — **Catão.**
» III — **Merope — Gil Vicente.**
» IV — **Romanceiro** — 1.º volume.
» V — **Frei Luiz de Souza.**
» VI — **Flores sem fructo.**
» VII — **D. Filippa de Vilhena — Tio Simplicio — Fallar verdade a mentir.**
» VIII — **Viagens na minha terra** — 1.º volume.
» IX — » » » — 2.º »
» X — **A Sobrinha do Marquez — As prophecias do Bandarra. — Um noivado no Dafundo.**
» XI — **Arco de Sanct'Anna** — 1.º volume.
» XII — » » — 2.º »
» XIII — **D. Branca.**
» XIV — **Romanceiro** — 2.º volume.
» XV — » — 3.º »
» XVI — **Lyrica.**
» XVII — **Fabulas — Folhas cahidas.**
» XVIII — **O Alfageme de Santarem.**
» XIX — **Portugal na balança da Europa.**
» XX — **Da Educaçao.**
» XXI — **O Retrato de Venus**, precedido de um Ensaio sobre a historia da lingua e da poesia portugueza.
» XXII — **Helena.**
» XXIII — **Discursos parlamentares — Memorias biographicas.**
» XXIV — **Escriptos diversos.**

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUMES PUBLICADOS

I—Amor e melancolia.
II—A chave do enigma.
III—Cartas de Ecco e Narciso.
IV e V—Felicidade pela Agricultura (2 vol.)
VI e VII—A primavera (2 vol.)
VIII a XV—Vivos e mortos — Apreciações moraes, literarias, e artisticas (8 vol.)
XVI a XVIII—Excavações poeticas (3 vol.)
XIX e XX—O Presbyterio da montanha (2 vol.)
XXI e XXII—O Outono (2 vol.)
XXIII a XXVI—Quadros historicos de Portugal (4 vol.)
XXVII e XXVIII—Novas excavações poeticas (2 v.)
XXIX a XXXII—Camões, drama e notas (4 vol.)
XXXIII—Canáce, tragedia original.
XXXIV—Um anjo da pelle do diabo.—O casamento de oiro.
XXXV—Aristodemo, tragedia. — A volta inesperada, farça.
XXXVI—A festa do amor filial. — A filha para casar.
XXXVII e XXXVIII—Palestras religiosas (2 vol.)
XXXIX a XLV—Casos do meu tempo (7 vol.)
XLVI—Estreias poeticas para o anno 1853 (1 vol.)
XLVII e XLVIII—Télas literarias (2.º vol.)

NO PRÉLO:

XLIX—Telas literarias (3.º vol).

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXVIII

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXVIII

ESTUDOS CRITICOS — III

ARCADIA PORTUGUEZA

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA — *R. Augusta, 95* ‖ TYPOGRAPHIA — *45, R. Ivens, 47*
1909

Nota dos Editores

Rebello da Silva, na sua actividade febril de escriptor, encheu columnas e columnas de *Revistas,* e outras publicações congeneres do seu tempo, da sua scintillante e malleavel prosa, tocando todos os pontos do saber humano, mas muito especialmente os assumptos litterarios, que lhe mereciam muito particular predilecção.

D'entre estes destacam-se os estudos litterarios sobre a *Arcadia,* ácerca dos quaes escreveu primeiramente artigos seguidos no *Panorama* de 1853 a 1855, sob o titulo geral de *Poetas da Arcadia,* e em que tractou successivamente d'estes tres poetas: Pedro Antonio Correia Garção, Domingos dos Reis Quita e Antonio Diniz da Cruz e Silva; e mais tarde um estudo geral, a *Arcadia Portugueza,* nos *Annaes das Sciencias e Lettras,* em 1862.

São estes notaveis trabalhos, nunca publicados em volume, que nós vamos reeditar nos dois pequenos tomos, 28 e 29, d'esta collecção, na certeza de que os leitores ficarão satisfeitos com esta nossa resolução.

Os Editores

POETAS DA ARCADIA

I

Pedro Antonio Corrêa Garção

No Menalo—Corydon Erimanthêo

No volume quarto do *Panorama* encontrarão os nossos leitores a noticia completa da fundação, e progresso da sociedade litteraria, cuja memoria se honra com os primores do Garção, do Quita, e do Diniz. Não repetiremos, pois, o que está dito; mas servir-nos-ha de base. Posto que de curta duração, o periodo, que abrange a eschola dos arcades, exerceu grande influxo no futuro da arte, vingada por elles da baixeza do estylo e da corrupção inveterada dos imitadores da decadencia estranha.

A Arcadia fundou-se no anno de 1756, sendo os mezes de agosto e setembro empregados em compôr e discutir os estatutos, confiados á redacção de Antonio Diniz da Cruz e Silva, o auctor do *Hyssope*, e das *Odes Pindaricas* e

Anacreonticas. O objecto da nova instituição era restituir aos diversos generos de poesia a severidade de fórmas, a correcção classica, e a perfeição imitativa dos seculos de ouro da litteratura dos antigos, e das melhores obras nacionaes. A degeneração tinha envilecido tanto a lingua, estancado por tal modo as fontes dos bons estudos, que se tornavam indispensaveis os conselhos, e os exemplos de uma associação dotada de forte vontade e de esclarecido talento, para com vantagem luctar contra a corrente, e salvar da obscura inundação os modelos primorosos do gosto romano, e da primeira renascença portugueza.

A existencia da Arcadia não foi longa nem tranquilla. Na ultima epocha, esse resto de vida, que de longe manifestava ainda, emprestavam-lh'o os esforços de um ou outro socio, sobre tudo os de Antonio Diniz; e ao cabo de vinte annos exhalava o derradeiro suspiro, em 1776, pouco chorada e quasi nada conhecida do povo, com quem não quizera nem soubera congraçar-se, descendo ao meio d'elle.

O defeito principal dos pastores do Menalo foi preoccuparem-se de mais com a fidalguia das letras, julgando que uma grande revolução no gosto é possivel, e póde consummar-se, resumindo em poucos apostolos o ensino e a propagação da nova lei. A Arcadia nunca saíu (e julgar-se-ia sacrilega, saíndo!) do circulo restricto da imitação antiga. No theatro, na poesia, e nos outros generos, em que exerceu as suas reformas, os modelos eram sempre

os livros dos auctores mortos, e a reflexão constante de idéas e costumes, que a mão do tempo tinha encerrado na urna dos seculos.

Nenhum rasgo original, similhante aos que alegram a veia jovial de Gil Vicente; nenhuma interpretação larga e profunda do sentimento humano. Todas as paixões, todos os quadros da vida e da natureza, reproduzem, na maxima parte, as recordações do bello antigo, e rara vez a expressão exacta das sensações do poeta, saudando o sublime na verdade actual. No sentido da liberdade regrada, mas necessaria, da arte, a sociedade arcadica nada adeantou; continuando a crer e a ensinar os dogmas da religião immovel, mantida pelos sectarios de Aristoteles e Boileau.

A inspiração nacional pouco lhes sorriu; e bem escassa luz conseguiu metter no carcere voluntario, aonde estes admiradores do passado sepultaram faculdades, que, em vôo alto e menos preso, os teriam elevado aos amplos horizontes da revolução moderna. O povo, amando as suas tradições, os seus usos, e as suas lendas, viu passar por tanto a Arcadia, e não achou n'ella cousa que lhe attrahisse as sympathias. Ouvia-a falar em lingua correcta dos amores de Ovidio e das lagrimas da esposa de Sicheu; escutava descripções de tormentas, e bosquejos de paizagens, que não encontrava no céu e nos sitios mais pittorescos da terra natal; cantavam-lhe os martyrios da alma, as maguas e as desventuras de personagens que lhe eram indifferentes, porque per-

tenciam ás saudades de civilizações extinctas. Os feitos dos heroes portuguezes, mesmo celebrados na lyra orgulhosa de Pindaro, ou na casta, mas para nós já fria, imitação de Horacio, esmoreciam do calor e da viveza, que, em rudes metros e imperfeitas fórmas, sabia darlhes a cantiga nacional, ingenua e sincera, bella naturalmente, e mais propria para fazer estremecer o seu coração com o gemido do coração de seus irmãos, pintando o enthusiasmo da gloria áquelles que o sentiam e o presavam como ella!

Entretanto as razões, que separaram o povo dos Arcades, não roubam a estes o louvor merecido pela renovação classica, que emprehenderam e assignalaram com o engenho. Se não alcançam além da sua epocha, se não levantam o espirito acima das regras criticas, postas no seu tempo como as extremas do imperio intellectual, seria iniquidade negar-lhes a palma, que lhes cortou a fama, e que ainda reverdece na sua campa. Ha factos que excedem as posses de um seculo; e que outro realiza sem fadiga. Voltaire, o engenho mais vulgarizador da Europa, regeu como despota o gosto no largo periodo, que abraçam as suas obras; e apezar d'isso viveu sujeito á severa disciplina decretada na Academia de Richelieu, e foi o executor fiel dos preceitos aristotelicos, na maxima parte dos seus escriptos. As innovações, que introduziu, os arrojos a que se abalançou, fazem-nos sorrir hoje; e com tudo eram arrojos e innovações reaes para a epocha em que se

atreveu a commettel-os. O poeta cortezão e esmerado, que accusava de barbaro o estro de Shakespeare e se compadecia da sua arte informe, não estaria bem longe de prever o futuro proximo, que devia proclamar a supremacia do grande tragico inglez, pondo abaixo dos dramas immortaes do auctor de *Othello e Julieta*, as peças regulares, castigadas, e cheias de elegantes declamações do dictador de Ferney!?

A Arcadia, mesmo no circulo a que se limitou, fez serviços relevantes ás letras patrias. Se não renovou no sentido lato da palavra, purificou a poesia das maculas, que a escureciam, e exaltou-a pelo respeito da sua origem, e pela castidade das fórmas, tirando-a da decadencia em que veiu achal-a precipitada. A frequencia e a imitação dos bons modelos restabeleceu o gosto, que tumidas e obscuras cópias tinham depravado. A lingua, corroida do cancro das locuções viciosas, tornou a mostrar a riqueza, a louçania, e os brios da lingua de Sá de Miranda, e de Camões, additada com o peculio dos seculos seguintes. Estudos variados devassaram os assumptos mais aptos para a fecundarem; variados poemas de uma correcção attica e de um lavor incomparavel provaram que o exemplo podia justificar a doutrina. Até onde, na esphera das idéas do tempo, era possivel levar a restauração, foi ella levada; e ha no seu caminho mais de um monumento que nos obriga a venerar os homens, que o ergueram. Em quanto a lingua

portugueza fôr sabida, e as galas do estylo e da imaginação ferem estimadas, a lyra classica do Garção, e os versos pastoris do Quita, hão de ser admiradas como um dos mais bellos rasgos do engenho.

O Sr. D. José I, que tanto desejava, ou mais exacto, o seu ministro do despacho universal, que, em nome d'elle, tantas providencias tomou para aperfeiçoar os estudos superiores, e diffundir o ensino elementar, arrancando aos Jesuitas o monopolio da instrucção, foram bem tristes Mecenas para os cultores das letras. Exceptuando Antonio Diniz, cuja musa mais flexivel tinha caído em graça ao Marquez de Pombal, os outros Arcades, ou experimentaram os rigores da sua vingança, ou esfriaram sob o gelo da sua indifferença. Se ao principio pareceu accolhel-os a boa sombra, se os frequentou até algumas vezes, é certo que pouco depois esta benevolencia se converteu em desagrado. Não ha memoria de mercê ou de premio concedido a homens, que Luiz XIV se não esqueceria de inscrever no seu livro das pensões litterarias, como auxiliares do grande seculo, que abriu e encerrou o seu longo reinado. A Arcadia sustentou-se por si mesma, e caíu enfraquecida pela morte dos socios mais notaveis; não nos consta que o ministro omnipotente se lembrasse de a proteger, nem tentasse dilatar-lhe os dias. O Garção serve de exemplo para provar, que nenhuma especie de merito podia eximir da immediata repressão do marquez aquelles que

julgava adversos ou pouco affectos á revolução monarchica, em que, similhante a Richelieu, e sem o querer, trabalhou mais a favor da liberdade, do que em proveito do poder absoluto, cujos esteios demoliu, arrancadas as pedras angulares, que eram a sua base.

O homem, que pelas qualidades do talento, e pela consciencia da erudição, melhor caracterizou a Arcadia, e o seu espirito foi o Garção. Nenhum dos outros socios o egualou no acabado do lavor poetico, e na fórma sobria e correcta dos assumptos. Debaixo dos seus dedos, a lingua, opulenta e docil, presta-se com propriedade a todas as exigencias do pensamento, revendo com graça e transparencia os modelos da imitação classica. Menos imaginoso do que Bocage, faltando-lhe aquella veia fogosa (irada ou terna), que fazia do cantor de *Hero* um prodigio, quando o impeto divino o arrebatava, o auctor do *Theatro Novo* e da *Cantata de Dido*, se não tinha os raptos do *estro*, e as grandes visões do genio, se não subia tão alto com o vôo lyrico, tambem era isento dos lapsos e das quedas, que tantas vezes precipitam a Elmano, desfeiando as formosas inspirações de poesias inexgotaveis na sensibilidade e do ardor.

Se uma comparação pudesse dar a idéa da differente indole d'estes dois grandes poetas, Bocage seria a torrente, que se despenha por alcantís; toucada de nebulosos vapores, cheia de estrondo e de grandeza, mas volvendo com as aguas troncos, ramos e limos, tudo a

um tempo! O Garção assimilhar-se-ía a essas ribeiras fundas e claras, tão proprias da nossa paizagem, que gemem por entre a fresca sombra dos arvoredos inclinados para as beijar; que, engrossando, tambem se enchem de poder e de magestade; mas cuja belleza mais consiste na graça, do que na força; arrastando antes flores e palmas na corrente, do que os cadaveres dos antigos cedros quebrados pela furiã da sua cheia; e deve confessar-se que um não attrahe menos pelo enlevo e serenidade, do que o outro pelos rasgos audazes, e os relampagos de imagens arrojadas!

As noticias que nos restam da vida do Garção pouco satisfazem a curiosidade que excita o seu nome, e a memoria de infortunios supportados com grandeza d'alma, e vontade firme. Pouco se sabe d'elle, e esse pouco anda confuso na tradição oral. Austero, dotado da rigidez de caracter, e da isenção de espirito, que rara vez deixou de provocar os rigores da fortuna, se lhe não requestou o favor dobrando o joelho, tambem se não curvou ao açoute da sua ira, nem derramou as lagrimas de uma dôr cobarde. Como elle proprio diz em uma ode, não cedeu nem se fez pallido, sentindo a mão da desdita sobre si; affrontou-a sem recuar:

> Assim, assim a misera pobreza,
> A contraria fortuna
> Deve immovel soffrer uma alma grande
> Oh, Sousa esclarecido!

Varra o crédor soberbo a pobre casa
C'o desabrido Alcaide;
Dorme no duro chão tão descançado,
Como no leito brando,
O intrepido varão, que do destino
Prova os fataes revezes.

A reminiscencia, apropriada ao seu destino, de uma das mais famosas odes de Horacio é o quadro moral do seu espirito. Constante no infortunio, acha ainda o sorriso de outro tempo e as saudades de annos mais felizes para chasquear a polida calva do padre Delfim e a sua caseira rebeca deixada em penhor com a loba e o bordão campestre. Convida-o a que volte, promettendo-lhe o cheiroso lombo, e a fogueira da chaminé, aonde estala a lenha, e silva a chaleira, fervendo a agua para o ponche. N'estas pinturas cheias de graça natural, em que respira o conchego do lar domestico, acham-se toques que só o pincel do Tolentino foi capaz de vencer depois.

O sr. Trigoso, na sua *Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia e sua influencia na ditadura portugueza*, assegura em uma nota que Garção nascêra a 29 de abril de 1724 e fallecêra a 10 de novembro de 1772, depois de jazer encerrado para cima de anno e meio, expirando justamente na occasião, em que, reconhecida, se lhe expedíra a ordem de soltura. Sendo exacto, bem curta e atribulada foi a sua vida nos ultimos annos; sobre tudo desde que, arrancando aos braços da esposa e dos

filhos, que tanto estimava, e tinha tão mimosos, se viu de repente longe d'elles e sepultado com a nota de crimes que se ignoram, e que elle proprio talvez ignorasse como nós, porque o braço do marquez de Pombal em ferir era tão prompto, como a suspeita em despontar no seu coração.

Pelo que se deprehende das suas obras, o auctor do *Theatro Novo* não viveu sempre na estreiteza de bens, a que alludem muitos dos seus versos. Houve uma epocha, em que não sentiu os cuidados da indigencia, e se pôde entregar mais desassombrado ao estudo dos poetas, que fizeram as suas delicias mesmo quando caíu na maior pobreza. Comparando certas passagens, e approximando-as, parece rasoavel a conjectura, de que uma demanda perdida, e as penhoras resultantes d'ella, o trouxeram á penuria, deixando-lhe apenas (se deixaram) a sua casa da Fonte Santa, que era o ermo Tibur aonde o Horacio portuguez corrigia com lima frequente as paginas pouco numerosas, mas acabadas, que nos legou.

Casado e rodeado de filhos, é facil prever as amarguras e inquietações que lhe perturbavam o espirito, vendo-se com escassa renda, e com as obrigações cada dia mais augmentadas. Alguns dos sonetos e das odes, em uma zombaria sem fel, descrevem os embaraços domesticos, e os meios engenhosos adoptados pelo poeta para os remediar. Umas vezes quem o declara é uma letra em verso sacada sobre um amigo abastado; outras o me-

do ao rol dos pedreiros e carpinteiros, occupados no concerto de uma escada, é quem (diz elle) o bloqueia dentro de casa. As cabeças de alcatrão, e os buscapés da noite de Santo Antonio, fazem-no tremer, porque se acha com a bolsa exhausta, e não tem animo de o confessar aos filhos!

Que motivo deu origem á prisão do Garção, e aos rigores do marquez de Pombal? Ha diversas tradições, mas inconsistentes ou futeis, a nosso vêr. As que se fundam n'um enredo amoroso, e na traducção de uma carta, imputam ao ministro severidade mais que monastica, e essa não era da sua indole. As que se referem a segredos de estado revelados, esquecem que não consta que houvesse nunca intimidade entre o marquez e o poeta para occorrer a inconfidencia d'este, e a indiscreção d'aquelle. Uma opinião mais sisuda, e que julgamos mais em harmonia com as probabilidades, quer que a perseguição do Garção fosse devida a allusões dos seus versos contra o despotico governo do ministro; e talvez que ainda em cima exacerbadas com menos prudencia pela indignação natural de uma alma nobre contra a tyrannia.

Cita-se até a *Fala do Infante D. Pedro aos Portuguezes* como corpo de delicto, que o marquez apresentava contra o poeta, afim de prolongar a sua prisão. Effectivamente o assumpto era melindroso para a epocha; a recusa de uma estatua feita pelo duque de Coimbra em presença da estatua equestre de el-rei D.

José I, e da medalha do seu ministro, já em si equivalia a uma satyra disfarçada, ou pelo menos a uma censura indirecta. Lendo-se e meditando-se diversos trechos d'aquelle discurso, acha-se fundamento bastante para acreditar que o marquez de Pombal visse n'elle a reprehensão clara dos seus actos. Mais de uma phrase acerada, mais de uma sentença austera devia excitar o seu resentimento, porque era a critica do ministro e do monarcha. Um poema aonde se acham versos como estes, podia salvar o auctor das iras do poder?

Não queiraes offuscar minha memoria,
Provocando-me collocar no solio
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão de lisonja.....
..... Fôra impropria
A gloria que me daes, se n'essa estatua
Descubrissem os seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
.....
Mas haja quem se lembre d'este caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de uma estatua: e que estas honras,
Quem chega com justiça a merecel-as,
Tambem sabe atrever-se a despresal-as.

Que parallelo! Que terrivel e fulminante allusão! O duque de Coimbra de uma parte rejeitando a estatua, porque

..... E' muito pesada
A sujeição do sceptro; e quem domina

Não tem a seu arbitrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumpril-as;
Mas não póde alteral-as!.....

O marquez de Pombal de outra levantando a Memoria, e antepondo *a sciencia certa e o poder absoluto* á execução fiel das leis, alteradas a seu arbitrio! Que mais era preciso para aquella voz censora ser obrigada a calar-se; para o imprudente, que ousava chegar o espelho tão perto do rosto contrahido do orgulho e do despotismo, ser tirado d'entre os homens, e sumido nas entranhas de um carcere? Por muito menos se povoaram as prisões do Forte da Junqueira!

O marquez condoeu-se por fim, e consentiu em deixar voltar o poeta para a sua pobre morada? Foi mercê espontanea d'elle, ou ordem particular do soberano? A ultima versão parece mais natural. Sebastião José de Carvalho e Mello rara vez perdoou aos que o offenderam; e a coincidencia do aviso de soltura com a morte do Garção, deixa sobre a memoria do ministro uma sombra de crueldade calculada, que só provas irresistiveis hão de destruir. Seria acaso, mas no governo do secretario do despacho universal estes acasos são muita frequentes. A' similhança do cardeal de Richelieu, s. ex.ª não tinha boa lembrança senão para castigar!

A morte do Garção privou a Arcadia do seu esteio principal. Quatro annos depois acabava a sociedade, apenas entretida com uma

apparencia de vida pelas diligencias de Diniz, que debalde procurou chamar sobre ella a protecção, que o ministro estava resolvido a não conceder. Os dithyrambos em honra do marquez, recitados em casa do morgado de Oliveira, serviriam só de fazer estremecer as cinzas de Corydon no tumulo, se podesse ouvir a bôcca dos seus pastores torcendo em lisonjas a magua sincera que experimentaram pelos rigores, de que fôra victima.

Para Sebastião José de Carvalho ainda era cedo; a apologia do que ha de verdadeiramente grande no seu governo, a posteridade encarregou-se de a fazer, e tal que vive mais do que os elogios esquecidos dos vates; para a Arcadia era tarde, porque o seu logar não era aos pés do poder, e a sua missão estava consummada; a essa tambem o futuro já fez justiça.

Passemos agora á apreciação litteraria do engenho e das obras do Garção. Será objecto do seguinte artigo.

*

Quando a Arcadia se fundou as letras portuguezas tocavam o ultimo periodo da sua edade de ferro. Verso e prosa, decaíndo da graça viril, e da castigada abundancia, tão estimadas dos bons auctores, serviam de méro pretexto a talentos puerís para sabbatinas pedantescas de trocadilhos e conceitos, de que

a *Phenix Renascida* nos conserva curiosos exemplares.

Abram ao acaso essa collecção volumosa, corram algumas paginas, e julguem depois se a lingua que alli se usava, foi a lingua de Ferreira, Camões e Sá de Miranda; ou se era o portuguez de Vieira e D. Francisco Manuel. Digam se as poesias, que se enredam, desfeiam e retorcem nos gongoricos *Labyrintos*, nos presumidos *Acrosticos*, e nas *Silvas* envenenadas com a quinta essencia da affectação, recordam ao menos sequer a casta Musa, que tanto honrou os tempos classicos do Parnaso Lusitano!

Pois o livro é o retrato da civilização litteraria! A esta baixeza e descompostura, descendo degrau em degrau, a trouxera a perversão do gosto e a estulta imitação de uma eschola bastarda e falsa, que tantos annos dominou a arte e tão grandes estragos deixou atrás de si. Desde que Marino introduziu em França a lepra das imagens bombasticas, e da obscuridade emphatica, e que D. Luiz Gongora (o divino) lhe abriu as portas da Hespanha, tudo declinou. Se a renascença grega e romana nos tinha suffocado os primeiros ensaios da poesia nacional, esta segunda e funesta invasão, varejando flores e fructos, creou uma seita de rimadores insulsos, jurados inimigos da verdade, servís aduladores das invenções dos Euphoistas.

O contagio propagou-se depressa; e appareceram logo, como symptomas da corrupção,

essas innumeraveis Academias, palestras patentes á ociosidade versificatoria dos vates sem Minerva; era d'estes pulpitos rhetoricos que elles frechavam sem dó a arte, os modêlos do bello antigo, e até a razão e o juizo. Renasciam umas das outras, e no seu zêlo deploravel não exgotaram só o ridiculo na escolha dos assumptos; apuraram-n'o tambem na turgida linguagem, com que ainda em cima completaram a obra, assassinando-os. Houve-as de todas as datas e invocações; e algumas ciosas de gloria posthuma nem se esqueceram de recommendar a sua desgraçada memoria, dando as honras da estampa ás indigestas composições, aonde a inchação forceja, entumecendo-se, por chegar á altura do sublime, e ás dimensões do bello! Diniz, zombando, queria que a patria de taes monstros fosse o *paiz das bagatellas*. Ainda era humano; mereciam menos.

Façamos um rapido inventario d'estes seminarios dignos da veia satyrica de Quevedo Villegas. Existiu a Academia das *Conferencias Eruditas*, erecta em 1696 na livraria do quarto conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes a dos *Singulares de Lisboa* creada, ao que parece, antes de 1692; a dos *Instantaneos*, no paço do Bispo do Porto; a dos *Generosos*, restaurada em 1624 pelo Trinchante de el-rei D. Pedro II; a dos *Eruditos*, a dos *Applicados*, a dos *Anonymos*, celebres pela *Arte dos Conceitos* primor do Genero, e filha dilecta da prosa alambicada do seu Apollo, o doutor Leitão Ferreira; a dos *Humildes e Ignorantes* e ou-

tras ainda, que ou se eclipsaram esquecidas, ou trabalharam por captar a posteridade, que não quiz vêr n'ellas com justiça senão a ironia do gosto e a corrupção das letras.

A Academia de Historia, creação do sr. D. João V em 1720, em virtude do plano do Theatino D. Manuel Caetano de Sousa, e graças aos varões com que se formou, distingue-se, é preciso dizel-o, da plebe dos amotinadores de glosas e colcheias. Muitas das obras que nos legou são credoras de louvor em relação á epocha; e se a critica tem bastante que notar nos escriptos dos academicos; se a recente eschola historica póde sorrir-se das idéas e da credulidade, que respiram alguns dos livros, á verdade cumpre egualmente acrescentar, mesmo depois de rigoroso exame, que os principaes trabalhos (collecção de Memorias de 1721 — 1734) não envergonham o seu seculo, antes exaltam a erudição dos sabios, a quem se devem.

Entretanto a esphera de acção da Academia de Historia foi limitada desde o começo, e a influencia que exerceu ainda mais. Os zelosos escriptores desatavam as dissertações n'aquelles periodos cheios de pompa asiatica, ouriçados de citações e de reminiscencias latinas, e abundantes nos maciços de phrases, que tornam medianamente deleitavel o seu estylo para o vulgo dos leitores. Habitavam na região quasi inaccessivel dos estudos eruditos, e se ás vezes baixavam á terra, era para lerem a D. João V, e á familia real, na sala da Galé,

em conferencia aulica, algum dos apparatosos elogios, em que foi primoroso o marquez de Valença, colosso de eloquencia apologetica, a quem tocou a missão voluntaria de censurar o Cid de Corneille, réu de lesa-poetica, segundo as ordenações de Aristoteles!

Os poemas volantes, os sonetos, as decimas, as espinellas e similhantes futilidades, estavam muito abaixo do lavor scientifico dos sacerdotes da Historia para lhes concederem um momento. Se algum poetava, se adoecia da enfermidade commum, distrahia-se em linhas deseguaes, e fazendo pouco apreço da obra chamava-lhe recreio fugitivo! Como haviam de familiarizar-se com os metros, a não ser em epopeias, ou em vôos lyricos, (e para isso era curta a sua respiração) homens enlaçados na doce intimidada dos heroes de Homero, e dos patriarchas da latinidade, que sem descanço queriam fazer paes e fundadores de Ulyssea?

Assim, em quanto Barbosa Machado edificava laboriosamente o seu vasto archivo da litteratura patria, as rãs do Parnaso, impunes e audazes, saíam dos viveiros das Academias, e vinham coaxar para o sol enxames de versos chilros, travando soporiferas polemicas, ou adormecendo em requebros infantís, tudo diluído nas paginas da sua prosa miseravel.

Os Costas Corrêas nos *Singulares de Lisboa*, entre uma nuvem de trocadilhos, saudavam os Pimenteis, e louvando obscuros distichos, exclamavam com seriedade:

Vendo, oh raro Pimentel,
Virgilio que tua alteza
Humilhou sua grandeza,
Te poz aos pés o laurel!

Os Serrões de Castro faziam romances, que principiam:

Com um cajado, senhores,
Dous coelhos mato agora,
Satisfazendo um Romance
A assumpto de prosa e verso.

Em fim o padre prior de S. Lourenço de Lisboa, o doutor Francisco de Castro, perseguia uma infeliz Narcisa em versos peiores que vespas, declamando de dentro da sua lôba:

Oppoz-se o sol á bélleza
De Narcisa (alma do prado)
Elle nos raios fiado,
Fiada ella na dureza;
Cupido, que n'esta empresa
Viu Narcisa, reforçou
Seu peito, com que mostrou
Que Narcisa defendia,
E com o mesmo sol queria
Quebrar, como emfim quebrou!

Que mais é preciso para se fazer uma idéa exacta, quando por outro lado está patente o corpo de delicto na *Phenix Renascida*, nos inciveis *Cristáes d'Alma*, e no *Allivio de Tristes?* O que succédia nos *Singulares* era com le-

ves alterações o que passava nos *Humildes e Ignorantes*, e nos *Anonymos;* a differença consistia só em ser a prosa a sua lingua, e o pedantismo a sua feição. Os tractados de philosophia e de erudição das fataes collecções, que nos transmittiram, não são menos ferteis em papoulas do que os metros assassinos do prior de S. Lourenço, que Deus tem!

E os Pimenteis e os Costas Corrêas da prosa não incommodam menos do que os laureados d'Apollo! Tudo vem do mesmo cacho, e nasce da mesma vide!

Para apreciarmos a que ponto a corrupção tinha chegado, para avaliarmos o despreso da razão e dos bons modêlos, é preciso examinar a collecção dos poetas do sr. D. João V, conservada na Bibliotheca da Ajuda em volumes manuscriptos; lendo-a ha de pasmar-se do divorcio quasi completo d'aquelles vibradores de rimas, d'aquelles engenheiros de puerilidades com o verdadeiro gosto, com a imaginação cultivada, e com o instincto do mediocre, não dizemos já do bom. Tirando poucos poemas (curtos) do doutor Caetano José da Silva Sotto Maior, por antonomasia o *Camões do Rocio*, e bastantes versos fugitivos e satyricos, que uma veia facil e natural inspirava em assumptos criticos a Thomaz Pinto Brandão, comicamente denominado o *Pinto Renascido*, (grande freguez do bolsinho particular do sr. D. João V, antes de devoto, e do secretario de estado Diogo de Mendonça Côrte Real,) o resto, com motivo, e salvas rarissimas excepções, servi-

ria de ludibrio a uma aula de ensino secundario, e de opprobrio ao proprio José Daniel, o vate menos escrupuloso na qualidade do Pegaso, em que rastejavam os vôos da sua mais que modesta musa!

A arte dramatica não tinha escapado tambem. Os padres da Companhia de Jesus recreavam os seus amigos, convidando-os para assistirem aos autos grammaticaes, ás vezes latinos, em que os discipulos dos collegios de Sancto Ignacio figuravam de Gerundios e Supinos, chegando a extravagancia ao auge das Figuras da Dicção dançarem minuetes umas com as outras, segundo conta um satyrico da epocha! Nos theatros, a Opera Italiana principiava a introduzir-se, attrahindo a côrte e a fidalguia. A devota casa do Hospital de Todos os Santos dava a comedia hespanhola e a farça de chocarrices, entremeiadas de arias e córos, em virtude do seu privilegio, concedido no reinado de Filippe II de Castella, e o reportorio era já avultadissimo, quando fr. Lucas de Santa Catharina e Thomaz Pinto Brandão, parodiando os enredos inverosimeis e escarnecendo os dialogos ribombantes das peças mais em voga, tocaram ao primeiro rebate, e romperam a guerra, que o Garção depois, e Manuel de Figueiredo na sua cauda, declararam á Thalia vagabunda, idolo dos Saramagos e Perrexis tão festejados pelo applauso publico.

Os dramas de fr. Loucas de Sancta Catharina, que só lemos manuscriptos, intitulam-se:

Amor sem pés nem cabeça, comedia famosa; e os *Amantes de Espicha*, fabula jocosa em que entram, garganteando duetos, e cavatinas, Priamo rei de Troya, Tisbe, Diana caçadora, Cupido frecheiro, e varios deuses e heroes! A farça de Thomaz Pinto reduz-se a uma satyra contra os irmãos do hospital por delinearem despedir a companhia hespanhola, na fé que de Valença vinha o Garcez com outra mais vistosa. E' insignificante como composição; porém offerece grande interesse nas frequentes allusões aos titulos das comedias, que n'aquelle tempo estavam mais em scena, e vê-se por ella, que o reportorio incluia muitas obras de Lope de Vega, Calderon, e Tirso de Molina. Para não omittir um rasgo caracteristico ajuntaremos, que os amadores da opera do sr. D. João V não eram menos ardentes em ovações de prosa e verso do que os legitimos *dilettanti* dos nossos dias. Acham-se nas collecções repetidas poesias ao cantor *Moci*, e á comediante castelhana *Rosa*, que, pelo que parece, foi um assombro de gentileza e um enlevo de melodia.

No meio de tantos triumphos alheios e de tanta obscuridade propria, quem decahia a ponto de não ser possivel declinar mais era o theatro nacional. Quasi que nem existia senão pelos chulos entremezes de veia dissoluta, vergonha da arte e escandalo da moral. Para compensação, em logar da corôa arrancada a Gil Vicente pelos dramaticos hespanhoes, o povo tinha para se consolar os carpidos Ma-

drigaes da nobilissima Academia das Olarias!

*

N'estas indignidades tinham caído as musas, quando a Arcadia veiu luctar contra os corruptores do gosto, combatendo-os com a critica e com o exemplo. O que resta dos seus poetas e censores, e o que se sabe dos seus trabalhos, basta para attestar o zêlo e o engenho com que vindicou os foros da lingua, e cultivou as verdadeiras letras, cujo formoso seio os escravos da imitação não se cançavam de rasgar com repetidos ultrages. N'esta empresa, o Garção era o homem talhado para supportar o maior pezo, trazendo sempre a par a censura da baixeza, e as regras severas da arte, cujo amor foi a paixão da sua alma. Austero e inflexivel nos juizos que compunha, nenhuma attenção estranha o amaciava. Com os olhos em Roma antiga, e em Athenas, só n'ellas via a perfeição, e esforçava-se para que os outros a sentissem como elle. A magoa do abatimento em que jazia a poesia, tão opulenta um seculo antes, ainda fazia o seu espirito mais rigido, e a sua opinião mais inexoravel. A divisa dos Arcades «*Inutilia truncat*» applicada por elle, se peccou ás vezes foi por excesso de justiça, nunca por indulgencia. Os seus amigos, quando se assentava na cadeira de censor, já sabiam que só verdades íam ouvir da sua bôcca.

Na famosa disputa sobre a theoria da arte moderna, o Garção, e ao lado d'elle José Caetano de Mesquita criminavam de incestuosa a alliança da mythologia e das risonhas ficções do paganismo com o sentido moral da inspiração catholica. Assim a these, que dictou a Chateaubriand capitulos admiraveis no *Genio do Christianismo*, era ventilada com menos esplendor, mas com bastante erudição muitos annos antes na Arcadia.

Pouco accessivel ao exaggerado escrupulo dos pastores seus socios, e mais eclectico nas tendencias, Antonio Diniz, (Elpino Nonacriense) advogou a liberdade do Parnaso com galhardia. A seu vêr, desterrar as musas gregas de todos os assumptos, significava nada menos do que proscrever muitas obras excellentes do engenho humano, comprimindo a phantasia, quando era sufficiente excluir a imitação pagã dos poemas religiosos em que a mistura das duas escholas só havia de produzir absurdo e desharmonia. Esta contenda suscitada pelo Garção no exame da primeira ecloga de Diniz, deu origem ás dissertações do auctor do *Hyssope*, que não ficou vencido no certame.

O exercicio frequente d'esta censura austera foi uma das armas poderosas da Arcadia; e deve-se desculpar aos socios em muitas occasiões o abuso da erudição, quando a ignorancia era geral e o despreso dos bons dictames completo. De certo nem o Garção e Diniz, nem Valladares e o Candido Lusitano subiam

com os estudos criticos além do principio imitativo; a sua theoria não exprimia a reacção do progresso, descubrindo idéas novas, e formulando-as com a doutrina e com o exemplo; resumia apenas um progresso menos ambicioso e mais acanhado, que se contentava com a restauração das tradições da renascença, não crendo que fóra d'ellas pudesse encontrar-se o bello e o sublime no pensamento ou na fórma. As dissertações de Garção sobre a tragedia, e as de Figueiredo sobre a comedia não se apartam de tão restricta intelligencia. Nenhum d'elles trilha desconhecidos caminhos ou os suspeita; nenhum julga possivel mesmo, que o drama saia do molde greco-romano, e das ultimas correctas apropriações da Thalia, e da Melpomene franceza.

Discutiam o caracter e a importancia da manifestação dramatica, mas sem anteverem que a liberdade fôra o espirito vivificante, que tinha infundido a alma e o sentimento da sociedade grega nas grandes creações de Sophocles, de Euripides e de Aristophanes. Os rasgos de Shakespeare, a poetica de Lope de Vega e de Calderon, a comparação da arte do norte com a do meio-dia, e o germen da futura renovação depositadas n'ellas, nunca o entenderam e nunca sequer o presentiram!

O Garção, que é quem symboliza mais o lavor intellectual da Arcadia, expressou claramente o sentido da reforma nos preceitos impostos á imitação da antiguidade, e do renascimento portuguez. Nem admitte o despreso

das maximas do Parnaso, nem perdôa a servidão da cópia quando até os vicios quer adorar! Diniz, condemnando o insulso e rustico estylo da poesia pastoril, de que Pina e Mello era o vulgarizador, se não poupa as setas ao *Corvo do Mondego*, (assim lhe chamavam por ironia) tambem nunca excede o circulo dos reparos imitativos, não antevendo nem as primeiras imagens da admiravel poesia, que tira todos os quadros da natureza viva, e os enriquece com as côres e as maravilhas da creação. *Atala* e *Waverley*, os paineis de Cooper, e as descripções de Byron, vieram depois; n'aquelle tempo, se apparecessem, é mais que provavel, que, pela sua temeridade, excitassem a desconfiança dos pastores do Menalo. Haviam de julgar a realidade poetizada forte de mais para a sensibilidade da sua critica.

O sentido que domina todas as censuras e dissertações dos Arcades, encontra-se com a mesma intensidade nas obras que apresentam como typos da sua theoria. A fórmula não varía; a interpretação poetica não se desvia dos modêlos, os Arcades conhecem os autos de Gil Vicente e louvam-n'os; leram as comedias de Calderon, Lope de Vega e Tirso de Molina; mas se o primeiro nada lhes indicou para a creação de uma eschola nacional, os segundos deviam ser quasi um objecto de horror para elles, como precursores da inundação de composições hybridas, que enchiam de visagens e de chascos a scena do seu tempo. O inimigo, que mais se empenhavam em debel-

lar, saíra da imitação depravada dos auctores hespanhoes do seculo XVII; as nuvens de papelão, os diabretes, os sacatrapos, os carros de phaetonte, as serenatas e mais accessorios obrigados das magicas e operas estrangeiras, traduzidas ou dadas no original, com o sabido cortejo de bobos, barbas, amorosas e galãs, tiravam a genealogia e deduziam os mascavados brasões d'essa fonte que, no seu odio implacavel, os Garções e os Figueiredos de certo accusavam de ser a causa principal da corrupção do gosto e dos preceitos salutares.

Assim, veja-se como a veia, de ordinario serena, do Garção corre agitada na comedia satyrica intitulada *O Theatro Novo*. O enredo, na sua simplicidade, serve apenas de pretexto ao ridiculo para disparar seta sobre seta aos estragadores da eschola severa. A's vezes a zombaria azeda-se, e o dardo ironico sente-se ferir tocado de fel. Apparece a cada passo a cabeça do poeta por cima do hombro do interprete da sua critica no personagem *Gil Leinel;* são fustigados e envilecidos os apologistas do drama de espectaculo, das machinas, e dos *heroes chorões* no personagem condemnado de *Braz, Licenciado*. A surriada sustenta-se continua e cruel, o verso é animado, a phrase feliz, e o estylo proprio. As magicas do desditoso Antonio José, *Os Encantos de Medeia*, *Os Precipicios de Phaetonte*, e o *Alecrim e Mangerona*, pagam por todos os desvarios da Thalia plebea, expostas a uma irrisão, que nada esquece para as lacerar. A indignação

da austera critica desata-se em bellos trechos; a censura arma-se de um açoute, que, doendo, não estanca o riso; mas quando cessa a parte negativa; quando as *tramoias*, os *dragos* e as *transformações* de roldana se derreteram ao calor da ira, e os Eneas e Theseos cantantes se sumiram pela voragem do ponto; o que põe o reformador no logar d'elles?

De que modo promette curar o publico da baixeza de um genero falso, e trazel-o ao gosto de uma eschola seria, litteraria e isenta de abjectas truanices? Voltando aonde ficou o genio original e portuguez de Gil Vicente? Ponderando o uso da sensata liberdade com a observancia das regras, que hão de ser eternas emquanto houver theatro? Não! Cego pelo espirito de reacção, levado pelo pendor imitativo, entregue á especulação classica, perde a realidade de vista, e quer a regeneração da arte, convertendo as plateias em academias, e o povo em Arcade; substituindo ao pessimo estylo da pervertida imitação uma eschola, rigida sim, elevada de certo, mas não menos falsa, não menos opposta á fundação da verdadeira scena nacional. Contra o veneno das magicas propõe como triaga efficaz as traducções de Sophocles, de Euripides e de Terencio! Contra as comedias de enredo e os entremezes destemperados, receita a comedia franceza e a tragedia de caracter, ou traduzidas ou pautadas pelo decalogo rigoroso das unidades e seus glosadores. Applica a mordaça ao judeu e ás suas çyrces, para dar largas á ver-

bosidade erudita do reverendo d'*Aubignac!*

Manuel de Figueiredo, um sancto homem, official de secretaria, e poeta de martello, batia entretanto na incude dramatica os versos ferreos e gelados das suas peças; e offendido da solidão em que gemiam os *Oedipos*, os *Viriatos* e as *Osmias*, mais estrangeiras e antipathicas ao povo, do que os sacatrapos que o faziam rir, e os bobos hespanhoes que o divertiam, vingava-se da negação tragica do seu talento, crucificando no *Dramatico Afinado*, e nos *Censores de Theatro*, as ingratas plateias que desertavam da sua musa, bocejando, para irem bater as palmas e as pateadas ás operas do Judeu. *O Chantre das Alagôas*, personagem ridiculo e presumpçoso, serve-lhe de bode emissario; n'elle representa e castiga mais do que em nenhum outro os peccados dos detractores. Se é entidade puramente ideal, o auctor faria melhor em aparar a penna comica, dotando a scena de obras que hombroassem com os modêlos immortaes de Moliére, que tanto cita, e que nas suas versões se metteu a corregir. Se é allusão a pessoa certa, esqueceu-se de que a ousadia poetica de commetter os arrojos da *Dunciada*, exige a força e a estatura de um Pope.

Figueiredo luctava com Minerva adversa. Feliz e abundante nas idéas capitaes dos dramas, enredando-os com arte, apenas pega no pincel e principia a encher o quadro, empasta e perde tudo. *O Avaro Dissipador*, *O Fidalgo de sua Casa*, *O Indolente Miseravel*, e tantos

outros, eram assumptos que, sustentados os caracteres, animado o dialogo e travadas as situações, dariam nome a um auctor. Nas mãos d'elle gela-se o interesse; adormece a conversação; apagam-se as phisionomias, e aborrece a fabula. Como queria Figueiredo com os seus treze volumes, inaccessiveis á curiosidade mais accêsa, converter o publico, mudar o gosto e renovar a arte? Um verso hirto e contrafeito, um estylo arido e somnolento, a phrase parecendo torneada para a gazeta, foram nunca os dotes de um engenho comico, cujo exito consiste na intenção, no proposito espirituoso, e na veia facil e transparente? A Musa jovial, que ensina com o riso, podia acaso conhecer-se na rabugenta e soporifera Thalia do pobre Licidas Cynthio, empapelada nas toucas, pejada de advertencias moraes, e preciosa em impertinencias cançadas? O povo não riu com as comedias, riu-se d'ellas e deixou-as; a posteridade confirmou a sentença, e esta tentativa lembra só para assignalar a quéda de mais um Icaro ao qual enganaram as azas, precipitando-o quando suppunha de facil alcance a altura do verdadeiro engenho!

*

Nas comedias, que são duas, *O Theatro Novo*, e *A Assembléa*, o Garção mostra, como em todas as suas obras, que nasceu poeta, e que sabia repassar de côr e physionomia nacional os seus assumptos. Os caracteres não se des-

mentem; carrega-os por vezes com exaggeração; e de certo estão longe da profunda analyse e da critica fina de Moliére, que nas suas peças, e na intenção profunda d'ellas, tende sempre a retratar o homem e a humanidade ao mesmo tempo; mas quem chegou a egualar o mestre nos acabados quadros que deixou? Que pincel, depois do seu, tornou a descubrir a correcção de desenho, e a sciencia do coração, tão admiraveis no *Tartufo*, nas *Preciosas* e em *Jorge Dandin*, imitado por Alexandre de Gusmão com o titulo do *Marido Confundido*, e representado a rogos de lord Tirawley em 1737 no theatro de Lisboa?

Pelos lineamentos das figuras, pelo calor do dialogo em algumas situações e pela exacta interpretação dos costumes, a *Assembléa* deve ser collocada entre os bons dramas da eschola classica portugueza. A invenção é pouca; o enredo, frouxo n'umas partes, confuso e precipitado n'outras, carecia de mais pausa; os caracteres, tirando dous, o de Braz Carril e sua mulher Urraca azevia, peccam por falta de expressão individual, e pouca originalidade mostram; mas a mania fidalga em plebeus, e o ridiculo de figurar sem posses, achaques da sociedade do seculo do auctor, e ainda do nosso, estão pintados com viveza, e ha toques de perfeição em varias scenas. As partidas de curiosas de arias e de cravo; as altas combinações de um chá de mofo; a rivalidade feminina das preciosas; e os repentistas do Parnaso caseiro, vivem e alegram a acção d'este rapido

quadro, que tem o defeito de ser curto para o desenvolvimento da fabula e dos caracteres. O personagem de Gil Tustote, que apenas apparece de escorço duas ou tres vezes, representando o juizo grosso, mas são do povo, ganharia em ser rasgadamente desenhado. Que excellente typo sendo aproveitado! E' na *Assembléa*, que a celebrada *Cantata de Dido*, pagina rara e primorosa da nossa poesia classica, foi sepultada na scena XIII entre as sonetadas e as impertinencias dos versejadores Jofre e Picote! Lendo este ensaio, e apezar dos lapsos que se lhe notam, vê-se que o Garção, se quizesse, era de todos os Arcades o unico dotado de engenho comico, e aquelle a quem a musa teria mostrado um sorriso e entregado a palma. Infelizmente parou no principio!

Mas onde o Garção se levantou mais alto foi na poesia lyrica, particularmente no genero horaciano. Poucos conversaram tão de perto com o amigo de Mecenas, e souberam como elle colher no trato intimo de suas obras a flôr e o perfume. Seguindo o seu modelo não esperem o vôo imaginoso e impeto atrevido que em tantas occasiões approxima a alma inquieta e ardente de Bocage do genio de Byron — não; o verso de Coridon nunca sobe a essa altura, nem se deslumbra n'ella para caír. Cultor das musas castas, teria horror de si e da arte se lhe descabellasse em fervidas imprecações a compostura divina, ou desvairasse em gritos de desesperação o

seu canto suave e puro. Tudo o que saíu d'aquelle pincel respira o gosto correcto e o tacto delicado de um talento, que tinha poder em si, que sabia conter-se, e não se esquecia nunca de se allumiar da critica. Naturalizando com primor a arte latina, e vestindo-a das gallas de um estylo digno d'ella, na interpretação imitativa do bello antigo não foi egualado nem será excedido por ninguem.

Não arde nos raptos pindaricos de Elpino; não ferve em enthusiasmo como Elmano; é sobrio em crear, e lento em fundir na fórma as imagens e as idéas; mas em compensação que delicadeza de traço, que ingenuidade vernacula na phrase, que admiravel perfeição em todas as partes! Que somma de bellezas, e que pequena sombra de defeitos, ás vezes parecendo esquecidos de proposito para realce! Quando mesmo o seu engenho não houvesse dado se não o *Cantico de Dido*, bastava esta corôa para não morrer. Esforce-se a critica, apure-se a lima, e n'este composto de graças e perfeições da musa classica, não encontrará um lapso de estylo, de idéa, ou de sentido não descubrirá uma queda só na sublimidade, que do principio ao fim não cessa de a inspirar. Como a scena abre magestosa n'estes versos:

Já no rôxo Oriente, branqueando
As prenhes vellas da Troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneas.

Como cada palavra pinta, e cada verso diz o sentimento natural, ou descreve o quadro proprio! Veja-se depois como a dôr que delira, e o amor que mata, está traduzido em rasgos de uma força e de um acabado dignos do Livro IV da Eneida:

Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Cuviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
.....
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante,
Arroja o tenro, crystallino peito;
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta;
De rôxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céu levanta
Os macerados olhos.

Seria preciso transcrever tudo para não

omittir nenhuma das bellezas que n'esta obra, uma das mais acabadas que saíram da mão do homem, (segundo nota um grande escriptor contemporaneo) estão espargidas com rara profusão. Pódem observar que o assumpto estava em Virgilio, e que d'elle eram os rasgos capitaes: de certo; mas em entender e sentir assim a antiguidade quem imitou ou venceu o Garção entre nós, e talvez no estrangeiro? Quando Goethe lucta com a Melpomene de Sophocles e Euripides, mareou-se-lhe a corôa poetica, porque vae pedir á tragedia grega a côr e fórma do bello classico?

O Garção detestava a rima, e parece-nos pouco feliz no seu uso. Os sonetos peccam por ella; encerrando alguns apesar d'isso pinturas finas, e quadros de interior incomparaveis pela graça familiar, e pela discreta jovialidade. Nas queixas ao padre Delfim riem-se a miudo os penates domesticos com uma ingenuidade, que, attrahindo sempre, elogia o coração e a sensibilidade do poeta. Mas as odes horacianas é que hão-de ser o seu monumento na posteridade. O amor não vem n'ellas molhar as cordas da lyra das lagrimas tão dôces e amargas ao mesmo tempo de Desdemona, de Hydé, e de Julietta; mas a amizade affectuosa e a gratidão sem baixeza, fal-as-hão resoar com brio pouco sabido antes d'elle. A sua musa, abrindo as candidas azas corôando-se do vapor luminoso de uma inspiração christã, não subirá ás regiões da contemplação, suspirando pelo ideal do bello aos pés de

Deus como Lamartine; mas os dedos fremen-tes do vate acharam o segredo d'essas notas raras, que foram o seu canto á virtude, e o seu gemido de saudade ás tradições da patria. O desalento, e a imprecação desgrenhadas e ululando, não alçaram ao céu em verso audaz o grito impio da alma, que não cabe em si, e se gasta com o fogo dos desejos á similhança de Byron; mas a suave ternura da esperança, e a serena confiança do espirito dirão em metros admiraveis, que o justo não se curva ao açoute da ruina, mas valido e firme ergue o rosto, e ferido ainda desafia o infortunio!

Se a poesia não é uma vaga melodia; se a aspiração e a idéa são o espirito immortal, que a levanta superior aos seculos, e aos imperios, com os pés calcando as urnas do passado, com a fronte tocando as estrellas do empyreo, a lyra do Garção viverá nos tempos, porque ninguem, egual a elle, soube nunca unir a pureza da arte á elevação do sentimento, nem traduzir em carmes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só á mão de Deus se dobra! Não é só enlevo e agrado o que attrahe nos canticos, que legou; é a interpretação moral da vida, e a revelação do segredo das grandes almas, cuja passagem na terra assignala não a gloria estrepitosa das conquistas, mas a victoria pacifica da resignação e da constancia. E estes heroes eram os regulos antigos, e são os martyres catholicos!

Quem lêr a Ode V á Virtude, e a comparar

á de Horacio—*Justum et tenacem propositi virum* — a quem dará a palma, ao latino, que esfria do primeiro impeto, ou ao cantor moderno, que de estrophe em estrophe cada vez se arremessa a maior altura? As bellezas do segundo parecem-nos superiores á correcta, porém mais concisa e mais debil aspiração do poeta romano: aonde o Garção o recorda, as duas linguas luctam como irmãs, e nenhuma vence; aonde a idéa do lyrico portuguez se separa e vôa só, a que distancias não deixa o seu modelo? Ouçamo-los e ajuize-se:

> O constante varão, que justo e firme
> Da difficil virtude segue os passos,
> O pesado semblante do tyranno
> Não teme, não estranha.

E' uma reminiscencia classica, mas com que valentia de estylo e de phrase expressa! Como sentia o genio antigo, e o revelava! Na Ode romana toda a vantagem da opulenta versificação latina, e toda a elevação do pensamento poetico, bastam apenas para se manter a egualdade. E veja-se; a lucta é com Horacio.

> Justum et tenacem propositi virum,
> Non civium ardor prava jubentium
> Non vultus instantis tyranni
> Mente quatit solida: neque Auster,
> Dux inquieti turbidus Adriæ
> Nec fulminantis magna Jovis manus.
> Si fractus illabatur orbis,
> Impavidum ferient ruinæ.

Agora escute-se o Garção, e diga-se que elle não era digno de se medir com o primeiro lyrico do seculo de Augusto!

> Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes;
> Ouça afiar na pedra o curvo alfange;
> Soffra no pôtro asperrima tortura;
> Não perde a côr do rosto.
> ....
> Com pavoroso estrondo se desatem
> Em vermelhos coriscos as estrellas;
> Brote volcões a terra; da ruina
> Impavido não foge.

Até aqui o certame. D'esta estrophe em deante os dous separam-se; e quem conhece e meditou a famosa Ode de Horacio sabe, que desmaia em digressões, e abate da grandeza quasi epica do primeiro rapto. O Garção não. A musa sorri-lhe até ao fim; o seu enthusiasmo ferve de cada vez com mais ardor; e subindo sempre, expira só o canto, quando o sentido moral, e a grande imagem poetica estão perfeitas; quando disse tudo como não torna a dizer outro!

> Assim Mario subiu ao Capitolio
> Entre Aguias e Lictores conduzido,
> Com aspecto sereno; ainda que atadas
> As rôxas mãos em ferros.
> Na presença de Cesar e Conscriptos
> Fui, disse, fui fiel a Galba, e a Roma;
> Confesso o meu delicto, se delicto
> A' virtude se chama.

As legiões romanas testemunhas
Poderão ser; vós, Consules, Tribunos,
A verdade dizei. Dizei se Mario
Foi amigo de Galba?
.....
Eu vi o triste velho descorado
A garganta offerecer ao duro golpe;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.
Oh Cesar! Aqui tens Mario Celso
O crime e a confissão: Romanos, Mario
Foi a Galba fiel! Vamos, aonde
Está o cadafalso.
Acabou de falar: Consules, Padres
Attonitos ficaram; porém Cesar,
De tão rara constancia namorado,
Nos braços o recebe.

E foi este o homem, que em quanto as graças choviam sobre obscuros legulejos, e douravam a fatua estulticia de lisonjeiros aguerridos no impudor, um aviso despotico e camerario arrancou ás musas e aos braços amantes da esposa e dos filhos, sepultando-o sem culpa conhecida em um carcere, de que só a morte devia abrir-lhe as portas! Até essa mesquinha mercê da redacção da *Gazeta* não tardou que lh'a tirassem, vingando-se do moralista austero, e do poeta isento, que não arrastava carmes servís pelas festas dos poderosos! Como elle os conhecia, quando exclama na Ode IV:

.....O Lisonjeiro
Estudando o segredo
De agradecer despresos, não se affaste
Da sala do ministro.
Ali dourando o sol os altos montes
Na madrugada veja;
Ali o deixe a lua, que vermelha
No horisonte mettida
Estende os frouxos raios pelas ondas;
Se com publica fraude
Ao miseravel orphão a capella
Sonegar-lhe pertende.
Aspire á becca o julgador iniquo,
Q'aos olhos da justiça
Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças
Os dourados delictos!.....

As poesias do Garção, que se conhecem, foram impressas e formam dous tomos. Consta-nos que houve quem possuisse outro volume inedito, que talvez a esta hora esteja perdido. Uma edição expurgada dos erros que desfeiam as que existem, e augmentada com o precioso peculio das obras ainda não publicadas, seria um serviço relevante ás letras, e um documento valioso para a historia d'ellas. Mas quem se occupa hoje de versos, e sobre tudo de versos do Garção? Eram rabugens de um velho classico, e não vale a pena de se lhes lançar os olhos! Animem-se entretanto; folheem essas paginas, infelizmente tão curtas, de uma perfeição quasi irreprehensivel;

e digam depois se fomos parciaes, se fomos excessivos, assegurando que era uma grande alma aquella, e um nobre engenho! Julgae com as suas bellezas deante da vista, e estamos certos de que sereis do nosso voto.

II

Domingos dos Reis Quita

Na Arcadia—Alcino Micenio

(1728-1770)

Os maiores engenhos da Arcadia foram pouco felizes.

Exceptuando o Diniz, e algum outro, não dos mais notaveis, pagaram todos o seu tributo á adversidade.

Coroado com os louros de Horacio, o Garção passou das estreitezas da indigencia para as maguas e solidões de um carcere.

Com as palmas de Theocrito, o Quita, apezar da indole mais benevola e pacifica, nunca obteve dos poderosos senão esquecimento, ou falsas promessas, talvez peiores, porque illudem com a esperança, e depois tornam doloroso o desengano.

A douta sociedade pranteou no Ménalo o lucto do grande lyrico, sepultado nas prizões de estado, e até commetteu a indesculpavel

fraqueza de celebrar os seus perseguidores!

De que lhe serviu chorar as penas do Garção, e interceder por elle nos brandos e disfarçados queixumes da musa bucolica?

De que lhe valeu pedir a Virgilio as delicadas allusões da ecloga laudativa, e confiar o arrabil de Menalca á esplendida vocação do Quita?

O captivo continuou a gemer sem se deshonrar com as supplicas; e os poetas, seus irmãos em Apollo, e seus amigos no trato domestico, quando souberam um dia que as portas do carcere se tinham aberto para elle, souberam tambem que fôra só para esconder debaixo da terra mais esta victima do poder ciumento e inexoravel, que a ferro e fogo regenerava um povo decaído, e uma formula incapaz de reassumir as forças e o prestigio da edade viril!

O marquez de Pombal, como Richelieu e Colbert, (exemplares de que não tirava os olhos) fez-se Mecenas das artes por orgulho, mas sem verdadeira inclinação.

Não ignorava que o seu esplendor illumina as epochas e os reinados; e na tentativa de reconstruir pelos alicerces o edificio vacillante da monarchia velha, advertiu que a estatua de Minerva faria formosa vista, ornando-lhe o frontispicio.

Extendeu, pois, o braço, e derrubou o idolo jesuitico. Suscitou o *Novo Methodo de Estudar* para que ficassem indeleveis os seus capitulos de accusação á famosa companhia, desterrada

ao mesmo tempo da côrte, das aulas, dos pulpitos e da patria; e feito isto, ditando a reforma da universidade, e a das escolas, e secularizadas as sciencias e as lettras, deu a sua tarefa por concluida, e a sua vingança por consummada.

Foi um atrevido rasgo, não ha duvida; mas era o primeiro, e por desgraça o ministro não passou adeante. Despiu-se a roupeta de sancto Ignacio á instrucção classica; e para lhe tapar a nudez, poz-se-lhe nos hombros o pallio dos cesares. Baniu-se o sacerdocio, e o seu logar foi occupado pelo imperio.

Eis a revolução. Para o marquez era tudo; para as letras pouco significava em estimulo e liberdade!

A toga, se a alguns respeitos opprimia menos o pensamento, por tendencia e interesse de classe, armava-se de suspeições e desconfianças, cujo alvo, por ser diverso, não deixava de ser egualmente fatal.

Sebastião José de Carvalho, similhante a todos os genios despoticos, não gostava de nenhuma superioridade. Ao lado da realeza, em que se cortejava a si mesmo, não queria nada. As cabeças, que se erguiam acima do livel marcado, ou o offuscavam, ou o offendiam!

Contra os fidalgos empregou os carceres da Junqueira, e os supplicios de Belem; para os poetas, que a lisonja não curvára, inventou o silencio do Garção; e com os vates, que muita luz poderia tornar admirados e prepon-

derantes, fez-se esquecido, ou indifferente.

Excepção quasi unica, é provavel que a becca tanto aproveitasse, pelo menos, ao Diniz como os vôos do estro pindarico, e os chistes mordazes do seu *Hyssope*.

Aos outros deixou-os em paz, no meio dos rebanhos ideaes, acceitando-lhes as congratulações, mostrando-lhes agradavel rosto, e nos dias magnanimos, (julgâmos que foi um) vindo de passeio ao Menalo, aonde Tytiros, Mopsos, e Menalcas, lhe afogaram as phrases pomposas em diluvios de metros e allusões encomiasticas.

Mas por mais doces á vaidade do Mecenas, que as compuzessem, nada renderam em favores e protecção para os auctores. Se pobres e desprezados eram antes, assim ficaram!

O grande marquez não se interessava senão pelas suas obras e pelas suas creaturas. A Arcadia tinha surgido do impulso de outros homens, e o ministro interiormente condemnoua a viver e a acabar como nascêra, quer dizer só.

Depois, entre os socios, havia quem poetasse com a rijeza estoica do Garção, e exemplos d'estes pareciam perigosos, e quasi attentatorios.

Portanto, supprimiu o Garção, guardou o Diniz para os ephitalamios, e deixou ao Quita, e a todos, como os achára, desvalidos, indigentes e mal apreciados.

Podia ser peior!

D'este desamparo para com os individuos,

como era de suppor, resentiu-se a sociedade.

Auxiliada, os seus esforços é de crer que chegassem longe, e fossem efficazes. Posta de parte pelo governo, e separada do povo pela austeridade classica, andou de vagar, alcançou pequena altura, e depois de amadurecer alguns fructos, caíu de sêcca no meio de um deserto.

Estava alli o nucleo de uma verdadeira academia, se o ministro omnipotente roubasse duas, ou tres horas aos cuidados da ambição; infelizmente, pouco seguro no gosto, e desaffeiçoado aos rasgos da imaginação e á cultura mais fina do espirito, o marquez, contentando-se com a reforma da universidade, conservou em branco esta pagina da sua cópia de Richelieu.

Nem pensões, nem estimação, nem mercês para as letras! Só depois da sua queda, o duque de Lafões, melhor inspirado, emprehendeu o que elle nem traçára; e levantou com o seu exito uma forte accusação á memoria de Sebastião José de Carvalho, que, dispondo do *posso, quero e mando*, o não applicou a illustrar o poder, como lhe recommendavam os exemplos de fóra, e as necessidades intellectuaes do reino.

Julgaria o secretario do despacho universario, que a gloria de Augusto e de Luiz XIV padecesse com a protecção, dispensada aos escriptores e poetas, que immortalisaram as duas epochas? Homens da valia do Garção, do Quita, perdia o estado em os galardoar,

como em Roma e França se premiaram os Virgilios e Horacios, os Boileaus e Moliéres, honrando-os, ainda mais a amizade e estimação do monarcha, do que as graças e favores, que os distinguiram?

Nos successores do marquez seria natural a negligencia; mas em um reformador, que aspirava a abrir novos caminhos em todas as provincias do saber e da governação, custa a explicar! Não se percebe mesmo, senão attribuindo-a ao ciume exaltado de todas as superioridades, e sobre tudo á falta de gosto e de amenidade, defeitos que precipitaram muitas vezes o ministro, tornando incompleto o seu genio. O estylo pezado, dogmatico e violento dos seus escriptos, é a fiel estampa do caracter, que retratam os seus actos audazes, mas crueis. N'aquella alma, se houvesse um raio de luz mais suave, como o que brilhou sobre o coração dos Medicis, a par dos erros e oppressões, poderia a verdade registar uma iniciativa mais ampla e illustrada.

Desgraçadamente não succedeu assim. O longo periodo de absoluto predominio do ministro de D. José, se conta engenhos distinctos, e tem jus a ensoberbecer-se de algumas obras esmeradas, deve-o á vontade tenaz mas desajudada de poucos individuos, aos quaes a omnipotencia governativa sempre virou as costas como inuteis, ou tractou com desabrimento.

Quando observâmos d'onde partiram os obstaculos que atravessaram as luctas com-

sigo e com a má fortuna, que eram obrigados a sustentar, só nos admirâmos da constancia varonil, e da vocação invencivel, com que se adeantaram por uma estrada incerta, e cheia de tantos espinhos.

Se os sabios das famosas academias de D. João V, tão palacianos e engommados nas suas prosas aulicas, e nos seus versos entumecidos, encontrassem metade dos rigores, que os arcades superaram, podia-se jurar que as estantes das livrarias estariam alliviadas de centos de volumes incommodos, e só notaveis pela sua obesidade pedantesca.

Não lançâmos uma censura geral, por isso mesmo injusta e mentirosa; nem condemnâmos cegamente, entre tantos livros deploraveis, alguns trabalhos de merito incontestado; mas com affouteza assegurâmos que o Garção e o Quita, elles só, foram mais poetas do que todos os rouxinoes bastardos da *Phenix* e do que todos os viveiros cantantes das innumeraveis sociedades, fundadas em honra e gloria das silvas, dos acrostichos, e de mil puerilidades similhantes.

O que faltou aos pobres arcades para melhorarem a tentativa de restauração litteraria, que emprehenderam, foi a boa sombra de um rei, que visse pelos seus olhos, e prezasse a gloria de se engrandecer com a sua magnificencia a favor das artes.

D. João V era o monarcha mais proprio para isso; e se viessem acaso nos seus dias, é de esperar que algumas das tenças abarcadas

pelos parasitas da côrte teriam soccorrido a indigencia de homens dignos pelo caracter e talento.

O Garção não tremeria então pela bolsa na vespera do S. João, o seu ermo da Fonte Santa escaparia ás penhoras, e o seu ultimo suspiro não seria exhalado nas amarguras de um carcere!

O Quita acabaria em honesta abundancia; e Francisco Dias Gomes encontraria um braço valedor. O que provavelmente acontecia era haver dois Camões no paço. O auctor do *Hyssope*, com a veia comica natural do seu engenho, ou desthronava o algoz metrico do padre confessor Fr. Martinho, ou pelo menos o coagia a repartir com um competidor feliz as gargalhadas regias do seu augusto patrono. E como não riria el-rei das jovialidades rivaes dos seus dous poetas beccas? Que felizes horas, que deleitosas sestas no meio d'elles!

Sua magestade prezava-se de entendedor, e não carregava a viseira, se a lisonja lhe chamava o Salomão portuguez. O *Pinto Renascido* conhecia esta secreta entrada do seu coração, e quando os bolsos se lhe seccavam, nunca bateu debalde a ella. Muitos rolos de dez moedas mitigaram as magoas dos seus memoriaes rimados. Assim Diogo de Mendonça fosse menos esquecido!

*

No esboço intentado para darmos idéa do engenho do Garção, traçamos o quadro resumido das lettras, quando se fundou a Arcadia, apreciando, em geral, as causas que encurtaram a sua influencia sobre o gosto.

Não repetiremos, pois, o que já foi dito.

Cada um dos arcades escolheu a sua provincia, e administrou-a com a severidade de um proconsul, intimando as regras, e propondo os exemplos. Foi, portanto, verdadeiramente uma restauração classica, intolerante e exclusiva como todas as restaurações. Quem examina as obras criticas de Candido Lusitano pasma dos acanhados ambitos, em que elle não duvida encerrar a lingua e as manifestações da arte, e faz juizo immediatamente do alcance, que podia ter similhante eschola.

O que valeu sempre mais do que os preceitos, foram os ensaios de alguns poetas; as odes horacianas do Garção, e as eclogas do Quita. Os vôos lyricos do Diniz subindo mais desassombrados contradiziam algum tanto as sentenças do codigo poetico!

Os tempos tinham corrido, porém, tão avessos á castidade das musas, e os vicios dos versejadores por tal modo lhes haviam deturpado a belleza, que certo excesso na reforma mais devia perdoar-se, que sentir-se, ou estranhar-se.

Era cedo ainda para a poesia, que nasce da inspiração nacional, e com ella se arrebata a

verdadeiras innovações de idéas e de formas.

O dogma da imitação escravizava ambos os campos. As extremas nos dois imperios tocavam-se pela crença commum de se reputar sabido e inventado tudo, suppondo quasi um sacrilegio qualquer arrojo mais audaz.

Acima das regras, cujo respeito se inculcava, não havia nada. Uns obedeciam a *Aristoteles*, a *Horacio*, e a *Vida*. Outros adoravam com fervor os idolos da renascença italiana. Emfim a plebe dos metrificadores depravados seguia as tradições de Marino e Gongora, alteradas em toda a distancia que vae dos inventores ás cópias.

Estes artigos eram inabalaveis na religião de todos. As discordias suscitavam-se unicamente sobre a preferencia das auctoridades abraçadas por cada seita.

Os puritanos estavam com o mestre de Alexandre, e com o valído de Mecenas. Os do meio termo pactuavam com os continuadores da restauração classica da Italia. Mais numerosos e insoffridos, os vates dos outeiros, e abbadessados, representavam a corrupção triumphante das agudezas pueris, dos equivocos ridiculos, dos conceitos preciosos e exoticos, e das combinações refinadas e absurdas.

Já se vê qual seria n'esta lucta a bandeira da Arcadia. Manteve a reacção em nome do Olympo greco-romano. Boas espadas, os seus criticos saíam a campo, e cortavam sem piedade. Engenhos felizmente dotados, muitos dos seus poetas, condemnando o erro, e ensi-

nando uma lei austera, ergueram monumentos dignos do seu nome, e da fama dos modelos, que proclamavam.

Sem estimulos, fizeram voto de morrerem sobre as armas até vencerem; e se acabaram primeiro do que a campanha, é de toda a justiça reconhecer que a morte veiu encontral-os firmes, cada um no posto, que sustentava.

Um livro, bastante curioso, mandado escrever segundo se julga pelo marquez de Pombal para combater o ensino dos jesuitas, seus inimigos capitaes, faz a pintura exacta do atrazo geral, e dos principios que dominavam e espirito dos reformadores. E' o VERDADEIRO METHODO DE ESTUDAR do padre Verney.

Depois de percorrer os generos cultivados no seu tempo, e de flagellar os abusos, entra nos dominios da poetica, e põe as bases da restauração litteraria.

N'esta parte, deve confessar-se, é menos feliz, do que na censura. Separadas algumas regras, que o juizo crítico apontou sempre em todas as epochas, o mais rasteja atraz da imitação humilde dos antigos, sem nunca se elevar a uma só d'aquellas vistas, d'onde se descobrem largos horisontes e novos pontos.

De tantos thesouros, que offerecem as tradições nacionaes á inspiração; de tantas riquezas, que o sentir e crer dos seculos robustos de Portugal patenteiam ao imaginador, nenhum lhe deu nos olhos ou mereceu proveitosa observação.

Reputa regenerada a poesia, depois da ex-

posição dos preceitos, pela escrupulosa servidão aos moldes classicos. Feito isto, fica tranquillo, e absolve o resto!

A theoria dos arcades, pouco mais ou menos, era a mesma. A unica differença consistia em que na practica sabiam cobrir com as magnificencias do talento as pobrezas da invenção, e o captiveiro da formas.

Como Virgilio tinha escripto dez eclogas, nenhum pastor do Menalo se atreveu a exceder o numero. Na ode Horacio e Pindaro foram typos absolutos para o Diniz e o Garção.

A Filis e Demophonte, poema tragico do padre Chagas, vê-se castigada em Verney com toda a severidade, não pelo que apresenta de excentrico e depravado; mas pelas liberdades que tomou contra as inviolaveis unidades da epopéa.

Os mesmos *Lusiadas* não escapam á ira do censor. Comparar-se Camões a Homero equivale a uma blasphemia, capaz de aterrar no Olympo as divindades tutelares das letras, e no sacro monte as musas e Apollo. Camões peccou, não nos lapsos que lhe notâmos, e que são nodoas apenas do esplendido sol do seu engenho; mas nos atrevimentos e isenções, em que se libertou da craveira das poeticas auctorizadas!

Depois d'esta immolação, verificada de sangue frio, e vontade firme, nas aras da reforma qual dos poetas evitaria os gumes da crítica, e as varas da correcção? Se o Camões, victima das suspeições jesuiticas, não alcanço

a misericordia dos novos Minos, o que seria dos vates menores, collocados a tamanha distancia d'elle?

Do que temos exposto a conclusão parece facil. Queria-se melhorar, mas em vez de progredir, retrogradou-se. Principiada pela reacção, e era natural, mas sem forças inventivas, a regeneração dos arcades nunca poude passar da consagração do anachronismo.

Excommungaram-se os delirios da phantasia, as subtilezas e enredos metricos, e as aberrações em que se consumiam as tentativas dos versejadores da decadencia. Sentença justissima! Mas ensinando o caminho a seguir, e as entradas para o novo Parnaso, os criticos não saíam dos porticos de Roma e da Grecia, naturalizando apenas, e a custo, as obras primas da inspiração moderna.

D'ahi provém, que a douta sociedade prestou verdadeiro serviço como interprete do gosto e da razão, expurgando as lettras, e desterrando do seio d'ellas todos os monstros; mas quando se arrisca a mais, e procura dictar as leis da segunda renascenca, cedem-lhe os hombros com o pezo, os olhos turvam-se-lhe, e não se acha segura, senão refugiada á sombra das poeticas em desuso. O melhor emprego do talento, a seu ver, era a imitação, com os traslados á vista, do que a antiga arte nos deixou, grande e bello, creando por si mesma, e inspirando-se no sentimento das nações, que lhe deveram mais de metade da sua gloria.

*

Entre os homens notaveis d'este periodo, um dos que muito concorreram para illustrarem a sabia corporação, foi Domingo dos Reis Quita, cujos principios humildes lhe exaltam mais ainda a nobreza do engenho, e as qualidades do coração.

Amigo particular do Garção, mas por indole menos rispido e severo, gosou-se da affeição do ermita da Fonte Santa, e provavelmente o ajudou por varias vezes a fechar aquelles engraçados sonetos de poeta horaciano, em que figura a luzidia calva do padre Delfim, e a famosa rebeca, alegria das festas e fogueiras do S. João.

Nascido a 6 de janeiro de 1728, dois annos antes de Salomão Gesner, o Theocrito da Suisso, seus paes, arruinados pelas adversidades do commercio, não tiveram para o receber senão um berço pobre, e cercado de tristezas.

José Fernandes Quita contractava em pannos brancos, e sete annos depois de lhe nascer este filho, viu-se obrigado a deixal-o ao collo das meiguices maternas, entre as lagrimas de uma viuvez antecipada, avivadas ainda pelas maguas da indigencia.

Mais seis irmãos compunham a familia, e redobravam os cuidados da desditosa esposa, para a qual já não eram pequeno tormento as saudades da ausencia, e o quadro da orphandade de tantas creanças, confiadas unicamente á sua protecção, e á de Deus.

Por alguns annos houve noticias do pae, e as remessas, mandadas da America, aonde passára, eram os soccorros, com que a disvelada mãe, accudia ás despezas mais urgentes da casa, e á boa educação, em que se esmerava para com seus filhos.

Um dia, porém, cessaram os auxilios e as cartas, e com ellas repentinamente desappareceram os meios de supprir as precisões da vida.

Maria Rozaria achou-se de todo viuva, e nas duras estreitezas, a que a miseria a vinculava, teve de quebrar por votos e propositos para attender primeiro aos gemidos da fome de sete creanças inteiramente desamparadas.

Aonde a indigencia aperta não ha logar senão para ella. As faculdades do engenho, e os dotes da alma madrugaram pois debalde em Domingos dos Reis. Foi necessario sacrifical-os á necessidade.

Aos treze annos, apezar da facil comprehensão, e do juizo perspicaz, que desde a edade juvenil inculcavam o que o futuro lhe reservava, a infeliz mãe, carregada de obrigações, foi constrangida a suffocar o orgulho e as esperanças do seu amor, applicando-o a uma profissão mechanica, para se alliviar um pouco do grande pezo da familia, e proporcionar ao filho honrado modo de subsistir.

Entrou logo como aprendiz de cabelleireiro; mas a felicidade do engenho luctava com a humildade do officio. A viveza das suas ros-

postas, e a discreção dos seus ditos eram o enlevo dos frequentadores da loja; e as horas, que podia furtar sem prejuizo ao seu trabalho, empregava-as na licção dos livros bons.

Quem n'estes curtos ocios o buscasse, ía encontral-o meditande e relendo as obras de Camões e de Francisco Rodrigues Lobo, os auctores que estimou sempre mais, e que na realidade mais se elevam na poesia portugueza.

Em mocidade tenra, e desajudado de todos os conselhos, repassou-se gradualmente das bellezas de pensamento e de estylo, que elles encerram; e ornando o espirito com os trechos, que o exaltavam, conseguiu retel-os pela maior parte na memoria, tirando de ambos, o traço, a côr, e o mimo, que admirâmos nas suas composições.

Antes de ter lido as poeticas, então apontadas como guias infalliveis, e quasi como unica inspiração; sanes de conhecer as regras assignadas aos differentes generos, Quita, a sós comsigo e com os seus modelos, principiou a entregar-se á vocação, fazendo versos, e recatando-os com tanto susto, como se os primeiros clarões da imaginação constituissem graves delictos.

A ecloga de *Alcino*, tentada ainda na puericia, apesar da inexperiencia, já deixa sentir a suavidade e abundancia, que depois enriqueceram o estro do poeta.

A desconfiança de si, e a modestia, que tanto realce deu ao seu talento, levaram-n'o a occultar os bellos ensaios da adolescencia com

um cuidado egual, ao que a mediocridade vaidosa emprega para alardear producções informes.

Muitos annos cultivou a poesia, e favorecido entrou na familiaridade das musas, sem que os amigos mais intimos nem sonhassem, que elle era capaz de rimar uma decima, ou uma quadra.

A' vezes lia-lhes os seus versos, mas sempre attribuindo-os a auctor supposto, que fingia ser um religioso dos conventos das ilhas. Foi preciso, que o soneto

Benigno amor os impios que te offendem,

viesse descobrir parte do segredo. A final as suspeitas converteram-se em certeza n'um divertimento, dado na Moita, na quinta de Sancto Antonio.

Ahi, o engenho do Quita revelou-se em todo o seu vigor, e desde então caíram os véus do anonymo, com que, por excesso de modestia, tanto tempo se escondêra dos louvores.

D'aquelle dia em deante, os cultores da poesia saudaram mais um irmão em Apollo, e os que não o conheciam senão de nome, desejaram conhecel-o pessoalmente. Da obscura loja, aonde largos annos a pobreza tinha encarcerado este grando talento, digno de applauso, passou elle nos braços de sinceros admiradores para as fadigas da vida das lettras, servindo-lhe de corôa os proprios esforços para se occultar.

A adversidade, entretanto, ainda não se mostrava branda com elle. Ciosa dos elogios, que animavam o novo poeta, parece que se comprazia em lh'os fazer amargos, negando-lhe a paz e a serenidade, que se alcançam na mediocridade dos bens; mas que os espinhos da necessidade não permittem.

No meio das ovações, que o exaltavam, Domingos dos Reis passou as estreitezas da indigencia extrema; e, para não desistir do caminho encetado, foi-lhe preciso chamar em seu auxilio todas as forças d'alma, e escorar-se n'ellas para não ceder á crueldade da fortuna.

Não a venceu, porém; mas oppoz-lhe até ao ultimo suspiro aquella inteireza, prezada pelo Garção, como a primeira qualidade do homem probo, como timbre e gloria da virtude, conscia do seu poder.

Um dos homens, que desde o principio applaudiram o estro de Quita, foi José Antonio de Brito, cujos sentimentos nunca se desmentiram. Desejoso de concorrer para melhorar as circumstancias do poeta, informou das suas prendas o conde de S. Lourenço, habilitado apreciador dos merecimentos litterarios, e conseguiu que o douto fidalgo quizesse ouvir os versos, cuja suavidade attrahia os cultores das musas.

Logo da primeira conversação, ficou o conde tão satisfeito da penetração e viveza do Quita, que, depois de confirmar como justa a fama publica, tractou por todos os modos de

lhe significar a sua estima, a qual depressa se mudou em amizade e affectuosa protecção.

As calamidades da epocha, e o quinhão que o conde teve n'ellas, foram as que impediram o poeta de colher o fructo, que devia esperar de tão agradaveis relações.

Entre os cabeças da nobreza que o marquez de Pombal designára como perigosos, o conde de S. Lourenço pela sua capacidade não podia ser esquecido; e o implacavel ministro, apenas se lhe proporcionou o ensejo, não se demorou em fechar sobre elle com o maior rigor as portas da prisão da Junqueira, o que n'aquelle tempo equivalia a chumbar sobre um vivo a campa de uma sepultura!

Separados assim, o poeta perdeu da vista, mas não da memoria do coração, o seu primeiro protector; e tornou a sentir o mesmo desamparo, em que só por momentos deixou de gemer durante a sua vida.

Mas os desgostos domesticos, por mais pungentes, não alteravam n'elle o amor do estudo e a inclinação poetica. Longe de affrouxar, redobrou o esforço. Para não desmerecer da reputação, que lhe tinham grangeado os seus ensaios, desvelou-se em supprir a falta de educação litteraria á custa de penosos e constantes trabalhos. Sem mestres, e soccorrido só pela firmeza da vontade, applicou-se ás linguas vivas, e dentro em pouco as obras primas das litteraturas francezas, castelhana e italiana, ficaram sendo para elle tão familiares, como os livros portuguezes. Não podendo ler os

auctores gregos e latinos no original formou idéa proxima das suas bellezas, recorrendo ás mais acabadas versões. D'esta maneira poliu o gosto, esmerou a critica, e fortaleceu por meio de thesouros escolhidos os dotes naturaes do seu feliz engenho. Meditando as regras, e confrontando-as com os modelos, conseguiu crear estylo proprio, e percorrer o estadio de Theocrito e Virgilio, a distancia dos mestres, mas sempre egual aos mais louvados entre os modernos. N'esta lucta com um genero, que na simplicidade mesma encerra a maior difficuldade, o Quita excedeu a todos os nossos bucolicos antigos, exceptuando talvez Rodrigues Lobo, em alguns trechos, e Bernardim Ribeiro em varios toques de sentimento, que só a paixão inspira.

*

Na epocha, em que se fundou a Arcadia, (1756) contando Quita trinta e dois annos de edade, mereceu pela sua reputação ser acclamado entre os alumnos, que se propunham a regeneração do gosto.

Todos sabem que, no seu começo, a douta sociedade timbrou tanto em se mostrar severa na escolha dos talentos que incorporava, como em manter a rigidez das regras que estabelecia.

Domingos dos Reis, assistindo ás conferencias publicas e particulares, em que os mais

eruditos dos seus consocios discutiam as bases da restauração, veiu a conhecer em breve o que lhe faltava para tornar ainda mais fecunda a sua vocação.

Incansavel e inabalavel nos seus propositos, quasi que renovou segunda vez as primeiras fadigas da educação litteraria, que tinha traçado a si mesmo com improbo trabalho.

Entrando na mais elevada esphera das theorias, penetrou dentro em pouco o sentido das poeticas mais nebulosas, e deduziu dos auctores insignes exemplos e modelos para as confirmar, ou rebater.

Com o soccorro de traducções elegantes meditou Aristoteles, e sobrou-lhe ainda o valor para se embrenhar no labyrintho das opiniões e conjecturas dos commentadores do famoso crítico de Stagira.

A par d'estes estudos, capazes de desanimarem a mais tenaz vontade, sobre tudo em edade feita para colher, e não para semear os fructos da inteligencia, revolvia com assidua mão as obras dos melhores poetas gregos e latinos, allemães e inglezes.

Não foi perdido o tempo consagrado a tão vasta elaboração; porque o resultado correspondeu ás esperanças; mas é innegavel, tambem, que outro engenho menos feliz, ou mais impaciente, consumiria as forças n'esta lucta e saíria d'ella mutilado, timido e quasi esteril.

Não se alteram impunemente as leis da fe-

cundação intellectual. A excessiva erudição torna-se tão perigosa, como a ignorancia, quando se procura repentina e confusamente, sem conceder ao entendimento o espaço preciso para amadurecer nas sazões proprias, e classificar os valiosos subsidios, de que se apossa.

De mais o culto rigoroso dos codigos de Aristoteles, de Horacio, de Boileau e de outros, já pela indole das doutrinas, já pela interpretação fanatica de algumas escholas, a nada menos tendia, do que a assustar a imaginação, e a paralyzar a invenção. Desprezando quando se afastava do restricto circulo da imitação classica, e impondo o preceito de não admittir senão as côres e as machinas das decorações pagãs, dava-se á poesia aquelle ar constrangido e falso, que a fazia estrangeira na sua patria, separando-a dos sentimentos e affectos populares.

Quita, e com elle todos os arcades peccaram n'isto, como adeante observaremos; mas o que perderam em rasgos espontaneos, e em nacionalidade de inspiração quasi que o resgatavam com a pureza e correcção das formas, e com as graças castigadas do estylo, accommodado sempre aos generos.

Este serviço absolve-os da culpa de demasiada austeridade, com que sopearam o proprio genio, elevando a arte para as fidalguias e requintes cortezãos, motivo da ruina na douta sociedade; e causa do desapego e indifferença, com que o povo a puniu de o ter posto de

parte, e ás suas tradições mais queridas.

Domingos dos Reis, segundo nos informam as escassas noticias, que restam da sua vida, nasceu critico tão perspicaz, como vate amavel e suave. O seu tacto para apreciar os escriptores, que mais conversava, e apontar nos seus livros os logares cunhados com a belleza da idéa, ou com a formosura de forma, era admiravel.

Os toques, quasi imperceptiveis, que são as tintas finas, e os cambiantes delicadissimos dos grande poetas, nunca lhe escaparam na comparação dos mestres.

Possuia o penetrante volver d'olhos, e a ditosa sensibilidade do gosto, que em um só relancear, e quasi em subita revelação, patenteiam ao verdadeiro crítico o segredo das graças e dos lapsos de uma producção dada; segredo que nem o melhor auctor muitas vezes consegue arrancar ao ciume esquivo das musas, embora seja seu valido.

Esta qualidade, que nos asseguram d'elle, podia presuppor-se já pelo exame aos seus escriptos.

Não se alcança o desenho firme, a côr egual e limpida, e a phrase singela e graciosa, que ornam a maior parte das composições do Quita, senão por meio de longa e reflectida concentração crítica.

A phantasia livre e inexperiente voa mais alto, e arroja-se destemida a maiores encontros; mas paga as sublimidades e innovações do primeiro impeto com as nodoas de frequen-

tes quedas, e com as escabrosidades e desalinho proprios da facilidade cega. Se os antigos não limassem tantos annos verso a verso, e phrase por phrase as suas paginas immortaes, e se a frescura do ar natal lhes não conservasse ha tantos seculos a belleza magestosa, essas obras primas teriam caído do seu pedestal, em vez de receberem novos louros de cada geração que passa, de cada seita ou eschola, que as contempla.

Longe, de certo, da perfeição virgiliana, e do buril maravilhoso de Horacio, os ensaios dos arcades sustentam-se entre nós pelos mesmos merecimentos. No Garção, no Quita, e no Diniz, o que mais se louva é a sobriedade casta, e o gosto attico com que moderam até o esplendor das riquezas, para que a parte não deslumbre o todo, e a verdadeira unidade da obra, não seja confundida, nem cortada.

Sobre tudo, nos dois primeiros, bem examinados, poucas vezes se descobrirá um verso de mais, uma imagem imperfeita, um traço errado ou um descuido, que faça mentir o genero, ou lhe desforme as proporções.

A razão é simples. Qualquer d'elles, sem ser creador, nem inventor, na mais ampla significação do termo, era senhor da forma, dispunha dos segredos mais reconditos da arte e do gosto, e estava no caso de conter o pensamento, sujeitando-o aos moldes, em que desejava configural-o.

Se não subiam ás maiores alturas nunca baixavam tambem de golpe, chegando sem-

pre aonde queriam sem cansaço. Eis o que raramente succede ás imaginações brilhantes e férvidas, que não sabem reprimir-se. Arrebatam-se, alteiam-se; mas ao lado de um vôo sublime, ou de um rasgo magnifico, encontram-se as manchas da precipitação, e os precipicios de uma phantasia delirante.

Para Quita a crítica nunca foi a satyra. As suas composições nunca se contaminaram de termos licenciosos, nem admittiram phrases acerbas e desabridas. Quantos o conheceram são unanimes em atestarem a sua aversão aos escriptos mordazes.

Na sua bôcca andava frequentemente a censura de taes auctores. «A satyra (dizia elle) é a linguagem da inveja, porque retrata a malevolencia, e não a crítica. O escriptor, que se estriba n'ella, como não poupa os vivos, nem perdôa aos mortos, é aborrecido de todos, e compra demasiado caro o temor que infunde nos pusillanimes. Se os seus costumes forem menos puros, verberando os alheios, provoca duplicados odios, tornando mais sensivel o quadro da propria devassidão. Similhante ao espadachim julga facil accommetter e injuriar os homens circumspectos, mas ás vezes morre com as mesmas armas, que lhes apontou ao peito.»

Este horror ao abuso de uma qualidade intellectual, que, dentro dos limites naturaes, longe de afeiar, torna leve e engraçado o estylo, era em Domingos dos Reis tão profundo e sincero, que, apezar de desafiado por in-

sulsos aristarchos, ou por emulos atrevidos, nunca desceu a medir-se com elles em desairosos pugilatos. Notando-lhe alguns amigos, como excessiva paciencia, o que só era desprezo pelos contendoros, redarguiu com um conceito judicioso, que assás mostra não lhe faltarem forças, mas só vontade, para anniquilar os detractores, até no terreno em que o buscavam, do qual se retirava, julgando-o indigno da sua penna.

«O satyrico (exclamou) que lacera a virtude e o talento está em risco de ser tractado como os rapazes inconsiderados e malignos, que, acossando os cães, acabam fugindo, depois de mordidos cruelmente. Quem vive de deprimir os outros assimilha-se ao macaco porque todo o seu empenho consiste em fazer rir á custa alheia; não duvidando mesmo concorrer da sua parte com um bom quinhão de hilaridade para reanimar as bobices, que por fim chegam a aborrecer!»

Firmen'estes principios, ninguem o viu nunca descomedir-se: e antes, era sempre incansavel em aconselhar a vantagem de se desprezarem as altercações indecentes, nas quaes os combatentes, tornados em espectaculo dos ociosos, perdem no meio das rizadas a estimação, e desauctorizam o caracter.

Debalde, certos zoilos, roídos de inveja, soltando-se contra a sua musa, procuraram desassocegar a ditosa paz do seu espirito; o silencio respondeu sempre ás satyras petulantes.

Embora lhe lançassem em rosto, como desaire, a humildade do nascimento, e a baixeza, d'onde subíra com tanto brio, embora aguçassem ironias e disparassem chistes offensivos para lhe menoscabarem o engenho, e offuscarem o merito, Quita não se desviava um momento para calar as cigarras importunas; deixava-as entregues a si, e vingava-se produzindo novas obras, que apresentava depois de corridas pela mais escrupulosa lima.

Só uma vez, resentido com a venenosa allusão de um satyrico, rompeu a mudez no meio dos seus intimos.

Conscio do que valia, e do que soubera fazer-se á custa de sacrificios, e de nobres rasgos de vontade, ergueu um dia a cabeça, e olhou direito para a meia nobreza insolente, que imaginava diminuir-lhe o conceito, apontando com escarneo para a pobreza e obscuridade, de que o poeta se levantára.

«Sim, observou amargamente, eu sou esse que dizem; mas se perguntasse aos meus accusadores, como sustentam o lustre dos nomes herdados, em quantos d'elles não responderia a vileza das acções e a insignificancia da pessoa? A minha geração é plebeia; o que posso merecer devo-o a mim; porém não acabam muitos por onde eu começo? Nascer fidalgo e rico é acaso; tornar-se notavel pelo merito, só a nobreza de alma o faz. A fidalguia herdada logo degenera se o filho decáe da elevação moral, que illustrou avós e paes!»

Foi talvez a unica vez, em que um doesto

abalou a serenidade do seu animo. Os queixumes, que uma affronta bruta lhe arrancou, não se repetiram.

Reflectindo mais de vagar, Domingos dos Reis, é provavel que entendesse, que a censura dos pelões enfronhados lançada contra o seu berço, encerrava o maior titulo de respeito e de gloria para o coração e para o engenho do poeta. Elle mechanico, e ainda hontem perdido em uma loja, fundava tambem a sua nobreza, e ornava-a de brazões eternos.

Seguro da superioridade intellectual, podia alçar a fronte a par das mais altas; e quando os herdeiros das ganealogias historicas morreram na sepultura, o nome do pobre cabelleireiro, atravessando incolume as edades e o esquecimento, chega á nossa epocha estimado pelos cultores da arte, e por todos os que prezam a fama dos talentos patrios.

Quita, na vida íntima, foi ameno de tracto, cordeal nas affeições, sincero nas palavras, e modesto sem affectação.

Muito parecido, até n'isto, com o celebre Gesner, o seu engenho era realçado pelas qualidades moraes, que o esmaltavam. Um caracter affavel, uma alma generosa, e costumes simplices, enriqueciam as outras prendas, com que a natureza e o estudo o tinham brindado.

Os louvores não o dosvaneciam. A delicadeza do gosto, a agudeza do juizo, e a elevação do engenho, encontravam-se n'elle em proporções felizes. O seu voto sempre exposto singelamente, acatava a verdade, e nunca a

occultou. O que sentia, dizia-o sem disfarce, nem azedume. As dissimulações e artificios irritavam-n'o.

Urbano e leal na convivencia publica e domestica poucos pagaram com egual fidelidade as dividas da gratidão. Entre elle e os seus amigos (poucos e escolhidos) nem a separação, nem a ausencia, nem a adversidade ou os perigos, romperam os laços depois de uma vez atados, ou o fizeram mudar de rosto.

E' d'elle o conceituoso dito, com que se recusou a ler um dos tractados sobre a *Amizade*, e exclamou: «Estes livros são inuteis, porque não emendam os homens falsos, e para os bons e sinceros nunca foram necessarios!»

A suavidade da indole, excluindo a menor sombra de aspereza, tornava summamente aprazivel a sua intimidade. A memoria do beneficio recebido nunca se apagava do seu coração; e com verdadeiro jubilo lembrava e agradecia sempre affectuosamente.

Devoto, sem hypocrisia, religioso sem superstição, e instruido sem soberba, a todos inspirava o desejo de o tractarem de perto, crescendo a estimação, que o honrava universalmente.

A sua conversação, jovial e distrahida com naturalidade, era abundante e agradavel. Graças ás copiosas leituras, e a uma feliz reminiscencia, sem esforço, e segundo pediam os assumptos, podia matizar o discurso de anecdotas historicas, e de trechos interessantes dos melhores poetas e prosadores. A modera-

ção e o acerto com que sabia conter-se, accommodando as citações ás pessoas e ás cousas, e escapando á nota de pedantismo, ou de fastio, eram o resultado de uma razão perspicaz, e de um grande e fino tacto

Falando e compondo, nunca perdia o objecto de vista, nem errava os traços, ou as tintas. Senhor de si, da idéa, não se excedia, nem se entregava a fugazes impetos. Seria menor o effeito, mas o triumpho com certeza era mais solido e legítimo.

*

As injustiças da fortuna, sempre deshumana com elle, nunca lhe perturbaram o espirito.

Assim como dissimulava os aggravos proprios, e encobria os defeitos alheios com bondade, do mesmo modo tolerava sem queixume as ingratidões da sorte.

Incapaz de ciume, ou de paixão rasteira, embora visse passar orgulhosos e premiados os que lhe eram inferiores, nunca os labios se lhe abriram para o estranhar. A inveja não achava guarida no seu coração.

Quando algum se offendia, com motivo, de que as recompensas só pertencessem a homens obscuros, e ás vezes pouco dignos, em quanto o cego poder que as repartia, deixava sem estimulo, e quasi sem abrigo talentos merecedores de todas as distincções, sorrindo-se

com summa tranquillidade replicava: «Satisfaço-me com pouco; e sou feliz, porque não tenho ambição, nem espero nada. Em todas as occasiões, em que me luziu alguma illusão de melhorar, não tardou que me saísse logo vã.»

E era assim.

Promovido ao arcebispado de Braga o sr. D. Gaspar, intentou o vate refugiar-se á sombra do seu amparo, a ver se enganava a sua constante adversidade.

O principe correspondia ao sangue real, que lhe girava nas veias, e ainda hoje duram entre os velhos as memorias do seu fausto e munificencia.

Amigo e protector das letras, fazendo certa ostentação de estimar e remunerar os bons engenhos, a sua casa nunca se fechou aos pouco ditosos, que o imploravam.

Tudo mostrava, pois, risonha face aos desejos do poeta. Informado das suas qualidades e das suas prendas, D. Gaspar inclinava-se a recebel-o; e já os mais íntimos do Quita lhe davam os parabens, e elle os acceitava menos receioso, quando a desgraça accudiu repentinamente e desmentiu de uma vez as mais fundadas esperanças.

Um falso devoto, d'esses que disfarçam a perversidade com as exterioridades de mentirosa austeridade, para não perderem o lanço de molestar, abusando da indole facil do prelado, e dos seus escrupulos, capacitou-o de que se admittisse a Domingos dos Reis entre

os seus familiares, arriscaria sua alteza o seu socego a dissabores, causados pela conhecida viveza do poeta.

Os ouvidos do credulo principe deram entrada ás malevolas suggestões, e depois de meio concedido, foi retirado o favor sob pretextos especiosos!

E' de crer que a alma do infeliz, a quem se frustrava uma doce illusão, padecesse cruelmente; mas se foi intensa, e profunda a sua magua, consumiu-a comsigo, e sempre que lhe caía a proposito a occasião de falar do arcebispo, não se lhe ouviam senão palavras de sincero respeito e obsequio, venerando as virtudes, e esquecendo o aggravo.

Consagrando-lhe em 1770 aquelle delicado idyllio, que principia:

> Celebremos cantando rude avena
> O grão pastor do Cavado frondoso.

deu a ultima prova da sua generosidade.

Diz-se, que o arcebispo, lendo os louvores de Quita, manifestára signaes de arrependimento. Entretanto este sentimento, se existiu, foi tão esteril como a protecção, com que lhe tinham acenado em seu nome. D. Gaspar olvidou depressa a pobreza e o merito do cantor no meio das pompas das suas festas religiosas, e da alegria dos seus banquetes e caçadas.

Outro poderoso, omnipotente no governo, porque era o verdadeiro rei, o conde de Oei-

ras, depois marquez de Pombal, nunca passou de sorrisos em favor do Quita. Avaliava-lhe o talento, prezava-o, e promettia despachal-o; mas os dias e os annos correram em vão, e os projectos do Mecenas ficaram em palavras. Debalde repetia Domingos dos Reis os seus mimos poeticos, exaltando irmãos e filhos do ministro valido; este nunca achou emprego, nem occasião para o attender. O Diniz foi mais ditoso. A ira do bispo d'Elvas, e a scena comica, a que ella deu logar, renderam-lhe mais com o *Hyssope*, do que os seus arrebatados vôos lyricos. Por mais, que solemnizasse em idyllios, odes, e sonetos os feitos illustres do marquez, e por mais desvalido e necessitado, que se pintasse a si mesmo, clamava a surdos, e o dia de o libertaram da indigencia nunca raiou.

Sebastião José de Carvalho nunca teve uma hora disponivel para contentar a modesta supplica de um engenho honrado e desambicioso. Entretinha-se tanto com os fidalgos, com os jesuitas, e com as famosas companhias do Brazil...

O que os principes e os estadistas não fizeram, devendo-o aos brios da nação, e ao respeito da propria fama, practicou-o a caridade de uma senhora, mais digna do que elles de entender e consolar as tribulações de uma afflicta e elevada alma.

O terremoto de 1755, assolando a capital, deixou o Quita sem casa, sem vestidos, e sem nenhum abrigo. O seu unico amparo, o seu

conforto era a viva fé, que punha em Deus; e a esperança, com que o chamava. Foi ouvido. Faltando-lhe tudo, não precisou de cousa alguma. O excesso dos seus males, e o espectaculo da sua pobreza commoveram o animo generoso de D. Thereza Aboim, e proporcionaram-lhe n'ella o protector, que buscára inutilmente por salas e paços tantos annos.

Desde então, nunca mais experimentou precisões, nem se viu obrigado a chorar, a occultas, as acerbas estreitezas da miseria. O menor appetite, que lhe adivinhassem, era promptamente satisfeito.

Mas o desgraçado, mesmo no vigor dos annos, media já o caminho do sepulchro. A compleição delicada, e a saude melindrosa, que as privações nobremente supportadas tinham deteriorado muito, tornaram-n'o propenso a uma molestia, para que não ha salvação possivel.

Deu-lhe a morte o primeiro rebate em 1761; assaltando-o, acompanhada de todos os symptomas e padecimentos da phtisica pulmonar, parecia adeantar-se tão rapida, que receiaram ao principio, que n'este primeiro ataque acabassem as forças do enfermo, baldados os esforços da sciencia, e os cuidados da amizade.

Em trance tão triste apurou-se a bondade de D. Thereza, exaltando-se a ponto de dever inculcar-se, para modelo, ás mais virtuosas.

Compadecida, velou as noites á cabeceira do moribundo, administrando-lhe os remedios, alentando-lhe os espiritos, e quasi que

reanimando-o á custa de affabilidades e disvelos.

Seu marido, o doutor Balthasar Tara, não menos caritativo, e medico habil, luctava ao mesmo passo com a doença, repellindo-a nas suas traições, e disputando-lhe com a energia de todos os poderes da alma e do saber a vida do amigo, que no meio da consternação geral quasi se mostrava indifferente á existencia, e inteiramente desapegado das illusões e vaidades mundanas.

Finalmente, e quasi por milagre, a enfermidade recuou depois de um anno de combate; mas aos olhos experimentados do facultativo, por se afastar um pouco, não cessára o perigo. Havia uma tregua, e não uma cura, completa. Cedo ou tarde, tinha de voltar a morte em busca da victima, que lhe ficára designada. O que a sciencia e a affeição reunidas podiam conseguir era retardar esse momento E obtiveram-n'o!

Os ataques repetiram-se, e em 1767 tornou a temer-se, que o golpe mortal não viesse longe.

A molestia latente consumia-lhe o vigor, abrindo facil accesso a novas e continuas affecções. A mesma paciencia inalteravel, o mesmo zêlo cordial, da parte de D. Thereza, e de seu esposo, ainda uma vez salvaram a vida ao poeta, que se desfazia em extremos para retribuir a estranhos tão intimos e solicitos, os cuidados que só no seio da familia se alcançam, quando a ternura inspira a vigilancia, fazendo suaves as maiores fadigas.

Quasi resuscitado, Domingos dos Reis deveu abaixo de Deus os dias, que depois contou á sabedoria do facultativo, e aos disvelos da enfermeira.

Este affecto desinteressado, filho de corações sinceros, vingou-o da injustiça do mundo; e nas occasiões da maior afflicção, deu-lhe, o que só elle possue, a serenidade, e as consolações do mais provado carinho. No idyllio, intitulado a *Amizade,* o Quita avivou os sentimentos, que a memoria de tamanhas obrigações sempre grava nos peitos bem formados, consagrando, affectuoso e agradecido, os nomes dos protectores, que a grande experiencia da adversidade lhe mostrára mais amoraveis, se é possivel, do que o sangue da sua alma, encontrando n'elles mais do que irmãos, amigos!

No interior domestico, as suas virtudes correspondiam ás qualidades do espirito. Terno e dedicado, os respeitos e sacrificios para collocar sua mãe fóra do alcance das precisões, que tantas vezes o cortaram a elle, provam bem até aonde chegavam a sua confiança na Providencia, e a vehemencia do seu amor filial.

Cheia de annos, e carregada de achaques, a desamparada viuva arrastava as suas maguas debaixo do tecto hospitaleiro de seu genro Antonio José Cota, ao qual sobravam os desejos, mas escaceavam os meios para a rodear dos cuidados, que exige imperiosamente uma velhice melindrosa.

Domingos dos Reis, por alliviar o cunhado, e ao mesmo tempo para assistir a sua mãe enferma com os carinhos, que mais dilatam a vida n'aquellas edades, do que os curativos esmerados, resolveu tomar casa propria separando-se dos beneficos protectores, que sentiram, e recusavam admittir a ausencia. Vendo-o decidido, e conhecendo que lhe faltavam as posses para a empreza, um amigo do poeta representou-lhe o perigo, e aconselhou-o a desistir. Quita sorriu-se, e respondeu: «A providencia é a minha esperança, e n'ella me fundo. Não assiste a todas as creaturas de Deus, andando com os animaes, voando com os passaros, nadando com os peixes, correndo com os rios, luzindo com as estrellas, e vegetando com as plantas? O mesmo poder, que os favorece, me ha de valer a mim.» E de feito assim succedeu. Nada lhes faltou a ambos até elle fechar os olhos! O prazo é que foi curto.

A 13 de julho de 1770 foi morar para as casas novas, e quarenta dias depois, em 22 de agosto, amanheceu com a doença, que o havia de levar, e da qual logo desconfiou o doutor Tara. Accudindo, sem demora, e vendo que o amigo peiorava, trouxe-o para casa no dia seguinte, meio desenganado já da inutilidade dos remedios.

Como o perigo crescia a cada instante, e os signaes de morte se apresentavam cada vez mais pronunciados, decidiu-se o medico a declarar-lhe o verdadeiro estado, procurando minorar-lhe o terror com a segurança das

palavras. Longe de sossobrar, o espirito do poeta elevou-se!

Ouviu a noticia com socegado semblante, testemunho da serenidade da alma, e agradecendo-a, pediu immediatamente os soccorros espirituaes, conforto certo da jornada, dando a si proprio os parabens de estar por pouco a pena do seu desterro e captiveiro.

Foram-lhe administrados os sacramentos, edificando-se os circumstantes com a devoção e conformidade do moribundo, cujas faculdades, superiores ás ancias da molestia, velaram n'aquelle consumido corpo, até a alma voar com o ultimo suspiro.

O lucto da perda proxima cobria o rosto dos amigos, e as lagrimas rebentavam-lhes insoffridas pelos olhos. Só elle, contricto e firme, consolava a todos com phrases carinhosas, exultando com o alvoroço de se desligar do mundo e descansar por fim dos seus trabalhos.

A voz e a vista sumiram-se-lhe com os derradeiros alentos, e no mesmo dia 26 de agosto, em que recebêra os sacramentos, rendeu o espirito ao Creador, pelas quatro horas da tarde, sem dôr, nem agonia sensivel, na edade de quarenta e dois annos e sete mezes.

Pousando-lhe, a morte não o desfigurou. Caíu, um como doce véu de somno sobre as suas feições, conservando-lhes o aprazivel aspecto, de que as animava a formosa alma, que acabava de subir aos pés do throno de Deus.

A tristeza dos amigos, que tinham lidado

tanto para lhe alongar os dias, os prantos da desditosa mãe, cujos cabellos brancos vinha ensanguentar esta segunda corôa de espinhos, e os sinceros pezares dos amadores das letras, formaram o cortejo de maguas e saudade, que mereciam as suas virtudes.

Sepultado sem pompa, mas com decencia, a boa memoria do seu talento e qualidades é o epitaphio que lhe resta. Desattendido dos poderosos, mimoso dos engenhos distinctos da epocha, e geralmente prezado pelo seu caracter, Domingos dos Reis Quita rompeu e encerrou a sua carreira sem perder da vista uma só vez nem os deveres do coração, ou as obrigações, impostas pela arte aos que a estimam.

Levantando-se da mais humilde condição a poder de fadigas e sacrificios, e maltractado constantemente pela má fortuna, teve sempre a primeira na lembrança para ser modesto, e a segunda debaixo dos pés com invencivel inteireza do animo.

No seu peito, o thesouro de nobreza moral era tamanho, que lhe sobrava para enriquecer os invejosos e soberbos, que imaginavam abatel-o, recordando a obscuridade, d'onde se levantára.

O que é feito d'elles, das suas jerarchias, e das suas opulencias? Apagaram-se como illusões que eram no pó do sepulchro. Mas do poeta ainda sobrevive e permanece tudo o que a immortalidade respeita, e a admiração consagra.

Esse pobre cabelleireiro, alvo dos motejos e desprezos dos peões fidalgos, que não possuiam mais illustração, que a das certidões dos seus baptismos, vingou-se d'elles, negando-lhes mesmo a triste honra de se eternizarem nos versos vehementes de uma satyra. Entregou-os a si proprios; e em quanto o seu nome atravessa as edades, o d'elles mergulha no esquecimento!

Passemos agora ao exame crítico das obras.

*

A Arcadia, já o dissemos, aperfeiçoou, mas não inventou. Não cabia nas suas forças ir além da epocha. Seria injusto, pois, julgal-a em virtude de principios, que não conheceu, ou exigir o que não dependia da sua vontade.

Fundada com o intuito de regenerar o corrompido culto das antigas musas, respeitava em Ferreira, Sá de Miranda, e Camões os mestres do grande seculo de Portugal, e não admittia que o bello e o sublime pudesse encontrar-se fóra d'elles, ou dos modelos romanos, cuja imitação cuidadosamente introduziram.

A obra tentada pela douta sociedade limitou-se, por tanto, a uma simples restauração, e quem ignora, que as restaurações de ordinario, olhando muito para o passado, são por indole pouco afeiçoadas a innovações perigosas, ou a rasgos aventurosos?

Depois do codigo de Boileau, traduzido

pelo conde da Ericeira, depois de Racine e de Voltaire, cuja dictadura foi proclamada como unica lei salutar, os melhores engenhos portuguezes só aspiraram a compôr idyllios pelas regras de Fontenelle, tragedias como a *Phedra* e a *Zaira*, eclogas pelos moldes de Virgilio, odes e epistolas conformes aos exemplares de Horacio. D'ahi por deante eram as columnas de Hercules, e os oceanos tenebrosos; nenhum d'aquelles pilotos se atreveria a devassal-os!

E que atrevesse! O proprio Byron, altivo e audaz, cincoenta annos antes, se ousasse escalar o Parnaso, espavorindo as meigas ovelhas do Menalo com as tôrvas apparições de Child Harold, ou de Lara, pagaria logo a pena de tamanho desacato. Solemnemente exorcismado pelas academias, e talvez que entregue mesmo ao braço paternal de alguma inquisição, havia de recolher os espectros da sua imaginação, ou sujeitar-se ao castigo, devido a um Luthero da religião litteraria. Por muito menos padeceu o *Cid* de Corneille; e se o velho auctor de *Cina* teve de ajoelhar-se perante as ordenações de Aristoteles, nascendo gigante, é duvidoso que outros ficassem de pé, não sendo elle!

Já se vê que, entrando no exame das obras do Quita, havemos de regular-nos pelas leis poeticas, em vigor então, como na historia politica seriamos obrigados a comparar as instituições e os homens em presença dos acontecimentos.

Querer que o seculo xv seja o seculo xviii, ou que as idéas actuaes condemnem os que desappareceram antes d'ellas se desenvolverem, seria exigir o impossivel, e sanccionar o absurdo.

A crítica, que deseja ser sincera, deve a cada epocha o que lhe pertence, e não a julga separada dos merecimentos, que a illustraram, e dos serviços que prestou.

De José Agostinho podia requerer-se o que o Garção e o Quita nem ousariam prever. A razão é facil. O primeiro encontrou-se, com a reforma victoriosa; os segundos nunca descobriram mais horisonte, do que as perspectivas uniformes da imitação classica em toda a parte.

Por isso o nosso officio se reduz ao exame imparcial da superioridade, ou da inferioridade da manifestação poetica, contempladas as idéas que a inspiraram, e os preceitos sustentados com fervor por cada eschola. Se nos apartassemos d'este caminho, e condemnassemos sem razão, estas rudes observações seriam tudo, menos a apreciação exacta que tentamos fazer, embora a falta de forças engane o bom proposito.

Os seculos entram na carreira do mundo com a sua divisa propria, e exprimem as necessidades moraes da sua organização. E quasi sempre acontece, que, prevalecendo na formula politica o principio de auctoridade, esta a pouco e pouco invade e domina as lettras.

Em Roma os Virgilios e Horacios represen-

tam a ultima geração da republica, modificada pelas influencias de Augusto e de Mecenas. E' a epocha da preponderancia geral da imitação grega, que as seitas philosophicas tinham preparado.

Em França, o grande cyclo, que Boileau subjuga em nome de Aristoteles e da epistola aos Pizões, saiu das derradeiras luctas da monarchia pura de Richelieu contra os privilegios da nobreza, arvorando a poesia a mesma bandeira de obediencia, que no paço, e perante Luiz XIV inclinava a cabeça audaciosa dos Condés e Montmorencys.

Entre nós, com o poder absoluto do marquez de Pombal, e a sua vontade decidida de restaurar o esplendor da corôa, derivando os progressos, não da acção collectiva do paiz, mas da iniciativa despotica do governo, as artes, a historia e o estudo não podiam significar senão o captiveiro das fórmas á orthodoxia classica.

Encarregou-se a Arcadia de realçar com lustre esta feição, e desempenhou-se com exito da empreza. Nos seus cantos resuscitam purificadas as mesmas tradições, que o ministro levantou dos envilecimentos fradescos e plebeus, ao passo que por mão do algoz as vingava dos desacatos da aristocracia.

O sceptro de Affonso VI, partido aos pés dos fidalgos e do povo, foi a acha d'armas com que o valido de D. José I feriu na cabeça as arrogancias poderosas, que sonhavam hombrear com o throno, tornando-o feudatario

das suas ambições, e cumplice nos seus desregramentos.

*

O talento do Quita accommodava-se mais á doçura da ecloga, e á scena viçosa do idylio, do que ás expansões vehementes da ode.

Entretanto as suas tentativas n'este genero, em que o precipicio está visinho do triumpho, não foram obscuras.

A musa moderna perdeu o segredo dos raptos admiraveis, que ennobreciam a lyrica dos Hebreus, e os canticos de Pindaro. Acanhou-se mais a scena; o sol que illuminava o estro de Moysés e das filhas de Israel apagou-se a meio nas lagrimas dolorosas da humanidade; e só por intervallos o enthusiasmo dos periodos de provação, exaltando o espirito dos padres da Egreja, ergueu ao céu os ultimos hymnos verdadeiramente inspirados.

Na pausa do estudo, e na serena composição do gabinete, é difficil fingir delirios da alma, que sobe de esphera em esphera, sempre suspensa e inebriada perante a magnificencia da acção, que immortaliza.

O cantico do mar vermelho, o hymno de Debora, e os rasgos de Tirteu, nasceram do deslumbramento de successos portentosos. Nenhuma regra os sujeitou; nenhum exemplo os prendia; a voz rompeu do coração; a poesia trasbordou do vaso, e, levantando-se como perfume precioso, exprimiu em figuras gran-

diosas as vivas sensações, que a admiração e as paixões entalhavam no peito aos vates.

Por isso a expressão alteia; por isso aos pensamentos arrojados seguem logo outros ainda mais fogosos; por isso a phrase harmoniosa veste de côres esplendidas a imagem, e esta, arremessando-se altiva, parece desprezar a terra com gracioso desalinho.

Assim alça a voz divina a estrophe hebraica, assim desfere o seu vôo o carme grego; e só a grande distancia os tem podido acompanhar o engenho dos poetas, que em linguas menos perfeitas, e mais ou menos prezas dos vinculos impostos, se abalaram a ensaiar os seus poderes, em lucta desegual com o genio da antiguidade.

Ao Quita nem os assumptos, nem a indole consentiam os atrevimentos, que grangearam a corôa dos mais insignes cantores. Nas oito odes que nos deixou podem louvar-se bellos trechos, mas de curto em curto espaço o seu fervor desanima do primeiro impeto, e o enthusiasmo desfallece-lhe. A imagem receiosa da propria ousadia desmaia na altura, a que se expoz. O poeta vacilla na sua tripode, e em vez de se entregar ao furor divino, que sempre o devia agitar, tenta comprimir a chamma, que accendeu. Para conter os transportes, sacrifica o calor e a viveza, descobrindo a arte, e suffocando a inspiração. Lembra-se do *Deus in nobis agitante calescimus illo*, mas treme de perder de vista os limites naturaes, a que está affeito, e para volver a elles mais

depressa abaixa a idéa, e escurece a locução.

Na ode á princeza do Brazil, (depois D. Maria I, encontram-se estrophes que honrariam o estro do Diniz; mas, quando se espera que o vate, crescendo em ardor á medida que a carreira se despede, arroje novos impetos, e ceda a maiores transportes, vemol-o suspender-se, e esfriar de repente, caíndo em logares communs cem vezes empregados.

Assim ouvil-o-hemos exclamar ao principio:

> Tu, sublime elemencia, que derogas
> O terrivel decreto
> No throno da vingança promulgado;
> Ardente caridade, que rebates
> Da implacavel desgraça as crueis settas
> Com rutilante escudo;
> Que alimentas a teus virgineos peitos
> A misera indigencia...

E logo, esquecido do vigor da allegoria christã, vel-o-hemos adeante recorrer ás imitações da mythologia proseguindo:

> Calem no fundo imperio de Neptuno
> Ao brado de meus hymnos
> Os nùs tristões as retorcidas trompas,
> E deponham a barbara fereza
> De meu canto attrahidos
> O Caucaso arrogante, o Tauro insano. (!)

Em outro canto dedicado ao conde de Lippe, brilham fórmas dignas da elevação do genero, e é justo confessal-o, o tom altiloquo desmente-se menos:

O campo marcial deixa coberto
De lacerados corpos moribundos,
Olha a formosa Lysia sacudindo
Teu jugo insupportavel.
Vê, como a solta mão tinge no sangue
De teus tyrannos, avidos ministros;
Como os leões soberbos precipita
Do alto de seus muros.
Mas a teus numerosos combatentes
De estranhas forças o soccorro ajunta:
Exhala em arrogantes improperios
O inextinguivel odio,
E sobre as nossas cinzas, inda quentes,
Sobre reparos destroçados
Vem lançar de teus bronzes retumbantes
O raio sanguinoso.

São figuras grandiosas estas; e a viva expressão dos furores da guerra, coroados de funestos relampagos, resôa com brio na tuba heroica. Em todas as estrophes circula o enthusiasmo, dourando-as d'aquelle sol que é o fogo vivificante da verdadeira lyrica.

Moldando a idéa com primor, a phrase atreve-se com ella aos espaços, aonde se eleva só a inspiração. De certo não póde competir com o estylo impetuoso que anima os extasis de Pindaro, nem se arrebata na mesma vehemencia desordenada, mas elegante; porém, approximando-se do modelo horaciano veste os pensamentos com nobreza e pompa, adequadas á magestade do assumpto.

João Baptista Rousseau, nas odes sobre a cegueira do seculo, e sobre a paz, parece ter

sido o exemplar que o Quita se propôz; e deve declarar-se, que celebrando argumentos bastantes vezes tractados, o poeta arcade aproveita com destreza as perspectivas, e executando com exito n'esta obra o preceito da concisão nervosa, não fica atraz dos emulos contemporaneos, nem deslustra com imitações triviaes os mestres, que tomou para guias com judiciosa crítica.

Composta em louvor do conde de Oeiras, a terceira ode está longe das qualidades, que recommendam as estrophes do conde de Lippe. Não sei o que tem a lisonja, mas é preciso rara vocação para que o elogio forçado não descore a poesia. Pelos seus dotes, e pelos seus actos o marquez de Pombal offerecia mais de um aspecto favoravel ás musas; e sem baixeza podiam ellas desferir brilhantes rasgos, e traçar acabados paineis.

Desgraçadamente o Quita não os descobriu e perdendo-se em adulações vulgares, accusa pobreza de invenção, e falta de alento. Vê-se bem, que a mente lucta sobre posse, e que frio e mudo o coração se nega a acompanhala. Quem sabe se a sombra de alguma victima do implacavel ministro, passando pelos olhos ao vate, veiu enpanar com tristeza queixosa os frouxos luzeiros, de que em vão procurava tirar uma viva chamma?

A's vezes, a imagem forceja por nascer, mas some-se logo que desponta. E' o que lhe succede, quando exclama:

Este gallião, que põe na onda atlantica
A firme prôa, a popa audaz na indica,
Não diremos, que experto
Reges tu só com portentoso acerto?

Mas, descaíndo logo, eil-o já por terra na seguinte estrophe:

Não confessâmos, que Neptuno pavido
Teme as que fundas officinas nauticas,
E Pallas desprezada
Domina aos seus dous thronos elevada?

O gosto, a forma e a idéa padecem juntos n'esta poesia balbuciante e confusa.

Comparadas as bellezas, que citamos, com este trecho, e outros não soccorridos do estro, patenteia-se um certo enleio, e a clara desconfiança de si e do assumpto.

Quanto mais alto e desassombrado se não levanta o Diniz, até nas odes em que menos se esmerou! O proprio Quita, applaudindo a gloria do humilde berço do Messias em Bethlem, com que vigor e uncção não solta o canto, e quanto não se desvia do assustado e incerto vôo da ode antecedente!

Vinde batendo as azas luminosas,
Espiritos celestes;
A minha alma accendei de um santo fogo,
Regei a minha lyra,
Sobre ella derramae alegres hymnos.
Fazei que minha humilde voz terrena
Com som, que mova as penhas,
O nome do Senhor exalte e louve:

Do Senhor, que piedoso
Muda os terriveis tempestuosos ventos
Em viração suave,
E os bramidos das ondas arrogantes
Em placido silencio:
Baixam os olhos tímidos os anjos,
Vem, como humilde servo,
Habita uma tosca e pobre lapa
Na morada terrestre.

Esta evocação, roubando á harpa de Sion alguns dos sons, engrandece com temperado esplendor o prodigoso successo, que deu a luz ao mundo.

Aqui, o poeta crê e sente, e o verso pinta os raptos da sua alma. Na ode ao conde de Oeiras, percebe-se a repugnancia íntima, que se occulta, que deseja desmentir-se, mas que não chega a fingir a fogosa admiração, que exalta o rasgo lyrico.

Que differença do magestoso portico, quasi sacerdotal, que orna a ode ao Natal, para a estudada interrogação com que rompe o elogio do ministro:

Dize, ó conde immortal, que força insolita
Move em giro perenne a esphera rapida
De teus mil pensamentos,
Que excedem os mortaes atrevimentos?
Larga o sceptro trisulco o undoso Jupiter,
E busca alto pego o leito placido:
O mesmo Nilo vago
Procura inerte somnolento lago.

A segunda estrophe, posto que um pouco adormecida, resgata, nos dois ultimos versos a tumida trivialidade dos primeiros; mas a pergunta ao conde, que forma o exordio, querendo arremedar a apostrophe ardente dos antigos, como fica a immensa distancia d'elles!

Aquella esphera de mil pensamentos, girando sem descanso com força insolita, será acaso uma d'essas figuras, que, bafejadas pelo sopro da inspiração creadora, atravessam victoriosas e applaudidas por meio dos tempos?

Dirigindo-se tambem ao conde de Oeiras, e commemorando o seu despacho, eis como o Diniz alçou o canto:

Se do inachio instrumento
As aureas cordas firo;
Se abrindo as brancas plumas, cruzo o vento:
E em remontado giro,
A esphera scintillante
Guio das odes o esquadrão brilhante;
Não busco a pompa de uma vã grandeza,
Não soberba riqueza:
Seus falsos resplendores
Do Parnaso idolatre a plebe rude;
Que os sublimes louvores,
Que a sacra Clio inspira
Na que eterna me faz thebana lyra
São tributos de solida virtude.

Este exordio, sim, podiam invejal-o Rousseau, e Lebrun; e o mesmo cantor das isthmicas e das olympicas não se empobrecia, adoptando-o. Como as imagens se precipitam com

gracioso impeto, e entretanto debaixo d'este desalinho apparente, que bem calculada gradação, e que profunda combinação!

Que pompa na phrase; que magestade na idéa; e que relevo pela habil collocação!

O Quita, para mostrar o espanto dos homens deante do seu heroe, em duas estrophes desfallecidas arrasta o enthusiasmo com veia indigente:

Se em honra de Licurgo, o grego oraculo
A proferir chegou da sacra tripode,
Que dubio não sabia,
Se numen, ou immortal o chamaria:
A respeito de ti, ministro heroico,
Se ouvirá á lusa gente a mesma duvida:
Sem vacillar alçará
A teu nome immortal eterna ara.

O Diniz, expondo o mesmo pensamento na ode ao conde de Oeiras, exclama:

Talvez suspensas no futuro as gentes
Neguem fé a meu hymno,
Porque o vulgo profano
Faz de Aganippe o sumptuoso erario
Aos vicios tributario.
Vós, porém, oh correntes
De Tamisa e Danubio crystallino,
Qu'eu d'um brilhante engano
Não esmalto a verdade
Testemunhas sereis em toda a edade (1).

(1) Poesias de Antonio Diniz da Cruz e Silva, tom. V, ode V.

Mais adeante se póde levar o paralello; mas de que serviria? Na lyrica não é que Domingos dos Reis sobresaíu. Antonio Diniz leva-lhe infinita vantagem.

Se nos demoramos no exame de varias odes d'um poeta, bucolico por excellencia, foi para ficar mais determinada esta feição da sua physionomia, ainda pouco observada, e para não se tractarem com desprezo absoluto os seus ensaios em um genero, que honra mesmo os que succumbem, tão arriscado é!

D'estas tentativas do Quita restam-nos, como obras dignas de acceitação, a ode II, ao conde de Lippe, a IV que solemniza o nascimento do Salvador, e a VI que celebra o perigo d'el-rei D. José na conspiração dos fidalgos, aonde, entre outros lances bem traçados, se encontram os seguintes versos:

Os pezados sepulcros abalando
As cinzas dos antigos portuguezes,
Impacientes vingança estão clamando:
Vós, Nunos, Albuquerques, vós, Menezes,
Erguei as testas frias e myrrhadas,
Inda tintas de sangue, em triste pranto
Do rosto banhareis as cans honradas.
Levantae os intrepidos semblantes,
Que mostrastes na mais guerreira empreza,
Cheios de pó, de furia arrogantes,
Vede a fidelidade portugueza
Gemer envolta em horridos desdouros:
Sim, vede a mão da infame rebeldia
Arrancar-lhe da fronte os sacros louros.

Em todo este trecho, e no seguinte, brilha a energia, a correcção, e tal vigor, que attestam grandes poderes, sobre tudo não sendo decidida a vocação lyrica.

E' bella, embora não seja original, a atrevida figura, que, perante a consternação do desacato á magestade humana, levanta do seu tumulo os velhos e gloriosos soldados d'Africa e da India, os Menezes, os Albuquerques, os Pachecos!...

Assim se realçam os vates de engenho solido até nas emprezas menos accommodadas, aos seus dotes!

*

Uma elegia, uma canção, e a epistola ao conde de Oeiras abonam a curiosidade com que o poeta se exercitou em outros generos.

Consagrada a deplorar a morte de José Antonio de Brito, a elegia em alguns trechos exprime a íntima saudade d'aquelle amigo, a quem o poeta deveu os primeiros estimulos, que alentaram o seu talento, quando principiou a revelar-se.

A tristeza da perda, e a memoria das obrigações contrahidas, inspiram-n'o. O seu coração fiel e sensivel não mente.

Pena é que Domingos dos Reis, compondo-se pelos modelos, extendesse o véu da allegoria pastoril sobre a pallidez da dôr, esquecido de que as lagrimas correndo livres, e os gemidos soluçando alto, não desfeiam, ornam a belleza da elegia funebre.

Coberta de luto, soltos os cabellos, e de joelhos sobre a campa, não representará melhor a magua, do que disfarçada em trajos que não são seus, e perdida por brenhas imaginarias? Deante da morte só Deus é grande, e a saudade. Todos os artificios se calam no tumulo. Alli só ha logar para a voz que chora, para o desengano e a resignação. O mais esquece e passa.

Phrases ôccas, figuras e combinações forçadas são defeitos, e não virtudes; porque accusam timidez de sentimento, e pouca energia na commoção.

Mas os arcades tinham como principio e sujeição, e o Quita não era dos mais animosos para romper com ella, e seguir unicamente os impulsos do talento. Por isso a sua elegia se resente da affectação, esfriando em rodeios os grandes lances, que a sua natural suavidade entregue a si, não deixaria de alcançar.

Aquelles pastores de comedia, aquellas ovelhas impertinentes, que vagueiam, balindo, pelas faldas dos outeiros; e por fim aquelles satyros, que vão pulando pelas selvas, interompendo sinceros lamentos, até na scena de fingidas lastimas haviam de repugnar; mas introduzidos no campo christão, aonde repousam cinzas queridas, tornam-se insupportaveis.

E' odioso vel-os, no meio do canto, que pranteia a separação que roubou ao poeta metade da sua alma! Nunca se desviou tanto a arte da natureza!

E assim mesmo, como o engenho do Quita se vinga apenas rasga qualquer aberta, por onde escape aos faunos e aos Melibeus do seu cansado Menalo! Acompanhando com a saudade o espirito do amigo além da terra, que meiga ternura anima os seus versos!

E vós, alma gentil, por quem saudosos
Os tristes olhos meus estão chorando,
Do feliz bem de ver-vos desejosos:
Vós, que a luz de outro sol estaes gosando,
E sobre outra verdura, outras boninas,
A' sombra de outros freixos descançando:
Vós que pizaes ditosa outras campinas,
Outros montes, e valles, e estaes vendo
De outras fontes as aguas crystallinas
....
Vivei lá sem nos ver, alma ditosa,
Em quanto o certo fim se não apressa
Da noosa vida triste e trabalhosa.

A imitação do estylo de Camões é muito visivel aqui.

O primeiro terceto respira uma suave tristeza, que seduz; mas os seguintes, com a forçada allegoria pastoril, perdem grande parte do agrado.

Continuar a ficção bucolica, mesmo depois que o espirito, solto das prizões do mundo, voou para a morada sublime, é levar longe de mais a obediencia á servidão classica.

Accresce até que as regras em vigor não impediam o vate de aproveitar o maravilhoso moderno como o Dante e o Petrarcha o

tinham ensinado, pondo de lado os arvoredos e relvas dos elysios, verdadeira aberração do gosto.

Preferindo as estafadas machinas mythologicas, o Quita feriu o senso moral, sacrificou a luz mysteriosa, que o dogma christão derrama sobre o terrivel problema da eternidade; perdeu as delicadezas do sentimento, proporcionadas pelo assumpto, caíndo em logares communs tantas vezes empregados.

A canção corresponde melhor á sua indole, e póde reputar-se uma das suas obras mais limadas. Apropriando os rasgos melodiosos do cantor de Ignez, talvez com alguns toques de maior doçura, o poeta com finas côres e traços esmerados descreve-nos as ancias e saudades do amor.

As inquietações da ausencia, a que outro vate chamou com primor, amarguras doces; a imagem do objecto amado presente sempre aos olhos da alma, e ainda mais viva na distancia, e os cuidados de um captiveiro, em que são rozas as algemas, cujo termo a esperança não deixa desejar; todas as incertezas, e as mil contradicções, em que a vida namorada se enleva, brilham, fogem, e tornam a voltar no breve painel d'esta linda poesia, cheias de mimo, e graciosas, ora abrindo o sorriso sobre uma lagrima, ora pousando a esperança sobre um raio d'aquelle esplendido sol, que allumia as primeiras, e tão queridas illusões da mocidade, e do coração. Umas vezes, o pincel correndo lembra algumas das melindro-

sas miniaturas, em que a musa do Petrarcha tornou divinas as perfeições de Beatriz; outras, a phantasia, rica de florescencia, e não cabendo nos limites da paixão, desata o vôo, e nasce de repente uma paizagem encantadora.

E' para lamentar, que Domingos dos Reis se não applicasse mais a cultivar estes poemetos a que sabia dar infinito relevo, acabando-os com admiravel correcção. Eis alguns trechos: veja-se como o exordio natural e sentido dispõe para o queixume terno que havemos de escutar:

Ao pensamento vinde, meus cuidados,
Vinde, minha gostosa companhia,
Tão amaveis, que, quando mais lembrados,
Mais minha gloria sois, minha alegria.
Doce emprego, recreio delicioso
Das largas horas, em que vivo ausente
Da soberana luz, por quem ancioso
Ora suspiro triste, ora contente.
Doces, doces cuidados, que á memoria
Me trazeis n'um momento tanta gloria!

Segue-se um trecho, em que as graças do estylo unidas á elegancia das imagens, pintam o delirio apaixonado do amante, recordando feição por feição a formosura, que suspiram os seus olhos, e que, longe, ou perto, sempre lhe mora n'alma. Poucas vezes, em traços tão rapidos, se delinearia vulto mais seductor:

Que vivamente estou na conjectura
Aquelles graciosos olhos vendo.
Que movendo-se cheios de ternura,
Mil segredos de amor me estão dizendo.
Os dourados cabellos, que voando
Representam do sol os resplandores,
Aquella gentil bôca, que calando
Me diz n'um só suspiro mil amores:
Aquella formosura incomparavel.
Mais que tudo a meus olhos agradavel.

Passando, depois a narrar os tormentos da saudade, e as máguas da ausencia exclama o poeta:

Oh, mal haja o poder do injusto fado,
Que me traz de teus olhos separado!
Vem ver-me no deserto d'esta praia,
Aonde por ti vivo suspirando;
Vem, Tircéa, que á sombra d'esta faia
Em amor estaremos practicando.
Aqui verás o sol na agua esconder-se,
Esmaltando de roxo os horisontes,
Scintillar as estrellas, e só ver-se
A mal distincta luz nos altos montes:
Tronco aqui não verás, nem branca areia,
Em que o teu doce nome se não leia.

O quadro fugitivo do pôr da tarde, acabado em quatro versos, é tão natural que parece que os olhos estão vendo a frescura das arvores, e o rumorejar das folhas com a viração, que parece ouvir-se a pancada lenta do mar, desenrolando nas praias as ondas preguiçosas, e divisarem-se clarões affogueados do occaso inflammando ao longe os horisontes esfuma-

dos, aonde o azul do céu se junta ao azul das vagas. E logo alçando a vista para a parte aonde começam já as sombras, como é verdadeiro aquelle tremulo scintillar das primeiras estrellas, e o dia esmorecendo frouxo e mal distincto nos mais altos cumes, em quanto a escuridão e a melancholia, crescendo pelos valles, anoutecem successivamente os ultimos clarões crepusculares!

E' uma paizagem que lembra o cinzel virgiliano, e aquella expressão visivel, que fecha a ecloga I do pastor de Mantua:

Et jam summa procul villarum culmina fumant,
Majoresque cadunt altis de montibus umbræ.

O fecho da canção não mostra menos arte e delicadeza. Variando com destreza os tons, e retratando nas rapidas transições a inquietatão febril do amor, que se consola de um cuidado no grato pungir d'outro cuidado, o vate accrescenta:

Quantas vezes entre estes arvoredos
Proferindo o teu nome a voz levanto
A chamar-te: estes asperos rochedos
Me ajudam condoidos do meu pranto!
E quantas entre idéas enganosas
Se me está vivamente figurando
Que te digo mil queixas amorosas,
Que me estás com branduras consolando,
Que me juras de ser sempre constante,
Que eu te affirmo de ser eterno amante!

A epistola é dirigida ao conde de Oeiras, e postas as bellezas de parte, sem offensa póde chamar-se um memorial em tercetos.

A mão da desgraça devia pezar bem rigorosa sobre o poeta, para elle, forçada ou voluntariamente, e em termos tão humildes, implorar a compaixão de um ministro! Apezar d'isso, contemplando a figura austera do Garção, e o seu animo egual na constancia aos infortunios, custa a desculpar esta fraqueza de um engenho illustre.

Para ver desprezadas as supplicas, e ficar sempre esquecido na pasta do marquez, não valia a pena curvar a tantas lisonjas um espirito, que honraria o despacho, em vez de se honrar com elle. Quem merece muito acceita pouco, e não pede nunca.

A mendicidade litteraria é de todas a mais lastimosa, porque avilta ao acaso uma corôa preciosa, que vem de Deus; e por mais que padeçam, aquelles que este diadema ornou, são obrigados a manterem a realeza intellectual, pura de baixezas, e a lembrar-se de que devem conta d'ella ás gerações futuras.

Entretanto, estranhando, como pede a razão, o esquecimento do respeito proprio, é justiça accrescentarmos, que na epistola ao conde de Oeiras ha formosos versos, e imagens cheias de energia.

A pobreza e o desamparo, que tinham cercado o vate de miserias, e o combatiam de maguas incessantes, estão representados com pin-

tura feliz em tercetos dignos de melhor assumpto.

Levantando-se do leito da dôr, e buscando em torno de si um abrigo, ou uma leve esperança, o Quita lamenta não haver encontrado senão o rosto ameaçador da adversidade, sempre certa em o perseguir. E' então que a firmeza lhe desmaia, que a voz se ergue quasi chorosa, e que a sua mão se estende, mas debalde (!) á protecção do dispensador dos beneficios regios.

Eis as queixas, que parece não terem chegado nunca aos ouvidos do valido; ou que o acharam insensivel, como antes, se por ventura as escutou:

> Depois, que unida a minha sorte escura,
> A fria mão da pallida doença
> Dispara sobre mim a frecha dura.
> Aberto já me tinha a chaga intensa.
> Já sobre os turvos olhos me corria
> Da feia, e negra morte a nuvem densa.
> ....
> Mas ponderae a barba inclemencia,
> Com que pelos cabellos arrastado,
> Me traz a triste, sordida indigencia.
> .....
> Com vacillantes, mal seguros passos,
> Movo apenas o corpo enfraquecido.
> Que em vão para o trabalho agita os braços,
> Qual passarinho implume, que perdido,
> Tem os providos paes, e sem sustento
> Geme no ninho já desfallecido.

De que serviram estes sentidos metros, e a

petição recheada de louvores, em que invocava a piedade do ministro?

Se a caridade de uma familia virtuosa o não tomasse nos braços não o soccorresse, quando muito, alcançaria, a preço de novas adulações, um talher na meza do marquez, ou uma chavena de chá nos seus serões!

Tinha lá tempo o grande estadista para mitigar a penuria de um poeta, reduzido a pedir-lhe pão?!

Apartemos a vista de similhante episodio, desgraçadamente bastante usual, em todas, e n'aquella epocha, que assim mesmo talvez não fosse a mais avarenta de auxilios e estimulos para as lettras e sciencias.

São antigas chagas, e incuraveis, desde remotas eras.

Parece que a Providencia, quando concede muito ao espirito, de proposito abre livre entrada aos revezes e amarguras, para que o homem tenha sempre no coração um espinho, que o advirta, desenganando-o de que até a maior altura humana não é senão baixeza, illusão, ou precipicio

*

Uma collecção de sonetos, e a silva ao terramoto de novembro de 1755, juntamente com as quatro tragedias Astarto, Megara, Hermione, e Castro, completam as obras, que nos deixou o Quita, não incluindo as poesias bucolicas.

Diremos d'ellas rapidamente, porque temos pressa de chegar com o cantor de Lycore ás viçosas campinas, aonde aquelle engenho terno se deleitava, modulando a flauta pastoril dos Tytiros e Menalcas.

Foi o maior brazão do seu talento; e com motivo citaram os arcades e o velho Filinto, ainda do fundo do desterro, os melodiosos versos, em que revivem as paizagens de Theocrito, e a suavidade de Virgilio.

Nos sonetos, Domingos dos Reis, como o Diniz, eleva-se pouco, e fica muito longe do primor de Bocage, inimitavel n'este genero.

Faltava-lhe a finura de traço, que possuia o traductor de Ovidio, e o condão particular com que sabia dar alma ao pequeno quadro das suas bellas miniatuaras, quer fossem retratos comicos, quer pintassem n'um relance os delirios da paixão, ou as maviosas saudades do amor.

Entretanto, por não hombrearem com as obras acabadas de Elmano, não são para desprezar os sonetos do Quita. Se a imitação visivel do estylo de Camões, e uma certa frouxidão lhe debota a côr original, enfraquecendo o conceito, não póde negar-se, que apresenta alguns, que muitos poetas applaudidos não engeitariam.

Mais escolha, e mais imparcialidade n'ella aproveitaria melhor á memoria dos vates, que a ostentação de colligir quanto escreveram, só com o fim de engrossar volumes.

E' nos sonetos, sobre tudo, que este erro

apparece peior, tornando-se insupportavel a monotonia das eternas enfiadas de poemas de quatorze versos, quasi sempre afinada pela mesma nota, e passando os optimos despercebidos no tropel.

O que valem para a reputação de Antonio Diniz as tres centurias, que alagam o primeiro tomo das suas obras? De que prestam á gloria de Domingos dos Reis os setenta e seis sonetos, bons, mediocres e pessimos, que mal entendido escrupulo levou os editores a estamparem?

Poucos, mas selectos modêlos bastariam para abonarem a aptidão e o gosto, poupando-se aos leitores trabalhosas peregrinações por uma verdadeira charneca de consoantes, e aos poetas o triste estendal das pobrezas, ainda as mais reconditas das suas horas de ocio.

Na silva ao terramoto, a invocação é commum, e só principia a tomar calor quando o vate exclama para Deus:

> Assisti-me no empenho, em que prosigo;
> Aos pezarosos echos do meu canto
> O alto furor da tua graça inspira
> Para que eu cantar possa ao som do pranto.

Sem nos determos com a impropriedade da phrase no terceiro d'estes versos, ou com a pallidez prosaica do primeiro, notaremos como feliz a expressão echos pezarosos que anima o segundo, e a idéa indicada no quarto, posto que esteja apenas esboçada. O mais,

até á descripção da catastrophe, não se levanta do trivial, e a obra não ganharia pouco se começasse aonde abre o painel da assolação.

Esse sim tem lances de mestre ás vezes. Estremece-se em alguns passos deante do medonho espectaculo, que reproduz. Sente-se, vê-se em outros a terrivel angustia d'aquella hora. Eis alguns rasgos, tirados ao acaso:

. . . . . .

Quando a terra as entranhas revolvendo,
Com forte impulso, com estrondo horrendo
Dentro em seus proprios ambitos se abala;
E em medonhas gargantas toda estala;
Move-se o monte, move-se a cidade,
Como as ondas na grande tempestade,
Da imminencia da terra se despenha
Em pedaços desfeita a tosca penha
Rodam uns para o valle, e vão matando
O rebanho, que andava alli pastando:
Ficam outros abertos e estalados
Na destroçada rocha debruçados;

. . . . . .

Cáem os templos, os porticos se abatem
Os muros com os muros se combatem,
O edificio, que foi mais levantado
Mais horroroso acaba destroçado,
E aos homens este estrago, esta desgraça
A uns sepulta, a outros despedaça.

Apesar do effeito desagradavel, que faz o martellar das rimas batendo no ouvido os consoantes a dois, e dois, e de incorrecções pouco desculpaveis, ha viveza e relevo n'este trecho, como em outros se póde louvar sem

favor o quadro dos padecimentos moraes no meio das ruinas e do luto de um successo repentino e doloroso.

Se a lima a corresse mais de vagar, esta poesia, reduzida nas proporções, e apurada nas idéas e no estylo, seria uma das melhores do Quita.

Assim mesmo imperfeita não desmente o seu talento.

*

Passemos as fronteiras, que nos separam do genero bucolico, e entremos com o Quita nos dominios, que elle sem vaidade podia chamar seus. Acharemos ahi completa a mudança.

Nos outros ensaios observamos, que a vontade, forçando a arte, mas desajudada de vocação, ficou mais vezes vencida, que vencedora. Nos quadros campestres é o contrario.

O engenho do poeta respira espairecido e sente-se desassombrado. As suas campinas, tapetadas de relvas e flores, convidam-nos alegres e viçosas. As arvores penduram os ramos sedentos sobre as aguas e estas fogem debruçadas entre margens de verdura!

Mais adeante, o rebanho, por baixo de copadas sombras, descansa dos ardores do sol. Ao longe, na collina, alvejam as rusticas paredes de um casal; e no viso do outeiro distante enrola-se o fumo, subindo da choupana, escondida entre os ulmeiros.

O murmurio da fonte, nas concavidades de

um penhasco, acompanha as modulações da flauta pastoril, e as queixas do amor, ou os risos das pastoras, misturam-se com os trinados e gorgeios das aves, ora pousadas em torno, ora roçando com a ponta da aza as hervas rentes, que a briza acama!

Se o poeta confiasse na viveza imaginosa que em tantas occasiões lhe inspirou delicados paineis, prendendo-se menos com os modelos classicos, as suas eclogas não teriam que invejar.

Desenhadas, não pelas paginas mortas dos livros, mas pela risonha imagem da natureza, as scenas do seu pincel rivalizariam com as de Gesner, e exprimindo a travessura galante da physionomia portugueza, arrebatariam mais o leitor, exhalando aquelle perfume fino, que é o segredo da poesia natal, e o principal condão do seu encanto.

Mas o espirito do Quita receiava as novidades. Saír das veredas batidas, pizadas pelos mestres, era a seu ver uma temeridade perigosa.

Não admira, pois, que mesmo nas obras, em que o talento, conscio dos seus poderes, podia mostrar-se forte e independente, elle preferisse a servidão aos moldes latinos, e aos exemplos dos auctores da renascença.

Jurando nas palavras de Ferreira e Sá de de Miranda, e não se desviando dos antigos traslados, ía seguro de não assustar as opiniões da eschola reinante. Do resto não se preoccupava. Guardadas as regras, a harmo-

nia do verso, e uma escolha feliz dos trechos de Theocrito, de Virgilio, ou dos arcades modernos bastavam para recommendar a ecloga ao applauso dos arbitros do gosto. Ninguem pedia mais, e, deve accrescentar-se, n'aquelle tempo ninguem ousaria mais.

Para fazer exacta idéa da influencia dos preceitos é sufficiente ler as reflexões que Meliseu Cylenio estampou como prologo das poesias campezinas. Este passaporte obrigado da sua entrada nos reinos de Apollo diz tudo.

As satyras disparadas por Bocage contra o desditoso dr. França, descrevendo-lhe a cabelleira amarella e rapada, os olhos vesgos, e o artelho esburgado, se foram injustas como defogo de Elmano, pouco escandalizam tomadas como principio da expiação devida por Meliseu aos leitores, victimas innocentes das suas devoções horacianas, e do prurido impertinente de ostentar erudição.

Antonio Diniz, escriptor de muito maior vulto, em duas dissertações recitadas na Arcadia, no mez de setembro de 1757, tractando do estylo das eclogas, se não enfada adoçando pela amenidade a aridez da crítica, nem por isso rompe com as balizas impostas ou se eleva muito acima dos acanhados horisontes do dr. França.

Ambos repetem (um melhor, outro peior) as lições das poeticas vigentes, arriscando sobre a origem e objecto do genero pastoril observações tão curtas, que fariam sorrir hoje o primeiro, se podesse ver o que a arte,

depois de livre, se atreveu a commetter!

Meliseu, auctor de versos bucolicos, accusadores da sua memoria, se contemplasse a revolução dos que chamaria peralvilhos das lettras, varado de pasmo, iria pedir logo ao funereo Bernardes o alaude das menias para chorar inconsolavel uma lamentação sobre a sepultura dos seus Aristos e Chromis.

Mais homem a todos os respeitos, Elpino, depois de tomar o pulso á innovação, e de medir as forças, é mais do que provavel, que transformasse o *Hyssope* em segundo *Beppo*, e que riscasse de suas odes os delirios fingidos, e as figuras empoladas, para desferir mais elevados vôos competindo com as estrophes luminosas de Hugo!

Em todo o caso é certo, que nenhum dos dois descobriu na ecloga mais do que a reproducção da arte antiga; e em vez de aconselhar maior variedade de vistas e rodeios, ou de propor uma poetica menos servil, que remoçasse o genero, disfarçando-lhe a monotonia, cada um d'elles insiste pelo contrario em preconizar os modelos gregos e latinos, e as cópias dos modernos mais louvados.

Aconteceu portanto o que devia esperar-se.

Os pastores de meias de seda e surrões de veludo, debaixo de azinheiras pintadas falaram como cortezãos, que eram.

Os rebanhos de papel mettidos em perspectiva, e as Lycores recortadas pelas Amarylis de Virgilio nem um instante fingem a verdade, que fugiu d'elles.

A scena, salvos poucos rasgos, quer represente brenhas ou campos, quer figure manhãs ou tardes, quer descreva tempestades, ou dias serenos, recorda sempre mais ou menos os trechos apontados como exemplares da perfeição!

Por mais bello que o verso cáia da penna dos imitadores, e por mais destros que elles sejam em unir as partes do seu mosaico, a falta de individualidade e de inspiração espontanea desanima e descora tudo.

A luz nos seus quadros é amortecida. As figuras movem-se deixando aperceber o fio, que as puxa, e a mão do poeta, que as agita.

Aquellas arvores, aquellas aguas, e aquelle sol, não são as nossas, e, o que é peior, não são já tambem as de Theocrito e Virgilio.

Os cabreiros e os guardadores discorrem bem de tudo, menos do campo, dos seus trabalhos e das suas fadigas socegadas.

Ouvindo-os, conhece-se que são mascarados, e não pastores; e que os sitios, aonde conversam, nunca tal foram terras de pastos, nem lesirias, nem charnecas, mas sim um agazalhado e regalado quarto de escrever, que o auctor, graças a alguns borrões de theatro e a muitos volumes abertos e marcados, teve a bondade insigne de mandar que acceitassemos por campinas e logares rusticos!

As ceifas, as debulhas, as lavras, e as vindimas, todas as festas e usanças do monte e do casal, apenas mereceram aos mais atilados dois ou tres versos em memoria; mas fazer com ellas o fundo do quadro, córando de tin-

tas naturaes e alegres o poema, Deus nos livre! Seria quebrar a solemne tradição d'aquelles dialogos e monologos, recheados de sentenças ou de altercações pueris!

Como um auctor grego fez a descripção famosa da taça de pau, triste da collecção de eclogas que omittisse o episodio de rigor com variações ao mesmo assumpto!

Como os pastores de Virgilio vão á cidade, e contam o que lá ouviram, passagem livre aos cabreiros portuguezes para repetir o mesmo!

O que não imitaram do grande poeta latino, e o que os romanos prezaram sobre tudo foi o seu vivo sentimento das formosuras da natureza; e a simplicidade sublime, com que a interpreta e sabe reproduzir!

Nas paizagens de Virgilio revê-se a Italia e as suas afortunadas campinas, com o esplendido sol, que doura as vagas azuladas do mar que a banha.

Na maior parte das descripções dos nossos bucolicos, quasi nada do que se desenha vive, ou parece verdadeiro.

Desde os primeiros versos esfria o coração, e no meio, já se lucta com o enfado de vêr estrangeiros e cousas de fóra, querendo-se intrometter á força no conchego do nosso lar aldeão, aonde o cepo estala na fogueira, e um bom lume chispa debaixo da marmita, allumiando as faces cheias e vermelhas dos trabalhadores, sentados ao brazido, espertando o somno, ou enchugando a chuva!

Mas para sermos justos é preciso exceptuar o Quita, e Rodrigues Lobo em alguns poemas e prosas, da severidade d'este juizo.

Qualquer d'elles tinha muito de seu, com que ornasse sem constrangimento a decoração das eclogas; e quando ambos se querem lembrar da terra e dos costumes, a arte obediente, segue-os; e cria esboços, e mesmo pinturas excellentes.

Ferreira e Sá de Miranda, captivos das regras, e cegos admiradores do passado, só por acaso encontram alguma verdadeira vista do campo, ou se afastam da imitação servil para o animado theatro da natureza.

Muito melhor bucolico do que o auctor das famosas cartas em quintilhas, Ferreira procura imitar a singeleza de Theocrito, e o colorido campestre de Virgilio; na contextura dramatica liga com dextreza a exposição, o nexo, e desenvolvimento; mas se em diversos passos imita com felicidade a expressão affectuosa, e a melancholia suave, que forma o claro-escuro das composições do Mantuano, e se raramente excede as proporções razoaveis assignadas a taes poemas, não cansando a attenção, ainda fica longe comtudo do ideal, que podia propôr-se, e da verdade de paizagens e de costumes, que devia attender.

Escrevendo as suas eclogas mais estimadas em castelhano, nas duas que deixou em portuguez, Sá de Miranda não desaffrontou a musa nacional do estrangeirismo com que a offendeu.

Embora a scena represente sempre os nossos campos, e elle se esforce por emparelhar com os emulos modernos, nem conseguiu revestir os sitios da formosa côr dos nossos climas, nem o ajudou o gosto, para se applicar a proposito as delicadezas do poeta grego, e do cantor latino, que tinha presentes.

Os seus pastores, sentenciosos e pedantes, falam como cortezãos descontentes, ou desenganados; e uns parecem Catões de aldeia, e os outros Senecas rusticos, segundo a expressão de um escriptor nosso contemporaneo.

Nos matos queixam-se, disputam, e tractam d'amores, com a gravidade austera de um congresso de philosophos.

Os axiomas de moral e os ditos engenhosos enxertam-se com enfadonha prolixidade nos seus dialogos, e á descommedida extensão, em que se dilata, junta-se o fastio da apparente ostentação de combinações metricas, que ainda vem tornar mais pezada a sua leitura.

Entretanto, em um ou outro logar, admiram-se tiradas, dignas de louvor pela simplicidade graciosa, e pela vivacidade dos sentimentos.

Tal é a seguinte descripção, que póde competir com os trechos mais approvados do genero:

> De leite e sangue empolado
> O bezerrinho viçoso
> Vae brincando pelo prado,
> Depois tira preguiçoso
> Ora o carro, ora o arado

C'os dias, e c'o trabalho
O saltar d'antes lhe esquece,
Já não é o que era almalho,
E vende-se para o talho
O boi velho que enfraquece.

Infelizmente bellezas d'este realce não são communs nos ensaios pastorís de Sá de Miranda, nos quaes a monotonia prevalece.

Se nos fosse licito notar manchas no radioso sol de Camões, as mais sensiveis encontrar-se-íam nas suas eclogas.

O engenho do cantor do Gama não baixava facilmente ao singelo e ao simples, como o gosto mais seguro de Virgilio.

Os defeitos dos poemas campestrres de Bernardes, não os evitam os de Camões; mas o poeta do Lima talvez o exceda em alguns logares, como não é inferior em partes, antes vence, o auctor da Eneida, cujas imitações esmeradas da musa grega, e sobre tudo de Theocrito, mereceram os louvores da sua epocha, e os applausos da posteridade.

E não admira! De Bernardes a Luiz de Camões, vae a distancia, que distingue o genio do talento; mas isso não obsta para que a inclinação do primeiro não ganhe decidida vantagem sobre a curiosidade, pouco reflectida, que muitas vezes levou o auctor dos *Luziadas* a compôr sobre todos os assumptos, e em todos os generos.

Na resenha, que fez dos escriptores bucolicos portuguezes e estranhos, o Diniz só con-

cedeu a palma a Ronsard em França, a Garcilasso em Hespanha, e a custo a dá tambem a Rodrigues Lobo em Portugal, encarecendo com motivo a prudencia com que se resguardou do vicio dos equivocos e agudezas, das alliterações, antitheses, e acrosticos, introduzidos pela depravada eschola dos sectarios de D. Luiz de Gongora.

Entretanto, embora as eclogas não possam rivalizar com as poesias entresachadas nas bellas prosas da *Primavera* de Lobo, resgatam as nodoas, que podem apontar-se; e de certo não desmentem as qualidades essenciaes exigidas de taes poemas.

Nas suas paginas ha pinturas vivas e quadros fieis de sitios e de costumes; e a natureza, bem interpretada, apresenta-se quasi sempre enfeitada de galas meridionaes, e não se confunde com as cópias frias e inertes dos livros.

Pena foi, que o poeta não désse largas á sua facilidade, seguindo mais a imaginação, e menos os modelos!

*

Aonde nasceu o poema bucolico? Quem foram os seus inventores? Eis duas perguntas a que não é facil responder.

Naturalmente o idyllio viu a luz nas regiões mais adequadas pelas circumstancias poeticas e musicaes; e camponezes dotados de imaginação e harmonioso ouvido foram os primeiros, que lhe deram ser e forma.

E' o que se collige do exame dos factos, e da comparação dos auctores.

A Sicilia passou sempre por ter sido o verdadeiro berço da ecloga, e a razão de Vossio em abono d'esta opinião não parece de todo inconcludente. O dialecto vulgar da ilha era o dorico, e n'este se escreveram exclusivamente as bucolicas gregas.

Mas o que se póde affiançar é que na Tinacria existiam desde tempos remotos os modelos e os primores do genero, que as imitações latinas invocam e applaudem.

Virgilio e Horacio apontam a Ausonia como patria da bucolica romana, e os criticos reconhecem que foi já tarde que ella appareceu e brilhou nas duas litteraturas antigas.

Os ocios dos pastores e as festas rusticas inspiravam as cantigas dialogadas e os monologos, *agrestem musam*, conforme a expressão de Lucrecio, em que os cabreiros e lavradores se entretinham descançando das fadigas do arado.

Os versos fasceninos, usados nas ceifas e vindimas, dão ares de uma especie de poesia pastoril, e assimilham-se bastante ao *carmen amœbeum*.

Esta foi provavelmente a origem da ecloga natural, d'aquella que nasceu espontanea junto da choupana, entre os balidos do rebanho, e as modulações da flauta campesina.

A outra, o poema culto e artificioso, não se remonta a tão alto; e póde attribuir-se talvez á epocha de Cyro, e aos cantos de Stezichoro,

no qual Eliano quer que principie o genero.

Outros só começam a aprecial-o de Theocrito em deante.

O gosto predominante do seculo em que este floresceu, approximava-se muito nas feições do seculo em que Horacio, elogiando o delicado engenho de Virgilio, exclamava a respeito das bucolicas:

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rura camenæ.

No tempo dos Ptolemeus, bem parecido ao de Augusto, o coração, ressequido e sangrado pela continua lucta, procurava com ancia, mesmo nos prazeres intellectuaes, o socego venturoso, e a solidão agradavel dos campos, desejando respirar um momento desafogado e satisfeito.

O espectaculo das discordias presentes offerecia-se tão doloroso, que os olhos fugiam com alegria para os viçosos prados e para as matas escuras, aonde os pastores syracusanos, e os Menalcas da Italia, coroando de boninas e flores silvestres as suas Daphnis, discantavam preguiçosamente recostados na relva, descuidados do mundo e entregues só aos zelos e esperanças do amor.

Era tão grande a corrupção, que o espirito achava allivio, e se consolava, abraçando a innocencia dos costumes ideaes dos Tytiros e Palemons de Virgilio, ou escutando os bran-

dos queixumes e disputas dos pastores de Theocrito e Moscho.

Venit de glande Menalcha! diz Virgilio, explicando com uma só phrase a procedencia e o caracter dos personagens das suas scenas.

Aquelles camponezes que falam nas suas eclogas, e nas do poeta siciliano, na physionomia, e na linguagem são verdadeiros camponezes de Tarento e de Mantua; e a arte, polindo o mais agreste, na sua rusticidade conserva-lhes todavia o sufficiente para elles accusarem a sua idole, e não perderem as feições proprias.

Rapin e Marmontel, nas definições mesquinhas que estabelecem, esqueceram isto para se lembrarem só de peias e restrições, que, sendo seguidas, roubariam mais de metade dos seus foros, e liberdades ao genero.

Não só ordenaram, que a serenidade fosse absoluta nos dominios do idyllio e proscreveram por viciosas todas as pinturas, que a pudessem perturbar; mas, passando além com as paixões infelizes e violentas, excluiram até os trabalhos pezados, desterrando ceifeiros e pescadores, por não guardarem a castidade e a pureza devidas á edade d'ouro!

Confirmada esta sentença, quaes seriam os poemas campestres de Theocrito, e de Virgilio, que se absolvessem do novo indice expurgatorio? Os pastores de ambos são homens, e participam das fraquezas do mundo. Ciumentos, vingativos, e alguns até viciosos, não encerram as suas fadigas em uma só profissão,

mas tractam de todos os trabalhos das lavras e do monte.

Não contentes ainda, os architectos de poeticas, a pretexto de salvar a unidade do painel, prohibiram mais que a ecloga se occupasse das cousas da cidade, ou alludisse a ellas, quando o exemplo dos mestres ensina o contrario.

Nas obras de Theocrito e Virgilio, Syracusa e Roma formam sempre o fundo do quadro, e os regalos, opulencias, e desgraças da capital recordam-se e lastimam-se a cada passo nos dialogos.

O poeta da *Eneida* oppõe Melibeu fugitivo a Tytiro venturoso por conservar a herança paterna, e a imagem luctuosa da ultima discordia civil domina a sua pintura, e produz as maiores bellezas que a ornam.

O fanatismo dos criticos chegou a ponto que Heine, em um accesso de rigor implacavel, até castiga o mesmo Virgilio, destroncando sem commiseração das collecções das bucolicas todas as eclogas que não pôde estreitar nos seus moldes, e condemnando estas por um motivo, e aquellas por outro, e não deixando intactas senão quatro, proclamadas as unicas perfeitas, e dignas de imitação, já se sabe em virtude de que principios!

Entre nós a poesia bucolica, desde o seculo XVI, cresceu, tomou vulto, e veiu a exercer bastante influencia.

Raro será o poeta de alguma fama, por mais esquerda que sentisse a musa para as simpli-

cidades campesinas, que não tentasse um, ou mais ensaios, copiando dos gregos, dos latinos, e dos italianos!

Por infelicidade a invenção e a originalidade pouco os favoreciam. Uns querendo imitar á força as graças rusticas de Theocrito caíram em rasteiros e rudes, em quanto outros, julgando facil repetir as concisas imagens de Virgilio, perdendo o exemplo de vista, aviltaram o modelo em trocadilhos semsabores, e insipidas parodias!

Bernardim Ribeiro, no seu estylo singelo, em que a affectação desponta apenas como leve sombra, é o escriptor nosso, que mais fala ao coração, e que sabe dar á sua phrase o sabor aldeão e natural, sem por isso deixar de mostrar, aonde se precisa, um travo fino, que esperta o paladar.

Em outro aspecto, Rodrigues Lobo não lhe cede, matizando com escolha as paizagens, tirando muitas d'ellas das formosuras da natureza viva, e não dos livros, e figurando nos seus pastores homens de juizo são, que não são doutores, e que entram em scena no logar proprio, falando só do que devem saber, e conservando sempre a côr e as idéas da vida que representam.

*

A Arcadia, arvorando o estandarte da restauração classica, e dedicando-se a apurar a observancia dos preceitos, já se vê aonde iria buscar as regras, que dictou á ecloga.

Os seus horisontes limitavam-se aos da antiga arte; a sua divisa era a resistencia contra as novidades; e por isso pouco admira, que não tirasse os olhos dos bucolicos latinos, e dos modelos adoptados por elles.

A definição do genero correspondia a idéa formada d'elle.

A ecloga, na poetica do seculo XVIII, reduzia-se á pintura dos costumes campestres, e devia retratar a simplicidade dos pastores, a innocencia de costumes, e as occupações de uma vida socegada, empregando imagens insinuantes, e descrevendo a natureza fertil, no meio da profusão das suas riquezas.

As fronteiras acabavam aonde se fechava o circulo da imitação; e a realidade idealizada ficava de fóra.

Para ser applaudido n'estas composições, o poeta carecia de memoria e de certo gosto para se recordar a proposito dos rasgos de Virgilio, e dos modernos da mesma eschola, e para os ajustar á sua obra.

Os pastores, que podia metter, traziam já physionomias conhecidas e quasi officiaes, inclinações determinadas, e até palavras calculadas.

A vida campestre não se esboçava, interpretando a natureza, as paixões, e os costumes. As leis da critica tinham regulado tudo de antemão e a pretexto de guardar a fabulosa innocencia da edade de ouro, prescreviam a monotonia, chamando-lhe simplicidade! Ver-

ney, o precursor da reacção classica d'este periodo, quando chega ao idyllio, no seu livro do *Verdadeiro Methodo de Estudar*, censura a variedade de versos introduzida por Camões, e queixa-se de se perder assim a ingenuidade e a moderação.

Antonio Diniz alarga se mais, e não reputando leve a empreza de escrever no genero bucolico com elegancia e propriedade, passa a enumerar as prendas para sobresaír n'elle. Vê-se que aprecia melhor do que Verney as difficuldades, e que não tracta quasi de resto como elle os engenhos que as vencem com louvor.

Traçar uma scena campestre, como as de hoje, em que as formosuras de um sitio viçoso, ou a belleza severa de uma paizagem magestosa occupem o fundo; collocar n'esta scena verdadeira a existencia rural com os accidentes e paixões, que a modificam, e não como em sonhado painel a desfiguravam as arcadias correndo atraz da fabulosa edade de ouro, é comparativamente mais facil, do que inspirar-se de descripções mortas, voltando costas á realidade, e as suas prizões á liberdade sensata, e ás tintas vivas da interpretação desassombrada e ampla.

O estylo era tudo na antiga ecloga. Affectuoso, singelo e fluido, devia encobrir a pobreza da invenção e da idéa, reanimando a insipidez dos lamentos amorosos, e das queixas dos pastores.

Evitando phrases baixas, e figuras triviaes,

não podia exceder a mais delicada medida sem caír logo no vicio contrario, mascarando de cabreiros cortezãos espirituosos!

Se copiava da indole dos aldeões, e não adoçava o retrato, a crítica offendia-se, condemnando o esboço como sordido e desprezivel!

Elpino fortifica-se n'estes dois reductos, e d'elles vareja sem descanso os tristes Corydons, e os lastimosos Melibeus, heroes de bornal e varapau, que certo bucolico do tempo tinha a indiscreção de querer apresentar no recinto perfumado das academias, cujo Menalo era uma camara forrada de sedas, e cujas selvas e asperezas se encontrariam, quando muito, nos paineis, que as ornavam!

De certo, com as proporções impostas ao idyllio, e á ecloga, nada mais repugnante, do que a affectação rustica de palavras vulgares e vis, e de acções grosseiras e triviaes; e que Diniz as reprehendia com motivo asseguram-n'o os proprios versos do patrono do estylo selvagem, citados pelo malicioso poeta do hyssope para corroborar o corpo de delicto.

Sigâmos esta curiosa aberração!

Um vaqueiro chamado Nuno accorda o seu amigo, e vendo-o enfadado por lhe ter quebrado o somno, exclama:

> Com mui pouco te quebrantas;
> E se o houvesse presumido,
> Não te vinha erguer das mantas:
> Mas estarás aborrido,
> Que inda agora te levantas!

O outro pastor, digno Mopso d'este Menalca, responde á proposta de irem juntos vêr as sementeiras, com egual brutalidade:

> Hei de ir, porque hei de dar rega,
> E deitar á gelva o macho,
> Que lhe dei honte uma esfrega;
> E vêr os homens do sacho;
> E hei de pôr outros na cega.

O honrado Nuno fustiga-o então deveras, e conclue por esta sentenciosa observação:

> Por Deus que quem tanto havia
> De fazer, estar de borco
> Na cama até alto dia,
> A ressonar como um porco,
> Foi boa callassaria!

Imagine-se o effeito de similhante poesia nos ouvidos cultos dos socios de Elpino, dos laureados de Apollo e das musas! E' provavel, que o riso fosse mais curto, que a indignação.

Mas eram as regras da Arcadia innocentes de todo n'este ridiculo absurdo?

O genero falso, tão inculcado, e a escravidão imposta aos bucolicos, não arrastariam necessariamente a um de dous fataes extremos, ao rustico dialogo do vaqueiro Nuno, ou aos requintes alindados, e finezas semsabores dos Tytiros e Dametas mais peritos no chamado estylo simples?

Eis a causa porque desfallecem em arena

tão breve engenhos, que, sem esforço, podem com as maiores emprezas.

Para não caír aos primeiros passos, e atravessar por entre as malhas complicadas d'esta rede de minucias pueris era preciso possuir vocação especial, e ao mesmo tempo dispor de certa medida de dicção e colorido. A demasia da opulencia não prejudicava menos do que a pobreza.

O Quita estava no caso. Tinha os dotes adequados, e por inclinação temia os rasgos atrevidos, e os assumptos arriscados.

E' o segredo da superioridade, que tem na ecloga, alcançada de tão poucos.

O seu engenho cabia sem violencia no estreito molde das regras, e como o de Camões não aspirava continuamente a excedel-o!

*

Passemos agora a examinar de mais perto a lucta do poeta com as difficuldades, e ao mesmo passo iremos assignalando os logares em que brilha a sua imaginação, e se manifesta a originalidade da invenção.

O Quita deixou-nos treze eclogas e dezenove idyllios, sem contar o drama pastoril de Lycore, dividido em tres actos, uma das composições mais formosas d'este genero.

Em todos os seus poemas campestres é clara a imitação de Virgilio, e da eschola moderna classica; mas transparecem já toques visi-

veis da suavidade de Gesner, e da sua maneira pittoresca de representar as bellezas naturaes.

Entretanto, as poesias bucolicas de Domingos dos Reis não são isentas de defeitos, nem se podem apontar como primores absolutos.

Se muitas vezes é feliz na expressão dos episodios, e na configuração das scenas campezinas, e se possue a delicada arte de as dispor com agrado, formando quadros interessantes, falta-lhe não poucas a unidade da idéa e do desenho, e nem sempre se percebe qual foi o objecto que se propoz.

Esta imperfeição é commum tambem a Theocrito e a Virgilio; mas, seguindo com mais cuidado os exemplos de Gesner, poderia evital-a, deixando de imitar até nos erros os latinos.

Separando-se por vocação e estudo do plano dos antigos, Gesner consegue triumphar sem custo da monotonia, precipicio quasi inevitavel do genero; e pintando os bosques, as aguas, e o céu, fia-se mais nos olhos e nas sensações, do que nos roteiros cem vezes percorridos das poeticas e dos livros.

Nos caracteres e costumes dos pastores, unindo a singeleza á profunda analyse do coração humano, soube ser discreto e sobrio, desviando-se tanto das subtilézas intrincadas dos bucolicos italianos e francezes, quanto se afasta das restricções puerís dos criticos, tendentes a circumscrever a esphera da in-

venção, tornando os camponezes ideaes a excepção insipida de todos os sentimentos e paixões.

Porque não bebeu o Quita com mais desafogo n'esta fonte, e não remoçou os idyllios da Arcadia nas aguas de uma verdadeira juventude?

As cordas que fere o Theocrito suisso todas se encontram na natureza, e as notas que lhes correspondem são as mais puras, e as que geram commoções mais vivas e sinceras.

Em quanto existir o mundo, o amor paterno, a ternura filial, a amizade, e o enlevo conjugal, hão de sempre ser os laços indissoluveis, que liguem o homem á sociedade; e o poeta, que nos seus cantos suscitar estas doces imagens, com as risonhas virtudes, que são a sua alegria, sem orgulho póde dizer-se um grande mestre.

As graças ingenuas da simplicidade não diminuem, antes augmentam ao drama íntimo o seu effeito.

A prova está nos idyllios de Gesner.

Que branda luz, e que meiga melancholia não illuminam os seus quadros!

Que verdade não realça em rasgos bellissimos a lindeza desaffectada das suas descripções, e a frescura dos sitios bem escolhidos, em que nos abre a scena!

Infelizmente o Quita approximou-se mais de Virgilio, que de Gesner; e por isso o canto lhe desmaia em muitas occasiões, cansado de

repetir com variações conhecidas o mesmo motivo.

Depois (inconsequencia notavel!) como a extensão permittida era tão curta, que em poucos passos se alcança toda, o poeta naturaliza sem escrupulo os assumptos menos bucolicos, e não duvida introduzil-os no recinto vedado ás preoccupações politicas, e ás especulações philosophicas.

As inverosimilhanças, que nascem d'esta violenta inversão, apparecem palpaveis!

Os cabreiros e vaqueiros esquecem-se de si, dos seus rebanhos, e das copadas arvores, que os abrigam, e principiam a discorrer como graves ministros ácerca das inquietações do tempo, gizando reformas, e aflautando lisonjas.

Os pasmatorios do largo das Chagas e os sebastianistas da gazeta, apupados com tanto sal nas satyras do Tolentino, pouco lhes cedem em loquacidade novelleira.

Tudo sáe contrahido e falso.

As expressões brigam com os factos. Os caracteres desmentem-se; e a illusão descoberta, prolongando-se, converte em lisonja metrificada o dialogo pastoril. O que poderiam significar, como obras bucolicas, essas eclogas, cujo assumpto, como o da IV de Quita, é celebrar na Arcadia a preservação da vida d'el-rei D. José no attentado dos fidalgos; como a V, que tracta só do natalicio do principe D. José, ou como a VI, que toda se consome em elogios ao despacho do Conde de Oeiras?

Bastarão os exordios, e algumas tintas campestres para lhes assegurar a unidade, a côr, e a physionomia proprias?

Um ou outro lance feliz, esta ou aquella pintura delicada, absolverão o todo, e farão poetico e adequado, o que nasceu forçado, e repugnante á indole da musa dos bosques?

Virgilio practicou o mesmo?

De certo! Mas de que modo, e com que prumo!

Quando Tytiro e Melibeu se queixam dos furores da guerra civil, um venturoso, outro desherdado, a allusão politica entra como accessorio, e, longe de destruir, confirma a verosimilhança.

A discordia não incendeia só as cidades. Solta e ebria de sangue, e coroada de tempestades calca aos pés as searas meio ceifadas, os cachos maduros para a vindima, e as mais gratas esperanças do lavrador.

Nos logares aonde antes se escutava a flauta rustica, resoa bravo combate a trombeta dos exercitos; e as socegadas campinas, aonde ha pouco o luar adormecia sobre as relvas, estirando as sombras dos troncos e das ramas, agora o sol, erguendo-se por cima das collinas, só desponta sobre ossadas, cinzas e ruinas!

Se o argumento da IV ecloga do Mantuano commemora o natalicio de um principe, ou ainda mais alto ascende, abalançando-se, nas azas do enthusiasmo lyrico, á visão futura, os criticos illustrados concordam todos qualificando o poema, como uma bella excrescencia do

genero, embora em um berço de flores se disfarce a intenção politica do poeta!

Se Virgilio se eleva na VI ecloga, e sobe ás sublimes especulações dos systema philosophicos, para explicar a origem das cousas, e a formação de universo, logo toma a desculpa no principio:

Cynthius aurem
Vellit et admonuit: Pastorem, Tityre, pingues,
Pascere oportet oves, deductum dicere carmen

e desenhando a scena e os personagens d'ella, por uma formosa imitação do modelo grego, conserva a verosimilhança pastoril, tornando naturaes, na bôcca do galhofeiro Sileno, as opiniões, que seriam inopportunas, proferidas por pastores.

Assim é que Virgilio conciliava as suas excursões com a unidade e o caracter peculiar do poema.

Os modernos, seus imitadores, contentaram se com registar o exemplo, e saíndo apoz o mestre, perderam-se do centro, em que deviam ter a vista e para o qual, com destreza rara, o Mantuano tende sempre, por mais caprichosos, que alongue os seus rodeios.

Domingos dos Reis, abusando, como os outros vates classicos, das liberdades ensinadas pelo amigo de Mecenas, desvaira-se com frequencia affeiçoando ao molde restricto da bucolica, argumentos que elle rejeita, e que sem

lhe alegrar os horisontes, a tornam pezada, ou pueril.

Temos sido severos na critica geral da obra poetica de um dos cantores mais distinctos da Arcadia, e não nos arrependemos.

Agora é tempo de indicar tambem as qualidades, e de insistir nas bellezas e merecimentos, que grangearam a Domingos dos Reis a sua reputação legitima.

Os defeitos, que lhe notamos, procedem de duas causas: da epocha em que viveu, e das circumstancias, em que se manifestou, que não estava na sua mão vencer de todo.

A falta de estudos serios na edade propria, e a necessidade de a supprir depois á custa de leituras variadas, e pouco digeridas fazia-se-lhe sentir em mais de uma occasião.

Apezar da sagacidade do juizo, e da delicadeza do gosto, sempre que se encontra com uma difficuldade grande, ou que se vê mettido em um passo mais arriscado vacilla, e, desconfiando de si, soccorre-se aos livros, para, encostado a elles, se esquivar do perigo, fugindo para a cópia. O rigor das regras, e a intolerancia dos dictadores academicos, que as applicavam, constituiam outro embaráço não menos grave para um animo timido, e um engenho pouco viril.

Aonde paravam os vestigios dos emulos e dos modelos, a pagina do codigo poetico achava-se aberta, e a imaginação e mais a arte, sob pena de publica estranheza, eram obrigadas a inclinar-se, e a obedecer.

O mesmo Gesner, sujeito a tantas peias, é possivel que desanimasse, se não se decidisse a romper por uma vez com todas ellas, e com os zelosos fiscaes da sua observancia, acto de resolução que o genio do Quita era incapaz de comprehender, e muito menos de executar.

Esmerado, comedido e correcto, aspirando só a agradar, e limando muito os versos para isso, o seu talento modesto lembra muito o lago sereno e abrigado, que reflecte na superficie espelhada os objectos, que o cercam, e que não se enfurecendo nunca deante do sopro das tormentas, deixa de apresentar as grandiosas vistas e o espectaculo sublime da ira dos elementos!

Eis o que pede a razão que se diga, e o que importa attender sempre, quando se aprecia um auctor, collocado, como o Quita, no meio de um periodo de reacção.

Exigir d'elle o que nem o seculo, nem as suas faculdades comportavam seria mais do que injustiça, era calcar os principios e os deveres da critica.

*

Separando das treze eclogas compostas por Domingos dos Reis, as que versam sobre assumptos menos proprios, as que ficam são perfeitas pela afinação campestre, pela suavidade ingenua do estylo, e pela graça do dialogo. Nas bellezas descriptivas podem honrar

qualquer litteratura, mesmo apezar dos lapsos, que já observámos.

Se a interpretação da arte não é tão rasgada e ampla, como se desejaria, segundo o tempo, e conforme a eschola, parece-nos das mais soccorridas.

São verdadeiras bucolicas; lendo-as, respira-se o ar do campo, e dilata-se o coração.

Se o fundo se não illumina da meiga e reflexiva contemplação, que realça tanto nos poemas de Virgilio, apresenta comtudo toques dignos de elogio, e a expressão adequada ás vezes alcança pintar em uma phrase, como a do pastor de Mantua.

As imagens não forçadas quadram aos interlocutores, e tiradas dos usos e costumes da aldeia, caracterizam o painel.

Daremos um exemplo, colhido na I ecloga, entre Umbrino e Licore, cujo assumpto são as queixas e ciumes da apaixonada pastora, tentado em vão a ternura de Umbrino, e accusando-o de estar prezo em outros laços.

E' elle quem responde:

Não, pastora; do monstro sanguinoso
D'esse nume cruel, amor profano
Fujo mais assustado, e temeroso
Que a fugaz cerva do sabujo insano.
E' todo o meu disvelo, e meu cuidado
Brandos versos cantar, e que da relva,
Se farte na campina o manso gado
A fresca solidão de verde selva;

Os regatos do monte despenhados,
Que banham murmurando as tenras flores;
Os freixos de parreiras enredados
O meu recreio são, os meus amores.

Eis uma descripção, que nos foge ao de leve pelos olhos, e entretanto entalha-se na memoria pelo relevo mimoso em que foi aberta.

A ecloga III, consagrada a cantar o presepe de Bethlem, a despeito da allusão, que em partes a esmorece, offerece-nos trechos de fina e agradavel poesia.

O dialogo passa entre o Quita, no seu nome arcadico de Alcino Micenio, e o beneficiado José Dias Pereira, no Silvano Ericino.

O objecto é celebrar a aurora da redempção, e encarecer as futuras venturas do mundo, desde que veiu allumial-o a estrella de Jacob.

Sem baixar a cópia servil nota-se-lhe em alguns logares o sombra da IV ecloga de Virgilio; mas se não se eleva tanto, sustenta talvez mais o tom pastoril.

Agora ouçâmos:

SILVANO.

Vê, como vem no horisonte
A roxa aurora rompendo;
Nunca vi que apparecesse
Nem tão bella, nem tão cedo!

ALCINO.

Que alegre manhã, Silvano!
Nunca um dia tão sereno
Lá dos altos horisontes
Desceu sobre estes outeiros.

SILVANO.

Olha tu, como respira
O zephyro no arvoredo,
Que apenas meneia os ramos
De miudo aljofar cobertos.

ALCINO.

E quasi aos céus sobre a aldeia
Se está em nuvens erguendo
O fumo, sem que o perturbe
A incerta furia dos ventos

.....
Não vês aquelle alto choupo,
Que estava crestado e secco
Do fogo de um fatal raio,
Como vae reverdecendo?
E a mesma vide, a que os laços
O estrago tinha desfeito,
Já lançada aos verdes ramos
O abraça em novo enleio!

Estas fugitivas imagens têem colorido rustico; mostram logo, que não saíram das paginas mortas dos livros, mas da penetrante sensação das galas da natureza. Idéas e palavras concordam com a ficção, e concorrem para a realçar.

Outro quadro, egualmente expressivo e ligeiro, attrahe logo a vista por entre os desprezos de Aulisa e as supplicas de Daphnes na ecloga IX, intitulada *Daphnes*.

Fala o pastor:

Aulisa, d'onde corres, a quem levas
Estas grinaldas, e festões de flores
Tu de purpureas rosas coroada!
Adonde com ornatos tão festivos
Alegre moves apressada os passos?
Agora, que as cabeças inclinando
Estão com a calma ardente as dormideiras,
E á fresca sombra está dos arvoredos
O preguiçoso gado ruminando?

E na ecloga VII, dedicada á restauração do commercio pelo conde de Oeiras, como o exordio está moldado com graça, e descreve com viveza a triste e sombria entrada do inverno!

A' maneira da ecloga VI de Virgilio, porém com menos arte e verosimilhança, Dalmido, rodeado de pastores, e coroado de cãs, expõe a Silvio os beneficios do ministro, encarecendo e terminando por uma verdadeira apotheose; é o que esfria o interesse, e rouba ao poema a singeleza rustica, e o fino sabor dos primeiros versos.

A exposição, porém, resgata os defeitos, e apregoa a decidida vocação do Quita. Eil-a:

Pelas serras a neve branquejava,
O ribeiro gelado não corria,
O sol, que já dos valles se apartava
Uma nuvem o mostrava, outra o cobria:

Os cordeiros atraz das mães balando
Se andavam pelas mattas abrigando:
Os ventos tão furiosos assopravam,
Que as rochas parecia que abalavam:
Remavam para a praia os pescadores,
Recolhiam-se ás choças os pastores;
Quando já na cabana de Dalmido
Uns visinhos pastores se ajuntavam:
Onde os serões do inverno desabrido
Em saborosa practica passavam.

Segue-se a descripção da pessoa de Dalmido, e do logar da scena, e nada tem que invejar ás mais elogiadas:

E' Dalmido de edade em decadencia,
Mas de animo robusto e esforçado,
Largamente ensinado da experiencia
E a climas mui diversos costumado.
Tem despovoado o alto da cabeça,
A barba quasi branca, mas espessa;
E' venerando, alegre de semblante
E de antigas historias abundante.
Sentados, os pastores rodeavam,
Uns seccos troncos vivamente ardendo,
Concavos tarros uns formando estavam,
E cestinhos de canna outros tecendo.
E o bom velho no seu usado assento
Todo entregue a seu sabio pensamento,
Na mão, em que o cajado sustentava,
A respeitavel face reclinava.
.....

Em outro aspecto não é menos apreciavel o talento do Quita. Na ecloga X, toda allegorica, e destinada a pintar as perseguições, que

a inveja lhe movia, e a inteireza de animo, com que as supportava, o estylo engrandece-se naturalmente, acompanhando o pensamento sem todavia deslisar da simplicidade da bucolica.

De certo cabiam alli melhor os accentos melancholicos da elegia, e a composição, desembaraçada de véus inuteis, caminharia mais livre e desafogada; mas isso não obsta a que se louvem n'ella trechos inspirados pela commoção sincera, e lances que os mestres se não envergonhariam de perfilhar.

O exordio, accommodado á magua do poeta, rompe de subito, e entra logo no coração do assumpto:

Meu rafeiro fiel, unico resto
Dos bens, que me entregou a avara sorte,
Fujâmos d'esta selva, onde a desgraça
Me traz pelos cabellos arrastado:
Vem cá, fiel Melampo, que amoroso
Me estás com mil afagos festejando,
Por me estar com meus males consolando;
Fujâmos d'estes campos, que a inveja
Tem com seu negro bafo envenenado.
Aqui as plantas fructo não produzem:
Aqui antes de abrir as flores murcham;
E se a semente o lavrador derrama,
Morre affogada da importuna gramma.

Nas queixas, que depois levanta, retrata-se a dor, e a phrase exprime-a sem violencia, e com energia:

Tudo em fim já perdi, já me não resta
Nem sequer uma sombra de esperança,
Com que este pensamento engane.
Vede nas garras do faminto lobo
As formosas, as unicas ovelhas
Que o destino cruel me consentia.

. . . . . .

Vede emfim d'estas miseras colmêas
Uns enxames fugidos, outros mortos,
E de um raio abrazada a pobre choça!
Que mais póde ferir-me o duro fado?

. . . . . .

Do nosso Maioral eu era amado,
Vós me fizestes d'elle aborrecido:
Fartae-vos... já me vedes abatido,
Já, crueis inimigos, me estaes vendo
Tal como a debil vide, que lhe falta
O robusto e alto tronco, a que se arrime.

Em todas as outras eclogas podem apontar-se rasgos nada inferiores aos que citamos; mas nos idyllios, é aonde talvez brilham mais ainda os dotes do poeta.

A visinhança de Gesner, que provavelmente consultava, não parece estranha a alguns toques; e as reminiscencias de Theocrito e de Virgilio, menos pautadas, acodem a proposito, e alegram o quadro.

O que póde estranhar-se n'elles é a mesma insistencia imprudente em forçar a allusões e allegorias de pessoas e de cousas recentes, que sempre desfiguram a unidade, destingindo as côres do poema, e descobrindo que aquelles

campos e aquellas scenas estão longe da realidade, e dos verdadeiros costumes pastoris!

A exposição do idyllio II abre com a frescura de uma manhã de abril. Sente-se logo d'alli o deleite e o ar vivo das nossas risonhas alvoradas.

E' uma descripção do inverno, mas do inverno, dos nossos climas, em que o dia madruga dourado de sol esplendido, e delicioso de serenidade:

Como vem no horisonte descobrindo
A aurora a roxa fronte!
Oh, como alegre e bella se vem rindo!
Sobre o florido monte
Nova luz, novo orvalho hoje derrame
Que a buliçosa rama
Como aljofar guarnece
E mais quo o cristal pouco resplandece.

Que frondosos estão no inverno frio
Os verdes arvoredos!
Como pura a corrente d'este rio
Sobre os lisos penedos
Em branca e crespa escuma vae quebrando,
E as ondas espalhando
Em cristalinas veias
Lambe em remanso placido as areias!

No III idyllio não é menos bella a descripção, por onde rompe:

Sobre uma densa nuvem prateada,
Onde por entre globos resplandece

O rosado esplendor da madrugada,
Do mais alto do céu Hymeneu desce:
A seu lado conduz o deus menino,
E na dextra sustenta a sacra tocha.
Já nas margens do Tejo cristalino,
Entra no bosque ás nupcias consagrado.
Pelo florido prado,
Largando aljava e settas,
Voa brincando a turba dos amores,
Tal como as esmaltadas borboletas
Batendo as leves azas sobre as flores.
Um pezado no tronco de um loureiro
Curva o flexivel ramo, forcejando
Para se ver nas aguas de um ribeiro.
Outro mil giros dando
Disputa com o zephyro ligeiro
Beijar a fresca rosa
Que começa a mostrar a côr formosa:
Em quanto espalham flores no terreno
As nymphas do sagrado Bosque ameno.

Não alongaremos as citações.

As que apresentamos bastam para se fazer idéa do estylo e do gosto do poeta.

Concluiremos, resumindo com brevidade o conceito, que nos merece o drama pastoril de *Licore*, modelado pelos primores da eschola italiana, e uma das mais correctas e inspiradas composições do Quita.

Das outras peças não se tractará agora, ficam reservadas para a occasião, em que ha de apreciar-se theatro da Arcadia, a sua theoria, e a influencia que exerceu.

O nosso poeta escreveu quatro tragedias *Astarto*, *Megara*, *Hermione* e *Ignez de Castro*, e se a execução correspondesse ao acerto na escolha do assumpto, juntaria á corôa de bucolico os louros de Corneille, e as palmas de Racine. Mas acha-se tão longe d'elles, que nem sensata comparação admitte!

N'esta manifestação da arte o unico arcade capaz de a cultivar, de não succumbir, era o Garção se quizesse aproveitar a veia feliz, de que era dotado, alargando mais o quadro da comedia.

Entretanto a *Licore* de Domingos dos Reis promette tanto, que se depois não viessem desmentil-a os exemplos, havia de alimentar uma illusão; e a crítica teria de reprehender como desalento o que hoje deplora como falta de prudencia.

Se as quatro peças não existissem para desengano, havia de haver muito quem julgasse que se perdêra no Quita um auctor dramatico de vulto!

Em presença d'ellas só admira que uma voz pudesse tanto, e que tão debil ficasse depois nos mais ensaios.

No drama pastoril a fabula é adequada; a exposição natural e sobria; o desenvolvimento bem conduzido, e o desenlace verosimil e de effeito.

Os caracteres estão desenhados com firmeza, e concordam com as pessoas, e com as paixões que expressam

O estylo, simples, mas ornado, accommoda-

se aos lances, e reflecte fielmente, com as proprias côres, os sentimentos e as maguas.

Como prova transcreveremos apenas um só trecho, que o poeta poz na bôca de *Licore*, no momento em que o pezo insupportavel das adversidades a obrigam a curvar-se inclinada á dôr:

Ah triste velho!
Deixe, fiel ministro, que primeiro
Em tanta dôr console um pae maguado.
.....
Oh céus! a voz me falta... Pae afflicto,
D'este logar odioso te separa,
Não accrescentes minhas agonias...
Ah! não vejam meus olhos lacrimosos,
Ao levantar do ferro a ferir prompto
Teu rosto desmaiar, e solto em pranto,
Gemidos exhalar de angustias cheio.
Foge, velho infeliz, eu t'o supplico
Por aquelle suave amor paterno,
Que o desolado coração te abraza.
Adeus, meu pae, adeus, em paz te fica;
Pela ultima vez, os braços abre
A esta amada, moribunda filha.

Aqui encerrâmos o nosso estudo. Depois do Garção e do Diniz, o poeta de maior engenho n'este periodo é o Quita.

Se não egnala, ou não excede em alguns ramos os dois fundadores da restauração classica, não são os poderes do espirito, é força da vontade, que o desfallece.

Como bucolico, Domingos dos Reis póde contar-se sem favor ao lado do Rodrigues Lobo, entre os antigos, e do mavioso cantor de *Marilia de Dirceo* entre os modernos. João Xavier de Mattos segue-o, mas a distancia.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME DA
«ARCADIA PORTUGUEZA»

INDICE

PAG.

Nota dos Editores..... 5

Poetas da Arcadia:

I — Pedro Antonio Corrêa Garção (No Menalo — Corydon Erimanthêo)..... 7

II — Domingos dos Reis Quita (Na Arcadia — Alcino Micenio)..... 17

FLOS SANCTORUM

Vida de todos os santos e martyres do Christianismo

SEGUINDO, DIA A DIA, A ORDEM DA SUA COMMEMORAÇÃO PELA EGREJA

Trabalho de compilação e de synthese, feito sobre os mais modernos e conscienciosos estudos

PELO

Rev. Dr. SANTOS FARINHA

Bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra e parocho collado da freguezia de Santa Izabel, de Lisboa

---

Illustrado com centenares de gravuras

Cada fasciculo semanal de 2 folhas de 8 paginas cada, in-4.° grande, contendo pelo menos 2 gravuras,

60 — RÉIS — 60

Cada tomo mensal de 5 fasciculos, ou 80 pag., grande formato, contendo numerosas gravuras,

300 — RÉIS — 300

DIRIGIR OS PEDIDOS A'

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

Livraria Moderna—Rua Augusta, 95, Lisboa

TYPOGRAPHIA — 45, RUA IVENS, 47

UM REINADO TRAGICO

(Complemento da HISTORIA DE PORTUGAL)

Por * * *

Edição Popular e Illustrada

Com grande numero de retratos dos homens contemporaneos, e de gravuras representativas dos acontecimentos mais notaveis do reinado de D. Carlos

Attendendo a instantes pedidos de muitos dos assignantes da nossa **Historia de Portugal**, resolveu esta Empreza publicar um novo livro que, embora seja como que o complemento d'aquella — e por isso absolutamente egual em formato, papel, etc. — será no emtanto completamente independente dos anteriores volumes, e no qual, sob o titulo de **Um Reinado Tragico**, se fará a descripção de todos os successos politicos que vão desde o *ultimatum* de 11 de janeiro de 1890 até aos tragicos acontecimentos de 1 de fevereiro de 1908, que determinaram a subida ao throno portuguez do rei D. Manuel II.

Publicação em fasciculos semanaes de 16 paginas in-4.° grande, ao preço de

60 RÉIS

a tomos mensaes ou de 5 fasciculos, ao preço de

300 RÉIS

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXIX

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)
XXIX—Arcadia Portugueza (2.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXIX

ESTUDOS CRITICOS — III

ARCADIA PORTUGUEZA

VOLUME II

LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA — *R. Augusta, 95* ‖ TYPOGRAPHIA — *45, R. Ivens, 47*

1909

POETAS DA ARCADIA

III

Antonio Diniz da Cruz e Silva

(Na Arcada—Elpinio Nonacriense.)

(1731—1779)

Entre os cultores das lettras que em Portugal tanto illustraram o decimo oitavo seculo, o poeta Diniz sobresáe como um dos mais notaveis, senão como o primeiro.

Ameno e flexivel, o seu talento prestava-se a quasi todas as manifestações então usadas, e se não quebrou os moldes prescriptos pelos dictadores do Parnaso, ou se não se afastou inteiramente d'elles, alargando os vôos á invenção, não póde negar-se, que, sem os exceder, subiu a grande altura, legando-no sensaios valiosos.

Menos correcto e esmerado que o Garção, porém mais livre e elevado que o Quita, imitando, como ambos, os modelos antigos, Elpino provou os poderes do seu engenho em ge-

neros difficultosos, e em todos deixou vestigios assignalados.

Pelos seus estudos a eschola em que de certo principiou as suas tentativas, foram as palestras metricas dos vates de D. João V, cujas obras apuradas em artificios pueris, e em requintes de agudeza, offuscavam os rasgos felizes, á força de os quererem tornar vivos e conceituosos.

Qual fosse a influencia d'estes perniciosos exemplos, na tenra puericia de Diniz, é hoje bastante difficil de rastrear. Ao contrario de outros cantores de menos vulto, a sua lyra não se divulgou senão depois de amestrada; e se entre as suas poesias, algumas, pela data, remontam aos annos de inexperiencia, a lima correu-as com diligencia, e pagou as asperezas do primeiro jacto.

Nos sonetos, e em certas odes, menos cuidadas, talvez possam apontar-se sombras de gongorismo, e reflexos da corrupção por elle censurada; mas em geral, abstendo-se de exagerações condemnaveis, conserva nas proporções e no colorido aquella graça castigada, que em superior grau constitue a formosura quasi irreprehensivel dos versos horacianos do Garção.

Mesmo no arrebatamento lyrico das suas estrophes, ás vezes mais do que empoladas, são menores as quédas do que devia esperar-se. O furor do enthusiasmo quasi nunca lhe desgrenha a musa a ponto de a converter em bacchante descomposta.

Tal como nos apparece na madureza das suas faculdades, e não o conhecemos de outro modo, Elpino apresenta-nos uma physionomia animada, espirituosa, com o sorriso satyrico nos cantos da bôcca, e o ardor do rapto pindarico faiscando nos olhos.

A sua ascendencia intellectual é mais estrangeira do que nacional.

As feições do seu engenho lembram mais as de Boileau, e dos vates francezes do seculo XVII, já com visiveis toques da malicia voltairiana, e da reflexão philosophica dos encyclopedistas, do que a austera disciplina de Sá de Miranda, de Ferreira, e dos poetas e prosadores do seculo XVI em Portugal.

Não lhe foram estranhos, nem antipathicos, vê-se; mas conviveu menos com elles, e não os conversou habitualmente. Camões, sim, esse era dos seus intimos, e não será raro encontrar alguma das suas bellezas engastadas nos versos de Diniz; porém, em geral, a escola restaurada pelo auctor da *Arte Poetica* e do *Lutrin*, e os primores dos mestres, que ornaram a grandiosa epocha de Luiz XIV, são os modelos que Elpino segue mais de perto, e que nos recommenda em termos, que respiram fervorosa admiração.

O livro publicado pelo padre Verney, o *Verdadeiro Methodo de Estudar*, saíu dos prelos de Valencia em 1746; e a *Arte Poetica* por Candido Lusitano viu a luz publica em 1748, sendo suscitada provavelmente pelas vehementes censuras, que Verney descarregava sobre o

methodo jesuitico, preponderante em quasi todas as aulas portuguezas.

Quando se estampou a primeira d'estas obras, Diniz contava apenas quinze annos, e aos dezesete pôde talvez aperfeiçoar o gosto, adoptando os preceitos, que o oratoriano Freire inculcava á mocidade, como contravenenno necessario para os erros e devassidões dos profanadores das letras.

E' inquestionavel, como já notamos em outro logar d'estes ensaios, que a polemica suscitada por Verney deu o primeiro rebate da decadencia poetica, e acordou do seu torpor alguns engenhos cobiçosos de romper com os abusos, abrindo novas e seguras veredas.

A' influencia do *Verdadeiro Methodo de Estudar* foi devido o impulso que produziu a Arcadia, e com ella a segunda renascença.

As observações do auctor, despidas do prestigio do estylo desde logo não podiam vencer os preconceitos, extirpando os usos inveterados. Pungente e desabrida a sua crítica mais fustiga do que persuade, ou do que attrahe. Para fundador de uma eschola acceita faltava-lhe o gosto e a amenidade; e os jesuitas, vendo-se hostilizados com vigor, não pouparam esforços, nem libellos, para emmudecer o importuno accusador, que vinha perturbal-os na posse immemoriavel, que gosavam, de dirigir as consciencias e os entendimentos.

Os eruditos cruzaram as armas, e exgotaram a virulencia dos odios. Defensores, e aggressores, travados em lucta implacavel, de

nada se esqueceram para sustentar a causa, que tinham jurado manter; e as razões, a par das injurias, voavam de parte a parte com azedume, servindo o véu do anonymo para esconder o rosto dos antagonistas, e soltar ainda mais a furia dos doutos.

A verdade de certo não soccorria a nenhum dos extremos, todos pelejavam nas trevas.

Verney, e os seus adeptos, a pretexto de expulsarem os monstros do Parnaso, apertavam o circulo da imitação a ponto, que não deixavam livres os commettimentos da phantasia.

Os continuadores do gongorismo, ameaçados, e receiosos, longe de cederem dos seus excessos, pagavam com mão prodiga as ironias e o soberbo desdem dos puritanos.

O pomo da discordia, rolando entre elles, cada vez os excitava mais, e raro era o dia, que não allumiava algum obscuro duello pedantesco, sempre terminado pela risada dos neutros, que assistiam a estas comicas pugnas dss deuses do Olympo.

Francisco José Freire *(Candido Lusitano)* militava nas fileiras dos reformadores; porém carecia dos dotes imaginativos, e do fino tacto que asseguram a victoria. Poeta de arte, e sem vocação, revelava nos versos martellados a sua erudição laboriosa, e ao mesmo tempo a sua invencivel repugnancia.

A prosa de Verney não parecia mais feliz.

Qualquer d'elles, com os melhores desejos, era incapaz de hastear a bandeira, rodeando-a de tropheus. Sectarios dos gregos, e romanos,

ensinavam as regras classicas, e apontavam os modelos admiraveis de Homero, Pindaro e Theocrito, de Horacio, Virgilio e Cicero; porém, apenas chegava a occasião de unir o exemplo ao preceito, o metro e a phrase rebeldes debaixo dos seus dedos atraiçoavam as suas lições, e a palma ficava nas mãos dos adversarios, menos instruidos, e mais auxiliados de prendas naturaes.

N'estas circumstancias, para o triumpho se inclinar a qualquer dos contendores, era indispensavel que engenhos sinceramente favorecidos pelo estro, se abraçassem com uma das bandeiras, e que a plebe dos metrificadores, confundida pelo talento e pela harmonia, fosse obrigada a reconhecer a sua inferioridade.

Foi o que succedeu. Preparada a reforma no campo do raciocinio, não tardaram os sacerdotes do culto orthodoxo. Roma e Athenas tiveram quem as representasse.

A reconstrucção, que o marquez de Pombal emprehendia na esphera politica e economica, tentou-se nos dominios da arte, e um periodo, relativamente fecundo e bello, veiu completar por outro aspecto a obra do ministro omnipotente.

Dois magistrados, sobraçando a toga, e substituindo o gorro negro dos jurisconsultos pelos virentes louros de Apollo, metteram hombros á empreza, e levaram-n'a tão longe, quanto podia ser dado a uma doutrina, acanhada de vistas e timida nos movimentos.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manuel

Nicolau Esteves Negrão, conceberam os estatutos da associação, que, traçada por elles, devia restituir ás letras patrias a pureza e o esplendor.

Homens de merecimento relevante e conhecido associaram-se ao seu pensamento, e nos ultimos dias de setembro de 1756, a Arcadia achava-se creada, com todas as officinas poeticas em acção, com o Ménalo povoado de rebanhos e de pastores, e com os certames dos seus Melibeus e Mopsus para lhe entreterem os ocios ou adoçarem as fadigas.

Era uma servil imitação da Arcadia romana, instituida no seculo XVII, sob os auspicios de Mario Crescimbeni, mas proveitosa, como ella. A constancia com que empenhou os cabedaes do seu engenho em guerrear os vicios e aberrações da falsa poesia foi coroada de exito, e applaudida.

Das suas ruinas veiu a nascer depois, e pouco tempo existiu, a nova Arcadia, d'onde Bocage, Semedo e José Agostinho saíram inimigos irreconciliaveis, não perdoando a si, nem á evidencia.

Antes, tinham vivido obscuros, e findaram esquecidos esses numerosos gremios, baptisados com os nomes de academias dos *generosos*, dos *instantaneos*, dos *singulares*, dos *occultos*, dos *anonymos* e dos *applicados*, nas quaes se adorou exclusivamente, como supremo numen, a insipidez!

*

Antonio Diniz da Cruz e Silva nasceu em Lisboa a 4 de julho de 1731, conforme consta do livro nono, folha 292 dos assentamentos de baptismo da freguezia de Sancta Catharina do Monte Sinai.

Foram seus paes o sargento-mór João da Cruz Lisboa, e D. Eugenia Thereza, pessoas de sangue illustre, e boa origem.

Na congregação do oratorio, seminario de varões insignes em letras e virtudes, frequentou os estudos de humanidades, aprendendo a grammatica latina, e a philosophia, com applauso de seus mestres, e provas evidentes de talento.

N'esse tempo a casa do Espirito Sancto encerrava homens doutos, dedicados á sciencia, e desapegados de abusões e preconceitos. Emulos dos padres da companhia de Jesus, sobresaíam pela pureza da doutrina, pelo desprezo das ambições mundanas, e pelo desinteresse, com que se dedicavam a formar discipulos instruidos, crentes, e estranhos aos enredos e beaterios, com que os socios de Sancto Ignacio procuravam suster o edificio, já abalado, da sua preponderancia.

Não sei se os oratorianos se inclinavam um pouco ás maximas de Jansenius, tão mal vistas dos theologos jesuitas, e a instancias d'elles condemnadas pelos curiaes de Roma; mas póde affirmar-se, que no seu retiro, como os

solitarios de Porto Real, eram exemplares nos costumes, veneraveis pelo saber, e modestos no exercicio das virtudes practicas.

Basta examinar a sua bibliotheca selecta, e comparar as obras dos seus escriptores, para se lhes conceder a palma, sem lisonja.

Despidos de fanatismo, severos sem fingidos escrupulos, e lealmente consagrados á educação da juventude, desde que principiaram a apparecer os congregados foram com motivo suspeitos e hostis aos seus rivaes de S. Roque.

Os homens e o instituto regiam-se por oppostas leis, e se a ambição e a opulencia desvairavam os ultimos, o agrado do soberano, e o elogio dos eruditos nunca desviaram os primeiros da sua risonha benevolencia, e da sua abstenção politica.

Em quanto a roupeta de Sancto Ignacio varria os paços e as camaras dos poderosos, insinuando-se para ter o ouvido dos monarchas e dos ministros, o habito dos congregados fugia das seducções da grandeza, e refugiava-se d'ellas no asylo silencioso das livrarias e da meditação; por isso o golpe que prostrou os jesuitas deixou incolumes os padres do oratorio, que herdaram, sem a pedir, e por direito incontestado, parte da influencia, que o confissionario e o pulpito tinham grangeado aos missionarios da Asia e da America.

Estudando com mestres, firmes nas verdades da religião, mas isentos de superstições, e contrarios a subterfugios casuisticos, Anto-

nio Diniz bebeu no seu ensino as theorias illustradas, a as opiniões imparciaes, que as suas obras depois reproduziram. Algumas das reflexões satyricas do *Hyssope* lembram mais de uma vez a aversão dos congregados ás pias fraudes, com que os solipsistas e mendicantes costumavam especular, zombando sem remorso dos credulos e beatos.

Approvado nos preparatorios com satisfação dos professores, o poeta passou a cursar as aulas superiores, matriculando-se na universidade de Coimbra, aonde seguiu as lições de lentes respeitaveis desde 1747 até 1753, em que fez a sua formatura em leis, saíndo estimado dos condiscipulos, e bemquisto dos seus mestres.

De certo, ás informações que obteve é que deveu o prompto despacho, com que entrou na carreira juridica, sendo já secretario de estado Sebastião José de Carvalho, mas correndo as mercês ainda pelas mão de Pedro da Motta, velho caduco, e quasi invisivel, que da sua cama, e com a cabeça mettida no seu barrete de folhos, continuava no reinado de D. José I a privança, que alcançára nos ultimos annos de D. João V, graças a seu irmão o cardeal da Motta.

Diniz unia aos conhecimentos da sua profissão, e á integridade de caracter, maneiras muito insinuantes, uma veia jovial e quasi inexgotavel, e grande felicidade de citações opportunas.

Dotado de memoria facil, versado nas letras

antigas e nas obras da eschola franceza, applicava com discernimento a sua erudição, e sabia inclinar as conversações familiares de modo que as suas prendas não ficassem escurecidas.

As tradições que nos restam d'elle pintam-n'o como sendo absolutamente o opposto da rigidez taciturna e cabeçuda da velha raça desembargatoria. Os autos, por mais aridos, nunca seccaram a alegria quasi petulante da sua crítica, talvez um pouco mordaz, nem murcharam o verdor da sua phantasia arrebatada. Soube ser bom juiz e bom poeta ao mesmo tempo. Quem ganhou com esta agudeza e primor do espirito foram as letras, e a fortuna pessoal do poeta.

Admittido aos serões privilegiados do marquez de Pombal, arbitro do governo, descobriu o modo de lhe captar a benevolencia, e com os annos conseguiu introduzir-se na sua amizade.

Os dias de festa do ministro, eram dias de inspiração para o auctor do *Hyssope*. A sua musa, docil e complacente, esfolhou as rosas de Anacreonte, e emboccou a tuba heroica, cantando em nome da posteridade os louvores do restaurador de Lisboa, e os jubilos da sua intimidade.

Mais feliz do que o Quita, ou mais flexivel, (apezar de tudo quem sabe!) as odes, e os sonetos aulicos não foram perdidos. Celebrando natalicios e epithalamios, attrahia, com os sorrisos do marquez, os premios e as mercês;

e na velhice, olhando para a toga e para a lyra, é de crer que o grave magistrado não pudesse dizer bem a qual d'ellas devia mais!

Em quanto a austeridade espartana do Garção o arrastava das estreitezas da indigencia para a humida escuridão dos carceres; em quanto as eclogas e idyllios do Quita, em recompensa de servis adulações, apenas obtinham promessas não cumpridas, a musa de Elpino, ditosa e elogiada, brilhava, coroada de favores, e quasi que não formava um desejo, que não fosse logo satisfeito!

A protecção do valido d'elrei D. José desviou-lhe os emulos, obrigou as inimizades a calarem-se, e aplanou-lhe todos os caminhos.

Nomeado juiz de fóra de Castello de Vide, é natural, que n'este logar de primeira instancia concluisse o triennio costumado, passando a servir, depois, o emprego de auditor em um dos regimentos d'infanteria, pertencentes á guarnição da praça de Elvas.

N'esta cidade, para entreter as horas de descanso, e ao mesmo passo para largar as redeas á jovialidade satyrica, é que Diniz tentou a composição do seu poema heroi-comico, o *Hyssope*, imitando em livres traços, e com galas proprias a *Estante do Côro* (Lutrin) de Boileau, e o *Balde Roubado* (Secchia rapita) de Tassoni.

Uma scena digna da risada dos deuses de Homero ministrou-lhe o assumpto.

O deão da Egreja de Elvas, José Carlos de Lara, depois de ter vindo offerecer o bento

hyssope ao bispo D. Lourenço de Lencastre, á porta da casa do cabido, arrependeu-se, e esbulhou o prelado d'este feudo reverente, esfriando a amizade que os ligava.

D. Lourenço não supportou de bom grado a suspensão da honraria canonical, e tomando-a por affronta, machinou com alguns parciaes obrigar o Lara a continuar-lhe o obsequio, reputado já por elle como de posse episcopal.

Fulminou-se entre todos um accordão, e sob pena de pezada multa foi o deão compellido a obedecer ao orgulho do seu pastor; e debalde apellou da injusta decisão, porque não foi provido, e só nos dias de seu successor e sobrinho Ignacio Joaquim Alberto de Mattos é que o abuso teve termo.

Elpino aproveitou-se habilmente da tela, que se lhe offerecia; e o seu pincel, correndo por ella solto, deu a immortalidade do ridiculo, não só aos dois contendores, mas a diversas figuras secundarias, que de boa mente a dispensariam.

E' de suppor que o poeta recatasse a obra, e a escondesse dos olhos das victimas, que, assim retratadas do natural, não deviam perdoar a injuria; mas tambem não póde negar-se, que os versos foram lidos a alguns intimos, que as copias se divulgaram, e que o vaidoso prelado e os zurzidos accessores penaram algumas horas pessimas, lendo, ou ouvindo ler, os cantos d'aquelle fatal libello, ao qual o chiste, a invenção, e a belleza asseguravam longo e perpetuo applauso.

Imagine-se o effeito d'esta revelação com o caracter do bispo, vasio de idéas, abafado em gordura, e empavonado em fidalguias e vaidades pueris!

Algum bom anjo o salvou da apoplexia fulminante!

Irado e convulso jurou alli mesmo renovar contra o Diniz a perseguição, com que humilhára o Lara; mas d'esta vez a tarefa tornava-se mais ardua, porque os accordãos do cabido caíriam aos pés do malicioso auditor, imbelles, quaes raios frios.

Para a vingança corresponder ao ultrage, o meio unico era accûsar o magistrado perante a côrte, e punil-o com uma demissão repentina, que lhe cortasse a carreira por uma vez.

Não ha almas tão ferinas com as almas dos devotos, Boileau o disse, e a experiencia o confirma! Impando de odio, sua ex.ª ordenou que as anafadas mulas episcopaes fossem jungidas á carruagem de brazão, e com o maior segredo ácerca do objecto da jornada, poz-se a caminho para Lisboa.

Teve o Diniz algum rebate da cilada, ou descuidado viu accumular a tormentaa sem a perceber? Ignora-se.

O que é certo é que o bispo apenas chegou á capital, e beijou a mão a el-rei, procurou immediatamente o marquez de Pombal, e em uma audiencia secreta, que lhe requereu, expoz as razões da sua queixa, exagerando a offensa, e regalando o delinquente com os epithetos de plebeu atrevido, de impio desafora-

rado, e outros mil, que o odio e a sua curta capacidade lhe inspiravam.

Sebastião José de Carvalho, que vemos de longe atravez dos patibulos da praça de Belem, e dos rigores de um ministerio inexoravel, na sua vida particular era homem de humano e aprazivel trato, amigo de se divertir sem desdouro do seu cargo, e pouco affecto a hypocritas e a fidalgos idiotas.

A presença baixa e redonda do bispo, as suas vozes atassalhadas pela obesidade e pela preguiça, e mais que tudo a qualidade do delicto, preveniram-n'o a favor do inculpado auditor.

A pintura tosca do poema, feita pelo prelado, e as notas, em que elle maldizia do sal picante do seu Aristarcho, fizeram desejar ao ministro a leitura da satyra; e acostumado a não se constranger, nem com os illustres e poderosos, traçou logo na idéa uma scena, digna pela irrisão de emparelhar com o assumpto do *Hyssope*. «Póde v. ex.ª retirar-se tranquillo disse elle ao gordo bispo, ainda assanhado nas côres da ira, e deitando-lhe a historica luneta. S. Magestade examinará o caso, e dará as providencias. Demore-se alguns dias na côrte e assistirá ao desaggravo.»

Pronunciadas estas palavras, com toda a solemnidade, e despedido o bispo com summa cortezia, tractou Sebastião José de Carvalho de lhe proporcionar a reparação, ou antes a promettida licção.

Um aviso da secretaria de estado, com a

clausula de urgentissimo, foi expedido a Antonio Diniz, mandando-o comparecer na côrte dentro de poucos dias, e prescrevendo-lhe que se acompanhasse de todas as suas obras metricas.

Só então suspeitou o poeta a causa da jornada do bispo, e principiou a receiar, que o seu valimento com o marquez não fosse sufficiente para o eximir das consequencias desagradaveis de uma satyra cruel, indiscretamente propalada.

Entretanto, estava feito o mal; e não havia remedio senão obedecer.

Saíu de Elvas, e sem demora apresentou-se em Lisboa, aonde pouco depois recebeu ordem para em certo dia, de manhã, estar em casa do ministro, não se esquecendo de levar comsigo o poema, verdadeiro corpo de delicto da offensa.

Assim que entrou na sala, o Diniz sobresaltou-se. Deante d'elle, respirando rancor e ufania, achava-se a roliça pessoa de sua ex.ª, sentado ao lado do marquez! Sebastião José de Carvalho carregou o semblante, e meneou a luneta. O seu aspecto, composto para a ceremonia, parecia annunciar ao auctor do *Hyssope* uma d'aquellas correcções despoticas, tão usuaes no seu governo.

—«Queira tomar uma cadeira, e ouvir, com o respeito devido, o que sua ex.ª tem a dizer!» observou o ministro, depois de curta pausa.

Voltando-se depois para o prelado, accrescentou:

—«Queira v. ex.ª falar!»

Quem não cabia em si de jubilo era o bispo. Tomando a mão, castigou com os olhos, com as palavras, e com o gesto a ousadia do seu detractor, e só deu por findo o arrazoado inepto, quando a respiração se lhe cortou, e as bochechas abrazadas pareciam estalar.

—«Muito bem! acudiu o marquez. Agora, que já ouvi a v. ex.ª, pede a justiça, que passemos ao corpo de delicto; são as ordens de el-rei, meu amo e meu senhor. Aonde está o seu poema?»

—«Senhor!...» murmurou o poeta encolhendo-se.

—«Tenha a bondade de ler!» continuou o ministro.

—«Deante de sua ex.ª?!...» balbuciou o Diniz cada vez mais assombrado.

— «Leia!» repetiu Sebastião José de Carvalho com ar severo; «sua ex.ª é um ministro de Deus, e deseja ter motivos para mostrar a sua caridade. Ouçâmos esses atrevimentos, com que vm.ce, pelo que me consta, e o sr. bispo affirma, não receiou offender a Deus...»

O Diniz era poeta, e era malicioso; via-se em arriscado lance, e conheceu que não podia salvar-se senão fazendo rir o marquez.

Demais, os seus olhos, passando da physionomia cholerica do bispo para a physionomia do ministro, tinham colhido alguma esperança. Portanto resignou-se, tirou do bolso o caderno dos versos, saudou os dois illustres ouvintes, e em voz firme, carregando e allivian-

do as inflexões, segundo o sentido requeria, começou a leitura.

Sebastião José de Carvalho achava-se collocado de modo, que tinha o desgraçado bispo debaixo do fogo mortifero da sua luneta; era impossivel escapar-lhe a menor visagem, a mais leve mudança de côr nas apimentadas e nedeas faces de sua ex.ª.

Houve alguns instantes de calmaria. O poeta recitava a invocação; e o prelado, atado ao poste do martyrio, colligia as suas forças para figurar heroicamente, comprazendo-se no seu interior com o benigno pensamento, de que o castigo de tão desgrenhada satyra seria pelo menos um degredo para as Pedras Negras.

O marquez escutava, medindo ás vezes o perseguidor com a luneta em riste, e espreitando sempre a victima com disfarce por baixo das palpebras.

Mas o canto II ía acabando, e o III principiava.

Todas as furias do orgulho, da vaidade, e da desesperação, se desencadearam no peito de sua ex.ª. Parecia estar assentado sobre brazas, tantos eram os pulos, com que ía acompanhando cada verso, cada escarneo, cada ultrage.

O suor escorria-lhe em bagas da testa e das roscas das tres barbas; as mãos, á falta de emprego, convulsas arranhavam as roupas talares, ou arremettiam contra o solideo, innocente n'aquelle desacato metrico...

De espaço a espaço, quando a imagem era mais felina, ou a allusão mais cortante, uma especie de bramido rouco e surdo arquejava-lhe no peito, e vinha expirar nas dobras oleosas da bôcca, ao passo, que levantando meio corpo, dava a entender, que a indignação o arrebatava, e que a deshonestidade d'aquellas mofas eram superiores á sua forçada longanimidade!

—«Veja v. ex.ª! Veja!» exclamava com a voz estrangulada de raiva, e uma face livida, e a outra a arder, em quanto os olhos, como dois punhaes, queriam varar o coração do poeta.

Quando o accesso chegava a este auge, o ministro, frio e sereno sempre, acenava-lhe com a mão que se tranquillizasse, assestava-lhe a luneta mais de alto, e franzindo os labios nos cantos, reprimia a todo o custo o riso solapado, prestes a estalar.

Durou esta incrivel comedia até ao VI canto. Ahi a paciencia do bispo, e a seriedade do marquez naufragaram ao mesmo tempo. Foi uma explosão!

A descripção dos agouros da sua sesta, e a pintura da insolente citação do bom Gonçalves, afeiadas pelo ridiculo de que as ungíra o poeta, acabaram de transtornar a cabeça ao bispo, que se poz em pé repentinamente, como se occulta mola o fizesse saltar, extendendo o braço ameaçador, e rangendo os dentes.

O ministro abysmou a gravidade n'uma gargalhada immensa, capaz de enlouquecer a victima, se ella tivesse ainda siso que perder.

O poeta, que, sem atinar porque, se levantára tambem, lia no meio das contorsões, e dos arrancos da ira episcopal estes versos maliciosos, que redobraram a hilaridade do marquez:

> Finalmente, ao montar, á carruagem,
> Batendo um grão bisouro as negras azas
> Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
> E um pardal lhe estercou no tejadilho.

Não podia ir mais por deante a scena sem degenerar de todo em farça!

Sebastião José de Carvalho viu que era tempo de lhe pôr termo. Recobrando-se do accesso jovial, e firmando a luneta, voltou-se para o bispo, e com toda a solemnidade da sua magestosa presença, disse-lhe:

—«Tenho formado o meu conceito. Não tomarei mais tempo precioso a v. ex.ª... Este poema... esta satyra... é na realidade notavel, e posso assegurar-lhe, que o seu auctor não torna a Elvas, nem ha de ficar no reino.»

O Diniz escutou a sentença sem temor, porque a ironia era transparente.

O prelado multiplicou as cortezias e as baixezas, porque imaginou que tinha comprado a ruina do seu detractor a preço de duas horas de supplicio.

Depois de o ver sair, o marquez de Pombal, levantando a viseira de subito, e com ar de riso virou-se para o auditor, que aguardava silencioso, e accrescentou:

—«Então que é isto, sr. Diniz? Tomou odio á cidade de Elvas?... Pois bem, veremos se lhe acho algum logar mais alto para o mudar de ares... Não quero que s. ex.ª diga, que el-rei, meu senhor, desattende as mitras... Vá para sua casa, e espere, que lá receberá as ordens de sua magestade.»

O Diniz foi. Passados dias entregaram-lhe em mão propria o despacho de desembargador para a relação do Rio de Janeiro!

Peço venia aos leitores por esta larga digressão; mas entendo que ella não será de todo inutil para o esboço da epocha, e como anecdota litteraria cabe na parte biographica de um estudo de alguma extensão.

Colhi-a da bôca de meu pae, e não é sem grande saudade que a reproduzo, com menos viveza e côr do que elle, porque ninguem narrava com mais graça e animação uma historia contemporanea, ou uma tradição mais ou menos remota.

Se não me engano, a scena do bispo, do ministro e do poeta, foi-lhe descripta por José de Seabra da Silva, e todos sabem que o velho secretario de estado de el-rei D. José e da rainha D. Maria I era um dos nossos mais espirituosos e finos conversadores, concedase-nos o uso da palavra! Essa eschola de homens, sabios, probos e agradaveis na intimidade domestica, quasi que finalizou sem deixar herdeiros. Não me lembro hoje senão de um ancião, a todos os respeitos veneravel, que a represente, é o sr. marquez de Rezende.

Ajuntei estas linhas para que não se acreditasse, que certa inclinação ao romance me tinha attrahido, e que o desejo de desenhar tres figuras em acção me fizera esquecer as leis da veracidade.

Procuro separar os generos; e se me abalancei a metter aqui um episodio, bastante longo, tenho o exemplo de Villemain, e de bons auctores para me desculpar. A anecdota litteraria não é deformidade em um ensaio d'este genero; e ás vezes diz mais sobre as cousas, e sobre os homens, do que prolixas considerações e volumosas críticas. Estou muito longe dos mestres, mas seguil-os, como posso, é o meu empenho.

*

Nomeado para a relação do Rio de Janeiro, Antonio Diniz continuou n'ella desde 1776 até 1787.

N'este meio tempo graves mudanças politicas occorreram no paiz.

El-rei D. José fallecêra no dia 23 de dezembro de 1776, e o seu valido o marquez de Pombal retirava-se dos negocios, em 4 de março de 1777, ainda louvado e premiado pela soberana, mas descobrindo já no horisonte a tempestade com que o ameaçava o odio dos seus emulos.

O partido da antiga aristocracia, da nobreza puritana, que o conde de Oeiras julgava ter decapitado na praça de Belem por mão do

verdugo, animado pelos escrupulos de D. Maria I, e seguro da impunidade, tornou a alçar a fronte, e ancioso de vingança, nada omittiu para que o desagrado real contra o ministro se convertesse em estrepitosa perseguição.

Indigitado como victima necessaria dos seus irreconciliaveis inimigos, Sebastião José de Carvalho experimentou na queda os rigores e as inconstancias da fortuna.

A memoria dos serviços passou logo, e o esquecimento dos beneficios tornou ingratos até os que lhe deviam mais.

O povo, que elle tinha procurado levantar, pagou-lhe com assuadas e cantigas, pizando prostrado aquelle que de pé, e ao lado do monarcha, lhe fazia baixar os olhos.

Ao cabo de mais de vinte annos de ministerio o marquez achou-se desterrado, e só com os seus pensamentos, e com a sua consciencia, na solidão da pequena villa de Pombal; penou, é de crer, as dolorosas vigilias, em que o remorso, como um accusador, suscita á cabeceira da ambição o espectro do passado.

De tantos amigos, que ornavam as suas festas e os seus serões, que elevára do pó e enchêra de mercês, poucos ficaram firmes, e mais raros ainda lhe foram fieis na adversidade.

Houve de certo corações generosos, que não renegaram a amisade do homem sobre as ruinas do ministro; mas esses o que fizeram foi avivar a torpeza dos mercadores de graças, almas ignobeis, que, apenas Carvalho succumbiu, e ainda com os labios quentes do ultimo

osculo, que lhe depozeram na mão, correram a forrar as paredes dos novos protectores, vendendo sem pejo segredos e confidencias, que dias antes escutavam inclinados.

Por honra nossa, o commum dos homens não é assim. Se o sol que nasce encontra alguns de joelhos, e se o astro no occaso nem já os vê fugir, ha quem os não imite.

De mais, a ira dos perseguidores do ministro decahido, e a cega parcialidade dos seus emulos, não perdoavam facilmente á lealdade e ao reconhecimento.

A inteireza de animo com que o marquez, mesmo do seu exilio, os dominava, humilhando-os de alto como o seu desprezo, confundindo os enredos, convencendo as calumnias, e denunciando a incapacidade dos successores, exacerbava a paixão d'estes, servia-lhes de pretexto para que amiudassem os golpes; e para o ferirem mais vezes e de mais perto, não poupavam injustiças e aggravos aos que ainda ostentavam o valor de confessar a sua devoção á pessoa, tendo manifestado antes vivas sympathias pelo ministro.

José Basilio da Gama, o auctor do *Uruguay*, só pelo honroso delicto da sua obra, esteve a ponto de sair do emprego de official da secretaria de estado.

O capitão Manuel de Sousa, por haver commettido a impiedade de traduzir o *Tartufo*, foi preterido na promoção, e perdeu o posto que lhe pertencia.

A seita ultramontana resurgia á voz do

nuncio, e sob os auspicios de um gabinete, nfluido por frades e beatas, não duvidava perseguir o congregado Antonio Pereira de Figueiredo, querendo obrigal-o assim a expiar as paginas condemadas em Roma da sua *Tentativa Theologica.*

No meio d'este desencadeado temporal o que podiam fazer os timidos? Calar no peito as affeições, guardar só comsigo a gratidão, e com o maior resguardo figurar de indifferentes e de neutros.

O marquez de Pombal era o mesmo que o aconselhava aos seu intimos, lucrando mais em os ver conservados em logares, aonde fossem uteis ao estado e ao seu protector, do que em ser causa de demissões, que, augmentando o numero dos infelizes, de nenhum proveito lhe podiam ser.

A ausencia, a sua indole branda, e a jovialidade natural do seu caracter salvaram Diniz de participar dos perigos, que então corriam outros amigos, cujo unico delicto seria tambem seu. Fiel á benevolencia com que o marquez o distinguíra, e sincero em declarar sem equivocos a sua gratidão, nem por isso attrahiu sobre si a animadversão.

Mais prudente, ou menos resoluto, do que José Basilio, a sua lyra emmudeceu, e absteve-se de cantar o protector, que nos dias de sol do seu poderio tantas vezes celebrára.

Foi de certo uma tibieza indesculpavel. Sebastião José de Carvalho, de feito, só começára a viver verdadeiramente para a historia

e para o louvor isento desde a data da sua demissão.

As injurias que invejosos, antes curvados aos seus pés, lhe verteram sobre o coração para amargurar as tristezas da sua velhice, eram, ou deviam ser, outros tantos motivos, que excitassem os seus amigos a antecipar-se ao elogio da posteridade; porque o grande homom principiava alli, nas sombras do desterro!

O Diniz não teve animo para isso. Acovardou-se; e é provavel, que reservasse para si, ou para alguns confidentes, a expressão dos sentimentos mais reconditos.

Fez peior ainda.

Commetteu a fraqueza, para não lhe applicar epitheto mais severo, de mutilar as copias do *Hyssope*, que pôde haver á mão, riscando d'ellas quantos versos encomiasticos, e quantos applausos a musa lhe ditára a favor das reformas, tentadas durante o reinado de D. José pela iniciativa do marquez de Pombal?

A reedificação de Lisboa, a expulsão dos jesuitas, a fundação do collegio dos nobres, a reforma da universidade, e o estabelecimento dos estudos menores, que no poema davam thema exuberante aos enfaticos argumentos do deão, e ás objecções reverentes e recatadas do guardião dos capuchos, desappareceram do manuscripto, e foram os seus dedos ingratos que os apagaram d'este episodio extenso, receiosos da reacção fradesca que, pre-

ponderante com a ruina do ministro, podia tirar armas dos seus versos, e fazel-o mal visto do governo.

Esta nodoa, que nenhum sophisma excusa, ficará indelevel sobre o caracter do poeta. Antonio Diniz, tendido extendido a mão, e apertado a do marquez, como protector e amigo, não podia sem desdouro, e depois, aparar á tesoura os metros laudativos, com que encarecêra os seus serviços.

Se os gabos foram justos, eliminando-os, mentiu á consciencia e trahiu a verdade por medo. Se eram adulações e lisonjas, deixar de embalar o thuribulo, e esconder o elogio perante a adversidade, parece uma covardia, para não dizer tudo.

Que differença entre a lastimosa contemporização de Elpino e o procedimento de José Basilio da Gama! Como um escondendo-se dos proprios actos fica pequeno, e outro se levanta e cresce, repetindo alto e firme, na presença do infortunio, o que tinha applaudido nas horas de grandeza.

Se são suas, como conjecturo, as estrophes da ode á queda do marquez, como exaltam o homem e o cantor!

Não o vil interesse de ouro ou prata
Não a esperança de honras,
A minha voz levanta! Nem da plebe,
De subitas catastrophes amiga,
As tumultuosas ondas me arrebatam,
E' só, é só a gloria

É o amor da virtude quem me inflamma.
Debalde os mares tumidos c'o vento
Que brama e ronca ao longe
Tentam com furia enorme a immovel rocha,
Que o grosso rolo d'agua estala e quebra
Sobre o fixo cachopo alcantilado,
Em vão no ar saltando
Em branca e crespa escuma cáe desfeito.
Magnanimo marquez, tu com sereno
Intrepido semblante,
Encarando a fortuna, rugir ouves
Da ingratidão o monstro abominavel;
Tu, com placido espirito olhas cercado
De imposturas e affrontas,
Satyras vis de petulantes momos.

Os versos, que seguem estes e completam a peça, não correm menos vehementes, nem se afrouxa n'elles a chamma, que os braza.

A ultima estrophe vingadora ameaça com a voz da indignação os peitos venaes, cujo coração era um estomago, cujas maximas foram a cobiça e a paixão do ouro.

Como o Diniz, se a lesse, havia de empallidecer, e inclinar a fronte! Como lhe devia lembrar, aqui, o grande animo do Garção, incapaz de incensar o idolo no poder, mas por isso mesmo incapaz, depois de decahido, de sumir o louvor gravado durante a sua prosperidade!

Ouçâmos a reprehensão, que a musa, accesa em ira e pejo, inspira ao vate:

Almas eu vejo de remorso cheias
C'o as mãos tapando o rosto
Confusas esconderem-se aos meus versos;
Comvosco falo oh vós, ao braço ingratos,
Que ás honras vos subiu de alga e lodo:
Tremei, tremei indignos,
Ouvindo a voz terrivel da verdade.

Em 1787 Antonio Diniz recolheu-se ao reino, depois de onze annos de exercicio na relação do Rio de Janeiro e entrou na supplicação e casa do Porto, aonde poucos mezes se demorou.

Despachado em commissão novamente para o Brazil, em virtude do levantamento de Villa Rica, nunca mais tornou á patria.

Subindo á dignidade de chanceller da relação do Rio de Janeiro, já com posse no conselho ultramarino, falleceu em 1799, chorado geralmente pelos socios da academia real das sciencias de Lisboa, fundada pela rainha D. Maria I a instancias do duque de Lafões, principe a todos os respeitos digno do favor da soberana, e da estima dos sabios, para os quaes foi sempre esclarecido e disvelado protector.

As obras poeticas, e algumas curtas prosas, do Diniz, á excepção do *Hyssope*, foram collegidas em seis volumes por um douto academico, e publicadas desde o anno de 1807 até ao anno de 1817.

Antonio Ribeiro dos Santos, que tão de perto entrára na convivencia de Elpino, e que

foi tão sincero admirador de seu engenho, não lhe chegou o tempo para nos traçar a biographia completa do seu amigo pela alma e pelas letras.

Como de tantos outros nomes illustres, apenas restam de Diniz e da sua vida noticias escassas, e datas soltas. Da sua existencia intima, das feições moraes do seu caracter, e da expressão familiar do seu talento, nem esses mesmos apontamentos subsistem. O homem todo passou para o livro, ou a morte roubou-nos metade da sua physionomia? Eis o que se ignora, e o que é já hoje impossivel decifrar.

O exame das suas obras talvez nos dê o fio para nos guiarmos algumas vezes; mas, quem ignora, quanto elle é facil de quebrar, e de se emmaranhar, tecido apenas de frageis conjecturas?

*

A obscuridade de Pindaro foi tomada como proveitoso exemplo pelos imitadores classicos.

Como a muitos seculos de distancia não era facil perceberem-se as allusões mais reconditas do vate, assentaram que as maiores bellezas da ode, pautada pelos hymnos d'elle, deviam ser os conceitos difficultosos, e as locuções estudadas, e de proposito inintelligiveis!

E' excusado accrescentar, que os mestres ensinaram e que os discipulos servilmente

executaram, que a copia, quanto possivel, havia de reproduzir os moldes gregos, como os Horacianos se arrastavam sem deslisar atraz dos modelos do grande lyrico romano.

As imagens, as sentenças, as pinturas historicas, e até os costumes iam-se buscar aos livros dos antigos, e o velho manto da mythologia poetica, continuou a cubrir, ou antes continuou a accusar de falsidade flagrante essas pallidas, e muitas vezes inanimadas imitações.

Entendeu-se que o rapto desordenado, e quasi delirante em que o cantor Thebano a miudo se arrebata marchetando de grandiosas metaphoras a maravilhosa tela, aonde o seu genio impetuoso representa como oriundos dos fabulosos deuses os seus heroes mais queridos, era uma condição essencial ao apuro e lustre da tentativa; e impoz-se como preceito, e como calculo, o que no poeta fôra simplesmente qualidade espontanea, e nunca plano antecipado.

Basta meditar attentamente o que a critica dos auctores mais proximos, e por isso mesmo mais sabedores das tradições e da indole do Thebano nos deixou escripto, para se conhecer o equivoco, e se emendar a opinião erronea, tão encarecida e tão fatal, porque tem sido causa de grandes desvarios, embora a um ou a outro engenho privilegiado inspirasse rasgos admiraveis, e dignos do esmero e ardor da lyra grega.

Chiabrera entre os Italianos, polindo os en-

saios que o douto Alamanni principiára, introduziu a divisão das antigas odes, e a caracterizou pelos equivalentes de *ballata*, *contraballata*, e *stanza:* Chiabrera, logo depois dos primeiros passos, revelou o vigor do estro, realçando nos seus versos a viveza da phrase e a opulencia e sublimidade das imagens.

Os que seguiram a mesma vereda, e pizaram o trilho, que elle deixára, com mais, ou menos liberdade, não sobresahiram com egual esplendor.

Pouco a pouco os architectos de poeticas foram-se apoderando do assumpto, e disseccando os primores de Pindaro, a poder de subtilezas e de conjecturas temerarias, não socegaram, em quanto não compozeram um capitulo severo, para juntarem ás ordenações do Parnaso, reduzindo a receitas puramente mechanicas o que ha de mais impetuoso e isempto —a phantasia e a inspiração!

Em Portugal, ou o receio do desastre eminente os suspendesse, ou o maior conhecimento e inclinação pelas letras romana attrahisse os vates, até Diniz não se encontra poema lyrico, em que se note a rigorosa divisão, ou o systema imitativo da ode pindarica.

As estrophes, antistrophes, e Epodos, de que já se serviam os Vates de Italia, só tomaram posse do genero nos dias, em que floresceu a Arcadia, e n'essa mesma, tirando um ensaio do Garção, e outro do Quita, a musa de Elpino foi a que se atreveu com exito a consagral-os, dando-lhes o relevo e a acceitação, de que

o estro sabe revestir as novidades, quando as inventa, ou as naturaliza.

Alludindo a esta vocação, que o singulariza, é que Diniz exclama logo no começo da ode XIV:

Sigamos, lyra, a prospera carreira
Que do Tejo famoso
A traçar sobre o campo glorioso
Tu ousaste primeira.

Levado do mesmo orgulho desculpavel, é que elle no epodo quarto da ode V, não duvida dizer de si:

Arando os verdes campos do Oceano,
Largo imperio dos ventos,
De prosperas riquezas
Surgem prenhes no Tejo as quilhas lusas;
E das celestes musas
O coro soberano,
Novos formando divinaes accentos,
Canta heroicas empresas;
Abre dos Dirceos hymnos
O alcacer aos varões da fama dinos.

E, na vigesima septima nota da mesma peça, Elpino não hesita em confirmar a asserção, bem certo de não ser desmentido, quando escreve: «que a ode pindarica, a Saphica, arcaica, anacreontica, dithyrambica, e outras especies de poesia, foram introduzidas na lingua portugueza pela sociedade dos Arcades lusitanos».

Não podendo deixar de applaudir o esforço, e não devendo negar a palma ao cantor, que primeiro, e quasi unico, mesmo depois de aberta a carreira, não receiou travar o certame com os vates mais favorecidos da inspiração; porque não apontaremos, juntamente, os escolhos, que a tentativa não salvou, e os motivos porque não foi corôada de exito completo?

A nosso ver o precipicio era a propria imitação d'um genero, que, já o dissémos, e tornamos a repetil-o, não offerecia senão illusões e perigos aos seus cultores, porque tira todas as suas magnificencias do genio d'um homem, dos costumes religiosos de uma sociedade extincta, e das lendas e crenças poeticas d'uma theogonia, toda imagens e symbolos, nascida no berço ainda cerrado de trevas das raças heroicas, e mais do que nenhuma dotada de seducções proprias para enlevar os sentidos.

Quando Horacio, mais visinho dos modelos, e tendo deante dos olhos a variada collecção de primores, de que apenas sobreviveram os hymnos, nos declara que é impossivel competir com a musa de Pindaro, a despeito da opulencia e das elegancias do metro latino, parece que os modernos debalde luctaram, ou desejaram luctar, para invalidar a sentença.

A experiencia deu o desengano aos menos infelizes; e se grandes formosuras disfarçam, ou resgatam em parte as desegualdades e a frouxidão do todo, applicando-se a analyse e

a comparação ás obras mais elogiadas das differentes literaturas, se acha sempre a queda rapida a par do vôo, e a sombra logo depois do traço luminoso!

E a razão é obvia.

A mais linda estatua ficará immovel se o sopro divino a não bafejar, e não lhe infundir acção. Para as creações da arte viverem, é necessario, que ellas roubem ao ceu a chamma, que as ha de animar, e que o poeta, como Prometheu, entre em combate com as potencias superiores.

Tirae aos paineis de Raphael a expressão ineffavel, apagae dos marmores de Miguel Angelo o rasgo do cinzel do Titão, e vereis o que fica!

O estylo é o homem; e o espirito que torna immortaes e sublimes as invenções, escapa sempre aos imitadores, que se arrastam atraz das exterioridades, e só adoram a pureza da forma, perdendo de vista a ideia geradora.

O estudo desapaixonado da Lyrica do Vate de Thebas assaz o prova.

Aonde a admiração de uns não via senão delirios poeticos, e impetuosos arrebatamentos, o exame critico dos entendidos descubriu plano e systema.

Houve até um Allemão que, na excentricidade do seu fanatismo, não hesitou em representar por formulas geometricas os diversos membros das odes dissecadas.

Não só Pindaro delineava os esboços dos seus canticos, e distribuia de antemão os epi-

sodios e os effeitos, mas, segundo elle mesmo assevera, acceitava dos heroes do hymno as noticias e os dados genealogicos, que depois recamava de brilhantes allusões.

Na quarta ode, das *Nemeanas*, vemol-o suspender-se de repente, e exclamar: «Mais por deante iria ainda, se o plano que sigo me não estreitasse, e se as horas apressadas me não interrompessem!»

Na quinta das *Isthmicas* observa-se o mesmo, na invocação dos Eacidas.

Em quasi todos os hymnos pindaricos facilmente se distinguem quatro membros distinctos, que os artificios da locução, e os atrevimentos das imagens ligam entre si.

O elogio do vencedor, os louvores dos seus, as glorias da patria, e a exaltação dos Deuses protectores, entram sempre no desenho como partes integrantes; e o pensamento do auctor por mais longe e mais alto que suba, por mais luz e gala, que dê á forma, variando os thesouros mythologicos, e as metaphoras, nunca se desvia, até nos maiores raptos, da direcção que riscou, e de que não tira os olhos, mesmo quando parece desvairar-se atraz dos episodios, ou das narrações tradicionaes.

A obscuridade, a que os imitadores quasi que votaram as honras de preceito capital do genero, é uma tendencia do seu engenho, e até certo ponto uma necessidade do desalinho affectado, em que procura esconder o artificio da composição.

Referindo-se a esta circumstancia, Pindaro

disse em uma das Olympicas (a II) «Ao meu lado, e no fundo da aljava, muitas setas rapidas falam aos que as entendem, mas são mudas para o vulgo ignorante!»

O vate (é claro) louva-se do véu esplendido, em que envolve os conceitos, e das novidades de metro, e de estylo, que introduziu na lyrica.

E na verdade só a reflexão paciente, e a sagacidade instruida, meditando-o, pódem medir todo o alcance, e decifrar o sentido occulto das allusões, das allegorias, e das metaphoras, cuja opulencia deslumbra e cega as intelligencias menos robustas.

Os que estão affeitos a descer da superficie ao amago dos assumptos, não tomando a fórma pela idéa, os mestres da crítica na eschola allemã, foram os primeiros que descortinaram o segredo d'esta elaboração especial, em que a arte emprega todos os brios e recursos d'um engenho fogoso e profundo.

Vencendo os obstaculos, de proposito accumulados pelo cantor, e rompendo a rede de obscuridades mythologicas, historicas e grammaticaes, patentearam emfim aos cultores zelosos da antiguidade o genio vigoroso, o pensamento arrojado, e a incomparavel eloquencia da sua phrase.

As traducções por mais delicadas e fieis, hão de sempre ficar longe do original!

O pincel mais fino só obterá fixar na tela uma fugitiva sombra d'aquella inspiração, cujas azas de ouro matizadas sobem em um só rasgo ás maiores alturas.

A's vezes uma palavra é sufficiente para Pindaro esculpir em relevo um quadro inteiro, um poema até, mas o enlevo, a graça, e o brilho d'esse vocabulo, transportados perdem logo na copia a luz e a côr, desbotando-se nos cançados rodeios da periphrase!

De mais, mesmo pondo de parte todas estas difficuldades, a imitação por força tinha de succumbir!

O que honravam mais os Gregos na lyra thebana, que os extasiava?

Em que seculo fazia ella ouvir os seus hymnos triumphaes?

A liberdade acabava de prevalecer, e as jornadas de Plateia, de Marathona, e de Salamina, desenganavam os barbaros da Asia, de que a terra illustrada por Homero tinha animo e valor para não render as armas. Afogando em sangue e ruinas a ambição e o orgulho dos Persas repellidos e derrotados, a Hellada mostrou-se digna da victoria pela constancia da resistencia, e pela cultura do espirito.

Pindaro pertencia ao grande cyclo, que douram os nomes de Eschylo, de Herodoto, e de Xenophonte; amava, de certo, como os cidadãos illuminados, as instituições, que, retemperando o coração ao povo, ensinavam os poucos a não mudar de rosto perante as ameaças d'um poder immenso; mas as suas inclinações eram as da raça dorica, de que nascêra, e a sua predileção olhava com mais favor para a unidade monarchica, e para o regimen aristocratico, do que para os comicios inquietos, e

para as rivalidades desgrenhadas das pequenas republicas, aonde predominava a democracia pura.

Accusam-n'o alguns de pender para a uzurpação dos Persas; mas a censura é falsa.

Se os tyrannos da Sicilia, Theron de Agrigento, e Hieron de Syracusa lhe abriram os braços; se os reis de Macedonia e de Cyrene o accolheram como amigo, as cidades livres não lhes concederam menores premios.

Athenas distingue-o decretando-lhe os privilegios de hospede publico do estado; e Céos roga-lhe que lhe escreva o cantico religioso d'uma procissão solemne.

Pindaro percorre a Grecia inteira, e, em toda ella, Dorios, Eolios, ou Jonios, todos o saudam como o valido das musas, e a todos celebra na divina harmonia das suas estrophes!

Na guerra Médica os Thebanos voltaram-se para os inimigos, e contra os habitantes das cidades, que descendiam do mesmo sangue.

O Vate não esquece, nem desculpa a traição, e exaltando em muitas estrophes a fama dos heroes da lucta, cobre de elogios os filhos de Egina, fieis á causa da independencia.

E' assim que procura levantar do oprobrio a cabeça humilhada da Beocia.

A indole da poesia, a que deu o seu nome, repugna á imitação.

Quando Pindaro canta a gloria dos vencedores nos jogos olympicos, e tece em cantos

admiraveis os louvores dos ascendentes do triumphador, os da terra, que lhe serviu de berço, e os dos deuses immortaes, cuja invocação preside aos festejos, os metros épicos e heroicos, em turbilhões accesos desatam-se-lhe da voz, e as magnificencias da dicção arrebatam-lhe a palavra.

Esses canticos, pois, foram o que a literatura grega possuia de mais intimo com as suas crenças, de mais entranhado na sua nacionadade.

A idéa, que os anima, é o espirito religioso e theocratico; e o fogo, que em torrentes de luz os incendeia, é o enthusiasmo, o amor da patria e das suas glorias, é o sentimento hellenico na sua expressão mais alta, mais ampla, e mais sublime.

A forma, que reveste a inspiração, e que nos attrahe e espanta, não passa de ser apenas o involucro; e para competir, ou mesmo de longe acompanhar o cantor Beocio, não basta seguir pelo traslado as suas obras.

O fulgor do genio não suppre a vida, que existe nas crenças e no coração de cada pessoa. A dos Gregos expirou, e não se ressuscita.

Como querem, que a estatua torne a animar-se, e que em trajos modernos rivalize com a inspirada Musa, que já foi?

Seria tentar o impossivel e approvar o absurdo: e por isso Horacio, tão recto e desapaixonado nos seus juizos, e pelos poderes do seu engenho tão digno de luctar com os maiores mestres, separa e condemna a imitação de

Pindaro. Bem sabia elle que em todas as literaturas ha livros e auctores, que se não reproduzem, nem copiam.

*

Expostas as razões, que, a nosso ver, tornavam forçada e pallida a naturalização do genero nas litteraturas modernas, sem nos demorarmos, passemos, a apreciar as qualidades, em que sobresae o estro lyrico de Elpino; e sem lisonja, nem orgulho, entreguemos-lhes a palma, que merecem tantas odes primorosas.

Se o poeta não resuscita o seu modelo, ás vezes comtudo sobe tão alto, que o alcança com os olhos. Entre os emulos da renascença nenhum competidor o vence; mais ainda, talvez nenhum o eguale.

Não se ignora a temeridade de sentenciar rivaes, que o gosto, o estylo, e a lingua separam; e cujas bellezas por delicadas e proprias escapam facilmente ao observador estranho, como flores que são, e que de mimosas perdem sempre nas cores e no perfume com a distancia.

Entretanto, mesmo concedendo isto, não parece que haja injustiça. Nem Chiabrera na Italia, nem Herrera na Hespanha, nem Boileau e Lebrun em França offuscam, ou excedem o engenho do Diniz. Este logo no primeiro ensaio pizou firme um estadio assignalado pela queda de muitos cantores illustres.

Quando o auctor do *Lutrin*, prescrevendo regras á inspiração, que as repelle no seu vôo altivo, ensinou a copiar os arrebatamentos naturaes de Pindaro por meio da belleza artificiosa e desordenada, a que depois chamaram furor poetico, não ensinou senão o enganar os sentidos, e é mais do que duvidoso que a arte substituisse por si só o impeto espontaneo. Francisco Dias Gomes não escreveu sem motivo em uma das suas notas criticas, que as melhores odes não eram as que repetiam a miudo as falsas exclamações: *Que vejo? Que escuto? Onde estou? Que sinto?!* ...

E' preciso mais! Em um poema breve, tecido de expressões sublimes, e de grandes rasgos, a idéa não ha de ceder tudo á forma; e o enthusiasmo, como no Vate grego, remontando-se ás nuvens, nunca deve perder de vista o assumpto e o plano.

Se Elpino esqueceu em algumas obras o preceito, offerece entretanto numerosas provas em outras, de que o conhecia e sabia practicar.

Percebeu, que a imitação de Pindaro, quando muito, podia reproduzir em apagada imagem o brilho, a graça, e o esplendor da lyra thebana, mas que, para se nacionalizar, e se estimar, como a do cantor Dircêo, carecia de se rejuvenescer, nas tradições saudosas da patria, celebrando os grandes vultos dos varões e dos heroes, que a ennobreceram com a penna e com a espada em regiões remotas, no meio dos perigos, e deante da morte.

Embora as roupas sejam antigas; embora as suas figuras e allusões saiam armadas do Olympo pagão, o pensamento, que domina é portuguez, como o do Camões e por isso lhe perdoamos leves culpas, e até defeitos graves.

O amor da terra natal, a admiração do seu passado, e a memoria eloquente de tantos feitos raros e sublimes, que ornam o nosso berço nos seculos de gloria, elevam o coração e a mente do poeta, e levantam-lhes na lyra quasi milagrosos cantos.

De certo os jogos, cujos vencedores immortaliza a voz de Pindaro, nas *Olympicas*, ou nas *Pythicas*, nas *Nemeas*, ou nas *Isthmicas*, tão longe estão do grandioso theatro das proezas dos cavalleiros de Africa, e dos soldados da Asia, como a opulenta e formosa lingua da Grecia deixa atraz a romana, a nossa, e quantas lhe succederam.

Eis a superioridade, que deu alento a Elpino, e que o sustentou na sua ousada empreza.

Na ode a Duarte Pacheco, a invocação não desmaia nem deante dos exemplos de Pindaro, taes como uma traducção descorada os pode apresentar. Se não é tão graciosa, como a da I Pythia, é mais concisa, e grava o conceito com relevo. Ouçamol-o:

Eu não consagro altares
Da vil lisonja ao idolo profano,
Nem cruzo os subtis ares
Cantando a par do grão Cysne Thebano,
Para o nectar libar de immortal hyno

Au luxo, da Opulencia parto indino.
O genio que dos Numes me foi dado
Em mais estima e préza
A formosa virtude em baixo estado,
Do que a soberba pompa da riqueza.

Horacio, tambem encerrava assim em uma só estrophe o preludio do seu canto, mas nem sempre com a mesma valentia; e a severidade modesta, que ostenta Elpino, inclinando-se perante o vulto heroico do grande capitão, abona tanto o seu gosto, como o seu espirito.

Ha nomes, que fazem tudo pequeno, e que mesmo a lyra não exalta sem estremecer. A gloria de Duarte Pacheco, *do leão dos mares*, tão pura e digna dos louvores, com que a invoca o seu cantor, resplandece na historia; e os ferros, que algemaram aquellas mãos, que o ouro, ou a cubiça nunca maculou, foram o opprobrio dos ingratos, e o realce da sua virtude.

Seria longo emprehendermos a detida analyse da composição do Diniz, confrontando-a com o estylo de Pindaro, e com os rasgos mais louvados dos seus imitadores, entre os modernos. Limitar-nos-hemos, unicamente pois, a indicar o que parecer mais opportuno para se dar ideia do engenho do poeta, e da elevação, com que engrandecia os assumptos de ordinario.

Na invocação da ode a Vasco da Gama, uma das mais inspiradas que lhe dera a lyra portugueza, as imagens magnificas e quasi epi-

cas, poderiam citar-se por modelos, se a estrophe não declinasse nos dois ultimos versos, desvairando-se com uma figura falsa, e alem de falsa infeliz no gosto. Escutemol-a:

Bem que a teu ardimento eterna crôa
Tecesse, inclito Gama,
Sonora musa, que no Pindo voa
Sobre as azas da fama,
Eu, que, apezar da inveja e seus furores,
Aos astros levo o nome lusitano,
A' minha lyra o passo
No mar enfunarei dos teus louvores.

Entretanto, com que gentileza se não levanta logo, no bello episodio, em que põe tão alto o seu heroe, quando exclama:

Por largo campo, indomito e fremente,
Corre o Nilo espumoso;
Feroz alaga a rapida corrente
O Egypto fabuloso;
Mas se na grã carreira, ás aguas grato,
Tributo de caudaes rios acceita,
Soberbo não regeita
Pobre feudo de incognito regato.

Todas as digressões são do mesmo esmero e correcção. Os conceitos cinzelados em formosas allusões, ou em metaphoras atrevidas, gravam-se na phrase com esplendor, e recamam de fina pedraria o tecido matizado, que veste a forma. N'estes momentos, o genio do

cantor de Thebas revelava-lhe de certo alguns dos seus segredos.

Que pintura admiravel segue a descripção do descobrimento:

Nínfas do Ganges, que levar o vistes
Em seu baixel ousado
Da Aurora o novo fado,
Dizei de que alto assombro vos cubristes!
Com que horror tremular vistes ligeiras
Do novo imperio as Quinas agoureiras!

Na ode a Duarte Pacheco, que já notámos, o amor da patria, e o enthusiasmo das proezas, que fizeram do Achilles do oriente o espanto das nações barbaras, respiram nas impetuosas estrophes de Elpino.

Descrevendo a lucta audaciosa de Pacheco em Calecut, o poeta solta, alados e frementes, estes versos, digna corôa do feito heroico:

Cem paraus torreados
D'onde por boccas mil bróta Mavorte,
Entre horrorosos brados
Em fogo, em fumo, em sangue envolta a morte;
Zarguchos, frechas, que em chuveiros voam;
Elephantes bramindo a terra atroam:
Neptuno da batalha ao som horrendo
No fundo mar se espanta;
Nos eixos muda a terra está tremendo;
Mas nada o grande coração quebranta.

E na facção contra o corsario Mondragon, com que vigor retrata o tumulto e os trances

da peleja, o ardimento dos contrarios, e a valentia sem egual do portuguez, sujeitando a fortuna com o assombro do seu temerario arrojo:

Da passada rapina
Ufano Mondragon, o mar talhava:
E com fatal ruina,
De cem furias cercado ameaçava
Quanto rico baixel do Indostão vôa,
De pareas carregado, á grã Lisboa.
Mas o bravo Pacheco, n'um instante,
Os lenhos fulminados,
Do pirata a seus pés viu triumphante
Os arrogantes brios derribados.

A antistrophe, em que representa o desengano, que esperava a Duarte Pacheco na terra natal, quando voltava coroado de louros, não é inferior ás duas estrophes, que já citámos:

Quanto, quanto se engana,
Se em si fiado o são merecimento
Da fortuna tyranna
Aos revezes crueis se julga isento!
Pois com turvo semblante sempre a inveja
Olha a virtude, que opprimir deseja.
Em vão, mortaes, não clama a minha lyra,
Se, para illustre exemplo,
Entregues da pobreza á cruel ira
A Pacheco e Milciades contemplo.

Na ode de Affonso de Albuquerque, o poeta levanta-se com egual, ardor, e rivaliza com os mais primorosos nas inspiradas es-

trophes. As imagens desatam-se-lhe, como disse d'elle Bocage, em turbilhões accesos, e poucas vezes o fogoso estro terá ascendido tanto. Que riqueza nas phrases, que harmonia nos metros, que magnificencia nas figuras! Logo no Epodo I como se alteia, quando diz:

Em nobre sangue dos Avós guerreiros
Valor não degenera:
Pombal imbelle real aguia não gera,
Nem pavidos cordeiros
Na Libya ardente a coroada fera.

E os episodios, as digressões, e a allusão historica precipitam-se com o mesmo fulgor, umas succedendo-se ás outras, esta excedendo áquella, em um delirio sublime, que a arte rege, e que nos enleva a cada instante. De repente, suspende-se, e uma comparação admiravel rompe no meio do canto, e arrebata-o:

Aguia soberba, a quem no campo ethereo
O espirito alentado
Deus sobre o povo alado
Das vagas aves temeroso imperio;
De brancas Pombas sobre branda espessa
Tão rapida por entre as nuvens turvas
Não cáe, não se arremessa,
Brandindo o curvo bico, as garras curvas:
Como entre a immensa armada o varão forte
Frechando o arco da espantosa morte.

E logo na antistrophe 8.ª como pinta d'um só rasgo toda a carreira do grande capitão, em traços luminosos:

Trovão, que brama, e chammas mil arroja
Ardendo o viu Curiate,
Viu-o a rica Mascate
Brava, Lamo, Orfação, Quexome, e Oja,
Soar o viu, que o humilde ao braço irado
Sem sangue escapa, e Calayate astuto
O Persa pharetrado,
A quem a guerra offerece por tributo.
Mas oh divina lira o panno ferra,
Que é o mar infinito! á terra á terra.

A figura, que encerram os versos finaes pecca no gosto, e contra a verdade, o que acontece em outros logares das odes.

A' força de singularizar o estylo, e de fugir de metaphoras sabidas e communs, o Diniz cae repetidas vezes no defeito contrario, e torna-se empolado, e gongorico. E' a nodoa mais frequente das suas poesias pindaricas.

A outra, inseparavel do genero, e mais que tudo de uma collecção volumosa de poemas d'esta natureza, é certa monotonia, que adormece insensivelmente o leitor, pela repetição das mesmas formas, e tambem das mesmas imagens.

Em quarenta e quatro odes não admira! E para elogio do cantor bastará dizer, que em tão grande numero as boas e as optimas não são raras.

Mesmo, quando baixa á lisonja dos poderosos e dos protectores, sabe suster-se com brio nas espheras elevadas, e não envergonha a lyra.

*

O que sobretudo deve admirar-se no engenho de Diniz é a rara facilidade com que moldava o estylo e a versificação, sobresahindo em generos quasi oppostos, e quasi a um tempo colhendo os louros de Pindaro, e apanhando as rosas mimosas que entrançam a corôa do cantor de Teos.

Parece incrivel, que o mesmo poeta podesse transformar-se de repente, e que tentasse com egual mestria os bellos impetos da ode heroica, e logo depois, mavioso e terno, que soubesse pulsar com brandura a lyra, em que suspiram as canções suaves e os risos levianos da musa jovial de Anacreonte.

Estes poderes, que revelam aptidões poucas vezes reunidas em um só talento, constituem a verdadeira superioridade, com que Elpino dominava os outros arcades, talvez mais apurados e correctos no limitado campo, que escolheram, mas de certo muito menos fecundos e variados nas manifestações em que provaram a vocação.

O Quita, e o Garção, embora o excedam, um nos primores da forma classica, e o outro nas galas desaffectadas, do idyllio romano, apenas entram em competencia, teem de ceder deante da veia espontanea e do arrojo feliz, com que o estro do seu emulo, sem empallidecer de fadiga, percorre os diversos modos da poesia da epocha, realçando n'estes como o primeiro, hombreando n'aquelles com

os melhores, e em bastantes occasiões offuscando-os, se não eguala sempre.

Depois de abrir nova estrada, tão perigosa por entre os precipicios que de toda a parte ameaçam o delirio pindarico, sigamos ainda o cantor em outro vôo, e paremos nas frescas e amenas descripções, que lhe inspiram os sentimentos meigos, e as saudades nem tristes, nem amargas, que em horas de amoravel melancholia elevam a alma entre sorrisos, recordando-lhe as alegrias e illusões de hontem, e avivando-lhe as esperanças e os receios do dia, que vai passando.

Entremos n'esse vergel de flores que a sombra de Anacreonte teceu de grinaldas e festões.

Ahi nada faz lembrar os turbilhões accesos em que se desata a imagem opulenta, a ideia grandiosa, e a sublimidade heroica do hymno thebano; pelo contrario, a cada passo, por entre as folhas viçosas de que se vestem os arbustos as graças, córando, ora se escondem, ora apparecem, ligeiras, voluptuarias, e formosas.

A singeleza é o seu ornato, a naturalidade o seu encanto, e se os olhos deixam escapar uma lagrima, se o peito palpita com mais calor, demorando-nos um instante, veremos o riso bebêl-a sem magua, e o prazer affogando a queixa.

Affirmar, porém, que a imitação de Anacreonte em Elpino sahiu perfeita e completa, sería asseverar uma inexactidão.

Se ha forma, que se esquive, e se não deixe copiar pelo pincel mais pezado das linguas modernas, é de certo a graciosa e leviana musa do velho de Teos. A finura do desenho, a sombra transparente, e a côr melindrosa, emfim a infinita delicadeza de traços e de expressão, que é o mimo das odes do poeta grego, são tão arduas, ou, antes, tão impossiveis de transportar para as litteraturas da renascença, como o enthusiasmo e o esplendor nos arrebatamentos de Pindaro.

Approximar-se do modelo, commetter a lucta, e voltar do torneio com applauso merecido, eis o mais, que podia tentar-se, e o que Elpino conseguiu. Depois d'elle Bocage, Malhão, e Caldas, entre outros, disputaram com exito a victoria aos estranhos mais louvados; mas o exemplo existia, o trilho já era conhecido, e os maiores perigos estavam superados.

Antonio Diniz, n'este genero, mostra-se com tanta vantagem, que ha quem hesite em resolver qual das suas palmas deva preferir se a pindarica, se a anacreontica.

Para nós a ultima é a primeira. Ignoramos se o juizo dos cultos confirmará a sentença, como desejariamos: mas não nos move o orgulho de apregoar uma novidade crítica, nem o capricho de enristar a lança em abono de um paradoxo.

O que dizemos, sentimol-o; nasceu do exame das duas formas, da ponderação das difficuldades vencidas em ambas, e da confronta-

ção, quanto possivel, sincera e desapaixonada, da imitação com os modelos.

Talvez o Malhão se prenda mais ao cantor grego, e corra os dedos pelas cordas com mais desalinho, e ás vezes tambem com ingenuidade mais graciosa; mas falta-lhe quasi sempre o que ao Diniz não esquece senão por lapso, a gala natural do estylo, a suavidade espontanea dos toques, e o relevo da idéa e da imagem, completando-se uma á outra, e sumindo o artificio em um sorriso.

Nas quarenta e uma Anacreonticas de Elpino, que offerece a collecção publicada em 1812 sob os auspicios d'um douto Academico, ha tantas dignas de se apontarem com elogio, que se não contasse outros titulos bastaria este só para honrar a memoria do auctor do *Hyssope*.

Não exageramos; e senão observe-se. N'estes assumptos as provas devem acompanhar as asserções.

Abra-se o volume ao acaso; a anacreontica XVIII é a primeira, que nos salta aos olhos, escutemos:

Essa linda borboleta
De cem côres esmaltada,
Que em mil giros inquieta
D'estas rosas namorada,
Ora as cerca, ora bafeja
Ora as pica, morde, ou beija.

He um vivo emblema claro
Do que sinto, amado emprego:

Sim, oh Clori, eu t'o declaro:
Borboleta sem socego
He meu terno coração;
Os teus labios rosas são.

Como a pintura da primeira estrophe, fresca e viva foge ligeira pela face do quadro para servir de fundo ao pensamento amoroso, que a inspira!

Como é graciosa a comparação dos sobresaltos e devaneios do affecto com o vôo rapido e inquieto da borboleta, que na mesma hora pica, morde, e beija as rosas que namora!

Anacreontem, esmo, não engeitaria esta risonha e mimosa imagem.

Mas continuemos. Na palheta do poeta as côres variam como na sua phantasia os desenhos mudam a cada instante.

Ouçamol-o antes, descrevendo a brevidade da vida e as doçuras da serenidade em todas as condições.

È um reflexo da philosophia de Horacio no tecido fino e transparente da poesia de Teos.

Ves, Lisio amado, [1]
Como branqueja
C'o a neve o prado!
Ves como alveja
Do calvo monte

[1] Anacreontica XII.

A crespa fronte!
Como soprando
O Noto frio
Vai congelando
O claro rio
E na floresta
As plantas cresta!
....
A' branda chamma
Que em seccos troncos
Arde e se inflamma,
Do Noto os roncos
Escutaremos,
E beberemos.
.....
Voam os annos
E o tempo leve
Cobre de danos
A vida breve,
Que por fim sega
A morte cega.

Todos os paineis, que sem cancaço alterna e renova, são acabados com o mesmo esmero.

E' sempre a mesma graça, a mesma sobriedade attica, o mesmo gosto castigado e puro.

A lingua obedece-lhe, e o verso, docil e flexivel, dobra-se sem esforço para representar a idéa na sua belleza concisa, e a forma ornada com a negligencia elegante, que é o segredo seductor da sua formosura nas poesias fugitivas.

Só Bocage e, ás vezes, Belchior Curvo Semedo possuiram o dom rarissimo de se tornarem assim familiares com as musas, sujei-

tando-as, humanizando-as a ponto, que mais se julgariam escravas, do que inspiradoras.

A doçura do metro rivaliza com a viveza do colorido; e a jovialidade, apagando-se e renascendo, acha sempre uma sombra para se encubrir, ou um raio de luz temperada para se illuminar.

Na ode XXVI, Elpino em uma descripção matizada de metaphoras opportunas, enfeita de boninas e de rozas a bellesa, que adora, e estremecendo-a com o terno suspiro dos anciosos desejos, abraça-se ardendo em esperanças com a saudade, e parece encher de vida a propria ausencia:

Em seus cabellos
Negras violas
Tem o meu bem;
Nas mãos pequenas
Tem açucenas
E lyrios cem.

Flôres tão lindas
Abril não tem.

Em sua bocca
Vermelhos cravos
Abrir se vêm
Purpureas rosas
Tem nas formosas
Faces tambem.

Flôres tão lindas
Abril não tem

No niveo seio
Oh que flôres
Brotando vem!
Brancos jasmins
Mil mogarins
Lyrios tambem.

Tão lindas flôres
Vigiam bem!

Flôres tão frescas
Oh quem colhêra!
Oh ceus! Oh quem?
Mas mil amores
Tão frescas flôres
Em guarda tem.

Quem as colhera!
Oh ceus oh! quem!

Como o cendal, que vela a furto a allusão da penultima estrophe, é diaphano, e ao mesmo tempo, como, denunciando o calor da paixão, desvia a vista de qualquer nudeza!

Vê-se a chamma romper do peito, vêem-se os olhos devorando mil occultos encantos entre as flôres symbolicas, sentem-se os labios frementes, e amorosos, recuarem e approximarem-se promptos a deixarem escapar o lascivo beijo, a que os convidam! Assim é que a pintura poetica attrahe e satisfaz.

Se o veu fosse mais raro rastejava-se atraz do prazer grosseiro dos sentidos; se acaso se

apertasse mais avaro, escondia-nos bellezas, que sem crime podemos admirar.

Para concluir, observemos agora ó Diniz, medindo-se corpo a corpo com os exemplos do mestre.

Notemos como elle imita em paraphrase uma das canções do velho de Teos; e admittida a immensa distancia que separa a nossa da lingua grega, contemplemos a lucta com a imparcialidade de verdadeiros juizes.

À' sombra suave
Que esta arvore lança
Armia, te senta
E um pouco descança.

Como ella é formosa!
E o zephiro brando
Os ramos lhe move
Entre elles brincando.

O rio que cerca
Sua agua derrama
Com seu murmurinho,
Pastora, nos chama.

As tenras hervinhas
Que em torno florecem
Oh que molle assento
Cheirosas nos tecem.
. . . . . .

Depois d'isto, quem estiver bem presente no texto de Anacreonte, e e confrontar com os versos de Elpino, de certo não contrariará

os louvores que sem receio temos concedido n'este genero ao imitador de Pindaro.

*

Já observámos com que louçania o engenho do Diniz se apresenta, competindo no genero lyrico, em oppostos e variados tons, com os primores modernos mais elogiados no seu tempo, tanto nacionaes como estrangeiros.

Vimol-o nos ensaios pindaricos levantar-se impetuoso, desferindo o vôo ás alturas epicas, e sem queda sensivel, antes com brio e lustre, cingindo aos Gamas, aos Albuquerques, aos Pachecos, e a tantos heroes portuguezes da conquista do novo mundo, da da Asia, ou da cruzada Africana, a corôa immortal, que o cantor Thebano pousou na fronte dos vencedores dos jogos isthimcos e olympicos, instituidos para estimulo e culto das glorias patrias.

Vimol-o, depois, encostando a harpa dos hymnos heroicos, tomar a lyra graciosa de Anacreonte, e, passando-lhe os dedos pelas cordas tecer de melodias risonhas, e de festivas canções o trama delicado e transparente das suas odes fugitivas.

E n'estes dois combates com o genio da Grecia, parece-nos ter mostrado, que o talento do fundador da Arcadia não desmaiava facilmente com as fadigas da lucta, apezar da immensa differença das cores e dos toques, e da insuperavel difficuldade de transportar pela imitação para um idioma mais pobre e

menos apto as galas da mais opulenta e harmoniosa lingua, e os incalculaveis thesouros dos seus dialectos e estylos.

Entremos agora como poeta em outra provincia, de certo não tão rica, e mais limitada!

Acompanhemol-o á cabana rustica, e ás campinas, sobre que dorme o luar, se o sol não dardeja os raios por entre as ramas entrelaçadas do arvoredo.

Descansemos da longa jornada, assentando-nos com elle sobre as relvas, e ás margem das frescas ribeiras, e escutemos os cantos da frauta de Menalca, n'aquelle brando e enlevado repouso, que o Melibeo de Virgilio invejava ao ditoso pastor de Mantua, recostado tambem á sombra das faias, e espraiando, como nós, a vista, ao declinar do dia, pelas saudosas collinas por onde trepam os rebanhos, tosando a erva, e voltando os olhos para o caminho do redil, sentindo avisinhar-se a noite.

N'estes quadros, em que o pincel do Vate romano é tão mimoso, e ao mesmo tempo tão ingenuo, Elpino vai encontrar-se com emulos mais arduos de vencer; e os grandes vultos de Theocrito, Bion, e Mosco, que já empallidecem a bella physionomia de Virgilio, não deixam apparecer mais ao perto os Popes, os Gesner, e tantos outros, senão para tornarem mais grave ainda a difficuldade, e por isso mais digna de louvor a audacia do certame.

Tractando de restaurar as regras da composição classica, e de impor á escola reformada os traslados da antiguidade, não só como os

melhores, mas quasi como os unicos, a Arcadia esmerou-se em unir o exemplo ao preceito, tentando todos os generos com diversa fortuna; sobresahindo em muitos não admira portanto que decaísse em alguns, porque as faculdades dos seus poetas não podiam abranger tudo. O Diniz, ousaremos affirmal-o, foi talvez o mais fecundo e inventivo dos seus vulgarizadores: e se exceptuarmos o epico, pouco mais acharemos que se abalançou a commetter todos os lances, quebrando pelo menos uma lança com bizarria na estacada, quando não conseguia levar inteiro o premio.

No Idyllio, em que o vamos considerar, não alcançou de certo os triumphos, que na lyrica exaltam o seu nome, e tem de ceder ao Quita a palma, e a preferencia; mas assim mesmo a distancia, (perdoe-se-nos a asserção!) não é tão grande, que devam reputar-se credoras de leve acceitação, ou indignas de estudo, as bucolicas, que nos deixou, embora não corresse por ellas a vigorosa lima, que realça as suas obras mais acabadas, lima que o Garção não esquecia em nenhuma das que deu por concluidas para a estampa, e que o Quita applicava, ainda que menos cuidadosa, ás suas melhores composições.

Para se formar juizo seguro das idéas de Elpino, sobre o estylo e a execução da Eclogа, é preciso não perder de vista as duas dissertações lidas por elle nas conferencias da Arcadia de 30 de setembro e 29 de outubro de 1757, e tiradas em grande parte da exten-

sa carta, que escreveu a Theotonio Gomes de Carvalho, não sabemos se datada tambem do Monte Menalo, no anno antecedente.

Os principios poeticos do futuro chanceller da Relação do Rio de Janeiro estão firmados n'ellas com o rigor de um convencimento profundo; e como raras vezes a tolerancia e a benevolencia adoçam nos sectários o ardor do zelo, não falta a victima, e o sacrificio do costume, para maior gloria da religião que o Vate proclama por sancta e verdadeira.

Nas duas dissertações lêem-se alguns trechos de critica, salgados com tanta vontade, que um pouco mais de picante lhes daria necessariamente o azedume acre de allusão satyrica.

Querendo determinar a differença, que vae do estylo simples ao estylo rustico, Elpino, inspirado de certo pela veia maliciosa do auctor do *Hyssope*, cita perante o douto Areopago dos seus consocios em Minerva um desgraçado compositor de Novas Eclogas, e reproduz, sem misericordia, e nos termos rasteiros e triviaes da pocilga e da estrebaria, o dialogo baixo e rude, em que falam os interlocutores, parodias brutescas da elegancia ingenua e da amenidade facil, que entre nós adornam os versos de Rodrigues Lobo, de Bernardes, e do Quita, e que entre estranhos Boileau requer como a condição essencial do genero.

Analyzando alguns dos Idyllios de Domingos dos Reis, já referimos esses desentoados

e hirsutos metros, e por isso nos abstemos agora de continuar a transcrevel-os.

Se a poesia campesina se reduzisse a rimar as sandices e grosseiras altercações dos abegões e guardadores, é de crer que o gosto a houvesse deportado desde o seu começo para as arribanas, d'onde copiou ao natural o infeliz retratista apodado pelo cantor do Lara e do sabio Abracadabro.

N'este ponto não soffrem replica as razões deduzidas por Elpino, nem a doutrina dos eruditos reformadores, cujo suffragio invocam.

Mas ha outros aspectos ainda a contemplar; e varias proposições arriscadas carecem, a nosso ver, de algum exame antes de se admittirem como liquidas.

Arrebatado e impaciente, por indole, o Diniz nem sempre destroe o obstaculo, que o detem; e, para não se demorar, corre ao lado, ou salta por cima d'elle, deixando-o de pé. E' o que succede com certas asserções, que aventura, que promette desenvolver, e que depois esquece, como se ficassem deslindadas.

A sua theoria poetica, se fosse acceite e imposta, como a estabelece, parece-nos que daria em resultado, não o aperfeiçoamento da obra poetica, mas o encolhimento e a mediocridade, que de ordinario sáem de moldes muito estreitos e apertados.

Mais ainda. Julgado pelo codigo, que i digita, nem o proprio Elpino, cremos, poderia eximir alguns dos seus idyllios da sentença, que dicta a muitos indirectamente.

Não custaria, a descubrir e apontar talvez, nas suas eclogas trechos accusadores da orthodoxia do legislador do Parnaso arcade, e por isso mesmo argumentos vivos da excessiva austeridade das regras e opiniões recommendadas.

Para unir como Virgilio, na poesia pastoril, o retrato da vida, dos costumes, e dos discursos do campo, á suavidade natural, á elegancia desaffectada, e ao traço delicado e verdadeiro de um pincel fino, é preciso mais do que um talento mediano, e só uma esplendida e favorecida vocação o obtem!

Nos Idyllios do Quita, e nas eclogas de Rodrigues Lobo apparecem imitações do antigo, e mesmo lances originaes, que se approximam do ideal proposto; mas por algumas victorias alcançadas, quantas derrotas se não contam, até nos mais elogiados!

Na segunda parte das suas reflexões sobre o estylo das eclogas, lida na Arcadia, Elpino, auctorizando-se com o voto de Rapin, de Fontenelle, e de Fénélon, procura destruir os reparos, que alguns criticos formaram contra o genero pastoril.

A eschola utilitaria engeitava-o como vão e inutil para arraigar o amor da virtude e o horror dos vicios; mas para repellir similhantes escrupulos basta observar, que nem a musa epica, nem a musa tragica disputaram nunca o logar, que pertence á Imitação de Christo, aos tractados de moral, ou aos Sermonarios.

São cousas distinctas.

Uma vez, que a poesia não arranque os véus do pudor, e não baixe, lasciva e descomposta, á ebriedade da phrase lubrica, ou do painel deshonesto, respeitando os costumes respeitou-se a si, e aos leitores, e cumpriu a sua missão.

Se a paixão amorosa, cantada nos idyllios, esmorece o timbre viril, e toma um tom quasi feminino, ninguem dirá que o defeito constitua a regra, e que o caracter da composição bucolica exclua sentimentos mais elevados, e até rasgos sublimes de arrebatamento lyrico e religioso.

Quando se quer humilhar a modestia da ecloga, confrontando-a com o vôo impetuoso da ode, confundem-se estylos oppostos, e condemna-se com parcialidade.

A ode não repelle as queixas amorosas; e para admittir a inventada exclusão, teriamos de expurgar a litteratura antiga de muitas das bellas paginas, que a illustram.

As obras lyricas de Horacio sairiam mutiladas, Anacreonte ficaria esquecido; e os admiraveis fragmentos da paixão delirante de Sapho seriam rejeitados em nome de uma theoria falsa e absurda.

Theocrito, Bion, Moscho, e Virgilio, o imitador dos tres, entenderam a execução do genero de differente maneira. Em todos elles o idyllio molda-se com variedade aos assumptos menos ternos, e veste as formas, que elles pedem.

Abram-se ao acaso, e ver-se-ha como os

mestres sabem alargar os horizontes, e como do rustico alvergue do pastor, a inspiração desata as azas de fogo para se remontar até ao ceu.

N'estes dois pontos, em que o Diniz combate pela liberdade da arte, firmando-se na doutrina dos mais sisudos escriptores, pouco se poderá accrescentar com novidade, guardando-se, como deve guardar-se, o preceito critico, que manda julgar os livros pelos principios, que a epocha e os auctores reconheceram.

A Arcadia representava a renascença classica na sua pureza, e querer aprecial-a pelas idéas de hoje seria o mesmo, que exigir do marquez de Pombal que governasse pelas formulas das constituições recentes.

Aonde se nos figura, que Elpino responde com menos exito, é quando se esforça por demonstrar que a poesia campesina não repugna um pouco aos costumes e ás tendencias das sociedades modernas. Contra este escolho empenha as forças com menor fortuna, e a razão (parece-nos) entrega a palma aos seus adversarios.

O desenho de uma scena pastoril, o dialogo ingenuo, e o perfume agreste dos campos, alegrando aqui e acolá as pinturas mais severas do poema heroico, ou os capitulos do romance ou da novella, offerecem ao inventor a occasião propicia de variar as côres e os toques, alliviando a gravidade da epopeia; entram como episodios deleitosos no trama da narração; e habilmente distribuidos preparam o

animo do leitor por meio de uma pausa refrigerante para atravessar depois as commoções vehementes, e os lances patheticos.

E' o que se nota no formoso poema do Tasso, e na imaginosa tela dos *Lusiadas;* é o que antes d'elles já tinha feito Homero na *Odyssea*, e o que Fénélon não ommittiu no seu romance epico de *Telemacho.*

Mas, seguir-se-ha, por isso, que uma longa serie de poesias todas de egual afinação, todas filhas da mesma ficção, e só diversas nas fórmas exteriores e nos incidentes, possa captivar o interesse por largo espaço, ganhando os foros de intima e popular a preço da pallida imitação dos exemplos gregos e romanos?

Não o suppomos. Mesmo os modelos mais apregoados, para não declinar, viram-se obrigados a disfarçar a allusão politica, a nenia lacrimosa, e os transportes fervidos do amor com os trajos humildes dos cabreiros, louvando, ou denegrindo os homens e as cousas do seu tempo pela bocca dos Menalcas e dos Corydons, em que a sua phantasia retratava ora os cortezãos de Augusto, ora os ministros e os poderosos do seculo.

Na collecção das eclogas de Virgilio acha-se a cada momento a prova do que dizemos, e o que nos resta de Theocrito é de sobejo para o comprovar.

Feitas estas observações, que não julgamos desnecessarias, passemos a apontar concisamente no volume dos idyllios de Elpino os traços mais caracteristicos, declarando pri-

meiro, como pede a equidade, que a nosso ver o Quita o excede tanto, como o Diniz no estylo lyrico deixa atraz de si todos os arcades, seus consocios.

Examinando de vagar a collecção bucolica do auctor do *Hyssope*, não será custoso a qualquer observador sagaz o descubrir, que a imaginação opulenta e arrojada do poeta baixa contrafeita á simplicidade campesina, e que mesmo copiando dos livros, e avivando a pintura dos mestres, por vezes se descuida, e deixa escapar o pincel, mais proprio para os grandes rasgos heroicos, do que para o colorido fino e natural, que taes scenas querem.

Não lhe faltam de certo amenidade, e graça, quando as busca; debuxando com apuro não lhe fogem os longes do quadro, nem erra a miudo a expressão peculiar do genero; mas sente-se, lendo-o, que lucta comsigo mesmo para não quebrar o molde, e que se curva sujeito á imitação forçada.

Aquella ingenuidade facil, que dá tanto valor aos quadros do Quita, e aquelle enlevo espontaneo, que Rodrigues Lobo sabe achar sem se constranger, não se encontram nas paginas de Elpino senão de raros em raros trechos.

Vê-se n'ellas de mais a sombra dos bucolicos antigos, e de menos, a vocação do cantor. A cada instante, e por occasiões, sem grande acerto, apparece engastada a imagem estranha, a allusão virgiliana, e até o esboço quasi

inteiro de Theocrito, ou de Moscho. Das liberdades de Gessner, e das singelas elegancias de Pope, se o vate os estudou, poucos vestigios conserva a sua obra.

Escutemol-o no VI Idyllio intitulado *Aulizа* e a par dos correctos versos, em que solta os queixumes amorosos, não será difficil indigitar logo as tintas carregadas, que, a nosso crer, desfeiam a physionomia do trecho, porque lhe roubam a côr de simpleza desaffectada, que é o segredo da sua formosura.

O poeta lamenta a pastora, que a morte lhe ceifou na flôr dos annos:

Tu eras d'estes campos a alegria,
Se levavas ao rio as tuas adens,
As aguas mais serenas se mostravam,
As margens mais floridas pareciam,
.....
Se ficavas na aldeia, no terreiro,
Na barra, lucta, e baile se empregavam
Os pastores mais destros, e mais sabios.
Que pastora creou n'essa ribeira,
Por mais bella que fosse e mais gabada
Que podesse comtigo comparar-se?

Nas descripções, em que pouco se desvia da antiguidade, nota-se a mesma culpa.

O desenho não é tirado da vida, animando-se os vultos pelo ideal, mas de recordações dos livros e de sentimentos, que só têem de bucolica uma ou outra fórma.

No VIII Idyllio, ha comtudo um quadro, filho das reminiscencias classicas do poeta,

que realça pela graciosa negligencia, com que está traçado. E' a pintura de um tarro, que o pastor Antrizo promette a Ergasto, amado das musas, em premio da canção pedida:

De uma banda, por mãos d'Alceu lavrado,
Um mancebo pastor n'elle se admira,
Que de brancas ovelhas rodeado
Attento tóca a marchetada lyra:
Que se movem dirás ás suas vozes
As arvores e feras mais ferozes.

Um menino da outra diligente,
De molles juncos tece uma esparrella,
E em quanto em arrendar manhosamente
Uns com outros se emprega, e se desvela,
Do malhado çurrão o seu rafeiro
Lhe furta os brancos queijos surrateiro.

Podiamos ainda multiplicar as citações; mas de que serviria? As que apresentamos foram apenas traduzidas para dar alguma ideia do gosto e do estylo bucolico de Elpino; alongal-as, acompanhando-as de observações, caberia talvez em um trabalho mais extenso, mas n'estes rapidos artigos tornar-se-hia impertinente e insoffrivel.

O conceito, que nos dictou a leitura meditada dos Idyllios do Diniz não o occultamos, e fica bem claramente manifestado. N'este genero o imitador feliz de Pindaro e de Anacreonte não lucta com a mesma confiança, com que o vimos sobresahír, commettendo

com audacia dois dos mais variados aspectos da poesia lyrica.

E' a sua culpa, ou do assumpto?

Parece-nos que de ambos.

Quem se lembrar do conciso elogio, em que Horacio exalta a flauta pastoril do vate Mantuano não se admirará de que sejam raros os cantores, que deixaram nome, triumphando das difficuldades, e salvando-se pelos poderes da arte e da vocação de naufragarem na monotonia e na affectação, os dois escolhos mais perigosos, que a ecloga precisa acautellar.

Molle atque facetum
Virgilio annuerunt gaudentes rure camoenae [1].

Quantos se louvam de egual brinde nas letras antigas e modernas?

*

A corporação de que o Diniz era alma e fundador, no meio dos seus cuidados litterarios, nunca perdia occasião de manifestar os instinctos aulicos.

[1] Horacio. Satyr. Lib. I. Satyr. X. v, 44 e 45
Eis o sentido do poeta na facil e elegante versão do sr. Antonio Luiz de Seabra:

As camenas, ao campo afeiçoadas,
A Virgilio a doçura e graça deram:

Exceptuando o Garção, quasi todos aquelles austeros sacerdotes do culto romano sacrificaram no altar do poder e do valimento.

O marquez de Pombal, como o cardeal de Richelieu, tinha na Arcadia um côro de apologistas incansaveis, e rara seria a festa, ou o despacho do ministro, que os poetas laureados não celebrassem ardendo em enthusiasmo.

Deve accrescentar-se, porém, que o conde de Oeiras não pagava excessivamente caro o incenso que os vates queimavam á porfia nos seus thuribulos. De vez em quando, nas horas de ocio, extendia o passeio da tarde ao monte Menalo, e honrava os pastores com a sua visita; e se algum se lhe mostrava esquivo, ou lhe parecia perigoso, prendia-o na cadêa até morrer, como succedeu ao auctor da *cantata de Dido*; aos outros, mais flexiveis e cortezãos, contentava-se em os premiar com alguns louvores, e até com promessas vagas, de que depois se esquecia religiosamente. S. ex.ª tinha tanto em que pensar!

Antonio Diniz, segundo já notámos, não era dos que podiam queixar-se. A toga, bem vista do secretario de estado d'el-rei D. José, por condão particular talvez isentasse o imitador de Pindaro da indifferença polida, mas constante, em que o marquez se esmerava para com os arcades, seus admiradores e panegyristas.

Se os bons versos não eram titulo de merito aos olhos do poderoso socio da Academia de historia, cujas prosas difusas não peccavam

por um gosto delicado, esta feliz culpa pouco atrazou a carreira do cantor do *Hyssope*, ou a do poeta do *Uruguay*.

E' verdade que Elpino sabia dourar a adulação, e que José Bazilio, disparando os metros, contra a proscripta roupeta dos jesuitas, ajudavam a politica do ministro, que via n'elles dois uteis auxiliares e os tractava como amigos franqueando-lhes as portas do seu palacio, e os sorrisos intimos do seu agrado.

O Quita, que só era homem no meio dos rebanhos das suas eclogas, embora variasse as modulações á flauta rustica, nunca obteve do marquez senão palavras esperançosas e ouvidos distrahidos.

O pobre cabelleireiro tinha o defeito de não poder lavrar uma sentença capital em caso de apuro e de não se atrever ás temeridades lucrativas do poema satyrico, deixando em paz os discipulos de sancto Ignacio, e as suas *terribilidades*.

Uma ou outra ode, que tentou, applaudindo as theses cruentas, que o conde de Oeiras sustentava contra a nobreza, tomando o verdugo por arguente eram coisa de pouca monta para merecer menção especial, e por isso não admira que ficasse no escuro, e que não lembrasse para os empregos.

Estas reflexões, talvez extensas, foram-nos suggeridas, a proposito da collecção de Dithyrambos que encerram as obras completas do Diniz.

Um d'estes (o VIII) cantado na sessão acade-

mica, em casa do morgado de Oliveira, celebra, já se vê, a gloria e o applauso do grande marquez de Pombal.

Elpino cantou o primeiro tenor, e Theotonio Gomes de Carvalho o segundo. A poesia, composta por ambos, foi impressa na officina regia, honra devida aos primores, que exaltavam o nome do Sully portuguez; e os dois vates, brindando á saude e venturas do ministro, em estrophes arrebatadas, naturalmente não tiveram motivo para se arrepender da complacencia.

No genero lyrico, e nas fórmas de imitação restauradas e reproduzidas pela Arcadia, o Dithyrambo não podia esquecer a um poeta, como Elpino, que parece haver timbrado em os tentar a todos.

De origem grega, mas filhos das epochas menos cultas, estes hymnos, ainda rudes então, alegraram as festas das vindimas, espraiando-se os robustos cantores no elogio de Baccho e do sumo capitoso da cepa.

Entre famosos poetas, que na antiguidade ganharam com elles grande conceito, Xenophonte cita a Melanippides, e não duvida louval-o quasi a par de Homero.

O celebre Arion de Methymne passa por ter sido o primeiro compositor conhecido de Dithyrambos, e o mesmo Pindaro não se deslustrou, fazendo resoar na lyra os gritos e as estrophes atropeladas, que pintam os furores joviaes do deus da vinha.

Palavras novas e compostas, imagens atre-

vidas, pompas de estylo, versos tumidos e de todas as medidas, seguidos, alternados, ou enlaçados com variedade caprichosa, figuram a descompostura da ebriedade, e a louca exaltação que ella produz.

O arrojo da phrase, a liberdade solta dos metros e das expressões, e a exaggeração forçada das idéas e palavras, queriam os mestres das regras que escondessem a arte, sem ella por isso deixar de prevalecer.

No meio da confusão e da anarchia apparente, a ordem e o nexo deviam dominar. As transições de uma especie de versos para a outra, parecendo espontanea e abrupta devia guardar occultas analogias, harmonizando accentos e tons; e desferindo os vôos mais impetuosos, e subindo sempre, vencer a maxima difficuldade de disfarçar a fadiga e o calculo de modo, que se não sentisse ou apercebesse de longe a mão do poeta, e o seu cuidado.

E' o que Horacio recommenda em uma de suas odes (a 2.ª do Liv. IV.), exigindo d'esta phantastica e audaciosa poesia, que forme vozes novas e siga cadencias livres das leis do metro:

> Seu per audaces nova Dithyrambos
> Verba devolvit, numeris que fertur
> Lege solutis.

No Dithyrambo VIII, que escolhemos para typo entre os de Elpino, embora não seja todo seu, os preceitos das poeticas, e os conselhos

e exemplos de Quadrio e Menzini, são attendidos não só com escrupulo, mas até com certo alarde.

O defeito que mais avulta n'elle é a demasiada extensão. Custa na realidade, no meio dos coros e das vozes alternadas dos tenores, a acabar esta peça apesar dos rasgos, e bellezas, que a ornam.

Depois, a alegria dos dois arcades, por ser estrepitosa e galhofeira, nem por isso parece muito sincera e natural. Não duvidando, que os vinhos de Oeiras afugentassem a melancholia, e tornassem rosado e ledo o inverno, como asseguram os dois consocios, achamos comprida e estafada a lisonja, e um pouco contra posse o papel de cortezão conferido ao pampinoso e farfante Baccho.

Curvo Semedo, em partes mais livre na invenção, ou melhor inspirado, representa ás vezes com dobrado exito a desordenada carreira da musa ebria e descabellada.

Ha nas suas poesias d'esta forma mais alma e movimento, maior audacia, mesmo nas metaphoras, e mais riqueza e opulencia de pensamentos e vocabulos.

No formoso Dithyrambo «a Celia», que tambem pecca por longo, a pintura da scena bacchica aviva-nos tudo com tanta mestria, que os modelos acabados não lhe ficam muito longe.

Alli, sim, ha delirio verdadeiro! Vê-se a ebriedade no seu triumpho, rodeada das pompas idolatras, cega e avermelhada pelos fumos da cepa.

Evan! Que vejo em sonho!
Eis se me antolha
De Bacchantes um bando risonho
Celia, que fazes? olha...
Não escutas o som nos fundos valles
De tubas clangorosas
De roucos atabales
De estridulos pandeiros
De anafis, de buzinas espantosas?
Não vês como ligeiros
De corymbos, e parras coroados,
Dos crespos silvados
Das lobregas grutas
Com tarros de Lieu nas mãos hirsutas
Saltam silvicolas satyros sofregos
As plantas caprinas leves trocando;
E o desenvolto corni-pede bando
Não ouves cantando
Ó Baccho Evohé!

Um trecho similhante do Diniz, no Dithyrambo IX (Baccho em Lusitania) mostrará a indole diversa, dos dois poetas a braços com a mesma, ou a quasi mesma difficuldade. E' tambem um quadro, aonde as figuras se animam, vestindo a scena de allegorias visiveis; e se falta o calor e o impeto de Belchior Semedo, outras bellezas brilham n'elle, e talvez o desenho seja mais apurado nos traços.

Uma tarde de maio serena
Quando o sol se banhava nas ondas,
À's ribeiras do Tejo, que corre
As campinas de flôres bordando,

N'um carro de vides toldado,
Por tigres ferozes
A passo tirado,
Entre o som confuso de sistros e vozes
Loução chega o filho de Jove sagrado,
.....
Caracolando cercavam o coche
Ululando, saltando, cantando
As fogo-frementes
E Jaccho-gritantes
Lascivas Bacchantes,
Ou grossas serpentes
Nas mãos apertando,
Ou tyrsos vibrando.
Seguia-se logo
A chusma incomposta
De Faunos galhudos,
Corni-pedes Satyros,
Que pegas traziam,
E falar faziam,
Evohe gritando.
Nebrodes chamando
Dithyrambo uivando
Uns tocavam soantes adufes,
Outros saltando batiam nos ares
Crotalos, cymbalos, timpanos, sistros.
.....
O deus dos pastores
De amoras pintado, e vestido de flôres
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda
.....
E o velho Sileno banhado de mosto
Picador, mesquinho de imbelle jumento
Levantando a vara que o burro feria
Ao côro estrondoso o compasso batia.

Citámos com mais extensão, porque não podiamos truncar o painel sem lhe roubarmos parte da physionomia. Semedo, mais conciso, precipita a acção, pinta de um rasgo, e com audacia feliz infunde calor e vida nas imagens, que lhe brotam inspiradas.

Elpino, menos impetuoso, e mais risonho, esmalta a cada passo a descripção, extende-a com arte, e completa-a com gosto.

Em ambos as transições obedecem á ordem occulta, que as rege; as metaphoras succedem-se com escolha; e os metros variam-se com harmoniosa irregularidade, dando a expressão imitativa. Vê-se que os dois estudaram por exemplares eguaes, e beberam na mesma fonte as formosuras e os defeitos.

Se um sobresahe na graça, o outro eleva-se pelo arrojo; e de certo a palma caberia a ambos, se, em uma coisa viciosa e falsa, alguem a podesse disputar.

Lendo os Dithyrambos de Diniz e de Belmiro admiram-se os poderes que prodigalizam inutilmente engenhos assim dotados, e lamenta-se, que tão custosas galas e tão finas côres se malbaratassem com assumptos caducos, e sem interesse para nós.

A loucura galhofeira, e o rapto lyrico, ás vezes sublime, que a miudo se encontram n'esta lucta extravagante da arte com o que mais lhe repugna e a desdoira, lastima-se que homens de tal pulso, cedendo á vaidade de correr lanças em todos os torneios, não vissem que eram incompativeis e improprios.

Vencidos todos os obstaculos, e exgotados os recursos do metro, da imaginação, e da lingua, que gloria alcança o triumphador, ganhando a corôa do Dithyrambo?

Apenas o prazer pueril de ser proclamado emulo de auctores, que tiveram melhor alvo e outros fins!

O que era nos gregos a inspiração religiosa de uma festa nacional, nos modernos só se desculpa como simples parodia, como forçada e pallida imitação.

Vale ella o trabalho e o esforço? Não de certo; e hoje, louvando (porque o devemos) o talento que revela, somos obrigados a deplorar o tempo e as riquezas perdidas a copiar a sombra esmorecida de uma fórma frivola, e morta para nós.

Os epigrammas compostos por Elpino são numerosos, mas parte d'elles não lhe pertence como original.

A collecção, publicada no IV tomo das obras completas, sobe a mais de cincoenta, e d'estes, trinta pelo menos parecem da invenção do poeta.

Bocage, sempre fecundo em rasgos satyricos, deixou-nos mais de cem, entrando os medicos e a medicina com bom quinhão no seu martyrologio metrico.

Belchior Curvo Semedo, menos fertil, e mais reportado, só escreveu dez, e cumpre accrescentar-se que pouco penetrantes, e bastante difusos.

O epigramma, segundo as regras da eschola,

representada pela Arcadia, era uma satyra fina, ligeira e cortante, breve nos termos, engenhosa no conceito, e nova nas idéas. Havia de pintar em rapidos traços sem nunca alargar o lapis; o chiste, leve e natural, sem dilacerar deshumanamente, carecia de ser bem apontado, e de ferir com agudeza, empregando-se todo no alvo.

Os Gregos concediam-lhe mais extensão e outro alcance.

Entre elles esta forma para ser louvada como perfeita, consistia na expressão de um pensamento delicado, ornado com graça, e distincto pela brevidade. Quasi sempre se applicava em inscripções.

A Anthologia, encerrando grande copia d'estes versos, não offerece muitos que se possam chamar criticos, e ainda menos satyricos.

A sua introducção data dos Romanos; Marcial tornou-os populares, e serviu depois de modelo á grande familia dos poetas mordazes, que nas lettras modernas o imitaram nas qualidades e nos defeitos.

Antonio Diniz, mais erudito do que Bocage e Semedo, não desce a miudo a punir com tão perigosa arma os seus emulos, nem usou d'ella impessoalmente contra os vicios; pelo contrario, tanto nas versões como nas tentativas proprias, só procurou restituir ao epigramma a physionomia hellenica, esmerando-se em fazer sobresair o metro pelo relevo e correcção, e a idéa pela agudeza.

Os seus oito primeiros epigrammas celebram só acções, ou ditos memoraveis de alguns dos varões, que illustram a historia patria desde Affonso de Albuquerque e Vasco da Gama até Duarte de Almeida e Salvador Ribeiro.

Os seguintes, ou esmaltam, encastoada em allusões delicadas uma sentença graciosa, um elogio terno, uma queixa amorosa, ou traduzindo, apropriam com gala os pensamentos estranhos, dignos de se gravarem.

Para se formar juizo mais seguro d'este aspecto, embora pouco importante, do talento do poeta, citaremos tres exemplos, tomados ao acaso entre muitos.

Conta-se, que navegando Vasco da Gama perto da costa da India, quando foi por vice-rei, começou o mar de repente a tremer. No meio do susto e confusão das tripulações, referem que o primeiro conde da Vidigueira soltára um dito heroico e nobre, que animou a todos, e dissipou o terror. O epigramma allude a elle:

> Abrindo o grande Gama o mar ufano,
> Tremer se sente todo o Oceano:
> Um gelado tremor de toda a gente
> Os ossos corre; mas o heroe valente,
> Não temaes, lhes bradou, bravos soldados,
> Que os mares de nós tremem assustados! [1]

[1] Diniz--Obras—Tom IV. Epigr. III,

Agora vejamos como vencia, e até excedia os modelos de fóra, transportando-os para a sua lingua. A lucta é travada com Marcial e Antonio Cabedo, e com as suas opulentas posses do metro latino:

Queima Scevola a mão, que o golpe errára;
Menos, se o não errasse, executára. [2]

Essa feliz abelha, que imprudente
Tua bocca mordeu tyrannamente,
É digna de perdão, Lilia formosa;
Pois ao vel-a, julgou que era uma rosa [3].

Eis os textos, vertidos com tanta elegancia:

Quum peteret regem decepta satellite dextra,
Ingessit sacris se peritura focis.
Sed tam sæva pius miracula non tulit hostis,
Et raptum flammis jussit abire virum [3].

Quod tua purpureos vincentia Cynthia flores
Labra nimis felix, sed mala punxit apis:
Parce illi, causas prætendit hic error honestas
Crediderat veras scilicet illa rosas [4].

Parece-nos que ambos, pela concisão e finura do traço, não ficam atraz dos auctores imitados, e que o portuguez n'este encontro não

[1] Diniz—Obras—Epigr. LIV.
[2] Diniz—ibid—Epigr. XV.
[3] Marcial—Epigram. Lib, I.—epigr. XXII.
[4] Ant. Cab. I. Collec.

cede muito na viveza e propriedade da expressão.

Bocage, medindo-se com Ovidio na traducção das *Metamorphoses*, provou depois, que a lingua de Camões, para quem a sabe, não se mostra esquiva e indigente, nem se cansa facilmente, mesmo de acompanhar a formosa phrase de Virgilio e Horacio.

Os que a deshonram e aviltam não lhe conhecem os thesouros, nem o prestimo.

*

Os ensaios de Elpino são tão variados, e abraçam aspectos por tal modo oppostos, que não é empresa facil para a critica acompanhal-o.

Na impaciencia de assignalar o engenho, tentando os generos mais diversos, o poeta fecha os olhos voluntariamente, e arroja-se com ousadia, sem consultar a indole, não o assombrando nem o grande vulto dos mestres, que lhe deveriam impor respeito.

As suas elegias, e propriamente dita não se publicou senão uma, confirmam, a nosso ver, este severo conceito.

O poema pretende memorar o terremoto de Lisboa; mas, apezar de encurtado e pulido depois, não se recommenda pelas qualidades do estylo, ou pelo grandioso das idéas; falta-lhe mesmo a correcção, que se encontra em outros cantores de menor fama.

O espectaculo sublime que descreve não accendeu na mente ao vate aquella divina chamma, que illumina, de clarões sinistros, porém admiraveis, a pintura do incendio de Troya nos bellos versos de Virgilio; pelo contrario as declamações, que lhe soccorrem a frouxa inspiração, não passam de usadas e conhecidas muletas, indignas do assumpto, e do talento do Diniz.

As imagens, umas frias, outras descóradas, e quasi todas improprias, salvos raros versos, desafinam a cada passo, e pouco honrariam até a lyra noviça de um principiante.

Escripta em tercetos, a poesia não tem o vigor e a elevação, que tornou immortaes os carmes, fundidos em bronze, que a ira do Dante insculpiu vingativa na entrada do abysmo de dôres, aonde nem a esperança, sempre a ultima a deixar-nos, se atreve a penetrar!

Não exageramos. Lendo-se de animo tranquillo, e com proposito firme de benevolencia a elegia de Elpino, custa a crer que o mesmo homem seja o emulo de Pindaro e Anacreonte, e o competidor não offuscado de Boileau!

Daremos alguns exemplos para que não supponham, que receiamos a confrontação dos metros censurados.

Eis o exordio:

Ai que funesto objecto, e que horroroso
Estão aos olhos offerecendo,
As ruinas que observo lacrimoso!
Que enorme confusão! que estrago horrendo!

Onde a idéa esmorece, e duvidando
Quasi fica do mesmo, que está vendo.
Será este, que absorto estou notando,
O misero destroço de Corintho
Ou de Numancia o estrago miserando?

Bem se vê, que o debil ardor do poeta se desvanece logo, apenas alinha e perfila algumas exclamações theatraes,—das mais corridas e communs.

A' magreza da invocação corresponde o resto.

Querendo traçar em esboço o painel da scena de infortunios, que dentro em minutos converteu a capital opulenta em um deserto de ruinas, e miserias, não achou o Diniz melhor, do que os tercetos, que seguem!

Das entranhas da terra a fronte irada
O sulfureo vapor subito alçando
N'um ponto só te reduziu a nada.
Ai que scena de horror! Que aspecto infando
A' consternada idéa me apresenta
Esse instante fatal e miserando!
.....
Caem os altares, cae o santo templo,
Deixando nas ruinas sepultados,
O povo e sacerdotes, triste exemplo!

A outra elegia, extrahida de uma obra em verso e prosa, que o autor não chegou a concluir, e que desejava moldar pela *Luzitania Transformada*, é mais um canto pastoril com assomos delicados de ternura, do que um en-

saio no gosto de Tibullo, e dos traslados romanos.

Coisa notavel! N'esta admiram-se os rasgos de imaginação, as bellezas de phrase, e as côres animadas, que a primeira só nos offerece por excepção!

Os tercetos, em que tambem se acha metrificada, parecem de outra musa, tão faceis e harmoniosos se desatam! As allusões são finas, as pinturas risonhas ou melancholicas, segundo pede o objecto, não esmorecem, e a paixão que se lastima em amorosas endeixas pela bocca do pastor, não desmente na doçura e no requebro as mais enlevadas queixas dos namorados cantares de Rodrigues Lobo.

Para se notar a differença, abrindo o livro ao acaso, apresentaremos algumas amostras, tanto do descriptivo, como do monologo.

Ali se vêem nascer entre outras flores
O vaidoso Narciso, que inda agora
Em as aguas contempla seus amores,
O Jacinto infeliz, que Phebo adora,
Clicie, que a luz do sol segue constante,
E o moço, por quem Venus inda chora.
.....
Andam na selva os passaros aos pares
Voando d'um raminho a outro raminho,
De harmonia enchendo os ares.
.....
A mellifera abelha, susurrando
Colhe das lindas flores o rocio
Que vae em doces favos transformando.

Estas são as tintas do quadro, com o desfavor, assim mesmo, de sairem truncadas.

Escutemos agora os delirios queixosos do pastor magoado:

> Quantas vezes suspenso no que via
> Receei que as venturas, que lograva,
> Fossem só illusão da phantasia!
> Com menos ancia a vide se enlaçava
> No verde olmo apertando os fortes laços,
> Com que no amado tronco se enredava:
> Do que nós em suavissimos abraços
> Entre aterradas ancias e suspiros
> Formamos a prisão de nossos braços!

A rima é pobre, e a phrase pouco opulenta, não o ignoro; mas, respira-se em ambos os trechos tanto á vontade o perfume do campo, e aquella saudade entristecida e intima do passado, que é o maior espinho do presente, quando chora o que perdeu, que as nodoas e os defeitos desculpam-se levemente.

Estes versos do Diniz, muito superiores a milhares d'elles que admittiu na sua collecção de Idyllios, levam-nos a deplorar, que a morte, ou a indifferença, deixasse interrompido o livro, em que haviam de figurar.

São visiveis de certo as reminiscencias do estylo da *Luzitania Transformada*, percebe-se que Elpino conservava o modelo deante da vista; porém, não se pode negar, que o excede em partes—e que o todo, se não baixasse das proporções guardadas n'este genero, promet-

tia á Arcadia um primor, cuja valia n'aquelle tempo não tinha preço.

O genio de Ovidio, talvez o mais fecundo e engenhoso de toda a antiguidade, no poema das *Metamorphoses*, não suspendeu, nem desalentou Elpino.

Medindo-se com o poeta da *Arte de Amar* na obra mais louvada, e mais digna de o ser, não duvidou travar a lucta com a certeza de ficar vencido.

Nas doze Metamorphoses, que deixou compostas, e que todas se referem a scenas, cujo theatro é a natureza luxuosa e esplendida do Brazil, Antonio Diniz, apezar da immensa distancia que o separa do modelo inimitavel, nem por isso desmerece do conceito, que lhe grangeram as outras tentativas, menos arriscadas.

Ha trechos nas poesias *americanas,* tão ricos de colorido, e tão apaixonados nos affectos, que ainda viveriam hoje na memoria, se a lima, por esquecida, os não houvesse despresado.

O que n'ellas fere mais o gosto é a falta de correcção. A' força de preferir a abundancia á madureza, o cantor não se lembrou de que a gloria, que permanece, nunca doura senão os monumentos.

Se os livros gregos e romanos atravessaram os seculos, saudados pelos elogios de todas as edades, é porque a casta formosura, e a perfeição de todas as partes, os tornou com mo-

tivo a admiração e o desespero dos imitadores modernos.

O grande merecimento do Garção consistiu no tacto melindroso com que transportava as bellezas horacianas, e os rasgos delicados da musa latina para as galas laboriosamente calculadas da lingua poetica de Camões.

Infelizmente Elpino não seguiu os exemplos do consocio, nem os preceitos do mestre. Para onde o chamava a phantasia para ahi corria sem olhar para traz, sem attender aos obstaculos, sem antever o precipicio.

Em castigo alcançou-o a pena que tambem puniu em Bocage egual delicto; coisas que, purificadas das impurezas do primeiro impeto, nunca seriam olvidadas, passaram como fugitivas.

Competir com Ovidio no genero, em que o desterrado do Ponto não conheceu rival, era já temeridade; mas, em presença dos episodios, de que o vate romano matiza o tecido incomparavel da sua fabula, desleixar o pincel, distingir as côres, e empastar ás vezes as figuras, equivale a erro voluntario, e não admitte escusa.

Curvo Semedo, que tambem se atreveu ao mesmo arrojo, não se descobriu com tanto orgulho, ou antes, não tractou assim de resto o seu nome e fama.

Nas sete Metamorphoses que estampou, a critica acha menos que censurar em referencia á forma, ao passo que não pode deixar de reconhecer em Elpino maior elevação, e mais

feliz atrevimento na contextura e no desenho dos poemas.

E não nos accusem de levianamente levantarmos o gigante para com elle suffocarmos a obra que estamos examinando.

Não!

O paradoxo nunca nos seduziu, e não quebraremos em sua defesa as lanças de nenhum torneio.

Exigir de algumas scenas avulsas, traçadas quasi ao acaso, durante os ocios de penosos estudos, a graça, a correcção, e a frescura que sobresae nas admiradas pinturas de Ovidio, fôra exagerado, além de absurdo.

O fio magico e transparente, que liga entre si tantas historias oppostas, ás vezes, e sempre diversas, só por um prodigio de arte se chega a atar, e depois do Ariosto ninguem possuiu o segredo de o entretecer!

Tirar a unidade do cahos de mil contrarias fabulas, e no meio de um labyrinto inextricavel de lances maravilhosos, graduar a luz, accommodar os successos, e regrar o interesse de modo, que nunca escureça a narração, nem as perspectivas se confundam, é vencer juntos em um só combate todos os perigos, que a invenção audaz pode conceber e desafiar.

De mais, para o autor dos *Tristes* o supremo escolho era a monotonia dos desenlaces analogos, uns já vistos, outros presumidos, terminando todos forçadamente pela transformação do protogonista.

Para variar os tons, e figurar como novos,

pela phrase e colorido, tantos episodios, estreitamente apparentados no desfecho que esforço de estylo e de expressão, que flexivel e imaginosa phantásia não carecia de empregar!

Sem fadiga, e brincando com as tintas da sua palheta, Ovidio zomba das difficuldades e subjuga-as. Agora sublime, depois apaixonado, logo risonho e brando, se vos abre por um momento as portas do palacio do Sol, e vos deslumbra; d'ahi a pouco, levando-vos pela mão, pára e mostra-vos em Philemon e Baucis uma belleza ideal e suave, ou em Ceyx e Alcione, em Ajax e Hecuba as lagrimas desaffectadas de uma dor pathetica.

Não queriamos que Elpino egualasse o mestre; seria exigir o impossivel: mas desejariamos que pozesse os olhos mais attento nas suas bellezas, e que não cobrisse de tantas sombras a propria obra.

De necessidade a copia havia de ceder ao original; o lavor esmerado de um grande cantor do seculo de Augusto, quando elle empenhou todos os poderes para realçar, seria quasi loucura esperarmos que se repetisse nos versos de uma imitação, que não animavam os sentimentos e as crenças poeticas da epocha finda.

Assim mesmo, e resalvando os defeitos que observámos, as doze Metamorphoses do Diniz offerecem mimosos trechos, e quadros de finos toques.

A segunda, dedicada a José Antonio da Silva, e intitulada «O Cristal e o Topasio.»

é a narração da catastrophe, em que triumpha o pejo de uma fragueira nympha, invocando os deuses, da bruteza lasciva do amoroso Silvano.

A descripção da isempta formosura, que ateou o incendio no peito ao Satyro, brilha pela viveza e frescura, embora lhe falte a novidade.

Mais alvos do que a neve, que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada bocca
Dos cravos e das rosas a côr viva,
Dos olhos doce encanto, lhe brilhava:
E sobre o collo de alabastro fino
Em crespos fios de oiro lhe ondeava,
O comprido cabello solto ao vento.
Amor travesso, que em seus olhos mora,
Tão vivas chammas d'elles despedia,
Que n'elles sem allivio se abrasavam
Os tristes corações de mil amantes,

Na primeira «A Tejuca» o poeta assenta a ficção no quadro de outra nympha, caçadora tambem, que, fugindo á sanha de um tygre, entre o abysmo que se lhe despenha aos pés, e as garras da fera, que já sente quasi em si, eleva aos ceos os olhos e a voz.

Os numes compadecidos escutam a supplica; opera-se o prodigio; e o corpo gentil, desfeito em arroios e cascatas, escapa ao perigo, perdendo a fórma.

Disse e subitamente de seus olhos
Em borbolhões rebentam duas fontes:
Pelo nevado collo gotejando:
Os seus soltos cabellos se convertem
De cristallino humor em longos fios:
Dos estendidos, torneados dedos
Ao mesmo tempo aos livres ares pulam
Borrifando de em torno as verdes plantas,
Outros tantos esguichos de agua clara:
E em dois ferventes jorros pouco a pouco
Resvalando lhe vão os pés formosos.
Em fim, qual d'alta serra a branca neve
Com os raios do sol cae derretida
Despenhando se vae pela agra serra
Toda em agua Tejuca transformada.

A «Rosa do Matto» ou Araciba a Guaçu, a oitava da collecção, pecca nos mesmos defeitos das precedentes, e como ellas encerra lances e imagens de verdadeira e sentida poesia.

Mais contrahida, mais retocada em partes, apurando-se em lhe cinzelar melhor o estylo, e distribuidas a luz e as sombras com maior artificio, esta seria sem duvida um dos primores, uma das joias da corôa do Diniz.

Apesar d'isso, e tal como a deixou, ainda pode reputar-se uma das formosas paginas das suas obras.

Guaçu, chamando ás armas, em quanto a ternura o prende nos braços de Araciba, vê-se obrigado a separar-se á voz da patria.

Cem vezes foge á esmorecida amante, e outras tantas volta, sem forças de a perder!

Parte, finalmente, e os olhos d'ella não se

cansam de acompanhar o baixel, desfeitos em pranto, até a distancia lh'o esconder.

Entretanto o mancebo, debruçado sobre a entalhada pôpa, como que deixava a vista aonde deixava a alma.

Os dias passaram para ambos tristes e pesados como a ausencia, e aonversando com a saudade é que os dois podiam alliviar a magoa.

De repente rebenta a vaga noticia de uma crua peleja, na qual Guaçu, e os mais valentes, tinham vendido cara a vida, combatendo.

Os extremos da desditosa donzella, a dôr aguda que lhe atravessa o peito, e a vehemencia delirante da sua desesperação, descreve-as o poeta com grande calor de affectos, e bellissima viveza de tintas.

Eis alguns dos passos mais sentidos:

No mais vivo da dôr se lhe figura
Ver a Guaçu, em sangue e pó involto.
D'entre um montão de mortos levantar-se;
E por ella chamar com mestas vozes.
.....
Da noite o resto passa: porém logo
Que a assomar começa a rôxa aurora,
Do coldre uma setta arrebatando,
Pallida e furiosa sae da aldêa,
Ao porto se endereça, e alli chegando,
Depois de um curto espaço estar suspensa,
D'esta sorte exclamou: Guaçu amado,
Este foi o logar onde tão triste
A extrema vez te vi, e onde mais triste
Nas mãos da saudade me deixaste.

. . . . . .

D'aqui tambem será, d'onde minha alma
Parta a buscar a tua! Então alçando,
Para o peito cravar, o braço e a setta,
Sem o poder dobrar, no ar lhe fica
Alçando o braço, e n'elle a dura setta.
As plantas quer mover, e as leves plantas
Pesadas se lhe tornam, e se enterram
Na fria terra; o corpo se adelgaça,
E em viçoso arbusto emfim se torna
De folhas e alvas flores guarnecido.

Depois da transformação da amante, Guaçu torna victorioso, desmentindo a falsa nova. O golpe, que o fere, enlouquece-o. Corre ao sitio aonde floresce o arbusto, e:

Alli com tristes lagrimas o rega
E entre suspiros mil as suas folhas
Suas mimosa flores cego beija.

Novo prodigio! Ao ardor dos osculos, e das caricias:

Ellas que até alli a branca neve
Na alvura imitavam, de repente
. . . . . .
Vermelhas se tornaram, dando mostras
De que inda em nova forma convertida
Araciba com vel-o e seus extremos,
Se alegra, folga, e dentro em suas fibras
De amor o antigo fogo nutre e sente.

Já o dissemos, luctar com a gloria de Ovidio, em um genero em que não deixou her-

deiro, era impossivel; mas, occupar abaixo d'elle um logar distincto, e sobresair, seria coisa facil para Elpino se disciplinasse a musa e precipitasse menos a indole fogosa. As obras mais elogiadas nunca sairam completas e perfeitas do primeiro jacto.

Antes de encerrarmos este estudo pela apreciação do poema heroi-comico o — *Hyssope*, resta-nos examinar com summa brevidade o merecimento de Antonio Diniz no genero, em que Esopo, Phedro, Pilpay e Avieno deixaram nobres modelos, e em que um só autor, Lafontaine, realça acima de todos de tal modo, que os offusca, e quasi os faz esquecer.

Bocage e Curvo Semedo, tambem experimentaram a aptidão, um com a sua facilidade inquestionavel, e o outro com o seu talento solido, vestindo de galas portuguezas os assumptos, que o poeta latino e o francez tinham já enriquecido.

A versão de Filinto Elisio vulgarisou depois, mas forçando o estylo e a lingua, a lição agradavel do risonho moralista de Paris.

Se a contenda se disputasse entre Belchior, Elmano e Diniz, de certo que o ultimo seria o vencido, porque dos dois qualquer o excede muito em narrar com mais sal, e em esboçar com engraçada e singela rapidez, guardando as verosimilhanças á physionomia e costumes dos animaes, postos em scena para instruir.

Mas aonde se levanta o engenho sem rival de Lafontaine, unico e incomparavel perante

os antigos e modernos, a luta não pode ter logar e toda a comparação decae por falta de base.

Elpino, quer desconfiasse de si, quer preferisse na paixão classica o exemplo greco-romano, afinou o gosto pelas paginas de Phedro e Esopo; por isso as fabulas compostas por elle, por seccas, e magras no desenho, esmorecem a miudo, distingidas da feição alegre e familiar, que a locução pittoresca, brandamente maliciosa de Lafontaine empresta ás suas.

Não ha alli quadro, ou imagem visivel da natureza campestre, nem caracteres pintados do vivo, nem aquella sensibilidade fina e avivada pelo chiste picante da phrase, que farão sempre do autor dos *Contos*, o poeta estimado e o conselheiro valido de todas as epocas e edades.

Em vez da moralidade nua e simples de Esopo, e da pureza concisa, e irreprehensivel de Phedro, na collecção do amigo de Fouquet a verdade, chistosa e amavel, insinua-se por todos os poros da narração, e quer louve, quer estranhe, nunca perde o ar de riso, e o tom galhofeiro, senão em dados momentos, para se elevar ao sublime, como no apologo admirado do *Leão e do Mosquito*, ou para se enternecer com desaffectada melancolia, deslisando-se-lhe uma lagrima sobre o verso, como na linda fabula dos *Dois Pombos*.

Dotado d'um juizo perspicaz e d'uma razão firme, Lafontaine, creando as monarchias e as

republicas do reino animal, compoz um mundo novo, aonde as vaidades, o ridiculo, e os vicios contrastam pela seriedade comica do estylo.

A allegoria, veo transparente e caprichoso, só esconde a meio a allusão para lhe tirar o cunho acerbo de pessoal.

Nas scenas que figura, tudo é natural e acabado, tanto no caracter e no dialogo dos interlocutores, como na resumida acção dramatica.

O mesmo Tartufo teria que aprender na adociada hypocrisia do gato, preso na rede, quando procura persuadir o rato a que lhe roa as malhas, dizendo-o a menina dos seus olhos, e affirmando, que se tinha saido tão cedo fôra só para fazer oração, como era dever e uso de tão devota creatura!

Elpino, ignoramos por que, preoccupou-se pouco do traslado francez, e só estudou as paginas de Esopo e de Phedro.

De ordinario reduz a allegoria a um esboço fugitivo, e inscreve-lhe depois a moralidade.

Eis para exemplo do seu methodo o III Apologo.

Uma aguia generosa a uma andorinha,
Motejando dizia: forte presa,
E forte bico tens, ave mesquinha!
Teu genio ver de perto o sol despresa
Voando á terra sem cessar visinha:
De taes dons graças dá á natureza.
Mas em quanto vaidosa assim discorre
A's mãos d'um caçador a triste morre.

Para darmos idéa da riqueza de estylo com que Lafontaine sabe animar as scenas dos seus apologos, citaremos da fabula do Leão e do Mosquito, a formosa descripção da furia do rei dos animaes, vendo-se escarnecido pelo mais vil dos inimigos.

E' um espectaculo, a que nada falta, desde a harmonia imitativa até á expressão energica e pittoresca.

Le quadrupède écume, et son oeil étincelle;
Il rugit; on se cache, on tremble á l'environ,
Et cette alarme universelle
Est l'ouvrage d'un moucheron.
Un avorton de mouche en cent lieux le harcelle;
Tantôt pique l'échine, et tantôt le museau,
Tantôt entre au fond du naseau.
La rage alors se trouve a son faîte montée.
L'invisible ennemi triomphe, et rit de voir
Qu'il n'est griffe ni dent, en la bête irritée,
Qui de la mettre en sang ne fasse son devoir.
Le malheureux lion se déchire lui-même,
Fait résonner sa queue à l'entour de ses flancs,
Bat l'air, qui n'en peut mais; et sa fureur extreme
Le fatigue, l'abat; le voilà sur les dents.

Francisco Manuel na sua versão não nos parece muito feliz, quando tenta transportar para a nossa lingua as bellezas do mais intraduzivel dos poetas.

Note-se como o velho Filinto, não podendo orçar pelo original, o ladeia, e para se vingar, empenha todas as opulencias do seu thesouro.

Embalde! Os toques sublimes de Lafontaine teem o relevo da dicção familiar, e basta que a sua penna deixe cair um vocabulo cheio de sal attico para a transição ficar caracterisada, e a narração volver ao tom que lhe é proprio.

Tromheta de si mesmo, e seu heroe, [1]
Toca a investir; e pondo-se de largo,
Lança as linhas, e atira-se ao pescoço
Do leão, que enlouquece,
Que espuma, que nos olhos relampeja.
Ruge horrendo, e pavor em roda infunde,
Tão rijo, que estremece, e que se esconde
Toda a gente.—E era obra de um mosquito
Tão insolito susto.
Atormenta-o essa esquirola de mosca,
Que ora belfas lhe pica, ora o costado,
Ora lhe entra nas ventas.
Então lhe sobe ao galarim a sanha,
Então triumpha, e ri do seu contrario
O invencivel, de ver no irado bruto
Que dentes, garras, em laval-o em sangue
Seu dever desempenham.
O coitado leão se esfola, e rasga,
Dá n'um, n'outro quadril co'a cauda estalos,
Fere, a mais não poder, co'açoite os ares.
D'esse extremo furor, que o cansa, e quebra
Fica prostrado e torvo.

Diniz fica bem longe do fabulista incomparavel, e mesmo do traductor, que mais de per-

[1] O Mosquito.

to luctou com as difficuldades de lhe imitar o gosto e as locuções.

Mas se n'esta liça perdeu o escudo, e rendeu as armas, quando propoz combate á musa satyrica de Boileau, não descora, e sae da peleja não só brioso, mas em partes com vantagem e louvor até.

Nem tudo é para todos, e Elpino, esquecendo-o frequentemente, arriscou-se a caír, aonde nem sequer deveria ter pisado.

*

Antes de passarmos ao poema—o Hyssope, —daremos uma rapida noticia da tentativa dramatica de Antonio Diniz na scena comica.

Pouco feliz, e menos familiar com o riso picante da Thalia portugueza de Gil Vicente, e da musa profunda e analytica de Moliére, o autor das odes Pindaricas, n'este certame contra a vocação, ficou inferior ao Garção, e a si mesmo ainda mais.

Composta em 1775, a comedia, que intitulou o *Falso Heroismo*, estira-se por tres mortaes actos entre continuos abrimentos de bocca, e eternos espreguiçamentos de insipidas trivialidades.

O verso é facil, mas descorado, chato em muitos passos, e quasi dessalado d'aquelle estimulo, que dá queimo fino e mordente ao dialogo.

Este adormece a miudo, conversado pelos

Thadeos e *Papas-ferros* com uma frouxidão e um cansaço, que entristecem, em vez de alegrar.

Do enredo e distribuição escusado é tractar-se.

O fundamento da peça reduz-se a empallidecer em logares communs rebatidos o bello assumpto do peão fidalgo, e o thema antiquissimo e inexgotavel das falsas vaidades e bizarrias.

O Thadeo de Montalto, a victima principal offerecida em sóccos á hilaridade das platéas, sérias como bonzos, não passa de uma cópia apoquentada dos heroes da sua genealogia comica; e logo na primeira scena tira a mascara, apresentando-se como pavão nobiliario, e guloso consummado.

A basofia do pelão solta-se em baforadas fóra de proposito a respeito do gosto e aroma de um chá, e não se cala nem debaixo das pranchadas do *Papa-Ferro*.

A verosimilhança queixa-se a todos os instantes das injurias com que a offendem os interlocutores; e a naturalidade foge de scena para scena, sem achar em nenhuma lance, figura, ou dialogo, a que possa adaptar-se.

Os lacaios vestem a usada libré da farça pé-de-boi e do entremez do tablado.

O sr. Lopes e a sr.ª Carmosina ántes de se chamarem assim, adivinha-se logo que já tinham visto mundo com os nomes mais populares de Pedreneira e Esfuziote, de Faneca e

Vesugo desde o primeiro quartel do seculo XVIII.

Os chistes dos dois bobos domesticos orçam no sal comico pela semsaboria dos roncos de *Papa-Ferro* na scena oitava do segundo acto, com o logrado e escarnecido D. Thadeo.

São gracejos da grossura de trancas, rombos como chufas saloias, plebeus e villãos como verdadeiras empulhações de entrudo.

Custa a crer que o talento culto do poeta das *Anacreonticas* e dos *Idyllios* podesse baixar a similhante pugilato.

As risadas, que a obra excita, pendem todas nos fios seccos da durindana virgem do *Papa-Ferro*, que nos casos de apuro se não descuida de malhar no fidalgo feito á pressa com infatigavel perseverança.

Deve confessar-se que o recurso é gasto e triste, e que não abona a veia satyrica do autor!

Thadeo tem innocencias, que parecem sonhos. As contestações com o valentão depois de movido por elle, e a sua idéa de estar banhado em sangue, não tendo padecido lesão, por velha e explorada, não merece o riso.

De mais o caracter de Thadeo cobre-se de taes sombras negras pelo rapto, que intenta, e pelo homicidio, que ajusta, que de ridiculo se torna só odioso.

Lucio, o amante preferido, é uma desmaiada figura, que se esboçou apenas, para entrar e sair na peça, dando as deixas aos outros personagens.

Lisuarte Malafaia, o mancebo virtuoso, omo o poeta tem o cuidado de declarar na ndicação das pessoas da comedia, é uma es- ecie de prégador de pulpito, que vagueia pe- as casas dos amigos, empurrando-lhes ser- nões mofinos e conselhos requentados.

A sua homilia final a D. Thadeo, depois de escoberto o rapto, faz chegar as lagrimas os olhos, não pela unção, mas pela insipidez.

A sr.ª Petronilha, a dama da peça, distrahe- e dos seus amorosos suspiros cantando as rias de fita verde, em que a lettra não disputa ecerto a palma á inimitavel cantata de Di- o, sepultada pelo Garção no meio do dueto as manas e dos alaridos dos Fustotes.

A individualidade da sr.ª Petronilha limi- a-se a levar a tempo o lenço ás suas precio- as pestanas, e a depositar no discreto seio da arrula confidente o precioso segredo dos eus affectos.

E toda esta machina, montada em rodas per- as, não tem por fim senão fazer-nos ver o fi- algo improvisado impando de basofia, ar- endo em zelos, e pagando com escassa bolsa s pranchadas, de que o serve o seu digno umplice *Papa-Ferro,* industriado pelo mais elhaco dos lacaios!

Deus é misericordioso, e a esta hora ha-de er perdoado ao Diniz o falso heroismo d'esta rofanação dramatica!

Para o absolver, porém, no juizo severo da ritica, é necessario relermos algumas das uas odes primorosas, e recrearmos o animo

por muitos dos espirituosos versos do *Hyssope.*

Não se lhe perdôa senão admirando-o!

No genero tragico os ensaios de Elpino foram modestos, e menos aventurosos.

Deu-se apenas a verter do original francez a *Iphigenia em Tauride* de mr. de la Touche, edição da Haia no anno de 1780.

Sem louvarmos excessivamente a escolha, a traducção parece correcta em geral, e elegante em partes. Não a podemos comparar com o original, mas se ha infidelidades não as suppomos de grande vulto.

Na scena quinta do terceiro acto entre Orestes e Pilades notam-se bons versos, dialogo bem traçado, e cortado a tempo, e riqueza de estylo.

Esta mostra, que saiu da pasta do auctor, depois da sua morte, ainda sem a ultima lima, faz-nos sentir, que as formosuras da musa de Racine, e a nobre inspiração da Melpomene romana de Corneille, o não tentassem para naturalizar portuguezas Phedra e Athalia, Cinna e os Horacios.

Entretanto (inutil reputamos accrescental-o) a indole do Diniz não o chamava pelo caminho dramatico. Similhante ao Quita, vê-se que tanto as alturas, como os precipicios da scena o confundem, ou o deslumbram. Prende-o o receio de se arriscar, e despenha-o o desejo de tirar um riso forçado, não da opposição dos caracteres, e da sua conformidade com as situações, mas da matinada dos gui-

sos de Pasquino, da violencia abrupta dos lances, e das lograções inverosimeis dos personagens.

A Arcadia pouco sobresaiu no theatro, e apezar das suas doutas censuras, e do seu desdem soberbo pela comedia nacional e plebea, de que o infeliz Antonio José nos conservou o typo, nenhum dos pastores do Menalo era capaz de competir com o auctor dos *Encantos de Medéa* na graça e naturalidade da pintura dramatica.

Os auditorios que deram palmas ao Judeu, não resistiram ao somno, depois de representadas cinco scenas dos modelos.

O Hyssope escripto em Elvas, em quanto desempenhava na cidade militar um logar de magistratura, é inquestionavelmente no seu genero o primeiro poema comico da nossa litteratura.

A *Benteida* de Alexandre Antonio de Lima, publicada em 1759, seria o segundo se a fórma fosse mais castigada, e o estylo descesse menos.

Alexandre de Lima tinha chiste natural, e metrificava com facilidade; mas a sua veia descae em chula muito a miudo, e a mania dos equivocos e trocadilhos preponderante no gosto da epocha, mancha em varios logares os trechos mais acabados.

Das innumeraveis composições, com que gemeram os prelos, ou que se guardam ainda manuscriptas nos armarios das bibliothecas desde a epocha de D. João V, se exceptuarmos

a *Santareneida* (estampada) e o *Apollo e Daphnis*, ainda por ver a luz, parece-nos, que não se fará injuria grande aos auctores, classificando a quasi todas como sempre inferiores ás obras estrangeiras, por destituidas de merecimento, de plano, e ás vezes até de sal.

Para maior aggravo das suas victimas, Elpino seguindo os passos de Boileau, e descrevendo na tela o fofo Lara, o gordo bispo, e tantos outros, tirou-lhes os retratos tão parecidos, que foi cheio de razão que o prelado, ardendo em ira, buscou vingar-se.

Considerado só como poesia o *Hyssope*, não eguala de certo a famosa *Estante do Côro* que lhe serviu de modelo; a versificação, o esmero, e as bellezas são muito superiores em Boileau; mas como livre imitação, e como desenho de physionomias e de costumes, o poema portuguez offerece rasgos e atrevimentos, que abonam sem parcialidade os louvores, que a publicação lhe tem constantemente grangeado. E' já distincta honra justificar o elogio depois do *Lutrin*.

Os inglezes, por excessivo amor proprio nacional, teem querido inculcar, que a *Madeixa Roubada* (The Rape of the Lock) de Pope, se não excede o poema francez, não se deslustra ao lado d'elle antes o eguala. Julgamos a sentença injusta, além de suspeita.

Os criticos britannicos podem encarecer a elegancia do verso, a cultura da phrase, e as delicadezas de estylo do seu poeta classico; esta provincia, que é sua, fôra temeridade

disputar com elles, que são de casa, e conhecem os segredos; porém desde que se estabelece a comparação de um com outro livro, as differenças saltam aos olhos, e não permittem aos admiradores de Pope nem a sombra de um subterfugio.

Na invenção, na fabula, nos episodios, e nos personagens, o auctor da *Arte Poetica* atravessa com tanta facilidade os obstaculos, que lhe suscita até a insignificancia do assumpto; entretem a curiosidade e o sorriso do leitor com tal mestria, e sabe variar tanto a tempo os seus paineis, que não só a *Madeixa Roubada* lhe fica muito longe, mas a propria *Secchia Rapita* do Tassoni o não offusca.

Em Boileau as galas da dicção unem-se á finura e viveza das côres, e ao estimulo picante de uma ironia jovial, mas sempre urbana, e digna das musas.

Guardando, com o tacto proprio do seu gosto correcto, a proporção requerida entre o comico e o serio, que é o escolho do genero, e que faz a sua perfeição, quando se vence, o poeta alcança todos os effeitos do contraste sem esforço apparente.

Basta percorrer a *Madeixa Roubada* para se verificar a sua inferioridade em todos estes pontos.

Nos cinco cantos de Pope a acção é quasi nulla, a falta de interesse visivel, e a monotonia constante.

Um cavalheiro propõe-se a cortar a madeixa de Belinda, e executa o seu enredo!

Quem foi o cavalheiro? Quem era Belinda? Que relações existiam? Não se diz!

Antes e depois da fatal tesoura morder nas tranças da presumida beldade tudo são trevas.

Descripções descoradas, frias allegorias, e o maravilhoso infantil da cabala, uma plebe de gnomos e de genios do ar, enchem toda a scena.

Um Silpho apparece em sonhos a Belinda, e sobresalta-a, annunciando-lhe o desastre imminente; outros, da mesma familia, esvoaçam em roda d'ella para a proteger. O lance mais curioso, em que figuram os comparsas alados, reduz-se a ficar entre os gumes da tesoura o mais zeloso, e a ser cortado em duas partes como um limão.

A disputa de Belinda com a sua amiga Talestris tem pouco de espirituosa, e o pugilato das damas com os homens, em que a furiosa Talestris investindo

> White through the press enrag'd Thalestris flies,
> And scatters death around from both her eyes,
> A Beau ad Witling prish'd in the thong,
> One dy'd in metaphor, and one in song.

derrota os esquadrões contrarios, e dá a morte só com o lume dos bellos olhos, no qual o peralvilho expira, guindando uma metaphora, e o espirituoso succumbe, entoando uma arieta, recommendam-se pouco pela delicadeza e esmero.

N'este combate amphibologico a heroina estonteia o cavalheiro, auctor do roubo, suffocando-o com uma nuvem de rapé, e depois de prostrado exige-lhe os seus preciosos cabellos. Ninguem sabe d'elles, e sómente o poeta, por condescendencia, nos informa de que os vira subir arrebatados ás espheras da lua!

Um dos melhores episodios — a partida de jogo da *arrenegada* -- desfallece por longo, e chega a enfadar-nos com a eterna lucta das copas contra os oiros, e das espadas contra os paus.

A mais acabada pintura, e assim mesmo não compete com o admiravel quadro da Preguiça no *Lutrin*, é a descida de Umbriel á caverna da Melancholia.

Voltaire e Marmontel verteram-n'o, elogiando-o; mas o auctor do seculo de Luiz XIV, com a sua versificação pura e elegante, não conseguiu, segundo cremos, senão fundar em base mais solida ainda a reputação do poema francez, provando, que mesmo emprestando a Pope, para o naturalisar, as graças do seu talento mimoso, a palma devia entregar-se de preferencia ao cantor, que primeiro vulgarizou na sua patria as formosuras do metro horaciano, imitando a epistola aos Pisões, como sabem imitar só os engenhos inventivos.

Sem vaidade, e comparando a *Madeixa Roubada* com o *Hyssope*, ousaremos asseverar, que a confrontação nos parece tão vantajosa para Antonio Diniz, quanto o seria para o

auctor do *Lutrin* o parallelo entre o seu poema invejado e a livre imitação do poeta portuguez.

E não supponham, que escrevendo de proposito *livre imitação* quizemos subentender a idéa de copia; as paginas do livro protestam contra ella!

Para os eruditos, o *Hyssope*, apreciado á sua verdadeira luz, não auctoriza nem justifica tão aspera censura; leia-se, e não se encontrará na contextura, ou nos incidentes, remota sombra do transumpto servil, que levianamente apregoam alguns mordazes.

Ha de certo paridade notavel entre as duas obras, como nascidas ambas de ridiculas contendas ecclesiasticas, e não occultaremos tambem, que não se publicando o *Lutrin* não existiria o *Hyssope;* mas d'ahi em deante separam-se; e se o livro portuguez algumas vezes se encontra com os modelos nos incidentes; se n'este ou n'aquelle verso recorda outros analogos do satyrico parisiense; e mesmo se o pincel nos retratos geraes se lembra dos toques do mestre, não ha duvida que no plano, no desenvolvimento, e no remate differem essencialmente, e que, cedendo quasi sempre ao *Lutrin* no episodio comico do oitavo e derradeiro canto, o *Hyssope* todavia lhe leva decidida vantagem.

Boileau, para celebrar o presidente Lamoignon, sacrificou o sexto canto, desbotando no meio de allegorias frigidas a alegria pulida da sua musa espirituosa.

Esta primasia da ascendencia e do exemplo nos dominios da arte é Elpino o primeiro a confessal-a, inclinando-se, quando se dirige á musa e exclama:

> .....Tu, que nas margens apraziveis
> Que o Sena bordam de arvores viçosas
> Do famoso Boileau a fertil mente
> Inflammaste benigna, Tu me inflamma;
> Tu me lembra o motivo; Tu as causas
> Porque a tanto furor, a tanta raiva
> Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

O argumento, embora as contestações da vaidade ecclesiastica inspirem ambos os poemas, attesta a independencia com que Antonio Diniz, sem perder de vista os passos do satyrico francez, soube enriquecer-se, usando de galas proprias.

Uma disputa entre o Chantre e o Thesoureiro de certa egreja de Paris, ministrou a Boileau a tela para bordar toda a ficção.

O accordão do Cabido de Elvas contra a soberba do Deão, que negava ao Bispo a posse de receber o hyssope de suas mãos, suscitou a Elpino o pensamento de vestir de accessorios engraçados esta pendencia comica.

Dirão, porém, que Boileau, mais rapido e conciso, cinzela em dois traços o que o arcade não aviva em largo esboço? Sem duvida!

Mas segue-se, por isso, que deva despresar-se o nosso poema, porque o alheio, vencendo-o em desenho e correcção, está primeiro?

No *Hyssope* a invenção afrouxa em repetidas sincopes; as reminiscencias entram no tecido original extemporaneas, e pouco digeridas; e o estylo mais lento e menos brilhante, ennevoa-se em partes, accusando precipitações.

Não o escondemos; são erros palpaveis, e a critica não os deve relevar.

Logo no canto I a superioridade de Boileau torna-se incontestavel, e o seu imitador só de longe o segue.

O congresso das Chimeras, presidido pelo genio tutelar das Bagatellas, com a luta oratoria da Excellencia e da Senhoria, personificadas, tomam dois terços dos versos, desmentindo a brevidade elegante do poeta da côrte de Luiz XIV, quando nos figura aquelle vôo altivo da Discordia:

> .....Encor toute noire de crimes,
> Sortant des Cordeliers pour aller aux Minimes
> Avec cet air hideux, que fait frémir la Paix.

E no canto II, quando Elpino se lembra da imagem de Boileau para a imitar, não alcança a energia do modelo quando diz:

> Rapidamente vôa: incendios, mortes,
> Sacrilegios, traições, roubos, ruinas
> Vae deixando a cruel por onde passa.
> Chega dos *Elvios* á colonia antiga;

E vendo de passagem os *Dominicos*
Entre o Prior, e os frades mil disputas
Sobre o chá, sobre o jogo, e sobre os doces
.....
Tyrannamente excita.

como é pallida e derramada a inversão de um passo, caracterizado com tão poucos, mas tão escolhidos toques!

A descripção do antro da Discordia, comparada com a admiravel pintura da Preguiça no *Lutrin*, offerece egual desengano.

Elpino mette a senhoria, attribulada, depois de um discurso perluxo, pela furna da deusa implacavel, e querendo apurar a allegoria erra as tintas exagerando-se:

Aqui luctando sempre em viva guerra
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Gorgones e *Cerastas*. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
.....
No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel deusa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa
Que espalham respirando de continuo
Por olhos e gargantas, mil serpentes,

Agora deante d'esta falsa e tumida declamação descriptiva, colloquemos o quadro da Preguiça no poema francez.

La Discorde en sourit, et, les suivant des yeux
De joie, en les voyant, pousse un cri dans les cieux.
L'air, qui gémit du cri de l'horrible Déesse,
Va jusque dans Citeaux réveiller la Molesse.
Cest lá qu'en un dortoir elle fait son séjour:
Les Plaisirs nonchalans folâtrent a l'entour.
L'un pétrit dans un coin l'embonpoint des chanoinès,
L'autre braie en rian le vermillon des moines.
La Volupté la sert avec des yeux dévots
Et toujours le Someil lui verse des pavots.

Como o episodio fecha, quando a Preguiça respondendo á Noite, e exclamando:

Ah! Nuit, si tant de fois, dans les bras de l'amour
Je t'admis aux plaisirs que je cachais au jour,
Du moins ne permet, pas... La Molesse oppressée
Dans sa bouche á ce mot sent sa langue glacée;
Et, lasse de parler, succombant sous l'effort.
Soupire, étend les bras, ferme l'oeil et s'endort.

Debalde se desejaria nas paginas do *Hyssope* um trecho tão primoroso. Mas em compensação, os caracteres, retratados do vivo, teem individualidade e não se confudem.

A fofa basofia do Lara, que a Senhoria arrasta por mil estultas empresas até o collocar horrorizado e convulso defronte do tostado gallo, que lhe vaticina a perda do pleito — a soberba arrogante do gordo Bispo, assanhada contra a ousadia do Deão, e entre as delicias da gula, armando com o Cabido a ratoeira do ridiculo accordão; os confidentes, os parasitas, até o vulto agarratorio do bom Gonçalves,

são tudo figuras, que respiram, e que hão de durar, em quanto a lingua se falar e escrever.

Sabemos que o episodio da citação, e as queixosas supplicas da esposa do aguasil, tentando deter o animoso official, decidido a arrostar as iras episcopaes, dão grandes visos de parecenças com as lamurias da gentil cabelleireira do *Lutrin* quando chorosa e consternada, procura prender nos braços o mavioso barbeiro, seu *Amor* pelo nome, e no affecto; mas n'esta parte a justiça, pede que declaremos a imitação, egual pelo menos ao episodio do II canto do poema francez.

Os prodigios, que a industriosa Excellencia multiplica para estorvar o infausto passeio do Prelado, preparam bem a scena, e teem verdadeiro sal.

Aquelle copo de Madeira, tornado em vinagre na bocca do vingativo Pastor; o gato negro saltando no aparador, e quebrando cristaes e porcellanas, o sonho, em que o velho burro da nora lhe despega dois coices no vasio; a pedra da fivella voando ao doirado tecto, e depois o bezouro açoitando-lhe a cara com as azas, são incidentes comicos, bem delineados e rapidamente expostos.

No dialogo do aguasil com a consorte longeva,

> Nas sordidas trapaças tão versada
> Como o habil marido.....

talvez nos illudamos, mas descobrimos n'elle grande verdade, realçada pelo tom familiar e natural, que dobra o valor á ironia do poeta.

Se fossem menos extensos os discursos, sem receio diriamos, que Elpino, lembrando-se de Boileau, soube imital-o sem o rebaixar.

O canto VII, a nosso ver o melhor de toda a obra, desenha a rasgos largos as physionomias conhecidas dos retabulos mais apodados na cidade de Elvas.

O Deão, para celebrar o feliz começo da sua demanda, determina offerecer aos amigos convocados um bizarro concerto, preludio harmonioso de opulenta ceia, terminando tudo pelos *cavallinhos fuscos*, dispostos na vaga sala com galante idéa.

Escurece a noite, e os convidados principiam a chegar. O Lara triumphante esfrega as mãos.

Que immenso holocausto de perrexis e papas-finas nas aras do ridiculo!

Que bem graduada galeria de brutescos, cada um apanhado na feição mais caracteristica!

O Sequeira, «sagaz na censura e na trapaça como o pae» entra, e:

> D'uma sebenta, desbotada fita
> A bengala da dextra traz pendente,
> Com que as moscas enxota do Castello

O Velloso, vem atraz, e:

.....ao beque dando
Entra o vaidoso, mulheril Periuha,
Ramo insigne dos *Gatos Rodovalhos*
E chefe dos Pelões da sua terra.

Ainda não basta. As victimas são mais. Logo depois o poeta apresenta no pelourinho, aonde os expõe, outros infelizes, condemnados á mesma pena.

Não passou muito espaço, sem que á porta
Se não vissem chegar ambos os *Bixos*,
Alegria e prazer da Elvense terra;
O *Leite* e os *Barquilhos*, tão famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande bode as grandes tetas;
Este, pela piedade, com que vendo
Jazer em terra morto o bravo toiro,
Que os calções de camurça lhe rasgara
.....
Perdoa, em altas vozes, generoso
O estrago do vestido, e a grave affronta.

Seria infinito enumerar todos os zotes, que por desgraça de sua memoria comparecem n'esta revista de Asmodeo.

O marquez de Pombal nunca se mostrou tão affeiçoado ao Diniz, como no dia, em que, tirando-o de Elvas, o salvou da gratidão de tantos martyres, crivados das suas frechas.

Se esta plebe de caricaturas colhesse o algoz e a occasião pelos cabellos, é provavel que a correcção não doesse menos a Elpino, do que pesou por delicto muito menor a Voltaire a insolente desforra de um fidalgo.

Vamos, porém, com a escolhida companhia para a sala do concerto.

Ahi troveja o Vidigal soltando a bruta voz, com que levanta os *Mementos* nos enterros. Ahi, o cantor taurino exalta o estupendo acerto dos sabios vereadores da heroica Elvas, na rara e não vista economia de mandarem deitar quatro gatos de ferro no velho e rachado sino do senado.

Eis a descripção do tonsurado Orpheu, nos extasis do seu repente lyrico:

> **Com tal arte feria o cantor dextro**
> **Do pequeno instrumento as tesas cordas**
> **Acompanhando o som, com que cantava**
> **Este estupendo, gracioso caso,**
> **Que, ao bater das pancadas, parecia**
> **Que se ouviam no sino as martelladas.**

No meio das saudes e jubilos da mesa festiva, quando mil pilherias e chistes gyram com os copos, beliscando os mais famintos a melindrosa pelle do gordo Bispo, em lisonja do Amphitrião, eis que de repente, (espectaculo horrendo!) o gallo velho, que jazia em um prato,

> **Entre frangãos e pombos, lardeado,**
> **Em pé se levantou, e as nuas azas**
> **Tres vezes sacudindo, estas palavras**
> **Em voz articulou triste, mas clara:**

Na sua agoirenta prophecia, a depennada victima annuncia ao Deão, que ha-de ceder

por fim ao seu contrario; e deixando cobertos de suor gelado aos circumstantes, torna a cair no molho, e a ficar inerte.

O terror do prodigio erriça os cabellos na fronte aos mais gulosos. Immoveis todos, e calados, o medo petrifica-os por grande espaço; depois recobrando os espiritos:

> Se levantam tremendo, e pela terra
> A recheada mesa branquearam;
> Tres vezes se benzeram c'o a mão toda;
> Tres vezes, mas em vão, esconjuraram
> O fatal gallo, que jazia morto;
> E mil, a infausta ceia dando ao Demo
> Se foram saccudindo os calcanhares.

Fôra longo insistir em todas as bellezas, que o poema encerra.

Os defeitos tambem já os advertimos em geral.

O canto VIII, mais travado com o assumpto, e melhor urdido, que o sexto do *Lutrin*, prova que Elpino, quando queria, era capaz de tirar grandes auxilios dos poderes da propria invenção.

Os incidentes comicos enredam-se para trazerem o desfecho com facilidade; os personagens não se desmentem; e o episodio da viagem aeria com a Ama e da visita á caverna do sabio Abracadabro, remata com jovialidade a acção, que em Boileau esmorece muito, entre as allegorias moraes da Justiça e da Piedade.

Pomos de parte a sentença do *Genio das Bagatellas* e as magoas da pallida e confusa Senhoria. O que dá relevo á obra, e a continúa com viveza e graça é o discurso da *velha zoupeira* ao afflicto Deão, encarecendo-lhe os pesares, que lhe carregam de angustias uma cara d'antes alegre, reverenda, e affavel; o que desde logo reanima a fabula, e a estimula, é a proposta de irem ambos consultar por alta noite os oraculos do famoso magico; e depois de espojados em sordidas pennas, e de untados com o sangue de um morcego, o vôo livre, que rasgam nos ares, assustando de passagem o prior da Alcaçova, homem vexado de visões e caballas, o qual, vendo-os, por desgraça, enrola o capote, arranca a durindana, e investe destemido com os duendes, até cair, tropeçando em um podengo.

O terror do Lara, em cuja pellada fronte os raros cabellos se espetavam; a seriedade pantagruelica do feiticeiro; as adulações da Ama; e finalmente o cão negro surgindo para revelar futuros aos ouvidos de Abracadabro, tudo isto desenhado com rapidez e tacto, (á parte algumas sombras, e algum desmancho) completa o livro e corôa dignamente o desenlace.

No canto VI ha longuras e sobejidões, que mais severo comsigo o auctor devera encurtar; mas, como já observámos, a descripção do passeio do Bispo depois dos agoiros, os conselhos do grande Almeida, e a scena das choradas supplicas da esposa do bom Gonçal-

ves, desculpam as nodoas e abonam o engenho do poeta.

A ira do Prelado, quando soletrando a custo a citação, chega a perceber o sentido do insolente papel, vem retratada com mão de mestre, e na elegancia e no vigor disputa a palma aos modelos.

No V canto, e na ultima parte VI a concisão daria grande realce ás engraçadas scenas da conferencia do Lara com o gritador Fernandes, e da sua visita ao convento dos capuchos.

Demora-se muito, porém o dialogo entre o Doutor e o Deão — e a ignorancia fofa e vangloriosa d'este perde por exagerada.

No jardim dos frades o mesmo erro prejudica o effeito da conversação, que por acaso se enreda entre o douto Padre Mestre, e o seu hospede garrulo, e estulto.

Mais brevidade, e mais verosimilhança, tornariam aquellas paginas dignas de absoluto louvor. Os equivocos do Lara, e as suas declamações repetem-se, e attenuam-se á fôrça de martelladas!

Boileau em menos de metade, porém esculpindo a satyra em cada imagem, e acerando o verso e a phrase, alcançaria dobrado exito.

Chegámos ao termo d'este estudo; e receamos que não fosse sem fadiga dos leitores.

A Arcadia exerceu nas letras inquestionavel ascendente; embora não descesse das salas, e não soubesse fazer-se popular e nacional, não deve negar-se que a sua influencia

durou ainda além da curta carreira da erudita corporação

Desenhando imperfeitamette, sim, porque não tinhamos forças para mais, mas com a possivel fidelidade os tres vultos, que a dominaram, e cujos exemplos a segunda Arcadia — a epoca de Bocage, de José Agostinho, e de Curvo Semedo, — se honrava de seguir e de elogiar, procurámos dar uma idéa clara da physionomia, da indole, e dos principios litterarios dos homens mais notaveis d'aquelle seculo em Portugal.

Se este ensaio fôr acolhido com alguma benevolencia, não pelo que pode valer, mas pelo assumpto, tentaremos o esboço da segunda parte, e começando por José Basilio da Gama, o auctor do *Uraguay*, completaremos por todos os aspectos o retrato de um periodo importante da nossa historia intellectual, que está ainda por tractar, aguardando uma penna que se atreva com as suas difficuldades.

A nossa, mesmo fraca e obscura como é, sendo animada, abalançar-se-ha á empresa, contando com a utilidade d'ella se os seus esforços a não desmerecerem, e o seu zelo obtiver a unica recompensa, que tem a esperar —o favor devido aos bons desejos.

FIM DO SEGUNDO VOLUME DA
«ARCADIA PORTUGUEZA»

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXX

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)
XXIX—Arcadia Portugueza (2.º vol.)
XXX—Arcadia Portugueza (3.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXX

ESTUDOS CRITICOS — III

ARCADIA PORTUGUEZA

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA — *R. Augusta, 95* ‖ TYPOGRAPHIA — *45, R. Ivens, 47*
1909

A ARCADIA PORTUGUEZA

I

A historia litteraria, como hoje a ensinam os bons modelos em França, em Inglaterra, e na Allemanha, sem receio podêmos affirmar, que apenas começa a tentar-se em Portugal. A culpa tem sido mais das coisas, do que dos homens.

Cegos com o fumo das discordias civis, como queriam que animos inquietos e exaltados se desprendessem da lucta, que attrahia todos, e, no meio de repetidos conflictos, achassem o socego e a liberdade de espirito, tão essenciaes para a perfeição das obras da intelligencia?

Não era possivel, e, exigindo-se, pedia-se ao coração um sacrificio, que raros ousariam consumar, sequestrando-se voluntariamente da época e dos interesses vivos d'ella.

Admira, portanto, que a critica, a mais

severa e laboriosa de todas as manifestações nos dominios das lettras, viesse tarde, e que por ora se contente com esboçar em rapidos e fugitivos quadros, sómente, algumas das feições caracteristicas dos seculos que nos precederam.

Entre nós a penna ainda se usa muito mais para recreio, do que serve para traçar uma carreira. Não vão longe os annos, em que o titulo intellectual, de que se ennobrece no estrangeiro a flôr dos engenhos imaginosos, em Portugal dava só pretexto á ignorancia para desatar risadas e afiar motejos.

Além d'isto o que em outros reinos é facil, porque o escriptor encontra á mão, e colligidos, todos os subsidios de que pode carecer, aqui, vê-se obrigado a buscal-os, amassando, por assim dizer, o estuque e moendo as tintas, de que ha de valer-se para debuxar o painel da novella, do drama, ou do ensaio critico.

As difficuldades crescem na proporção da grandeza do desenho, as trevas, completas, ou parciaes, cobrem-lhe em parte os horisontes, e para não desanimar é preciso que sinta em si ardente e firme a vocação.

A phantasia, nas composições ideaes, perde a frescura, condemnada a amarellecer sobre a cansada leitura de documentos indecifraveis, e para se rematar um romance, que mereça o nome, e não desminta as datas e a physionomia dos personagens, o meio é reconstruir o periodo todo, e descer a investigações

subterraneas, d'onde o talento volta á luz desfallecido e descórado!

Estas considerações ainda se apropriam mais ás tentativas da critica, do que a outro qualquer trabalho.

Sabemos tão pouco já do que succedeu hontem, que não espanta que o fio nos escape dos dedos em eras mais distantes.

O governo da rainha D. Maria I acabou quasi em nossos dias; e, apezar d'isso, qual de nós possue cabedal sufficiente de noticias para affiançar, que o conhece bem por algum dos seus aspectos?

Os ministros, os eruditos, os generaes, os magistrados, e os poetas do principio d'este seculo viveram com nossos paes, e entretanto qual de nós, sem gastar mezes em excavações fastidiosas, ousaria pôr em scena no theatro, no romance, ou na moldura mais austera do relêvo historico, o vulto do velho duque de Lafões, o de José de Seabra da Silva, ou o do arcebispo confessor?

Para apreciações contemporaneas ainda é cedo, e o juizo, por mais que a vontade se esforce, sempre pode sair tocado de certas sombras.

Para a apreciação sisuda e esclarecida do passado os obstaculos são tantos como os passos, e aggravados sobre tudo pela indifferença com que se olha para os livros que se occupam de taes assumptos.

Atraz das nações cultas entrámos no trilho ovo, que os seus exemplos rasgaram, guia-

dos pelo grande e deslumbrante engenho de um homem, que reuniu em si por um prodigio os dotes inimitaveis de poeta, orador, e estadista, e que em cada provincia do saber, ou da invenção, que percorreu, não deixou rival. Mas, o que estava antes, as razões da sua existencia, e o pensamento dos seculos, no sentido litterario e philosophico, esperam debalde pelo Villemain, que as ha de qualificar e descrever.

No ensino, as lettras antigas e modernas, a historia na sua accepção elevada, e a philosophia transcendente, não mereceram ainda a despeza productiva de poucos centos de mil réis para dotar uma faculdade, ou duas, que, á imitação do que recommendam os povos civilizados, separasse n'estes ramos a instrucção superior, dos rudimentos leccionados nas cadeiras secundarias.

Similhante descuido é para desalentar os mais decididos, e custa a crêr, que appareça quem se resolva a não cruzar inteiramente os braços, entretendo algumas horas de descanso com estudos e escriptos, friamente recebidos, e sempre desamparados de protecção.

A curiosidade publica não os favorece; o ensino, por acanhado e incompleto, não os cita, nem conhece, e os especuladores de todas as indoles e naturezas sorriem-se com soberbo desprêzo dos pobres de espirito, que empregam tão mal os ocios, quando, se os pozessem a render pelo systema mercantil, podiam aproveitar mais, do que essas folhas cravadas

de typos, em que se tomam a serio entes de tão pouca valia como foram os Quitas, os Bocages, e os Garções?

E' triste, mas quem negará que no fundo a verdade seja esta e só esta?

O que resta ao escriptor, que não possue outras rendas senão os fructos da sua penna? O que o anima, o que o estimula, o que o engrandece?

Toleram-lhe o talento, e creem sinceramente, que a concessão não é pequena!

Se fôr mimoso e inspirado vate ainda lhe poderão ler os versos em um serão invernoso, e depois, entre duas contradanças, ou entre duas variações de piano, hão de falar d'elle com certo elogio, mas com a reserva mental, de que os poetas servem só para metrificar.

Se fôr um romancista feliz, e com o seu pincel encantado restituir os vultos e os costumes de uma epocha morta, ou em paginas admiraveis erguer de cima das chagas vivas da corrupção social o velludo e a seda, que as escondem, o volume, correndo pelas salas, ficará sobre a mêza elegante entre os albuns e os cadernos de gravuras, para attestar o gôsto do abastado; mas o auctor, se não tiver mais nada, ficará tambem com os louros sêccos d'essa corôa, se não se matricular nas fileiras do jornalismo militante, ou se não se assentar ao bofete de uma repartição de contabilidade, no ultimo e mais obscuro posto.

E assim mesmo a inveja morde-se, e em voz baixa diz ao ouvido de mil, que a desgraça

do serviço publico são esses quatro ou cinco homens de engenho, que a offuscam, porque na raza da mediocridade, como na do despotismo, tudo o que sobe, ou excede as dimensões ordinarias, chama-se-lhe suspeito e torna-se perigoso.

Que importa? Nem por isso a luz que os fere se apagará. O seculo e as idéas podem mais do que as usanças crassas e os erros do entendimento.

Deixal-os adormecer sobre a nota incorrecta dos avisos e registos, ou sobre os calculos embaraçados do deve e ha de haver, que por fim a aristocracia da intelligencia, depois de os conquistar, como fez, segurará os seus fóros com mão poderosa.

O que as lettras custaram aos seus cultores, como lição e como historia, prova que assim mesmo os tempos actuaes são menos rigorosos; a lucta vae cedendo; e se o talento, como deve, tomar o seu logar, e mantiver a sua dignidade pouco a pouco hão de esmorecer-se as antipathias, e serão mais frequentes os sorrisos da fortuna.

As reflexões, que acabâmos de contrahir n'estas paginas, podem parecer talvez inopportunas, e mesmo estranhas do assumpto a alguns. O que tem um estudo sobre a Arcadia Portugueza com tantas accusações arrastadas, com tantas censuras directas e indirectas?

Se nos consentem, diremos que tudo!

A Arcadia padeceu a mesma enfermidade, emorreu d'ella. Matou-a nos homens e nas

doutrinas, a incuria, ou o esquecimento do poder, a indifferença dos falsos protectores, e a consciencia de que ensinava no deserto.

Os grandes poetas, que ornaram aquella curta renascença, exceptuando um ou dois, pagaram cara a gloria, e expiaram na pobreza o amor das lettras.

A sociedade recebeu-os como curiosidades, e esmolou-lhes á sua mêsa um talher por ostentação, mas tractou-os sempre, fóra das horas vagas, quasi como os espartanos tractavam os illotas. — Divertia-se, e acceitava-lhes os versos, porêm deixava-os em baixo por inuteis, em quanto a obesidade estulta ia subindo, e com ella trepavam ao seu lado a inepcia illustre, e a ignorancia com brazões.

Para perceber e avaliar de perto os intuitos da douta corporação de 1756, convem ligar de longe a narração, insistindo sobre as circumstancias, que maior influencia exerciam então. O edificio não se firma em areias sôltas, nem se reputa acabada a estatua, em quanto o cinzel não apura os derradeiros toques.

O caracter da nação e do governo, a condição moral, e a capacidade dos outros povos, e a reciproca affinidade ou repugnancia de idéas e costumes, tudo são termos do problema, que, desprezados, deixam a physionomia alterada, e a significação truncada.

E' preciso notar que a Arcadia corresponde em Portugal, não nas datas, mas nos instinctos e tendencias, ao austero e castigado periodo dos Croneilles, Racines e Boileaus.

Quando a França, levada pelo ardor das novidades, e seduzida pelas galas do estylo de Rousseau, e pela agudeza do espirito de Voltaire, se atropellava correndo para o precipio, d'onde em menos de meio seculo despenhou o throno, e com elle a religião, a paz, e a conservação social, entre nós os mais eruditos só cuidavam de restaurar os moldes classicos e as tradições obliteradas da arte, emprendehendo na esphera intellectual a reconstrucção do archaismo litterario, como na politica o marquez de Pombal se ufanava de cunhar a ferro e fogo a cópia servil da monarchia absoluta de Richelieu e de Colbert.

Dada esta posição relativa, as consequencias hão de concordar com ella; e a apreciação da obra, e do ascendente pessoal e collectivo dos engenhos, por força ha de entrar, como parte essencial, no desenho geral do assumpto.

A Arcadia não caiu das nuvens repentinamente. Teve razões para nascer, e causas que lhe apressassem a quéda.

E' á luz das regras que se consideram hoje as épochas e os factos, e que o seu exame se torna proveitoso e instructivo. O tempo dos elogios tumidos, e das apologias lisongeiras terminou, e sobre a pedra lisa da sepultura de grandes poetas, como aquelles, a critica, imparcial como a verdade, e recta como a justiça, podem sem temor inscrever a sentença, porque a posteridade para os arcades já começou ha muito.

II

Quando se fundou a Arcadia, as lettras portuguezas declinavam para o ultimo periodo da sua edade de ferro. Prosa e verso, decahindo da graça viril e da correcta abundancia, tão estimadas nos bons auctores, serviam apenas de instrumento falso a escriptores pueris para desatarem a sua verbosidade esteril em sabbatinas pedantescas de conceitos e trocadilhos.

Os curiosos exemplos d'esta singular aberração do espirito encontram-se em cada pagina dos cinco volumes de rhymas da *Phenix Renascida*, e nas collecções das academias particulares, que não concorreram pouco para aggravar a depravação, introduzindo os desvarios das escholas italiana e hespanhola da decadencia.

A severidade dos antigos poetas, tão esmerados, se não era escarnecida, não foi imitada.

Os exemplares gregos e romanos, de que o seculo de Camões não levantava os olhos, postos de parte, como velhos e inuteis, tinham sido quasi proscriptos por uma geração, que fazia consistir o merecimento das composições na laboriosa e contrafeita exaggeração da phrase, das idéas, e do estylo.

Os metros ôcos e empolados só se applaudiam, quando, como as bexigas assopradas e os cascaveis do palhaço no immortal romance

de Cervantes, importunavam o ouvido e endoudeciam o juizo.

A prosa, inchada de opulencias tumidas, e esmaltada de agudezas e equivocos forçados, verdadeiras lantejoilas recamadas sobre posse em um tecido frivolo, cortejava os delirios da moda, e cada escriptor timbrava em se exceder, excedendo os outros.

O incenso, que a renascença portugueza tinha queimado com religiosa veneração no altar de Virgilio, de Horacio, e de Tibulo, e deante dos bustos de Cicero, de Tito Livio e de Tacito, ardia agora nos thuribulos em louvor de outros idolos, e os versejadores mais obscuros saudavam-se com elogios destemperados, que fariam córar a modestia dos Tassos e Ariostos.

Nos ultimos dias da usurpação castelhana, o vicio do gongorismo principiou a vulgarizar-se e a invadir tudo.

A lingua, invertida e desfigurada, foi perdendo o lustre e a pureza; e as fórmas da arte, por um eccletismo confuso e deploravel, desviaram-se dos typos austeros para se adulterarem, seguindo como escravas os imaginosos arrojos de Gongora, que os copistas, incapazes de o egualar no talento, queriam ao menos alcançar na ousadia e no arrojo!

Lendo a prosa tão numerosa e variada do padre Vieira, e as obras tão conceituosas de D. Francisco Manuel de Mello, os dois homens de mais pulso em Portugal no seculo XVII, logo se conhece e se lastima o fatal influxo,

que, mesmo sobre tão nobres e elevados engenhos, exercia a corrupção da época.

Se a poesia, ao sair do berço, não murchasse a natural formosura, compondo-se, por indole imitativa, ao espelho de Roma, de Athenas e de Florença; se o ardor da versão e da paraphrase, que tão cedo a dominou, moderasse mais o impeto, o erro havia de achar maiores obstaculos, a torrente, detida e cortada pela resistencia, não trasbordaria alagando tudo, e o desinvolvimento e esplendor das lettras no seculo XVI não se eclipsaria tão depressa na espessa treva, condensada pelos adoradores da antithese e da metaphora castelhana.

Essa *apagada e vil tristeza* em que o cantor dos *Lusiadas*, por um rasgo de sublime desespêro, mostra o reino adormecido pouco antes do immenso desastre de Alcacer, já crescia com as sombras; e as artes, como reflexo da sociedade, iam esmorecendo do primeiro brilho.

A musa nacional, batendo as azas, e erguendo-se do ninho rustico ainda mimosa, encontrou deante de si, logo, as frias cópias da renascença classica, e a compostura um tanto amaneirada dos sacerdotes do rito horaciano.

Metteu-se na côrte com elles para aprender os gestos e os usos fidalgos, affectou, em vez da liberdade juvenil, a grave sisudeza de épochas mortas, e deixando de ser ella propria, não ficou nem popular, nem bemquista das multidões.

Os enfeites estranhos desmancharam-lhe a

d elleza. A suavidade singela, com que se queixou enternecida nos romances de Bernardim Ribeiro, e no Crisfal, nunca mais a tornou a achar, desbotadas a côr viva e a frescura da infancia.

Quem desde os cantos attribuidos a Gonsalo Hermigues até aos *Eccos* infelizmente perdidos do vate das saudades, a estudar com pausa descobrirá por vezes nos Cancioneiros, entre muitas lamentações insulsas e fastientas, a nodoa amoravel das lagrimas sinceras, e o fervor espontaneo dos arrebatamentos lyricos, mas desgraçadamente a disciplina dos greco-romanos suffocou tudo á nascença.

Gil Vicente revelou-nos o que sería a veia festiva e critica da nossa comedia nos autos compostos para o paço, e representados perante um auditorio de reis e principes. O Plauto portuguez não deixou successor, e o genio castelhano de Lope da Vega e de Calderon tomaram de suas mãos o sceptro vago, sem que ninguem merecesse disputar-lh'o!

Em vez de dramas e autos, que fossem o retrato e a correcção dos costumes, e que os pintassem com fidelidade, deram-nos tragedias pautadas pelo theatro romano, e comedias, filhas das estafadas reminiscencias de Terencio.

Sem o sêllo grego ou latino reputavam a invenção barbara, e a obra quasi um contrabando.

Sá de Miranda e Antonio Ferreira, sectarios do gôsto italiano e do traslado romano, foram

depois em Portugal os proconsules da epistola aos Pisões, e os verificadores do bello e do sublime segundo a pauta de Longino.

Aperfeiçoaram de certo a lingua poetica, e corrigiram as fórmas, não se lhes nega; pode-se-lhes agradecer mesmo a introducção dos bons modêlos, mas o que devemos censurar-lhes é a intolerancia e a reacção.

Arrancando á musa aquelle veo candido, embora mais negligente, para a toucarem com os enfeites venusinos, deram-lhe ares de estrangeira, modos e seriedade de outra terra, e separada do povo e da paizagem em que nascêra, depressa lhe murchou o viço e lhe fugiu o encanto, e a innocencia, ora travêssa, ora terna e melancholica de virgem moça, que não esqueceu ainda os primeiros suspiros com que disse — amo! — trémula e apaixonada.

De todas as obras de Sá de Miranda a que mais realça são as suas *Quintilhas,* que elle talvez não presasse tanto como nós.

Dos versos e da inspiração quasi rebelde de Antonio Ferreira, em quanto se falar e escrever o portuguez, hão de sobreviver os formosos córos da sua *Ignez de Castro*, cujo perfume e sensibilidade lyrica parecem milagrosas na penna de tal poeta.

D'estes dois mestres, porque o foram, até Camões, e do cantor do Gama até aos labyrintos intrincados do gongorismo, os primores que temos, são, mais ou menos, reflexos do estudo paciente das lettras romanas, das es-

cholas italiana e franceza, e da castelhana pervertida.

Os proprios episodios, que a admiração aponta como inimitaveis pela grandiosa paixão e pela saudade da patria, na unica epopeia portugueza dos *Lusiadas*, não luctam assim mesmo n'esta, ou n'aquella recordação com a sombra de Homero e de Virgilio?

E porque?

Porque os moldes impostos, por mais gastos e flexiveis que estejam, sempre acanham o poeta.

O maravilhoso pagão, travando-se com o maravilhoso do christianismo, em uma acção moderna, não prova que todo o genio de Camões foi pouco ainda para resistir ao perigo das imitações?

E entretanto o cunho da sua individualidade epica, e da nacionalidade da inspiração gravou-se profundamente nas applaudidas oitavas, que hão de existir em quanto viver a memoria dos descobridores da India.

O que sería o poema se o grande vate fitasse menos a vista na *Iliada* e na *Eneida?* que novas fórmas e novos traços não apresentaria, com mais liberdade na invenção, elle que foi tão fino e desgraçado amante, tão heroico soldado, tão enthusiasmado cantor da tradição nacional?

As suas canções e elegias, sobre tudo a undecima, alguns dos sonetos, e as redondilhas, em que se revê a graça de Catullo, e por onde parecem voar os suspiros de Petrarcha, da-

riam nome a outro, que o não tivesse inscripto na face de um monumento.

Se a invasão classica o deixasse escutar o coração do povo, e tirar das recordações do glorioso passado as côres e os toques do painel, que raro enlevo, que profundo sentimento não repassaria todo o seu livro immortal?!

O que sería o theatro, se depois de Gil Vicente, de Antonio Prestes e de Simão Machado, viesse um talento observador, um poeta de analyse e de paixão, e fosse o Calderon e o Shakespeare da nossa scena, o homem da idéa, da tradição e da verdade, em vez dos ensaios de Sá de Miranda e de Antonio Ferreira, cuja Thalia, ou cuja Melpomene, não dá um sorriso, não faz um gesto, não sólta um gemido, nem toma qualquer posição, que não sejam copiadas.

Que céu baixo e pesado sobre horisontes, que promettiam ser tão altos e rasgados!

O erro da renascença classica foi tomar a fórma pela idéa, e entender, que, recuando, e seguindo pela sombra os grandes vultos, podia encadear o futuro á sua obra, como prendia o presente e o captivava.

O que tornou superiores a todos, os mestres das civilisações atheniense e latina, além de certa belleza no todo, e do escrupuloso acabado de cada uma das partes, foi a estreita alliança da sua poesia com as crenças e os costumes.

O que desagrada e offende mais os seus imitadores é o esquecimento da nacionalidade, e

a importação absurda de feições, que perderam o frescor e o sentido fóra do seu logar e do seu tempo, desenterradas e não resuscitadas.

A interpetração da existencia, e a eterna e anciosa aspiração da alma, depois de dezeseis seculos, e depois da victoria do Evangelho sobre o paganismo, não eram, nem podiam ser as mesmas, que dictavam a Catullo, a Propercio e a Ovidio os seus namorados carmes.

A arte imita de certo, mas imita creando.

O seu objecto não é trasladar servilmente da pagina morta para a pagina que vae nascer.

Deve explicar a vida pela analyse dos sentimentos, e interpretar a natureza, pintando as maravilhas do universo, e admirando a sublimidade do Creador.

Da epopeia pagã ao poema christão e ao drama philosophico, que immensa distancia! Desde Virgilio até Milton, desde Homero até ao Dante, que abysmo insondavel não separa as duas sociedades e as duas poesias!

Sem o affecto e o enthusiasmo, sem o pensamento e a contemplação, o verso lisonjeará o ouvido com vagas melodias, enlevará pela doçura, mas sem dizer nada ao espirito, e sem levantar uma só prega ao véu do destino humano.

Descrever a paizagem, e não sentir o sôpro de Deus na bonança, ou na tempestade; importunar a magoa em metros cadentes, e não lhe perceber o silencio, ou os delirios; buscar na

estrella pallida, na vida inquieta, no regato ou na flôr só um thema para variações, ou um pretexto para a rhyma, equivale a confundir a espiritualidade com a mechanica da palavra, preferindo a cópia falsa á verdadeira expressão da alma.

E não será isto o mesmo, que antepôr os sons e as côres á idéa, o metro vasio e polido, o meio vocal, á formula transcendente e philosophica?

A eschola do seculo XVI peccou por este vicio insanavel, e a Arcadia, mal advertida, em vez de o emendar, não duvidou repetil-o, como veremos.

Restaurar o gôsto, recommendar os bons modêlos, admirar em todas as escholas o bello e o sublime, e não adorar o passado remoto como termo final da invenção e da fórma, e não crer e ensinar, que só Phidias foi esculptor, que só Apelles merecia a palma, e que em Virgilio e Homero se encerrou todo o esforço do talento e da poesia, são coisas diversas e absolutamente distinctas.

As pelejas entre romanticos e classicos findaram, a a tregua jurada converteu-se em paz.

Não renovaremos a contenda, até porque, além de inutil, sería hoje molesta.

As observações, que expozemos, levam outro fim, e apontam a outro alvo.

Tendo de caracterizar um periodo importante nas lettras, não poderemos deixar de penetrar com a analyse no segredo das suas

aspirações, e nos motivos das suas doutrinas.

Os generos, as regras e os typos admittidos pelos árcades remontavam á eschola dos seculos XV e XVI na Italia e em França, e sem dar uma idéa do systema d'ellas, das suas consequencias, e do erro em que laboravam, não nos era permittido suppôr isempto de reparos graves este ensaio.

A rapida comparação das épochas tambem não é menos necessaria.

Se não descrevermos o que existiu, e o não apreciarmos resumidamente, chegaremos com meia escuridão aos tempos que desejâmos avivar, e as relações, as sympathias e as affinidades occultas, que ligam sempre, mais ou menos, o pensamento moderno com o antigo, haviam de fugir-nos.

Se os escriptores de mil e quinhentos meditaram os livros de Roma e a renovação toscana e classica, os poetas do seculo XVIII prepararam-se e armaram-se para a lucta, dando a mão a uns e a outros, e aos de França. Horacio e Boileau reinaram sobre elles como legisladores, do mesmo modo que Aristoteles e Longino tinham dominado nas escolas, ouvidos e citados como oraculos.

III

Entre nós a poesia, como se disse, a verdadeira e ingenua poesia nacional apenas respi-

rou instantes nos solaus apaixonados de Bernardim Ribeiro, nos romances de alguns trovadores, nas oitavas namoradas dos mais formosos episodios dos *Lusiadas*, e na galhofeira e sôlta risada dos autos de Gil Vicente.

Depois, pouco a pouco, desnaturalizou-se, ageitou-se a falsos requebros, e nunca mais achou a verdade de suas primeiras vozes.

A musa bucolica não se demorou em invadir tudo.

As descripções falsas, as finezas dos Corydons e Menalcas, pastores de meia de seda e de çurrão de velludo, os rebanhos monotonos, as faias e os ulmeiros, copiados de Virgilio e de Theocrito, fizeram da viçosa e rica natureza de Portugal uma coisa morta, um thema de arremedilhos interminaveis entre as Galatheas da côrte e os presumidos Melibeus de sua insulsa paixão.

Raras vezes, por uma aberta nos arvoredos d'estas paizagens, tiradas das romanas, se rasga algum claro do céu puro e recamado de estrellas; mas a fresca viração, tão amorosa, que levanta o perfume ás verduras naturaes dos nossos campos, nunca brincou nem endoudeceu por aquellas ramas, agitando-as.

A periphrase, o tom precioso das salas e palestras eruditas, e o odio ao desenho e á côr exacta desterraram para os casaes do monte a poesia singela, chamando em logar d'ella uma rhetorica artificiosa, que imitava em seda e arminhos o córte simples dos trajos pastoris.

Tirando bellos trechos de prosa e lindos versos de romance na *Primavera* e no *Peregrino* de Rodrigues Lobo, exceptuadas bastantes paginas de Fernão Alvares do Oriente, quando é pintor e não copista, o resto, quasi tudo, reduz-se a um pesadêlo incommodo de *Silvas*, *Madrigaes*, e desafios metricos, prodigos de conceitos ermos de sentimento.

Nenhuma observação dos sitios descriptos, nenhuma analogia entre a lingua e os costumes, que se retratam, nenhuma relação intima e sensivel da vida e do caracter campesino com o ideal, que devia fundir-se n'elles!

Os interlocutores disputam, gemem, e deliram em phrase academica, suspirando com rigorosa afinação!

Parece impossivel, que taes bucolicas, generalizando-se, distrahissem engenhos distinctos em diversos ramos do saber!

Postas de lado as numerosas epopeias sem originalidade, que nem de longe seguiram o rasto luminoso de Camões, e lembrando só como digno de merecido louvor o poema de *Affonso Africano* de Quevedo, cairemos no triste periodo dos *labyrinthos* e *acrosticos*, d'esses enxames de versos detestaveis, pousados á superficie dos brejos da *Phenix Renascida*, verdadeiro epitome dos desatinos da seita gongorista.

A prosa, ornada, correcta, e opulenta nas pennas de Vieira, de Bernardes e de D. Francisco Manuel de Mello, peccava por vezes, resentindo-se de alguns defeitos, dos que macu-

lavam os metros, e perdia muito das elegancias, que lhe sabiam conquistar os mestres, affectando-se e escurecendo-se por causa do appetite immoderado de parecer mais fina e mais desviada da locução vulgar.

Mas quem versou os auctores latinos, e conseguiu travar com elles intimo conhecimento, logo descobre sem difficuldade o segredo de grandes formosuras em fr. Luiz de Sousa, Camões e Vieira.

O poderoso auxilio, que os antigos ministram a quem sabe transportar as riquezas de um idioma para outro, vê-se aproveitado com tacto nas paginas dos nossos bons escriptores.

Mais de um poeta ou prosador, apurando na concisão o conceito, ou cinzelando com primor a phrase, deixa-nos aperceber uns longes do sal picante de Horacio.

Não raras vezes lhes saltam dos bicos da penna as malicias joviaes do lyrico romano, e se admira (não forçado) o nervoso traço de Tacito, e a rapidez de Sallustio.

D. Francisco Manuel, o amigo de Quevedo Villegas, nos *Apologos Dialogaes* recorda bem os dois ultimos, em quanto João de Barros se approxima da abundancia ornada de Tito Livio, e o padre Vieira da eloquencia fluente de Marco Tullio.

O que em muitos lances, nos auctores dos seculos XVI, cega o esplendor de engenhos admiraveis é o abuso da disciplina escholasti-

ca, e a tendencias para as subtilezas de palavras.

E' verdade, que nos longos cursos da philosophia peripatetica se affiava o juizo, e se adelgaçava o espirito, e de certo a attenção, obrigada a assistir sem pestanejar a enredados problemas, retemperava o animo, dispondo-o para as laboriosas emprezas da polemica theologica, e da oratoria sagrada.

Era uma como esgrima intellectual, d'onde o talento se recolhia mais agil, mais adestrado, e mais sabedor das suas forças.

O exemplo vivo do bom e do mau, que encerrava o methodo, encontra-se, particularmente, no padre Antonio Vieira.

O exaggerado amor da novidade na concepção e na exposição, as repetidas quédas para o paradoxo, e a rede embaraçada de conceitos e brincados, que desfeiam as suas obras, pertencem mais á época do que ao prégador.

O veneno de Gongora e de Marino insinuava-se por todos os póros, e corrompia até as compleições mais robustas.

Usavam-se aquellas excrescencias no estylo, como os signaes, os donaires e os riçados altos se trajavam nos atavios cortezãos, desfigurando a physionomia, e as mais esbeltas proporções.

O que não tinha resaibos de artificio, uma tinta violenta e affogueada, desprezava-se como inferior á fama do escriptor, e, por isso, n'aquelle seculo, propenso ás agudezas e argucias de theses e argumentos nebulosos, in-

trincados e sophistas, ninguem se eximiu inteiramente do contagio.

Infelizmente, quando passaram os prosadores de vulto e os poetas de reputação, o termo vicioso da epocha, em vez de diminuir, cresceu!

A arte converteu-se n'um torneio de rhymas e de prosas estafadas onde a idéa, pueril e frivola, foge, escapando-se por voltas e trocadilhos amaneirados, ostentando esta pobrissima riqueza como o ultimo grau da gentileza e da elevação!

Se a renascença classica nos tinha suffocado os primeiros ensaios da poesia nacional, a segunda e funesta invasão do gongorismo, com a lepra dos equivocos e metaphoras, com a emphatica obscuridade, que era o enlevo de seus cultores, varejando flôres e fructos, creou uma seita depravada de inimigos da verdade, e de aduladores contrictos de todos os devaneios.

As innumeraveis academias, que se propagaram n'este periodo, são mais uma prova da facilidade, com que a degeneração extendia os braços por toda a parte.

Patentes á ociosidade versificatoria serviam de pulpito rhetorico aos poetastros para frecharem sem dó o gôsto, os modelos antigos, a razão e o juizo.

Renascendo umas das outras com fatal fecundidade, exgotaram o ridiculo com zêlo deploravel, na preferencia dos assumptos, e apuravam-o, além d'isto, na turgidez dos

vocabulos e no empolado das imagens.

Custa a acreditar similhante aberração do espirito, e mais ainda, que o seu imperio se alargasse assim, e durasse tanto.

De todas as sociedades que então brilharam, assegurando os alumnos laureados uns aos outros a immortalidade dos Virgilios e Tibullos, nenhuma nos legou obra que se visse.

Houve-as de muitas datas e invocações, e até algumas ciosas da gloria posthuma, não se esqueceram de recommendar a sua desgraçadà memoria, dando as honras da estampa a indigestos volumes, famosos só por attestarem os vãos esforços da inchação por attingir a altura do sublime, e para roubar o segredo á formosura.

Mas o que resta de todas estas vozearias metricas, e da celeuma de prosas engommadas em tantos discursos e epistolas?

Apenas o episodio do *Hyssope*, onde a veia satyrica do Diniz, julgando e condemnando á revelia, degradou para o *paiz das bagatellas* o irrisorio e ruidoso esquadrão de livros ôcos, que tinha enlouquecido uma serie de gerações.

Será fora de proposito esboçar de leve aqui o inventario d'essas doutas corporações, seminarios dignos do açoute e das ironias criticas de Villegas? Suppomos que não. Esta feição do seculo não nos parece a menos caracteristica, e por isso não devemos deixal-a no escuro.

As academias particulares, de que tractâ-

mos, fundaram-se á imitação das de fóra, e com a innocente vaidade de as acompanhar, senão era de as exceder; e a respeito de algumas, pode affirmar-se, que não ficaram longe das emulas, porque a declinação era quasi geral na Hespanha e na Italia.

O seculo XVII e os começos do XVIII foram prolificos para as associações litterarias e scientificas.

A Academia franceza, instituida em 1635, surgiu a um aceno do ministro omnipotente de Luiz XIII; a de *Inscripções e Boas-lettras* formou-se quarenta e oito annos depois pelo valimento de outro secretario d'estado, o grande Colbert; e a *Real das Sciencias de París*, principiou em 1666, sendo ambas estas confirmadas por diploma regio em 1713.

Na Prussia, a Academia *Real das Sciencias e Bellas Lettras* fundou-se em 1700, declarando-se Frederico II seu pratector em 1743.

A Academia dos *Curiosos da Natureza* foi organizada na Allemanha em 1650, e só collocada sob a egide da protecção imperial em 1687.

A *Sociedade Real de Londres*, começada durante o governo de Oliveiro Cromwel por alguns philosophos, só em 1660 alcançou de Carlos II a approvação.

A Academia *Real de Hespanha* nasceu por ultimo em Madrid no anno de 1714, e a *Real de S. Petersburgo* constituiu-se ainda mais tarde, em 1726, sob os auspicios do poder.

A par das corporações officiaes appareceram logo as particulares.

A mais celebre de todas, e a que proporcionou a muitas outras o modêlo, por onde se regularam, foi a Academia dos Arcades, creada em Roma no anno de 1690, pelos esforços de varios eruditos, sobresahindo o ascendente de dois sabios—Crescimbini e Zappi.

O seu estatuto era inteiramente democratico, e os socios, mudando os appellidos vulgares, tomavam na republica poetica os nomes dos pastores mais conhecidos da antiguidade.

Crescimbini chamava-se Alphesibœus, e Zappi Tirsi Leucasio.

As primeiras conferencias fizeram-se nos jardins do convento de S. Pedro, mas, augmentando o numero dos vates, foram transferidas para os hortos do palacio Farnesio.

A munificencia d'elrei D. João V, que se comprazia em honrar com a sua protecção faustosa as lettras estrangeiras, merecendo as coroas que lhe teciam os doutos academicos, não esqueceu esta occasião propicia de se assignalar.

O monarcha portuguez brindou a Arcadia romana com uma somma avultada, habilitando-a pora adquirir um local accommodado ás suas reuniões. A erudita sociedade não perdeu tempo, e passou logo a estabelecer-se no monte Janiculo, onde um dos pastores, architecto de profissão, lhe construiu um edificio em fórma de amphitheatro, no meio dos lou-

vores em prosa e verso, prodigalizados á liberalidade do illustre Mecenas.

Além das colonias poeticas, que a arcadia admittiu em todas as cidades de Italia, outras associações nasceram da mesma idéa, e se multiplicaram rapidamente. E' provavel que algumas envoltas na propria obscuridade, tenham chegado aos nossos dias.

Entretanto faz pasmar a diversidade dos titulos, que se arrogavam, e o valor, com que arrostaram a declarada irrisão de muitos d'elles. Citaremos ao acaso:

Roma possuiu—os Umoristi, os Lincei, e os Fastantici.[1]

Florença—os Immobili, os Zufocati, e os Alterati.[2]

Ancona—os Caliginosi.[3]
Perusa—os Insensati.[4]
Viterbo—os Ostinati.[5]
Urbino—os Assorditti.[6]
Brescia—os Occulti.[7]
Macerata—os Catenati.[8]

[1] Os inconstantes, os linces e os imaginarios.
[2] Os immoveis, os abrazados, e os irritados.
[3] Os caliginosos.
[4] Os insensatos.
[5] Os obstinados.
[6] Os surdos.
[7] Os occultos.
[8] Os encadeados.

IV

Lendo estas denominações exoticas, quem não admirará o heroismo civico dos martyres da metromania, tão descuidados do mundo, e tão decididos no seu proposito quasi assassino das boas lettras, por desgraça nossa e d'elles?

O publico, excluido como profano, d'estas pharmacias, onde se manipulavam refinados conceitos, ditos, equivocos, phrases brincadas, e metaphoras descabelladas, vingava-se, perseguindo-as com a risada estridula dos paschinos e com os crueis motejos dos satyricos.

O que Bocage practicou com a nova Arcadia do conde de Pombeiro succedia tambem por vezes ás sociedades na Italia.

Em Napoles, por exemplo, uma Academia occupava-se em espreitar o leito de agonia das pessoas distinctas para lhes disparar sobre o ultimo suspiro uma verdadeira tempestade de nenias e epicedios.

Fallecendo o verdugo, houve um malevolo espirituoso, que se encarregou de tirar a desforra das victimas illustres.

Com o auxilio de um amigo compoz um volume de versos funebres, gravemente alinhados, e imitando em cada peça o estylo de um dos academicos, levou a perfeição ao ponto de illudir até alguns dos escarnecidos.

O livro saiu á luz em 1749, e caiu, como um golpe de clava, sobre o conceito e a seriedade do congresso lacrimoso.

Só o titulo matava dez Academias!

«*Componimenti vari por la morte di Dominico Jannacone, carnefice della gran corte della vicaria, racolti e dati in luce de Gian. Anton. Sergio avvocato napoletano.*»

O desditoso Sergio era o laureado presidente da associação pieria, e não supportou com animo egual a zombaria.

As gargalhadas seguiam-n'o por toda a parte e é triste, no fim de tudo, pagar maus versos pelo excessivo preço de um ridiculo permanente.

Em Portugal o estado maior das lettras não foi menos apparatoso.

As Academias pullularam, reproduziram-se, e nada omittiram para se offuscarem reciprocamente.

O trinchante-mór d'elrei fundou uma em sua casa, denominada dos *Generosos*, que principiou no anno de 1647, e sobreviveu até 1668 á ruina de outras rivaes, menos felizes.

Em 1685 D. Luiz da Cunha, herdeiro da erudição paterna, restaurou-a com grande concurso e applauso, sendo secretario o conde de Villar Maior.

Na livraria do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, instituiu-se outra, intitulada das *Conferencias Discretas*, e aos domingos a flor da nobreza juntava-se á noite para examinar e resolver questões de phy-

sica e de moral, decidindo ao mesmo tempo as difficuldades, propostas sobre a significação mais apropriada dos vocabulos.

Estas reuniões começaram no anno de 1696 a 12 de fevereiro, segundo affirma o formulario do assento, registado no livro competente pelo conde, que tinha sido eleito secretario pelos *scientes de Lisboa.*

Mas o desalento e o tedio não concederam longa existencia á douta sociedade, e o conde da Ericeira, que, segundo parece, não dispensava este conchego scientifico, voltou-se para a senil, mas duradoura Academia dos *Generosos*, que, fiel á sua divisa—uma vela accesa com o mote «Non extinguetur»—ardia em desejos de se immortalizar desde 1647, contando já mais de 70 annos de edade!

Os mais pontuaes, entre muitos dos accessores e sacerdotes d'este venerando consistorio, eram homens de conhecida linhagem, ou de elevado merecimento, sobresaindo Manuel Telles, marquez de Alegrete, D. Francisco de Sousa, capitão da guarda, e Luiz do Couto Felix, guarda-mór da Torre do Tombo.

Estes e outros mais, foram os ditosos alumnos de Minerva, que todos os domingos (escreve um sabio d'aquelle tempo) *logravam as delicias de umas noites Atticas, a que Aulo-Gellio não ousaria preferir as suas.*

Teimando em viver, chegaram os *Generosos* ao anno de 1714, reflorecendo, diz D. Raphael Bluteau, e lendo-se em duas cadeiras todas as quintas feiras orações sobre os as-

sumptos designados para exercicio do talento e instrucção do auditorio.

Depois do cenaculo, d'onde o conde da Ericeira, assistido de vinte mestres, ditava leis ao gôsto e regras á arte, a corporação de maior nome foi a Academia dos *Singulares*.

A sua primeira conferencia tinha sido celebrada no dia 4 de outubro de 1663, e parece que a sociedade existiu até 1668.

A empreza adoptada, que tinha seu tanto de orgulhosa—era uma pyramide, em que se viam inscriptos da base até ao vertice os nomes de Homero, Aristoteles, Virgilio, Ovidio, Horacio, Camões, Garcillasso, Gongora, e Lope, com a lettra: *Solaque non possunt hæc monumenta mori.*

As reuniões principiavam sempre por um discurso do presidente, depois os socios liam algumas poesias, em que o louvavam, e por ultimo recitavam-se composições poeticas sobre o objecto designado previamente para os exercicios d'aquelle dia.

Mas que assumptos e que obras!

O da nona Academia era uma dama, que, trazendo ao peito um Cupido de azeviche, lhe estalou este aos raios do sol.

O da decima era outra dama formosa, que, tendo bons olhos, nem um dente conservava!

A convalescença de Amarillis deu o thema para a segunda Academia, e uma dama, que expellindo da boca uma folha de rosa, a enviára á face, onde se lhe pegou, serviu o motivo para a terceira espraiar as suas rimas.

O estylo concordava com os assumptos frivolos e jocoserios, merecendo a justa censura de Bluteau, quando exclamava: que era lastima e desgraça grande, vêr entendimentos tão altos, desvelados em representar o infortunio de damas sem dentes ou calvas, e a perda dos Cupidos de azeviche!

As formas, que empregavam nas poesias, eram *sonetos*, *epigrammas*, *sylvas*, *romances*, *decimas*, *madrigaes*, *espinelas* e outras variedades de metros e combinações, que então se reputavam como primores de graça e de invenção.

O modo, como se desempenhavam, não pode apreciar-se senão em presença de algumas citações. Comecemos pelo principio.

Folheemos ao acaso a primeira Academia, presidida pelo mestre do hospital d'elrei, Sebastião da Fonseca e Paiva em 4 de outubro de 1663.

O thema obrigado da contenda era uma dama, á qual pedindo Fabio uma prenda, soltou o cabello, e lhe deu com a mão uma figa!

O Doutor Henrique do Quental Vieira rompeu o certame em versos latinos, o cantor da capella real Antonio Marques seguiu-se-lhe em castelhano, e Luiz da Costa Corrêa esgrimiu-se em um romance, quinta essencia de arrebicadas subtilezas e requebros.

Eis alguns trechos d'esta obra prima:

Anarda que em qualquer festa
Serve ás flores de vigilia,

Tendo os jasmins em garganta
E em jejum as maravilhas.

. . . . . .

Apertar quiz o cabello,
Por ser tão cruel e altiva;
Que nem sua propria prenda
De seus apertos se livra.

Apertado foi com graça,
Por ser laço contra as vidas;
Mas sendo tão criminoso
O apêrto foi de justiça.

Revolto o pêllo nas mãos
Em tempestade luzida,
Levando palmas as ondas
As costas deixam corridas

. . . . . .

Estava pega, não pega,
Lauro, quando a rapariga
Mettendo as mãos de permeio
Em branco a sorte lhe tira.

Figas nos olhos lhe deu
Tão brancas, esta inimiga,
Que o crystal á vista d'ellas
Ficou a perder de vista.

As galas e formosuras, que os poetas então applaudiam como o grande mimo e o supre-

mo artificio, eram estas. Continuemos ainda a abrir e a ler ao acaso.

Estamos em juizo com a terceira Academia, e depois do discurso do presidente, Luiz Bulhão, em 11 de novembro de 1663,—oração de sapiencia, mociça de erudição pesada, e engastada em textos latinos,—entremos com os vates na estacada patente ao seu torneio metrico.

Por decisão anterior tractava-se d'aquella dama, que, expellindo uma folha de rosa da bocca, a fez saltar á face.

Que thema inhexaurivel para finezas e brincados!

O Justo Lipsio da companhia, o Doutor Henrique do Quental, não perdeu o lanço, e, torcendo o metro romano ás travessuras gongoristicas, appareceu com o seguinte epigramma:

> Quid mirum, ejicias illam nunc, Laura, labellis?
> Semper ut eloqueris, fundis ab ore rosam.
> Incidit inque genam folium, dumque insidet ostro;
> Invidet; at victum purpurat inde pudens.

Arremessada a luva na lingua sabia de Ovidio e de Propercio, não faltou quem corresse a levantal-a.

O capellão cantor de sua magestade, Antonio Lopes Cabral, respondeu com o mote que vae ler-se:

Rosa branca tomai côr,
Não sejais tão descorada,
Que dizem as outras rosas,
Rosa branca não val nada.

Acudio pela honra da seita o mestre do hospital, Sebastião da Fonseca, e, para castigar a namorada e graciosa ingenuidade da quadra, desfilou logo em continente com dez quadras, assanhadas na côr, e entretecidas com os equivocos da moda.

Eil-as em scena, não todas, mas algumas das que o proficiente até limou com mais cuidado:

Mal fazes Ignez formosa
Em teres por varios modos
Boa bocca para todos,
E má boca para a rosa.

Não faltará quem vos colha.
Bella Ignez, de outro carinho,
Que isto de fazer beicinho
Todos sabemos, que é folha.

. . . . . .

Só por buscar vossa graça
A rosa fez essa acção
E por sair do botão
Pretendeu tão rica casa.

. . . . . .

Porêm já sei com que intento,
Da bocca a fostes lançando,
Ia-se a rosa abrazando
Applicaste-lhe o alento.

Basta.

Insistir em mais comparações sería tentar a paciencia.

Todas as outras Academias, mudados os themas, diziam quasi o mesmo, o que equivalia, a não dizerem nada.

Agora um exemplo da prosa dos discursos iniciaes em cada conferencia, e vamos concluir.

Escutemos o sabio Luiz da Costa Corrêa na sessão de 6 de janeiro de 1664, e sairemos edificados:

«O sol, despertado pela aurora do seu crystallino berço com luzentes armas mata as sombras, anima as plantas, doura a terra, alegra aos viventes, e preside ao dia para que Deus o fez: *Luminare maius, ut prœesse diei.*

«Similhante a esta vistes a presidencia de domingo passado, toda flórida, toda animada e toda alegre.

«Acaba o sol de presidir, e dá logar para que a luz menor com os reflexos dos seus raios presida: *luminare* minus, *ut prœesset nocti.* O mesmo vêdes agora no discurso d'esta oração; e queira Deus, que entre as estrellas da noite, em que o sol me deixou sombra, acerte uma boa estrella.

«Para tão ardua facção, vendo-me desarmado de sabedoria, me quiz valer das armas

alheias. Pedi conselho a Seneca, favor a Homero, amparo a Horacio, e valor ao nosso insigne poeta o senhor Luiz de Camões. E estando uma noite d'estas em requerimento com os autores referidos ouvi que batiam na porta; levantei-me a ver quem me desoccupava de tão doce e proveitoso exercicio, e sairam-me ao encontro tres mulheres, digo mal, tres céos em traje de damas.»

Deixemos o exotico presidente de joelhos deante da belleza deslumbrante das suas tres divindades, que o indiscreto revela mais abaixo, com invejavel innocencia, que eram nada menos que Euphrosyna, Aglaia e Thalia, as tres graças enviadas por Apollo, e fechemos a toda a pressa o volume.

Esta locução alambicada, preciosa e esdruxula, esta negação constante da simplicidade e do verdadeiro gôsto, não só desapraz ao ouvido, como entonteceria a razão se fosse muito prolongada.

Parece incrivel, que homens lidos, estudassem, calculassem e lavrassem no remanso do gabinete estas frivolas paginas—tão ôcas como assopradas.

Os *Singulares* tractavam-se uns aos outros com a *rara* modestia que usam os *talentos ignorados*, que se louvam sem rebuço, esperando que os contemporaneos lhes façam justiça, e que os vindouros os immortalizem.

Os panegyricos na Academia eram moeda corrente e batida. Ninguem se prendia, ou córava com o elogio mais destemperado. Exag-

gerava, mentia, devaneava, e ficavam todos quites.

Além d'estas houve ainda no seculo XVI a Academia estabelecida pelo bispo do Porto, D. Fernando Corrêa de Lacerda, em sua propria casa. Os assumptos, que discutia propunham-se de repente, e por isso tomou o titulo de *Instantanea.*

Existiu a dos *Solitarios*, instituida em Santarem em 1664, a dos *Illustrados*, a dos *Occultos*, a dos *Humildes e Ignorantes*, a dos *Insignes*, a dos *Obsequiosos*, e a dos *Anonymos.*

A ultima, segundo a descreve o cavalheiro de Oliveira, não desdizia das outras, senão talvez em manter maior gravidade.

As reuniões (*seriosas* chamadas) eram em casa de Ignacio de Carvalho Sotto Maior, e compunham-se de eruditos e poetas.

Oliveira affirma que tinha concorrido a ellas por muitas vezes, e sempre com satisfação, elogiando a seriedade das funcções litterarias: seriedade tão bem guardada, que até em domingo gordo não foi desmentida, sendo orador o padre fr. Simão de Sancta Catharina, religioso do mosteiro de Belem.

«Os quatro mestres, que liam em differentes materias, se me lembro, ou me não esqueço, accrescenta o cavalheiro, eram Ignacio de Carvalho Sotto Maior, o Padre Francisco Leitão Ferreira, Lourenço Botelho, e um certo Doutor nocturno.»

Servia de secretario da associação Hieronimo Godinho de Niza.

A Academia dissolveu-se, mas com a fortuna de grande parte dos socios entrar logo para a Real de Historia Portugneza, erigida por D. João V. Assim, diz um dos admiradores, não foi decadencia, mas sublimidade a sua extincção, porque os doutos, que a ornavam, passaram a formar outra corporação nobilissima, respeitada e honrada pela Europa.

Não duvidâmos; mas deante de nós está n'este momento a *Nova Arte de Conceitos*, dictada e explicada com o titulo de lições academicas na assemblea dos Anonymos de Lisboa pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira.

Perdôe-nos a memoria do cavalheiro de Oliveira, porêm deplorâmos, que a Academia Real de Historia contasse entre os seus alumnos o escriptor, que a compoz.

E' propriamente o codigo de todos os desvarios, que macularam e corromperam durante um seculo a poesia e a prosa em Portugal.

As lições tratam—dos *signaes conceituosos*—dos *symbolos, hyeroglificos e emprezas*—das *obras extrinsecas artificiosas*—da *imitação livre e da servil*—da *engenhosa emulação*—do *assumpto esteril*—das *palestritas do assumpto*—e de outras similhantes puerilidades, cujo enunciado frivolo dá logo exacta idéa do que devia ser, e effectivamente era, esta arte singular, onde se ensinava por methodo a corrupção do estylo e a inversão do gôsto, a pretexto de explicar a ideologia e a eloquencia!

Que livros e que mestres!

V

A Academia dos *Anonymos*, dissolvendo-se, mereceu a honra singular de formar o nucleo da famosa Academia de Historia, creada pela munificencia d'elrei D. João V.

Da circumspecta corporação, reunida em casa de Ignacio de Carvalho Sotto Maior, os eruditos mais conspicuos passaram a assentar-se nas cadeiras da douta e regia assemblea, coroados de louros, como grandes poetas e prosadores; e se muitos d'elles não justificaram as esperanças do monarcha, se em quasi todos se observam os vicios e nodoas do estylo corrompido, commum áquella épocha, não se pode, comtudo, negar a alguns o louvor, que auctorizam obras de vulto, traçadas á custa de laboriosas investigações e de aturado estudo.

A critica, para não se tornar parcial e cega, deve apontal-as como um esfôrço, que, em parte, e pela importancia dos resultados, resgatou a culpa, de que é accusado, com razão, o ultimo quartel do seculo XVII, e o primeiro do seculo XVIII.

Quando tantos engenhos se offuscavam na lucta frivola e pueril de conceitos requintados, de imagens falsas, e de periodos inchados de phrases tumidas, e de affectações insupportaveis, livros serios e uteis como os do abbade Barbosa, ou como os trabalhos do auctor da

Historia Genealogica, attestam uma nova direcção, e principios vivificantes de reforma, que a verdade manda consignar com elogio, porque nas apreciações do desenvolvimento do espirito todos os factos teem sentido proprio, e não ha ommissões insignificantes.

O estado, em que então se achavam as lettras e as sciencias entre nós, já de leve o descrevemos, e em occasião opportuna será completado antes de encerrarmos esta noticia.

A decadencia era visivel e manifesta; e no meio do motim das rimas e das prosas insufladas dos maus discipulos de Gongora, só de longe em longe se ouvia apenas alguma voz, clamando no deserto, e desattendida, para chamar a melhor caminho os guerrilheiros do Parnaso, ou os parodistas em prosa dos rasgos admirados em certos escriptores do periodo antecedente.

O senhor D. João V estimava as artes, amava os poetas, e comprazia-se em ostentar a sua magnificencia, não só erguendo monumentos de marmore, como a basilica de Mafra, mas favorecendo e estimulando os progressos intellectuaes, para com elles, á imitação de Luiz XIV, seu modêlo em muitas cousas, sobredourar a coroa de principe com a gloria de Protector dos sabios e de Mecenas das musas.

O valimento, que o celebre corregedor do crime do bairro do Rocio, Caetano da Silva Sotto Maior, alcançou junto da sua pessoa, e que o tornava tão intimo nas affeições do rei,

foi tambem devido á sua provada probidade de certo, mas não menos á vêa satyrica e á facilidade e chiste dos seus ensaios metricos.

Mais de uma vez, nas horas de ocio e de recreio, o monarcha, tão cioso em publico do ceremonial, e o vassallo, tão contricto na sua obsequiosa veneração, depondo ambos as mascaras, recatavam-se no segredo de uma conversação familiar e expansiva, para, entre risos e commentarios, e em collaboração quasi fraterna, acerarem a ponta ás settas de um soneto critico ou os gumes á mordacidade de um epigramma implacavel.

Thomaz Pinto Brandão, Fr. Lucas de Santa Catharina, e os outros vates da mesma eschola não possuiam outra chave, que lhes abrisse tão facil a benevola entrada, que gozaram, no agrado e generosidade do soberano; e quem percorrer as collecções, estampadas e manuscriptas, da pleiade dos metrificadores da época, e lêr as ousadias a que se arriscavam, ha de confessar, sem repugnancia, que só o amparo do principe seria bastante poderoso para eximir os satyricos temerarios da merecida punição, sobre tudo escolhendo victimas, como as que elles feriram varias vezes, entre os magistrados e fidalgos de mais elevada condição, e entre os padres mestres e confessores de notoria influencia no paço, na côrte e nos tribunaes do reino.

Mas o sr. D. João V, ao qual não faltavam cuidados e tristezas no governo, gostava de se desenfadar nos seus dias de ferias, e não

recebia nunca mal os bons ditos e as citações apropriadas com que os criticos pungiam os defeitos dos varões austeros, que nos conselhos o atribulavam com a eterna gravidade das ponderosas cabelleiras, da ampla toga, e das arengas estudadas e grudadas de textos.

Poucos monarchas nossos representaram em publico o papel de rei com tanta soberania e magestade; nenhum soube alliar ao mesmo tempo a esta forçada ostentação tanta graça e urbanidade no tracto, tantas aventuras dignas do califa Araun-al-Raschid, e tantos desenlaces felizes e briosos, quando, o manto rasgando-se, e o chapeu cahindo, descobria de repente o principe.

Com esta vocação decidida, e a vontade firme de singularizar por todos os modos o seu reinado, não admira, pois, que o herdeiro de D. Pedro II dedicasse ás lettras e aos seus cultores mais respeitados a mesma protecção, com que auxiliava, soccorrendo-os com as suas liberalidades, os vates menos favorecidos da fortuna, e sempre dispostos a vingarem com as allusões da satyra a sua pobreza dos desprezos, ou da avareza dos grandes.

A idéa, que inspirou a creação da Academia de Historia nasceu d'estes motivos, e concorda com elles.

No pensamento d'elrei todos os progressos deviam emanar do throno, porque todos deviam concorrer para a sua gloria.

Instituir uma corporação composta de homens doutos e com elles reconhecida e incon-

testavel reputação; communicar-se como Augusto e Luiz XIV se communicavam com os Horacios e Boileaus; promover a elaboração de uma serie de obras, que salvassem do esquecimento os feitos heroicos de uma nação tão rica de memorias e de proezas, e immortalisar o seu governo por esta nobre empreza, como o queria immortalisar por meio de todas as outras pompas e faustuosas edificações, era a um tempo lisongear o seu orgulho de soberano e as suas inclinações de homem.

Desgraçadamente o poder, mesmo o dos principes mais opulentos e liberaes, é obrigado a deter-se e a recuar deante do impossivel; e D. João V, que não formára um desejo, que não visse realisado, que pôde obter da curia romana os mais preciosos privilegios, que pôde elevar o aqueducto das Aguas-livres e fazer d'elle a sua maravilha, que pôde erguer o templo de Mafra, e exgotar os seus thesouros em o engrandecer, não conseguiu nunca que a fortuna lhe concedesse o que brindára ao menos ditoso dos seus antecessores.

O seu longo reinado não viu nem a sombra sequer de um grande poeta. Os escriptores, que favoreceu, se não morreram com os volumosos livros, que estamparam, devem-n'o menos á correcção e lustre de suas pennas, do que á escolha e provas dos assumptos.

Como nas obras architectonicas do mesmo periodo nota-se, que os escriptos são só monumentaes na medida das proporções e na perseverança do trabalho; mas no mais des-

maiados e viciosos quanto ao estylo, desacurados no desenho e na execução, e denunciando, a par do zêlo, a ignorancia, ou antes (para sermos exactos) a incapacidade de entender e apropriar os bons modelos.

Entretanto, fôra faltar a toda a justiça o deixarmos de render ao principe, e aos eruditos, que o coadjuvaram no seu proposito, o tributo de sinceros louvores, que esta iniciativa honrosa, e desgraçadamente bem rara, pede e auctoriza.

Se, depois, os effeitos não corresponderam ás promessas, e se a Academia esmoreceu, e findou sem ter cumprido a principal missão, que lhe fôra commettida, não devemos imputar a falta nem ao animo do instituidor, cujas grandiosas intenções para este acto ficaram manifestas, nem mesmo á negligencia, ou descuido de alguns dos academicos de provado merito, porque a morte veiu colhel-os, quando ainda o tempo lhes não chegára para mais, do que para colligirem os subsidios necessarios afim de se começar a crescer com o alicerce.

Em commettimentos d'esta indole, a precipitação não é menor erro, do que a inercia.

A historia não se improvisa, e para a escrever com assento e segurança em Portugal, um noviciado de largos annos e continuados exames será apenas um preparatorio sufficiente.

Antes de se fundar a Academia de D. João V, os estudos historicos tinham-se adeantado

pouco entre nós, e comparado o nosso pequeno cabedal com os thesouros das litteraturas estranhas, o monarcha e os eruditos, que ouviu, com motivo se deviam envergonhar do nosso atrazo.

O seculo XVII, tão fecundo para a França, onde formou uma eschola, ainda hoje citada pela primorosa correcção das obras, em Hespanha e Portugal não enriqueceu as lettras na mesma proporção.

Exceptuando as primeiras e admiradas chronicas de Fernão Lopes, e a serie de escriptos dos bons prosadores do seculo XVI sobre as cousas da India, tirando as narrações das proezas dos cavalleiros de Africa, a historia ainda esperava por um engenho dotado das qualidades de Fr. Antonio Brandão para compor de todos os variados acontecimentos, que agitaram a existencia do reino, um quadro completo e não manchado das nodoas da fabula e da credulidade.

O bello portico, rasgado pela penna critica do sabio Religioso na parte, infelizmente curta, que lhe cabe na *Monarchia Lusitana*, ficou aberto e desamparado, porque nenhum dos que lhe succederam foi capaz de lhe seguir o plano severo, acompanhando em lanços de egual solidez a construcção duravel, que elle tinha desenhado e emprehendido.

No ramo da historia ecclesiastica a indigencia apparecia do mesmo modo.

Apontava-se o *Agiologio Lusitano* do licenciado José Cardoso, livro imperfeito e pouco

seguro; a *Historia dos Bispos do Porto, Braga e Lisboa* por D. Rodrigo da Cunha, e as chronicas particulares das Religiões e dos Homens Illustres, sobresahindo nas mais estimadas antes o estylo e as galas da locução, do que o escrupulo e a pureza dos factos.

Fr. Luiz de Souza, o padre João de Lucena, Fr. Bernardo de Brito, Fr. Marcos de Lisboa, e varios outros são elogiados pelos trechos, em que o relevo da phrase accusa um cinzel delicado, que soube vencer pelo artificio a aridez dos assumptos, mas a cada pagina offerecem testimunhos evidentes, de que a maior ou menor veracidade os não prendia, porque não será raro encontral-os de lança em riste para defenderem a todo o custo, uma pia fraude, ou qualquer errada crença, uma vez que julguem que d'ella resultará para a sua ordem proveito ou honra.

N'estas circumstancias, e perante a demonstrada necessidade de animar com decidido impulso a cultura de uma provincia do saber, que todas as nações reputam uma das primeiras, é que elrei e os seus ministros resolveram tomar o exemplo do cardeal de Richelieu e de Colbert, empregando a directa influencia do governo, e esperando que por meio d'ella obteriam o que a protecção dos principes deve estimular, mas não póde crear nunca.

Os Tacitos, os Livios, e os Polybios fizeram-se a si proprios, por isso vivem e dominam as edades. Os historiographos, inventados pelas côrtes, se o talento os não eximiu da

sorte commum, succumbem quasi sempre ao pêso da tarefa, e amortalhados nos seus livros encomiasticos, cahem com elles no esquecimento.

VI

Expostas algumas das razões, que decidiram o animo do soberano, daremos uma resumida noticia da creação e dos trabalhos da Academia.

Na mente dos fundadores, como constava do extenso relatorio do erudito D. Manuel Caetano de Souza, as bases da nova corporação eram subordinadas ao intuito, que elrei lhe havia communicado, e a *Italia Sacra* de Ughelli fôra indicada para modelo da historia ecclesiastica de Portugal, que se queria tentar, confiando-a ao estudo e diligencia dos varões mais doutos d'aquella épocha.

Contra o costume usual, entre a confidencia, feita pelo monarcha em 4 de novembro ao zeloso theatino D. Manuel Caetano de Souza, e a primeira reunião dos principaes associados mediaram apenas quinze dias, porque a 19 do mesmo mez achâmos já o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, o marquez de Alegrete, o conde de Villarmayor, Martinho de Mello Proença, e o depositario do segredo, na casa de S. Caetano, discutindo e combinando a organização da projectada Academia.

As conferencias não se extenderam além do necessario, e os estatutos deixaram-se para mais tarde, de modo que a 8 de dezembro seguinte se abria no paço da casa de Bragança a primeira sessão publica, e trinta e quatro academicos assistiam a ella.

Esta inauguração celebrou-se com todos os formularios de rigoroso ceremonial usados em taes funcções.

O secretario leu o decreto de 8 de dezembro de 1720, no qual D. João V expunha, que, tendo resolvido instituir uma Academia, encarregada de escrever a historia ecclesiastica do reino, e depois tudo o que pertencesse á historia geral d'elle e suas conquistas, escolhêra para formar este corpo a muitas pessoas recommendadas pela sciencia e outras qualidades, devendo ser nomeadas ainda outras até ficar completo o numero sufficiente para o desempenho de tão justo e louvavel objecto.

Pelo mesmo diploma se determinava mais, que fossem communicados á Academia todos os documentos e catalogos dos archivos e cartorios, e que se elaborassem os estatutos da sociedade para subirem á presença d'elrei e depois de examinados por S. Magestade, na qualidade de Protector, baixarem com a sua approvação.

Depois da leitura seguiu-se o discurso inaugural, pronunciado pelo director D. Manuel Caetano de Souza, declarando os motivos e o pensamento da associação, e relatando tudo o que tinha occorrido desde que elrei fôra ser-

vido commetter-lhe o pesado encargo de organizar a Academia.

No mesmo dia saiu eleita para redigir os estatutos uma commissão composta do marquez de Alegrete, do conde da Ericeira e do director, e esta logo em 21 de dezembro apresentou o seu plano, que mereceu o applauso dos consocios, e foi approvado pelo monarcha por decreto de 4 de janeiro de 1713.

Os estatutos dividiam-se em 10 capitulos, e as disposições mais notaveis podem-se resumir nas seguintes bases.

Todos os annos, no dia immediato ao da Conceição de Nossa Senhora, devia celebrar-se uma sessão ás tres horas da tarde para se elegerem por escrutinio os cinco academicos incumbidos das funcções de director e de censores.

O logar de secretario era perpetuo.

Os socios effectivos não excediam de cincoenta, não se nomeando supra-numerarios senão em virtude de ordem expressa do soberano.

Por fallecimento de um academico a eleição da pessoa que o havia de substituir fazia-se por escrutinio, e ficava sujeita a approvação d'elrei.

As sessões publicas limitavam-se a duas por anno, no anniversario natalicio do monarcha, e no da rainha sua esposa; as particulares eram de quinze em quinze dias.

O sêllo da Academia consistia no escudo das armas reaes, com a figura do tempo, em

baixo, agrilhoada, e na circumferencia este titulo — *Sigillum Regiæ Academiæ Historiæ Lusitaniæ.*

A empreza era o simulacro da verdade, como a representavam os antigos, e a lettra — *Restituet omnia.*

O marquez de Abrantes, cavalheiro curioso e miudo em erudições, e socio conspicuo da sabia corporação, revelou-nos gravemente o sentido occulto d'estes symbolos, e a belleza conceituosa da concisa lenda—*restituet omnia* —lembrada e defendida por elle.

Como um dos fins principaes da sociedade, diz o douto fidalgo, devia ser purificar da menor sombra de falsidades a narração dos successos pertencentes a uma e outra historia, e investigar aquelles que a negligencia sepultava nos archivos; e porque um e outro intento só os poderiam conseguir os academicos, dedicando ao culto da verdade os mais ardentes votos da sua diligencia, lhe propunha para empreza d'esta Academia estas duas breves palavras—Restituet omnia—segurando-lhes, ou, para melhor dizer, mostrando ao mundo que o seu estudo é da verdade, com infallivel certeza de que os roubos, que o tempo tem feito nas heroicas acções dos nossos naturaes, ella os restituirá á noticia do mesmo mundo para immortal gloria de Portugal.

No fim do primeiro anno de existencia contava já a Academia cincoenta socios, e honrava-se pouco depois de citar no seu gremio varões tão distinctos como eram D. Antonio

Caetano de Souza, Diogo Barbosa Machado, Francisco Leitão Ferreira, D. José Barbosa, D. Manuel Caetano de Souza, D. Raphael Bluteau, e outros, que, nos seus escriptos e investigações, provaram a sua applicação e capacidade.

O methodo, que adoptou para se desempenhar do encargo commettido á corporação, parecia prometter aos seus esforços exito mais feliz, do que na realidade tiveram, e os seus bons desejos affiançavam.

Para cada bispado foram designados dois membros, encarregados do estudo de todas as antiguidades, e da composição da sua historia. A historia geral do reino foi incumbida ao mesmo tempo ao zêlo e diligencia de vinte e um academicos; e para os habilitar com os subsidios indispensaveis, facilitando-lhes o conhecimento dos manuscriptos antigos, e as informações mais opportunas, expediu-se, em 11 de janeiro de 1721, uma carta regia, auctorizando os academicos para extrahirem de todos os cartorios os diplomas e mais papeis, que reputassem necessarios. Por avisos de 16 e 18 de março do mesmo anno concedeu-se-lhes a mercê de poderem tirar as copias, de que viessem a carecer, do copioso deposito do archivo real.

Finalmente, o decreto de 20 de outubro, mais liberal ainda, ordenou que se nomeassem *officiaes da reformação* para na Torre do Tombo apromptarem as copias pedidas e auxiliarem os trabalhos da Academia.

Em todos estes actos mostrou elrei D. João V a sincera vontade de proteger e estimular a grande tentativa, que sob seus auspicios ia começar.

Com mão generosa, ao passo que abria aos sabios as portas dos archivos e cartorios, dotava a corporação com um subsidio annual, e prohibia, sobre requerimento d'ella, por decreto de 14 de agosto de 1721, que os profanadores continuassem a arrazar barbaramente os edificios, e a mutilar as estatuas, os marmores, os cippos, as medalhas e moedas, e todos os monumentos antigos que podiam attestar a verdade da historia.

Esta providencia, que exalta o monarcha e a sociedade litteraria, que suscitou, passado curto espaço ficou outra vez obliterada, e o camartello e o alvião dos demolidores continuaram, impunes, a desconjuntar as pedras dos templos e dos castellos, que recordavam as glorias de remotas eras, e a memoria de nobres feitos.

A benevolencia do soberano pela Academia nunca se desmentiu.

Assistindo ás sessões solemnes com toda a côrte, e favorecendo com as provas manifestas da sua estima os varões mais eminentes n'ella, D. João V, pela sua parte, não omittiu nada para lhes aplanar o caminho, para engrandecer o recente instituto, e para promover, por todos os meios adequados, o seu augmento e prosperidade. Mas, infelizmente, era cedo ainda para a restauração que se ensaiava!

Colligiram-se materiaes importantes e trabalhosos; apontaram-se de longe os lanços da vasta edificação; e alguns academicos, mais zelosos, chegaram até a concluir em parte, ou no todo, a obra que lhes fôra confiada; porêm a empreza excedia as forças dos operarios, e os mais activos cansaram e esmoreceram só de lhe contemplar o risco e as proporções.

E' o que mostra a collecção de *Documentos e Memorias*, publicada em 15 volumes desde 1721, a 1735, comprehendendo as *Noticias* das conferencias, as *Orações* dos directores, os *Elogios* dos academicos fallecidos, as *Praticas* dos que entravam de novo, e as *Dissertações* sobre diversos pontos de historia portugueza.

Todos esses papeis estampados denunciam laborioso exame, e curiosa investigação de alguns factos, mas não abonam o methodo historico, nem a luz critica dos homens, que se propunham para tão vasta empreza.

N'aquelle seculo os estudos corriam ainda afastados do aperfeiçoamento, a que depois os souberam levar os trabalhos incansaveis da escola allemã, e os commettimentos, justamente elogiados, dos Guizots e dos Thierrys.

Não se procuravam em cada época as feições sinceras, o sentido philosophico da sua existencia, e o verdadeiro alcance e significação do modo de ser da sociedade e dos progressos do espirito e da civilização.

O que se fazia era vestir muitas vezes de falsas pompas qualquer periodo, repintar em alguns dos personagens as côres de Tito Li-

vio ou de outro escriptor antigo, desfigurar os seculos sem entrar na intimidade das suas idéas e costumes; e ácêrca dos homens da meia edade, tão diversos nas crenças, retratal-os pelo exemplar grego de Plutarcho, ou pelo traslado latino de Cornelio Nepote.

No seculo XVIII, a vida inquieta e a poesia dos seculos XIV, XV e XVI, não podia ser bem comprehendida.

Os cortezãos, enlevados no agrado do principe, não concebiam que houvesse temerarios, que não dobrassem como elles o joelho.

Os eruditos, cegos pela admiração das republicas gregas, e pela pasmosa fortuna do mundo romano, viam nos rudimentos de todas as monarquias quasi a repetição da lenda de Romulo e de Remo, e saudavam a loba fabulosa.

Os poetas, desvairados pelos applausos estrepitosos dos auditorios cultos, não sonhavam senão com glosas, idyllios e silvas, pondo de lado as tradições como barbaras, e o desenho das épochas como indigno da finura de seus pinceis.

A Academia pertencia a este cyclo, e não tinha no seio nenhum homem de pulso, como Fr. Antonio Brandão, para lhe arrancar dos olhos a venda, e projectar clarão de uma interpretação ousada e veridica sobre as trevas dos tempos mais antigos.

N'aquelles labios melindrosos, a linguagem de Fernão Lopes com a sua ingenuidade de contar e a sua viveza de desenho, devia mo-

tivar a mesma suspensão desagradavel, que os arrojos de Shakespeare causaram aos poetas de Luiz XIV.

Não era assim que Cicero tractava a rhetorica, ou que Sallustio tecia as suas narrações.

A serenidade olympica do methodo classico na historia oppunha-se áquelles movimentos quasi apaixonados do chronista de D. Fernando, á intrusão grosseira e vehemente da plebe no primeiro plano do quadro, e á falta de decoro no modo de apresentar os reis, os principes e os fidalgos.

O estylo sapiente e regrado era outra coisa, e condemnava as liberdades do chronista barbaro.

Recolhia e moldava com affecto todas as fabulas pias e profanas, afim de esmaltar a exposição, e de lhe dar assim uma côr mysteriosa e fatidica, imitação delicada dos seculos heroicos de Roma.

A phrase devia corresponder á magestade da austera musa da historia.

Fugindo á verdadeira elegancia e simplicidade, as idéas e as palavras, affectando-se, por força haviam de desviar-se do natural, e realizar o typo da falsa eloquencia na obscuridade do conceito.

Um prosador, que não se distinguisse do commum, e não sobresaisse pela superfluidade esdruxula dos vocabulos, e pelo vão apparato dos trocadilhos, não se julgava homem lido, nem merecia a palma, que os sabios, ar-

bitros do gôsto, só deferiam aos tumidos e requintados.

Era a moda, ou antes o desvario do tempo, e a Academia de Historia não podia remir-se da culpa geral, nem mesmo, querendo, lhe seria facil accumular ás fadigas do seu encargo especial o ardor e a lucta de uma reforma, ainda verde, e que se encontraria a cada passo com uma nova resistencia.

VII

Entretanto, (e já o dissemos) fôra grave injustiça não reconhecer o valor e utilidade de alguns dos estudos publicados pelos socios da Academia.

Alem das Memorias, avultada collecção, enriquecida de importantes investigações litterarias, estamparam os melhores escriptores da corporação mais de quarenta livros desinvolvendo extensa e profundamente muitos pontos de historia patria.

A *Bibliotheca Lusitana* de Diogo Barbosa Machado, a unica entre nós n'este genero essencial.

A *Historia Genealogica* de D. Antonio Caetano de Souza, em vinte um volumes grossos, encerra noticias e documentos, que estão sendo consultados a cada instante, apesar das incorrecções, e dos quaes alguns só alli se encontram hoje, depois de perdido o archivo da casa de Bragança.

Merecem egual menção as *Antiguidades de Braga* (em latim e portuguez) as *Memorias Ecclesiasticas e a Geographia do mesmo arcebispado* por D. Jeronymo Contador de Argote.

As *Memorias para a historia de D. João I* por José Soares da Silva.

As de *ElRei D. Sebastião* por Diogo Barbosa Machado.

O *Catalogo Historico das Rainhas de Portugal* pelo padre José Barbosa.

As diversas obras de D. Raphael Bluteau.

A Vida do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

As Memorias para a historia da Universidade de Coimbra por Francisco Leitão Ferreira.

Muitas outras obras de cunho illustram os escriptores, honrando ao mesmo tempo a douta sociedade, e o seculo que as viu nascer.

Ao lado d'estes academicos, applicados ao trato mais severo dos cuidados historicos, sería improprio e parcial não apontarmos egualmente outros nomes credores de merecido elogio pelo seu zêlo e bons desejos, como os do conde da Ericeira D. Francisco, auctor do poema epico intitulado, a *Henriqueida.*

D. Luiz Caetano de Lima, auctor da *Geographia Historica de Portugal.*

O Dr. Alexandre Ferreira, que escreveu as *Memorias e Noticias da Ordem dos Templarios.*

Fr. Lucas de Santa Catharina, poetico e critico estimado; o marquez de Alegrete e o marquez de Valença; Fr. Pedro Monteiro;

Caetano da Silva Sotto Maior (o Camões do Rocio), e diversos outros, que figuravam nos certames metricos e nas scientificas ostentações, com provado talento e incontestavel superioridade, embora os defeitos e exaggerações de uma viciosa escola offuscassem em varias occasiões qualidades que dariam, melhor aproveitadas, a muitos d'elles um ascendente, que, passado o momentaneo applauso de loquazes admiradores, se foi desvanecendo, a ponto de se lhes negar hoje, contra toda a razão, até o tributo e louvores, que os seus livros e ensaios auctorizam.

E' sempre a sorte das épochas de decadencia.

O regimen interno da Academia, e os exercicios litterarios dos seus socios, provam bem o que asseverámos. Basta abrir ao acaso qualquer dos volumes das *Memorias* para desde logo se formar exacta idéa do que eram as *Conferencias* e as *Praticas* n'aquella douta corporação.

Nas primeiras expunham os academicos o adeantamento de seus estudos, o pensamento e o methodo d'elles, e o plano que haviam riscado para executarem qualquer obra.

A's vezes, achando-se embaraçados, apresentavam duvidas importantes, e discorrendo sobre as questões suscitadas, consultavam o voto da assemblea para resolverem com segurança.

Nas segundas (*as Praticas*), pronunciadas pelos socios novamente admittidos, encon-

tram-se encarecidas e destemperadas apologias ao monarcha fundador e ao erudito gremio, que recebêra no seu seio o ditoso alumno de Minerva.

Nos *Elogios* os impetos de enternecida eloquencia são egualmente falsos, os rasgos egualmente exaggerados, e os louvores do sabio fallecido por tal modo excessivos, que ao pé d'elle Tibullo e Ovidio, sendo poeta, Cicero ou Tacito, sendo prosador, ficariam apenas como apagadas sombras.

Daremos alguns exemplos.

Ouçamos na sessão da Academia em 18 de agosto de 1735 Jeronymo Godinho de Niza fazendo o Elogio funebre de José de Couto Pestana, e, sem sairmos do exordio, acharemos um typo acabado no seu genero.

«Antiga é no mundo toda a queixa, com que a natureza escandalizada dos estragos da morte, clama contra o seu violento imperio; mas ella inexoravel a tantos e tão repetidos clamores, nem cede da violencia, nem desiste da tyrannia. Estranha condição a da morte, desgraçada queixa da natureza! Esta sem soccorros, aquella sem piedade. Parece injuria da natureza não respeitar a morte os varões benemeritos da eternidade: contra todos é egual o desprezo e a crueldade, sem attenção ao caracter. Podia a morte temer a Alexandre, de cujo nome tremeu a terra e ao seu brado se calou; mas não o temeu, porque mais era soldado que academico...

«*Mors etiam sacris, numinibusque venit.*

«Porém nomes que deixam nome, não morrem; morrem aquelles, que a si mesmos se escureceram sem culpa do tempo, nem do esquecimento, mas por falta do espirito que lhe vivificasse o nome; e este espirito é o assopro das lettras, que, animando em todo o tempo e em toda a edade aos academicos, immortaliza...»

Quem escutasse desapercebido do assumpto encomistico este exordio insuflado de hyperboles, de epithetos, e de vocabulos escolhidos, tecido de conceitos e equivocos, rebatidos sobre logares communs pobrissimos, cuidaria talvez, que o elogiado era Luiz de Camões, ou pelo menos Quevedo, ou Gabriel Pereira de Castro.

Illusão completa!

A victima de tanta facundia tinha nascido em 1678, tinha estudado o seu latim e a sua philosophia, como se ensinavam então, e fôra nomeado para o cargo de contador da guerra e reino.

As suas obras immortaes reduziam-se a varias prosas academicas redundantes e pejadas de tropos, e em verso ao poema de *Quiteria Santa* em dez cantos, que o seu panegyrista compara modestamente ás dez boccas da fama.

Na lyrica, accrescenta Jeronymo Godinho, o vate sublime José Pestana *entoava em cythara de crystal vozes de prata.*

«Seja-me licito (exclama) introduzil-o nas florestas, onde era maravilha; nas sereias har-

monia, nos centauros e esfinges horror. Conversando nas florestas, ou animava o jasmin a candores, ou o deixava em deliquios com tão pouca duração, que a tarde lhe despojava o alento que bebeu na aurora; não ficava flor, que não desanimasse em breve espaço e que não perdesse as esperanças de perpetua.»

Basta!... O mais é tudo affinado pelo mesmo tom.

Quando ás mãos cheias o gôsto depravado semeia assim lantejoulas de falsas e pueris imagens sobre o escasso thema de um elogio vulgar, onde não podia caber senão a cortezia do consocio, e o respeito pela memoria do fallecido que vinha substituir, não ha que a adduzir, nem commentar.

Passemos ás *Praticas*, e vejâmos em que termos algum dos recentes laureados exprimia a sua gratidão, commemorando a honra de ser chamado á dignidade de academico.

Em conferencia de 30 de abril de 1736, celebre no paço, o padre Julio Francisco, da congregação do oratorio, foi promovido ao logar vago pela morte de José Contador de Argote, e respondendo á declaração do conde da Ericeira, desprega em vôos audaciosos a sua eloquencia para agradecer devidamente tão eminente distincção.

Escutemol-o!

«Dignastes-vos, senhores, de me eleger para academico, elevando-me a este céu, no qual, como luzidos e brilhantes astros, com os rayos de vossa sabedoria estais allumiando e

illustrando ao mundo todo: e logo vi, que assim como a obrigação de render as graças era consequencia necessaria do beneficio, assim tambem era impossivel que o tosco e inculto de minhas expressões, representasse com viveza e com propriedade o meu agradecimento.

«... A vós, senhores, se devem de justiça as admirações e applausos, que até agora levou injustamente Deucalião, porque chegastes a fazer verdadeiro em vós aquelle prodigio, que n'elle foi mera fabula: o escreveres o meu nome no acto da eleição foi tomares-me a mim nas vossas mãos como nas suas tomou Deucalião aquellas pedras; e o approvar sua magestade a eleição, que de mim fizestes, foi transformar-me tão prodigiosamente como aquelle oraculo, influindo em Deucalião, transformou as pedras, que lhe saiam das mãos.»

O que deixâmos transcripto sobeja para se poder apreciar a oratoria official dos sabios academicos, e para justificarmos a censura, que acima lhes applicámos.

Escravos dos erros de uma eschola degenerada e viciosa empolavam as phrases, desgrenhavam as metaphoras, e esqueciam a razão e a verdade para abraçarem em vez d'ellas os abortos de uma phantasia desvairada.

A Academia de Historia, depois de alguns annos de existencia, em que não verificou as esperanças, que a sua creação fizera nascer, decaindo a pouco e pouco do primeiro brilho, acabou por se afogar de todo no esquecimento,

Quando surgiu a Arcadia, apenas conservava o titulo e a divisa, mas offuscada. Quando a rainha D. Maria I, por conselho do duque de Lafões, fundou a Academia Real das Sciencias só lembrava como pura recordação.

Mortos alguns dos socios emeritos, e ausentes outros, decaiu e agonizou até expirar de todo.

Faltavam-lhe as forças e a vontade para cumprir a sua missão; e medindo com a vista o immenso caminho, que ainda tinha de pisar para vencer a distancia mais proxima, desalentou-se, cruzou os braços e succumbiu.

No governo do marquez de Pombal, quando o ministro omnipotente, imitando a Richelieu, arremessou a luva á flôr da nobreza, ferindo-a sem piedade na cabeça do duque d'Aveiro e dos marquezes de Tavora, não esqueceu a Academia de Historia para ser invocada como capitulo accusatorio contra a proscripta sociedade de Jesus, cujas opulentas riquezas e influencia contrariavam os designios do poderoso valido d'elrei D. José.

Imputou-se-lhe a inercia, que tinha paralyzado a Academia, porque n'aquelle tempo era moda imputar-se-lhe tudo quanto fosse desgraça, ou atrazo, até a chuva, as inundações e os terremotos!

Os jesuitas, ambiciosos e dominadores, investiram-se, com a sua flexibilidade usual, na quasi suprema direcção do ensino, e, deslumbrados com dois seculos de pacifico predominio, adormeceram e pararam, quando fóra de

Portugal tudo caminhava e progredia; os censores apostados pelo ministro culparam-n'os perante o tribunal da civilização, e lavraram a sentença final, que os condemnou como inimigos declarados das lettras e sciencias, como fautores e cumplices de uma ignorancia rude, e ardilosamente entretida pelo abuso dos methodos pervertidos, e pelo ciume com que fechavam cuidadosamente todas as veredas por onde podia entrar a luz.

A verdade, como sempre acontece, estava no meio, e não nos extremos.

Nem os padres da Companhia mereciam todas as accusações accumuladas contra elles pelos reformadores dos estudos e pelas obras avulsas dos partidarios do marquez, nem podiam tambem proclamar-se isentos de grave e merecida queixa pela decadencia, que não souberam evitar, e de que a sua repugnancia em admittir innovações era a causa verdadeira e fatal.

Quer o erro procedesse da vontade, quer viesse do entendimento, a sociedade, no meio dos golpes que de toda a parte, e quasi a um tempo, a estavam desmonorando, não podia absolver-se da immensa responsabilidade, que havia contrahido n'este ponto.

Em vez de acompanhar o seculo, e de o fortalecer pela educação, em vez de se collocar adeante e de ser o seu guia na perigosa estrada para onde uma attracção occulta mas invencivel, chamava a Europa, ficou atraz, adoptou a resistencia como arma, e suppoz-se tão

segura e forte, que imaginou suster a torrente, prendendo-a com obstaculos, e não a endireitando para se levar rapida, mas contida.

Era confiar tudo do privilegio, e nada da razão.

O castigo não se demorou; e os males, as injustiças, que padeceu, foram a expiação necessaria d'esta cegueira inexplicavel em homens, que deviam os seus triumphos ao ascendente moral da boa doutrina, e á elevação e superioridade do ensino nas grandes épochas do seu instituto.

Pelo que respeita á Academia de Historia os discipulos de Sancto Ignacio não tinham de que se disciplinar.

Quando o escolhido gremio nasceu sob as azas da protecção real, a roupeta appareceu desde logo no erudito cenaculo ao lado das casacas bordadas dos camaristas, da toga dos magistrados, e do habito dos monges e clerigos.

O grande crime, assacado aos sete academicos jesuitas, nomeados logo depois da fundação, foi o de nunca darem á estampa nenhuma obra, attribuindo-se-lhes o pensamento reservado de moderarem com as suas reservas mentaes e artificiaes o vigoroso impulso promettido á nova sociedade.

Isto equivale a repetir sem motivo a mesma recriminação, que o marquez de Pombal mandára apregoar nas paginas da *Deducção Chronologica*, no libello famoso das suas iras contra a Companhia.

Pintando-a como a fonte envenenada, onde beberam e se corromperam todas as gerações desde D. João III, ennegrecendo-a como origem de todas as ruinas e calamidades do reino, o ministro, por dolo, ou por paixão, só avultou as faltas, e avivou-as, calando os serviços, os sacrificios, e as gloriosas conquistas da fé e da civilização, que nos dilataram o nome e o imperio até ás partes mais remotas, até aos climas mais inhospitos.

Os magistrados, os sabios, os escriptores, que ennobreceram o reinado d'elrei D. José, derivavam-se pela edade e pelas idéas d'essas épochas, descriptas como nefastas, d'esse periodo affogado nas trevas da ignorancia, cuja obscuridade o marquez exaggerava para aggravar os pretextos da perseguição.

Viciosa, incompleta, e retrahida, como na realidade foi nos ultimos tempos, a instrucção, que formára a geração a que pertencia o valido, tinha sido dirigida pelos jesuitas, assim como a que illustrou os maiores homens dos tres reinados antecedentes.

As reformas publicaram-se depois, e os seus auctores aprenderam nas aulas da Companhia as artes e as sciencias, em que depois realçaram com lustre proprio e da nação.

Já se vê, portanto, que os accusadores não diziam senão meia verdade, e que as suas vozes parciaes não podem tomar-se como testimunhos provados.

Em occasiões de lucta, de lado a lado se é injusto; e triste, e deploravel critica sería

aquella, que, ouvindo só o perseguidor e os seus sectarios, cerrasse os olhos á evidencia para não attender as razões dos perseguidos, porque um longo infortunio os prostrou, entregando-os aos contrarios desarmados de todas as armas.

Como succede ás instituições poderosas, a Companhia de Jesus commetteu erros, desviou-se da sua linha natural, e, obcecada pela opulencia, julgou-se firmada em bases de rocha, e inaccessivel aos revezes.

Mas as suas culpas remiu-as a preço da maior expiação, custou-lhe o completo exterminio; e a memoria do sangue dos seus martyres, a admiração dos livros dos seus sabios, e da eloquencia dos seus oradores, e o respeito das grandes coisas, que Deus quiz realizar, servindo-se do seu braço e da sua palavra, hão de viver eternamente nas paginas da historia porque ajudaram a causa dos progressos humanos, dilatando-os.

VIII

E' já tempo de entrarmos, com os leitores, no recinto da erudita sociedade. Desviou-nos até aqui a necessidade de esboçar, ainda que de leve, o quadro da poesia no periodo anterior, e o desejo de avivar com breves toques algumas das feições mais caracteristicas d'esta época de decadencia.

Como já notámos, para se apreciar a restau-

ração tentada no governo do marquez de Pombal era indispensavel descrever, embora com lapis fugitivo, as causas mais sensiveis da degeneração, e os elementos que as produziram e continuaram.

A Arcadia fundou-se no anno de 1755, e os intuitos, com que entrou na carreira litteraria, foram nobres e dignos de estimulo.

Os poetas eminentes, que a compunham, tinham-se obrigado a empenhar os maiores esforços para restituirem aos diversos generos, ou antes manifestações da arte, a severidade e correcção da fórma, e a perfeição imitativa dos seculos de maior gloria nas antigas e modernas lettras.

A corrupção tinha envilecido tanto a lingua, e as origens dos bons estudos haviam-se estancado por tal modo, que os conselhos e exemplos de uma corporação esclarecida, e dotada de firme vontade se tornavam indispensaveis para luctar com vantagem contra a corrente, salvando ao mesmo tempo da obscuridade os primorosos modelos do gôsto romano, e os da renascença portugueza no seculo XVI.

O que era a «Academia de Historia», o que ella podia no meio da ruina geral, e os fructos colhidos da sua demorada e incompleta iniciativa, já nós mostrámos, acompanhando-a com passos rapidos desde o berço até ao ultimo espasmo, de que não acordou mais.

Nem a boa sombra da faustosa benevolencia do monarcha, nem o talento e assiduos cuida-

dos de alguns dos academicos eximiram aquella protegida aula de Minerva da quéda, que os mais perspicazes, sem temeridade, lhe deviam prognosticar desde logo.

Na prosa e no verso os alumnos laureados com tanta pompa, obedeceram servilmente ao gongorismo, que era a moda do seu tempo, e em vez de combaterem o mal, aggravaram-o, porque lhe deram a auctoridade do seu nome.

Mas as idéas, que não esperam pelas academias que se atrazam, tinham caminhado, entretanto, e uma escola austera, creada em França, e illustrada pelas obras de Boileau, de Racine, de Moliére, de Lafontaine, e de Bossuet, afugentando os monstros, que infamaram o Parnaso, gloriava-se de restabelecer casto e puro o culto das musas, admiradas nas formosuras sem rival dos mestres do seculo de Augusto, e nos bellos traslados de elegancia attica dos mimosos cantores da Grecia.

Os discipulos de Gongora, de Marino, e dos outros repisadores de phrases e conceitos, crivados das settas, que despedia sem cessar o arco satyrico do auctor do *Lutrin*, homisiavam-se, entre apupos e risadas, nos labyrintos dos eternos e arrebicados romances das Scudery, ou nas silvas, glosas, e madrigaes dos idolos castelhanos e toscanos, chorando saudades sobre as paginas escarnecidas e desprezadas, que haviam sido o enlevo de umas poucas de gerações.

Esta reacção fecunda chegou tambem a Portugal, porêm tarde; e quando alguns dos mais ousados metteram os hombros á empreza, o processo achava-se instruido e concluso, e só faltavam juizes competentes, que proferissem a sentença.

Deve-se este serviço verdadeiro ao livro do erudito Verney, publicado nos fins do longo reinado de D. João V, em 1746.

O *Verdadeiro Methodo de Estudar*, estampado nos prelos de Valença, deu o primeiro rebate e levantou, a favor ou contra as opiniões mais encontradas, e as disputas mais vehementes.

A má direcção do ensino, confiado á Companhia de Jesus, foi o alvo a que principalmente apontaram as severas censuras do critico, convencendo em uma serie de cartas os compendios da sociedade de perniciosos no systema, e de errados na doutrina, e os mestres de ineptos e incapazes das funcções delicadas que assumiam.

Desde a philosophia e a theologia até ás linguas orientaes e ás humanidades, Verney percorreu todas as provincias do saber, analysou as obras, avaliou os defeitos, indicou as fontes corrompidas, e inculcando ao mesmo tempo os bons principios, levou a luz ás trevas sem hesitar, e, seguro de si e da razão, patenteou a verdade, castigando asperamente os auctores dos methodos existentes, que não duvidou qualificar de nocivos, de incompletos, e de só aptos para entreterem o gôsto de-

pravado, a falta de erudição, e um insanavel atrazo.

Imagine-se o effeito do livro, e a ira dos que elle offendia de tão perto!

Já ameaçados pela rivalidade dos oratorianos, e de outras ordens religiosas, combatidos no estrangeiro pela ironia fina e caustica de Pascal, e de grandes antagonistas, e menos bem vistos da côrte portugueza, de que o tinham sido, os discipulos de Sancto Ignacio, mediram o alcance da aggressão e pesaram os perigos, que ella involvia.

A obra de Verney feria-os com dois gumes, molestando-os na sua reputação de sabios, e na immensa influencia que derivavam do monopolio dos estudos.

Sobre tudo, vinha accommettel-os na occasião menos propicia, e com um exito irresistivel, porque os mais atilados não podiam desconhecer, que a seguridade da posse adormecêra os seus mestres e escriptores, que tinham envelhecido e parado justamente na hora, em que toda a Europa se removçava, apressando o passo para seguir os philosophos mais conceituados, e para consumar um revolução immensa nas artes e sciencias.

Como era de prever, o marquez de Pombal e os seus accessores na guerra, que declararam aos Jesuitas, não se esqueceram do *Novo Methodo*, invocando-o como testimunha e como auctoridade, e tirando d'elle todas as consequencias.

Verney offerecia-lhes um arsenal bem for-

necido, e o ministro e os seus partidarios não foram ingratos, servindo-se largamente, e sem escrupulo, de todas as armas, que a fortuna lhes proporcionava.

Os socios da Companhia, apenas a obra saiu dos prelos e começou a divulgar-se, accudiram á defeza e travaram renhido combate.

Ciosos do credito e do ascendente, que se viam em risco de perder, oppozeram ás *Cartas do Barbadinho*, um dos seus prosadores de maior fama, o padre José de Araujo, entregando-lhe a causa, como ao mais digno de a sustentar.

O campeão escolhido pouco se demorou em romper o duello, e nas suas *Reflexões Apologeticas*, publicadas sob o pseudonymo de Fr. Arsenio da Piedade, em 1747, investiu contra o *Novo Methodo*, e, aproveitando com menos boa fé algumas negligencias e exaggerações de Verney, procurou illudir á sombra d'ellas os incautos, figurando toda a obra filha dos mesmos preconceitos, injustiças, e temeridades.

Mas a luva estava lançada, e a penna de Verney não se quebrava facilmente com sophismas e invectivas.

As sãs doutrinas, os verdadeiros principios, e os argumentos solidos do *Novo Methodo* triumpharam sem difficuldade do assalto; e a calumnia, usual e predilecta dos Jesuitas, a nota de Jansenismo, insinuada contra as proposições do «Barbadinho», não só não assustou as consciencias, como fez despontar mais

de um sorriso motejador á custa da innocencia, ingenua em demasia, com que se teimava ainda em appellar para um estratagema gasto e desconceituado.

Verney replicou logo no seguinte anno (1748), e na *Resposta ás Reflexões Apologeticas* não poupou nem o auctor nem a sociedade, que o inspirava, arrancando a mascara ao erro, confundindo a calumnia, e aggravando ainda mais o rigor das primeiras censuras.

D'este encontro (e devia receal-o) retirou-se a Companhia mal ferida, e o seu defensor desbaratado. A luz da evidencia era tão viva que deslumbrou a ambos.

Mas a obra, se merecia prevalecer em nome da razão, não saíra dotada das qualidades, que fazem um livro popular, e fundam uma eschola.

Verney foi mais feliz em castigar os erros, do que habil em assentar as bases da restauração classica.

As suas reflexões, despidas do prestigio do estylo, não tinham a força necessaria para arrebatar e enthusiasmar, e por isso não podiam desde logo extirpar os abusos inveterados.

Faltava-lhe gôsto e amenidade; e, separadas algumas regras, que o bom juizo critico apontou sempre em todos os periodos, vêmol-o arrastar-se atraz da imitação humilde, desmaiar deante das ousadias sublimes dos grandes engenhos, e não se elevar nunca nem a um só d'aquelles aspectos grandiosos, d'onde se rasgam horisontes largos e vistas novas.

De tantos thesouros, com que as tradições nacionaes convidam a inspiração, de tantas riquezas, com que o sentir e a crença dos seculos robustos de Portugal podem soccorrer o imaginador, nenhuma lhe deu nos olhos, nem lhe sobresaltou sequer o animo!

Para elle, a poesia estava regenerada, se, depois de expostos os preceitos das artes classicas, viesse uma geração de servis imitadores.

Do mais não se preoccupava, nem lhe occorria, que é o que parece mais exacto.

Verney, ao menos, mostra-se egual e desassombrado na severidade, com que reprehende os vicios litterarios do seu tempo, e das épochas anteriores.

Accusa e condemna, entre outras obras, o poema heroico de *Demophon e Philis*, escripto em oitava rima por Fr. Antonio das Chagas, na lingua castelhana, quando ainda vivia no seculo, e se chamava Antonio da Fonseca; mas não se imagine que o censura pelo que pode ter de excentrico no plano, e de tumido e falso na fórma e na dicção; o motivo capital da queixa é o crime imperdoavel de haver desattendido as inviolaveis unidades da epopea.

Chama-lhe historia de amor muito affectada, dá-lhe um titulo, que não concorda com o que o auctor lhe poz, e decepa sem piedade todo o livro, arguindo o poeta de trivial e enfadonho nas comparações, de ridiculo no descriptivo, e de pueril e quasi estolido no enredo.

Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, auctor dos dois poemas —*El Nuevo Mundo*, e *El Alfonso*, não escapa tambem ao mesmo supplicio.

Os seus versos são rejeitados por duros, a locução por insoffrivel na obscuridade, e o desenho geral da fabula por inverosimil.

Não quebrâmos lanças por nenhum dos vates desabridamente maltractados; mas, tendo-os lido, e avaliado, parece-nos que os seus maiores defeitos não são de certo os que Verney lhes imputa.

Ambos peccam pelo abuso das imagens, pela escolha refinada e laboriosa dos conceitos, pelo falso luzente da phrase, e por um esforço visivel em fugir do natural e do verdadeiro. Mas ha nas suas paginas lances bem concebidos, calor de affectos, graça e elegancia em varios trechos. Porque não elogiaria o critico o bom estranhando o máu?

Mas o «Barbadinho», não perdoando a Camões, como havia de absolver as pesadas culpas do gongorismo em Botelho de Moraes e Fr. Antonio das Chagas!? Os proprios *Lusiadas*, citados perante o seu tribunal, não é sem difficuldade que se recolhem, não incolumes, mas penitenciados, da presença do implacavel censor.

Manuel de Faria e Sousa, fustigado em pleno auditorio, paga cara a sua admiração laudativa pelo auctor do episodio de Adamastor.

O que mais nos diverte n'esta parte do livro de Verney é o tom de protector, com que

fala do nosso primeiro epico, e o ar de bondade, com que se digna baixar até aos *Lusiadas*, e dizer d'elles duas ou tres cousas agradaveis a par de muitas queixas e aggravos!

«Camões (diz elle) teve muito engenho, «imaginação fecunda e grande, e se estudas- «se poderia desempenhar o argumento do «poema epico. Teve muitas qualidades de «poeta, aproveitou-se bem do Petrarcha e do «Boccacio, e é maravilha que escrevesse tão «bem para aquelle tempo. Mas querel-o com- «parar a Homero, ou collocal-o acima dos «epicos de outras nações, a elle, que foi tão «falto de erudição, de juizo e discernimento, «Santo Deus! que heresias, e que absurdo!»

Já se vê, portanto que o Camões delinquiu, não nos lapsos, que lhe observâmos, e que são leves nodoas, apenas, no esplendido sol do seu genio, mas nos atrevimentos heroicos e nas isenções, com que se liberta ás vezes da craveira das poeticas auctorizadas.

IX

De parte a parte, como se vê, jogaram-se armas eguaes, e, como succede nas épochas de reacção, a verdade não estava em nenhum dos campos.

Os Jesuitas, hostilizados com vigor, estamparam libellos e apologias para emmudecerem o importuno accusador, que vinha perturbal-os na posse quasi immemoravel, que

gozavam, de dirigir as consciencias e os entendimentos.

Os seus adversarios, a pretexto de expurgar as lettras, e de restabelecer os bons modelos, apertavam o circulo da imitação a ponto, que não deixava livres nem a phantasia, nem o gôsto.

N'este conflicto todos combatiam na escuridão, declarando-se percursores da luz. As razões, e as injurias, de envolta, voavam confundidas de lado, para lado; os ultrajes substituiam os argumentos; e o véu do anonymo, escondendo o rosto a muitos dos aggressores, animava-os ainda mais para se mostrarem irritados e inclementes.

O pomo da discordia rolava sem parar no meio d'elles e raro sería o dia, que não allumiasse algum duello pedantesco, terminado pela risada dos neutros.

Cenaculo Villas Boas, Francisco José Freire, e outros militavam nas fileiras dos reformadores, mas careciam dos dotes e do tacto, que asseguram a victoria. O primeiro, com a sua prosa enredada e ás vezes informe, o segundo, poeta sem vocação, martellando nos versos uma erudição laboriosa, pouco podiam coadjuvar a empreza de Verney, o qual adoecia da mesma enfermidade.

Qualquer d'elles era incapaz de hastear a bandeira e de a manter.

Sectarios dos auctores antigos, ensinavam as regras, e proclamavam os textos admirados de Homero e Pindaro, de Sophocles e The-

ocrito, de Virgilio e Horacio, de Livio e Cicero; porém, quando a occasião os instava, e queriam juntar o exemplo ao preceito, o metro e a phrase, rebeldes, atraiçoavam as suas lições, e a palma cahia em mãos menos adestradas, mas de homens muito mais soccorridos das prendas naturaes.

Para o triumpho se inclinar a algum dos contendores era preciso que engenhos, ricos de talento, abraçassem a melhor causa, e que a plebe dos metrificadores cedesse obrigada a reconhecer a propria inferioridade.

Foi o que aconteceu. Preparada a reforma, não tardaram os cultores esmerados, de que ella carecia para se firmar. Roma e Athenas acharam sacerdotes dignos do culto das musas restauradas.

A reconstrucção intentada pelo marquez de Pombal na esphera politica e economica alargou-se pelos vastos dominios da arte, e um periodo relativamente fecundo e bello completou, tambem, por este aspecto, a obra do ministro omnipotente.

Dois magistrados, sobraçando a toga, e repetindo os versos do bom Ferreira:

> Não fazem damno ás Musas os doutores
> Antes ajuda a suas lettras dão;

abalançaram-se a reunir um escolhido gremio, que servisse de eschola e de exemplo vivo dos principios, que no seu tempo se reputavam os unicos verdadeiros.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manuel Nicolau Esteves Negrão, um depois chanceller da Relação do Rio do Janeiro, e o outro desembargador do Paço e chanceller mór do reino, conceberam os estatutos da associação, organizada para restituir ás lettras patrias a pureza e o esplendor.

Homens de respeitada reputação ligaram-se com elles, e nos ultimos dias de septembro de 1756 a Arcadia estava formada com todas as officinas poeticas em acção, com o Menalo povoado de pastores e de rebanhos, e com os melodiosos certames dos Melibeus e Mopsus, regrados para entreter os ocios, e adoçar as fadigas dos eruditos alumnos.

A nova sociedade era imitação de outra romana, que já citámos, instituida no seculo XVII sob os auspicios de Mario Crescimbini.

A empreza adoptada pelos arcades portuguezes era meio braço, pegando em um podão com a epigraphe *Inutilia truncat*, e foi gravada no logar das conferencias e no sêllo do secretario, que tinha, além d'isso, abertas na circumferencia as palavras— *sigilum Mœnali Pastorum.*

Nos dias de convocação, os socios traziam por divisa um lyrio, symbolo mystico da pureza da Virgem Maria, sua protectora e padroeira.

O plano proposto para o regimen interno da corporação fundava-se em leis faceis e prudentes.

Todos os mezes havia um dia de sessão par-

ticular, além de duas publicas por anno e das extraordinarias.

Os cargos da Academia eram poucos, mas qualificados. Um presidente, dois arbitros, e dois censores, todos temporarios, e tirados á sorte, compunham o pessoal dos funccionarios; mas em cada conferencia fazia-se só a renovação do segundo censor, subindo os outros por accesso gradual até ao logar do presidente.

O secretario, vice-secretario, e guarda eram perpetuos.

Os arcades não tinham numero determinado. Podiam ser admittidas todas as pessoas de capacidade distincta, qualquer que fosse a sua condição e nascimento; mas a eleição dos candidatos era feita em escrutinio secreto e com uniformidade de votos.

Nos exercicios academicos, propriamente ditos, a disciplina, que se observava, merece louvor.

Em todas as sessões os arcades, excepto os censores, eram obrigados a repetir uma composição em prosa, ou em verso; tendo as obras poeticas assumpto livre, e sendo o das prosaicas muitas vezes forçado.

Podiam ser escriptos em latim, em francez, em italiano, ou em castelhano, preferindo sempre a todas a lingua portugueza.

Depois de recitada, a composição era distribuida pelo secretário a algum dos censores, e éste na outra conferencia lavrava o seu parecer escripto ácêrca do merecimento d'ella.

Ouvido o auctor, o presidente decidia com os arbitros, e as emendas recommendadas deviam ser feitas, logo alli, pelo escriptor em presença da sociedade.

As conferencias, por este motivo, eram secretas, e os livros, em que se lançavam os pareceres e as resoluções tomadas nos casos controvertidos, só podiam ser lidos pelos arcades sob pena de ficar excluido aquelle, que practicasse a indiscreção de violar o sigillo ordenado.

Eis em resumo os estatutos da sociedade, approvados em 19 de julho de 1757 com prudente conselho pelos fundadores, e cumpridos religiosamente no periodo, em que floreceu a Arcadia. [1]

O marquez de Pombal, como o cardeal de Richelieu, prezava os elogios, e raras vezes os achou exaggerados. Os incensos da lisonja e os instinctos aulicos dos thuribularios não lhe feriam a modestia. Gostava de ser adulado, mas não era muito propenso a recompensar os aduladores.

O ministro, ou pelo temor do seu poder, ou pela benevolencia do sorriso, ou por ambas as coisas juntas, contava na arcadia um côro de apologistas incansaveis. Poucas seriam as festas publicas e domesticas, em que os poetas laureados não apparecessem á mêza e ao

[1] Trigoso – Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia, e sua influencia na nossa litteratura, no Tomo VI das da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

serão, exaltando a sabedoria do valido em strophes, ou em eclogas, abrazadas de ardente enthusiasmo.

Entretanto, como notámos, não nos parece que o conde de Oeiras pagasse excessivamente caros os louvores dos vates.

O Garção, rígido e austero, talvez por se não torcer expirasse nas trevas humidas de um carcere.

O Quita, por mais que requeresse, nunca lhe arrancou o menor despacho; e os outros, se obtiveram favores, ou alcançaram a esmola de algum beneficio, ficou no escuro a memoria da excepção, porque, de ingratos ou de esquecidos, se calaram com ella.

Os unicos honrados e premiados foram Antonio Diniz, José Basilio da Gama, e Esteves Negrão. Quanto aos mais, o ministro, de vez em quando, e nas horas de ocio, extendia o passeio da tarde até ao monte Menalo, que era na livraria de N. Senhora das Necessidades, ou na sala da Junta do Commercio, em occasiões solemnes, e ennobrecia as palestras de Minerva com a sua presença.

Mas se algum dos arcades se mostrava menos agradecido a tamanha prova de protecção ou desafinava na lyra o tom usual do elogio encarecido, o secretario d'Estado do senhor D. José I encarregava-se de lhe offerecer habitação tranquilla e segura, hospedando-o a bom recado na cadeia, naturalmente para lhe dar mais tempo de escrever sobre a inconstancia da fortuna.

O auctor da *Cantata de Dido*, se resuscitasse, poderia edificar alguns dos admiradores d'aquelle governo, referindo-nos a desditosa historia da sua prisão, e o segredo da soltura concedida á hora da morte!

X

A existencia da Arcadia não foi longa, nem serena.

No ultimo periodo essas apparencias de vida, fugazes e rapidas, que fingia, e lhe emprestavam os esforços de um, ou de outro socio, e sobre tudo os de Antonio Diniz, esmoreceram de todo, e no fim de vinte annos extinguia-se de inanição, em 1776, pouco chorada, e desconhecida do povo, com quem nunca soube congraçar-se, descendo ao meio d'elle.

O principal defeito dos pastores do Ménalo foi o preoccuparem-se de mais com a fidalguia das lettras, acreditando que uma grande revolução no gôsto era possivel, e podia consumar-se, resumindo em poucos adeptos o ensino e propagação da nova lei.

A Arcadia não quiz sair nunca (julgar-se-hia sacrilega se o fizesse!) do circulo restricto da imitação da antiguidade. No theatro, na poesia lyrica e pastoril, e em todos os generos, os seus modelos foram sempre os livros dos auctores gregos e latinos, ou os da renascença franceza no seculo XVII. Fóra d'el-

les achava tudo vulgar, incompleto, e digno de censura.

O povo, amando as suas tradições, os seus usos, e as suas lendas, viu passar, portanto, a douta sociedade, e não encontrando n'ella coisa que lhe attrahisse as sympathias, deixou-a entregue a si e affastou-se. Ouvia-a falar em estylo apurado dos amores de Ovidio e das lagrimas da esposa de Sicheu: escutava descripções de tormentos e bosquejos de paizagens, que não descobria no céu e nos sitios mais pittorescos da terra natal. Contaram-lhe as magoas e desventuras de figuras, que lhe eram indifferentes, porque pertenciam a epocha findas! Como queriam que elle applaudisse e se enthusiasmasse?

Os feitos dos heroes portuguezes, celebrados na lyra de Pindaro, não tinham o enlevo, nem a viveza, que sabia dar-lhes a cantiga nacional, ingenua, sincera, e mais propria para estremecer o coração, pintando os affectos patrioticos áquelles que os sentiam e prezavam no fundo d'alma. Entretanto, as razões, que separaram os arcades do povo, não roubam a estes o louvor, que merecem pela renovação, assignalada pelo seu talento. Ainda que não alcançassem além do seu tempo, e não levantassem o espirito acima das regras criticas postas no seu periodo como extremas do imperio intellectual, fôra injusto e iniquo negar-lhes a palma, que lhes cortou a fama, e ha de sempre reverdecer sobre a sua campa.

Ha commettimentos, que não cabem nos

poderes de um seculo, e que o seguinte realiza sem esforço. Voltaire, o engenho mais vulgarizador da Europa, regeu o gôsto como despota, e sujeitava-se, apezar d'isso, á severa disciplina decretada pela Academia de Richelieu, e era o defensor estrenuo dos preceitos Horacianos e Aristotelicos.

O poeta cortezão e aprimorado, que accusava de barbaro o estro de Shakespeare, compadecendo-se da sua arte rude, estava bem longe de prevêr, que o futuro um dia havia de proclamar a supremacia do grande tragico inglez, pondo abaixo dos dramas do auctor de « Othello » e « Julietta » as peças regulares e ornadas de elegantes declamações do dictador de Ferney.

A Arcadia, mesmo dentro dos seus limites pouco amplos, auxiliou valiosamente as lettras. Se não renovou a poesia, no sentido lato da palavra, purificou-a pelo respeito da sua origem, e pela castidade das fórmas, erguendo-a do estado decadente em que jazia.

A frequencia e imitação dos bons auctores restabeleceu o culto da verdade, que obscuras e tumidas copias de devaneios gongoristicos tinham depravado.

A lingua, roida pelo cancro das locuções viciosas, tornou a ostentar os brios, as opulencias, e a louçania do seculo de Camões e do de Vieira e Manuel Bernardes.

Variados estudos devassaram os assumptos, que mais a podiam dadivar e enriquecer; e alguns poemas, insignes pela correcção e pelo

incomparavel lavor, provaram que a erudita corporação sabia unir o exemplo aos preceitos.

Até onde, com as idéas da época, era possivel levar a restauração, não se pode negar que ella foi levada, e que no seu caminho levantou mais de um monumento, que nos obriga a venerar os homens a quem se devem.

Em quanto a lingua portugueza se falar, e as galas do estylo e da imaginação forem estimadas, a lyra Horaciana do Garção, os versos bucolicos do Quita, e os arrojos sublimes e pindaricos de Diniz, hão de sempre ser admirados.

Já fizemos o quadro do que eram as lettras no extenso reinado do senhor D. João V, e do que valiam as numerosas Academias constituidas antes d'elle.

A baixeza e descompostura da musa presumida e desvairada, que dictava os *acrosticos*, os *labyrinthos*, as *silvas*, e as *Spinellas* aos Serrões de Castro, e aos Costas Correas no synhedrio metrico dos Singulares de Lisboa, encontrava emulos dignos nos professores de philosophia, nos architectos de poeticas e conceitos, nos rhetoricos alindados de requebros e finezas, e até nos pedantes, cuja ferula imprimia com lagrimas na tenra memoria da infancia o volumoso cartapacio grammatical do padre Manuel Alvares.

Alexandre de Lima, Caetano da Silva Sotto Maior, Thomaz Pinto Brandão, o marquez de Valença, e poucos mais eram os oraculos do

gôsto, e os poetas laureados d'este desditoso e obscuro periodo.

O que as suas obras significam, basta abril-as para se vêr! Na collecção manuscripta, conservada na bibliotheca da Ajuda, ha poemas de padre Braz, e de outros da mesma eschola, que fariam córar de pudor até o licencioso Casti, e o desregrado Aretino!

Os estudos pervertidos, longe de allumiarem o espirito, concorriam para o cegar, inoculando no animo da mocidade o amor das locuções inchadas e dos equivocos exoticos; os vicios de uma condição falsa e assoprada, e as noções mais confusas, incompletas, e atrazadas, em todas as sciencias.

O ensino das linguas orientaes, cultivado na Universidade de Coimbra nos seculos passados com estimação, decahíra por tal modo, que Verney ousára escrever, sem ser desmentido, que em Portugal só havia apenas quem soubesse do grego o sufficiente para dizer *Kyrie eleison*, e do hebraico *Amen* e *Alleluia*!

Apontaram-se como raridades as pessoas instruidas no idioma de Homero e de Thucydides, e ainda nos dias do erudito Cenaculo Villas Boas, para este sabio poder entrar na intimidade dos poetas e prosadores da Grecia, não descobria Coimbra mais do que uma arte impressa em 1608, e *um apenas entendido Scapula*, segundo elle proprio confessou!

Para o hebraico existia só a arte do padre Quadros, mandada vir de Salamanca, e o Lexicon pequeno de Buxtorfio.

No estudo da grammatica latina, e da latinidade, (coisas distinctas, e ainda hoje confundidas, infelizmente) os Jesuitas, desprezando os melhoramentos já introduzidos n'aquella época, persistiam em manter a supremacia da grammatica de Manuel Alvares, acompanhada de volumosos cartapacios de *Rudimentos*, de *Generos* e *Preteritos*, de Syntaxe, e de dois livros, um chamado *Chorro*, e o outro *Promptuario*, por onde se aprendiam os escolios de nomes e de verbos.

D'este methodo, lento e pesado, resultava sair o discipulo com o espirito menos culto, a memoria carregada, e o gôsto vacillante.

As bellezas dos poetas e prosadores, os segredos do estylo admiravel de alguns antigos, escapavam-lhes, porque nem a edade, nem o systema lhes permittiam penetral-os, e o tempo consumido nas aulas a maior parte das vezes era desperdiçado em remendar de textos e de regras a loquacidade empathica de pedantes juvenis.

O Marquez de Pombal, no seu odio aos Jesuitas, perseguindo-os em todos os logares e por todos os modos, e expulsando-os dos collegios, dos pulpitos, e do magisterio, tentou com exito a reforma dos estudos menores, e dos superiores, e libertou o ensino de um monopolio intoleravel. Se não foram todos, a maxima parte dos mestres da Companhia era culpada n'esta obscuridade geral e progressiva, não justificando pela capacidade, ou pelo

amor das lettras, o privilegio que se arrogava.

A Mêsa Censoria, presidida por Cenaculo Villas Boas, foi incumbida da direcção das escholas publicas, denominadas régias, pelo alvará de 4 de junho de 1771, e, graças aos cuidados do virtuoso prelado, crearam-se e estabeleceram-se logo novecentas e vinte e cinco cadeiras no reino e seus dominios pela lei de 6 de novembro de 1773.

Para se fazer idéa da necessidade d'estas providencias, e do estado deploravel, em que se achava no paiz tudo o que era intellectual, citaremos ainda algumas observações de Verney ácêrca do ensino da philosophia.

Depois de Descartes, de Gassendi, de Leibnitz, e de tantos engenhos distinctos e reformadores, as escholas de logica, metaphysica, e ethica, em 1747, gastavam tres e quatro annos em explicar tractados abstrusos, dictando-se apostillas extensissimas, e despedindo-se os alumnos sem saberem mais do que vãs palavras e pueris ostentações.

Por isso d'Alembert se admirava, de que no anno 1750, e em uma capital como Lisboa, se estampasse um escripto com o titulo de *Systhema Aristotelico das fórmas substanciaes e dos accidentes absolutos*. O que sería se entrasse em uma das aulas de então, e assistisse ás conclusões dos peripateticos imberbes, regidos por um professor, que fazia gala de desprezar os progressos contemporaneos, disputando em altos brados e calorosas interroga-

ções sobre as *Intellecções*, *Noticias* e *Topicos* sobre a *Geração* e *Corrupção*, ou sobre o ponto de *anima in communi!*

Era para cobrir de lucto o busto de Newton, e de pejo a fronte do mais ignorante discipulo de qualquer das escholas modernas.

Foi no meio de tão espessas trevas, e tendo de combater nos dominios da poesia com abusos maiores, ou similhantes, que a Arcadia se constituiu, e que os seus socios mais illustres vestiram as armas de Boileau, e romperam a batalha.

Em roda d'elles vozeava e tumultuava a plebe dos metrificadores até então infrenes e impunes.

Acima, o poder, indifferente, ou preoccupado, attendia a outros assumptos, e desacurava uma reforma, que saía do regaço humilde de alguns poetas, pobres de fortuna e de brazões, e ricos só de bons desejos e talento.

Nas aulas menores, estalava a ferula do pedagogo entre a melopeia das novenas e dos terços, e o alarido das sabbatinas.

Na côrte, os parasitas, com a libré das musas, manchadas das nodoas vilissimas da gula e da venalidade, mendigavam um talher á mêsa dos fidalgos, e extendiam a mão, que escrevêra o soneto, ou a decima encomiastica para receberem o premio.

Nas sociedades litterarias adormeciam de cançados os eternos glozadores de themas pueris, e de orações arrebicadas; e as portas d'estes verdadeiros templos de corrupção do gôs-

to iam-se fechando por falta de sacerdotes.

Na Academia da Historia acabavam de se arrumar na estante os ultimos volumes, testamento da sabia corporação, que, desfallecida e exangue, morria pelo silencio, antes mesmo de se dissolver pela ausencia dos membros.

Uma geração nova, educada ainda pelos Jesuitas, e participando em muitas coisas das antipathias e preconceitos que elles haviam incutido, mas impaciente de acompanhar as outras nações, de lêr os livros publicados n'ellas, e de se instruir com a experiencia alheia, preparava-se, sem o saber, para auxiliar as reformas, que um ministro violento, mas audacioso, havia de promulgar em breve, invocando a unidade monarchica, e o poder absoluto, sem prever, que adeante d'ellas, como adeante das theorias do seculo XVIII em França, estavam as consequencias finaes, que os povos saberiam tirar, primeiro lá, e depois e mais tarde, em outros reinos.

Abalada, e gasta nos homens e na doutrina, a Companhia de Jesus sentia-se mal vista dos principes, que o seu predominio inquietava, e profundamente odiada pelos ministros, pelos magistrados, e pelas outras ordens religiosas, que não lhe perdoavam o áscendente universal, que exercia, reinando mais que os soberanos, porque reinava sobre as consciencias e os entendimentos pelo confissionario, pelo pulpito, e pelas aulas.

As suas riquezas, que todos diziam immen-

sas e incalculaveis, a extensão e opulencia do commercio entretido na Asia e na America pelas suas feitorias, e a influencia adquirida entre gentes barbaras e remotas pela palavra consoladora dos seus missionarios, deslumbravam os successores do Geral Oliva, e faziam-lhe esquecer, que, entibiada a acção moral, e apagado o ardor do saber e da cathechese, que foram os elementos vivificantes e irresistiveis da grande conquista, o instituto ficaria como um corpo sem alma, ameaçador pela apparencia do grande vulto, mas fraco e inerte, e tal, que o impulso de um braço robusto seria bastante para o derrubar, patenteando a verdade.

Foi o que succedeu. Opulenta de mais, a sociedade entorpeceu-se na opulencia; a eloquencia dos seus apostolos affrouxou deante da actividade dos seus feitores e cambistas; e o ensino, arma poderosa nas mãos habeis dos primeiros mestres, deixando de acompanhar a época, e de se moldar pelas idéas d'ella, cahiu na segunda infancia de uma caducidade precoce, e serviu de corpo de delicto em vez de servir de força e de apoio.

Eis a posição de todos antes do marquez de Pombal e da Arcadia.

Com elle os Jesuitas cahiram, a instrucção principiou a secularizar-se, e os estudos reformaram-se.

Com a nova corporação restauraram-se as obliteradas tradições do seculo XVI, e uma segunda renascença classica tomou vida e fór-

ma, precedendo, como era indispensavel, os clarões da renovação litteraria, que só podia caber no seculo actual.

FIM DA «ARCADIA PORTUGUEZA»

ADVERTENCIA DOS EDITORES

Como o assumpto que constitue o artigo precedente não dê materia para um volume habitual da nossa collecção, e como o estudo que se lhe deve seguir — *Bocage* — dá só por si para um bom volume, entendemos, para completarmos o que temos entre mãos, additar-lhe o soberbo artigo de Rebello da Silva sobre Emilio de Laveleye, que precede o notavel livro d'este auctor—*A Lombardia, a Suissa e o Monte Rosa, estudos e recordações*, com um appendice, versão portugueza do Dr. Venancio Deslandes», Lisboa, Imprensa Nacional, 1871, um volume in-8.° gr. de LXIX-180 pags.

EMILIO DE LAVELEYE

I

Entre os nomes, que mais illustram hoje a Belgica, e que mais têem auxiliado os progressos das sciencias moraes na Europa, figura o do sr. Emilio de Laveleye. Nascido em Bruges a 5 de abril de 1822 ha de contar em breve quarenta e nove annos, aproveitados em continuados estudos, em viagens largas e instructivas e em investigações perseverantes ácerca da vida e das condições mais notaveis dos differentes povos, que visitou. O sr. de Laveleye, pela edade, e mais ainda pela indole e pelas tendencias do espirito, pertence á geração laboriosa e practica, que succedeu á raça energica de 1830, raça que em quasi todas as manifestações da vida politica, intellectual, e economica, gravou a physionomia vigorosamente, embora não poucas vezes significasse com exageração as suas aspirações.

A reputação do sr. Emilio de Laveleye está vinculada á historia scientifica e litteraria da segunda metade do seculo XIX, e a sua au-

ctoridade em assumptos agronomicos já não é menos conhecida e respeitada, do que a do mestre, coroado com applausos unanimes, o sr. Leonce de Lavergne. Continuador da grande eschola, iniciada pelo auctor da *Economia rural da Gran-Bretanha* e da *Economia rural da França* o distincto escriptor belga em seus bem acabados quadros provou no exame e solução dos mais complicados problemas de economia agricola profunda reflexão, na exposição dos factos summa facilidade e clareza, e na apreciação d'elles elevadas faculdades criticas, juntando a todas estas prendas correcção admiravel, e grande sobriedade e elegancia na pintura das regiões e dos costumes bucolicos.

Os livros publicados sobre o estado actual, da agricultura na Belgica e na Neerlandia, sobre a Allemanha desde a guerra de 1866, e sobre a economia rural da Suissa e da Lombardia, assim como os artigos estampados na *Revista dos dois mundos* ácerca da questão agraria na Irlanda e na Inglaterra, asseguraram ao sr. de Laveleye o conceito dos juizes competentes, e o louvor dos que prezam, tanto na doutrina como na fórma, os titulos solidos e duraveis, em que um engenho conscienciosо sabe unir o util ao agradavel, a licção da experiencia e a severidade dos algarismos á belleza desaffectada de paineis tirados da natureza, e com ella ricos de observação e de tintas encantadoras. Bastante se recommendaria já o sr. de Laveleye com estes

serviços eminentes, como economista, e como propugnador estrenuo do melhoramento humanitario, se outros escriptos, inspirados egualmente pelo zêlo e pelo amor da civilização, tomada na accepção mais lata e mais nobre, não proclamassem a vastidão dos seus conhecimentos, as diversas aptidões do seu espirito, e ao mesmo tempo o mais sincero enthusiasmo por tudo o que póde levantar o livel social, ou alargar os horizontes das questões ligadas com a sorte das classes, que vivem do trabalho.

Liberal nas idéas e nas esperanças, fugiu sempre da funesta exaltação, que prejudica as mais justas causas, e castigou com a mesma austeridade os desvarios da seita communista, e as invasões reaccionarias das seitas politicas ou religiosas. A verdade tem sido o seu culto, e a rasão a sua arma. Precedido da luz de ambas tem entrado sem hesitação nos campos mais bem defendidos, e saído triumphante da lucta contra o sophisma e contra principios extremos. O volume intitulado *Questões contemporaneas* resume e accentúa esta feição do seu caracter. A probidade scientifica (consinta-se-nos a phrase), e o odio espontaneo a tudo o que é falso e artificioso nobilitam o escriptor e engrandecem o publicista. Na esphera economica, as mesmas qualidades revestem de grande força o seu testemunho e o seu conselho.

Educado no atheneu de Bruges, n'elle aprendeu as disciplinas, que então constituiam uma

parte do curso antigamente denominado de *humanidades*, em que se comprehendia o longo tirocino das duas linguas mortas, grega e latina, chaves da interpretação dos modelos classicos. Foi de certo na familiaridade d'aquellas duas litteraturas inimitaveis, que elle colheu as reminiscencias reveladas em mais de um trecho esmerado do seu estylo. As recordações d'esses dias, já tão afastados, parece haverem-se-lhe avivado por occasião de um debate recente. O opusculo *A questão do grego e a reforma do ensino medio* seguramente nasceu d'ellas. O sr. de Laveleye, nada receioso de excitar as iras eruditas dos defensores das velhas tradições escholares, sustentou a opinião de que cinco annos gastos para os melhores alumnos não saberem traduzir á primeira vista o prosador hellenico mais facil, envolviam uma perda de tempo e um abuso deploravel da intelligencia juvenil. Confessando a utilidade do intimo trato das gerações litterarias modernas com os mestres da antiguidade mostrou, que o gosto podia formar-se, e o sentimento do bello apurar-se, estudando o genio da Grecia nos seus monumentos, sem consumir, comtudo, esforços vãos em penetrar a letra de textos tantas vezes duvidosos ou inaccessiveis.

O sr. de Laveleye acredita que o commercio dos escriptores contemporaneos mais perfeitos, e dos auctores que os antecederam, ha de ser mais fecundo e proveitoso aos homens destinados ás profissões activas da nossa epo-

cha, do que a insistencia esteril empregada em decifrar os logares obscuros de Thucydides, de Demosthenes e de Xenophonte. Citando os magnificos ensaios de Macaulay, as paginas de Lessing, e os primores em prosa e em verso, de que este seculo se ensoberbece com motivo, pergunta qual deverá guiar melhor e amadurecer mais os engenhos, se a analyse de uma das *Filippicas* e a leitura no original de algumas laudas da *Guerra* do *Peloponeso*, ou da *Historia de Tito Livio*, se o conhecimento e a meditação das obras estimadas do nosso tempo, cujo defeito maximo aos olhos dos fanaticos da instrucção classica é não exigirem a fadiga improba da anatomia dos fosseis. Sem condemnar o estudo das linguas mortas, estranha e censura a demasiada extensão d'elle. Contradictores vehementes, levantando a luva, proporcionaram-lhe o ensejo, talvez desejado, de tocar em todos os pontos fracos dos systema de ensino, e de distinguir entre o que elle encerra de retrógrado e de illusorio, e o que pode conter de sensato e de applicavel.

Concluida no Atheneu a primeira cultura da adolescencia, o sr. de Laveleye passou a cursar por quatro annos as aulas do collegio de Estanislau, em París, d'onde saíu coberto de palmas academicas para frequentar em Lovaina as cadeiras de philosophia, e depois a faculdade de direito em Gand. Laureado no exame final, feito em 1846, estabeleceu n'esta ultima cidade a sua residencia, e, dando-se

um pouco á carreira do fôro, entregou-se com triplicado ardor á convivencia das letras, que d'esta epocha em deante se apoderaram quasi completamente do seu espirito. E' provavel que a politica quotidiana viesse tental-o com algumas seducções, e que a vontade se lhe inclinasse por momentos para aquelle theatro, aonde tantas vocações sinceras se annullam illudidas. Mas, quer o acaso influisse n'isto quer uma secreta reluctancia o desviasse do precipicio, nem a imprensa militante, nem a tribuna colheram as primicias do seu talento, e desde os vinte e quatro annos, no viço e flor dos sonhos mais risonhos da mocidade, o sr. de Laveleye quiz ser e foi um homem exclusiva e essencialmente votado á sciencia. Para se fortalecer nas lides, que ella offerece, ensaiou, á similhança dos antigos athletas, as forças em varios generos, analyzando as civilizações extinctas, e excavando as minas litterarias mais ricas. Logo depois, consagrava as vigilias ao estudo das questões sociaes e economicas de immediata applicação, e apaixonava-se pelos assumptos sobre que mais tinha concentrado o vigor do seu entendimento privilegiado.

Habilitava-se para o ensino universitario talvez sem o cuidar. Diversos opusculos, memorias, e artigos, em que a erudição substanciosa era realçada pela arte de expor as idéas com extrema lucidez e de amenizar as materias aridas pela concisão e pela formosura desaffectada da phrase, haviam inculca-

do á Belgica no moço academico um homem da linhagem e estatura dos grandes escriptores da epocha. As publicações do sr. de Laveleye no periodo decorrido desde 1844 até 1864, em que foi nomeado professor extraordinario, demonstram a gravidade e a elevação dos seus estudos. Encetou-as o trabalho intitulado *Texto de um album de Ostende* illustrado pelo sr. Guémar, ao qual o auctor junctou em fórma de distico estes versos:

Considérez surtout, illustres seigneuries,
Combien l'auteur est jeune, et c'est son premier pas.

Seguiu-se a memoria premiada no concurso universitario sobre a *Lingua e a litteratura provençaes*, estampada em 1844. Tres annos depois, em 1847, saíam dos prelos dois volumes no pequeno formato da *Bibliotheca nacional* (collecção de Jamar), nos quaes, sob a designação de *Historia dos reis francos*, era visivel a imitação das *Narrações do tempo dos merovingianos* por Agostinho Thierry. O opusculo sobre o *Exercito e o ensino* veiu logo um anno após confirmar o vantajoso conceito grangeado pelo auctor nos seus primeiros ensaios, e manifestar a virilidade e variadas aptidões do seu talento. Analyzando em um lance de olhos firme a verdadeira situação da sua patria, e indagando o modo mais opportuno de robustecer e consolidar a nacionalidade nascida dos successos de 1830, o sr. de Laveleye aconselhava aos poderes publicos, que, encurtando

e diminuindo as despezas, a seu ver, quasi estereis do ministerio da guerra, applicassem os milhões consumidos com elle á ampliação e aperfeiçoamento do ensino popular.

Em 1849 outro opusculo, não menos importante e ousado, *O senado belga*, estampado em Gand, vinha suscitar na esphera politica a questão da melhor organização do segundo ramo do poder legislativo. Na opinião do auctor o senado, fundado em bases pouco seguras, podia, nos dias de crise, converter-se em um perigo para o estado. Achava arriscado em tempos democraticos conceder á riqueza o direito do véto, porque era apontal-a quasi ao odio das classes inferiores. Accrescia. que a nomeação dos deputados e dos senadores, pelo mesmo corpo eleitoral, viciava a verdadeira noção do systema representativo. No caso de desaccordo e de conflicto entre as duas camaras, sendo ambas filhas do mesmo suffragio, qual d'ellas deixaria de significar a vontade dos constituintes? O sr. de Laveleye concluia declarando-se mais inclinado á combinação em vigor na America e na Hollanda. Por ultimo diversos artigos impressos (anonymos) na folha denominada *Flandres liberal* em 1848 e 1849 abonavam, na escolha dos assumptos e na clareza dos principios enunciados, a vocação economica do escriptor e a seriedade e profundeza da suas investigações. A primeira manifestou-se na apreciação das cartas do sr. Miguel Chevalier sobre a *Organização do trabalho* e no exame das doutrinas communistas. A segunda

na critica do systema do coronel Eenens ácerca do emprego do exercito nas obras publicas e nas considerações sobre a situação politica do paiz.

No meio d'estas occupações veiu tomal-o de repente, e quando menos o esperava, o acto do governo, que lhe abriu a carreira do magisterio. Vagára a cadeira de economia politica e de economia industrial na universidade de Liége pela jubilação concedida em 1864 ao professor proprietario o sr. Hennau. O ministro do reino offereceu-a com exercicio temporario ao sr. de Laveleye, e a nomeação verificou-se por decreto de 29 de maio. A sua estreia no professorado justificou plenamente a escolha, e em 12 de outubro do anno seguinte outro decreto provia-o definitivamente na qualidade de lente ordinario. O corpo docente deu-lhe um documento da sua confiança, convidando-o a preencher as funcções de seu secretario no anno de 1866 a 1867. N'este mesmo anno recebeu o diploma de socio correspondente da academia real de Bruxellas, e foi designado para um dos logares do jury internacional da exposição universal de Paris na secção de bellas artes, distincção a que não seria talvez estranho o seu bello artigo sobre as exposições de quadros em Gand e Bruxellas, publicado na *Flandres liberal*. Os testemunhos de estima e os premios merecidos estimularam o amor da sciencia no animo do sr. de Laveleye, e cada dia mais activo e mais applicado concentrou de todo a sua existencia

no culto exclusivo das letras. Aos estudos theoricos, continuados com pasmosa assiduidade, juncton repetidas viagens ao estrangeiro, visitando a Inglaterra, a Allemanha, a Italia, a Suissa, e nos ultimos tempos a Hespanha e Portugal. Observador instruido e perspicaz soube colher de suas largas peregrinações todos os fructos, que ellas podiam offerecer a um espirito curioso, vigilante, e tão extenso, como profundo, no exame e avaliação dos factos sociaes e economicos. O ensino da sua cadeira e as obras estampadas depois affirmam este notavel aperfeiçoamento no caracter essencialmente practico e no interesse animado pelas licções da actualidade, que realçam a affirmação das idéas, cujas demonstrações tem sido incansavel em proseguir e variar. O instituto de França patenteou-lhe a sua consideração, elegendo-o socio correspondente em maio de 1869. A academia real das sciencias de Lisboa conferiu-lhe tambem o diploma de seu correspondente. O rei da Belgica condecorou-o com o grau de cavalleiro da ordem de Leopoldo, e o rei de Portugal deu-lhe a commenda da ordem de S. Thiago do merito scientifico e litterario. Este consenso de nacionaes e estrangeiros explica-se pela justa popularidade do nome do sr. de Laveleye, e pela utilidade e merecimento practico dos seus escriptos. E' glorioso assistir assim em vida a provas tão relevantes de acceitação. Os contemporaneos precedem e annunciam o juizo da posteridade. —

II

Traçados rapidamente, como acabâmos de os esboçar, os lineamentos principaes da existencia do professor, do erudito, e do economista, cumpre-nos dar uma idéa abbreviada dos seus escriptos mais importantes, deixando, para os considerarmos mais em especial, os que se referem aos estudos de economia rural, assumpto que muito de perto nos interessa, tanto pela indole do livro, que a traducção portugueza a que estas linhas servem de prologo, aspira a vulgarizar, como pela influencia civilizadora, que obras destinadas a descreverem os esforços de outros povos na ardua missão de fecundar a terra, devem necessariamente exercer, como exemplo, como exposição dos resultados, e como incentivo para alentar a iniciativa de commettimentos analogos. Nos bellos livros dos srs. de Lavergne e de Laveleye aprende-se mais, reflectindo e comparando, do que na leitura desamparada dos tractados theoricos, que elles resumem aliás e esclarecem, mostrando como a experiencia confirma, engeita, ou modifica as especulações agronomicas em relação a cada paiz no theatro practico da sua lavoura e da sua actividade.

A memoria, premiada em 1844 ácerca da *Lingua e da historia da litteratura provençal*, composta, quando o auctor contava pouco mais de vinte e dois annos, é um tra-

balho extenso, em que se revelam já grandes poderes de erudição e eminentes faculdades criticas. Começando pela indagação da origem e das manifestações da lingua provençal qualifica os systemas italico, latino, latino-germanico e aborigine, e assenta sobre as premissas deduzidas a sua opinião, notando com motivo, que para propor a solução satisfactoria e completa não bastava assignar á lingua-romance-provençal procedencias conformes com as indicações historicas e com a analyse etymologica; mas era indispensavel architectar um systema, que explicasse a formação dos outros idiomas neo-latinos e as intimas e multiplicadas relações, que a sciencia inculca entre os dialectos da Hespanha, das Gallias do norte, e do meio dia, da Italia, e de parte da Suissa e da Valaquia. Para estabelecer o criterio ácerca da legitimidade das nascentes attribuidas á lingua provençal nota a necessidade de serem individualmente apreciados os elementos primitivos, iberos, celtas, phenicios e gregos, e a sua constituição. De todos estes subsidios, devidamente aquilatados, é que derivam as leis da formação do romance provençal e o systema grammatical por que elle se regia. A historia do seu desenvolvimento acompanha a theoria como prova e como commentario.

Não representa investigações menos laboriosas, nem desmente a agudeza natural dos juizos litterarios a segunda parte da memoria, que tracta da litteratura provençal.

Principia pela enumeração dos seus caracteres peculiares, e expõe em seguida a theoria dos amores, da cortezia, do valor e dos galanteios da epocha cavalheiresa, e a indole especial do sentimento religioso, e do modo de interpretar a natureza. Este preludio critico serve de prologo ao exame das origens da epopeia provençal, ao da sua transformação, e ao da composição dos romances, e em particular os romances historicos nas duas divisões ou cyclos capitaes, o das guerras contra os sarracenos, e o da resistencia do meio dia contra o norte das Gallias, representados pelo romance de *Ferrabraz* em 5:098 versos alexandrinos, e pelos poemas dos seculos x e xi o *Waltherius* e o *Gerardo do Roussillon*, que une no mesmo quadro a guerra de Eudes de Aquitania contra Carlos Martrault e do verdadeiro *Gerardo* contra Carlos, o Calvo. O auctor passa depois ao estudo dos poemas didacticos e religiosos, e nos romances puramente imaginosos descobre e cita as origens celticas, assim como aponta a influencia latina e arabe na inspiração da poesia lyrica, terminando por julgar a valia e a significação d'ella, e por analyzar as fórmas especiaes de toda a litteratura provençal.

A ultima parte é destinada a indicar a acção da lingua e da litteratura provençal sobre parte da Hespanha e da Italia nos seculos xi e xii. Depois de perguntar se a similhança do italiano e do hespanhol com o provençal é um resultado da influencia d'aquella

lingua, e de discutir as difficuldades que a pergunta envolve, á luz da critica e da sciencia, o sr. de Laveleye passa a determinar a maneira por que os jograes na poesia popular e os trovadores na poesia feudal, cantando nas duas peninsulas italica e iberica, concorreram para se estreitarem as relações dos povos; para se introduzir a gaia sciencia, e para se dilatarem as suas conquistas. As auctoridades invocadas pelo auctor, a variedade e o acerto de suas observações, e a firmeza com que trilha o seu caminho por entre uma verdadeira selva de hypotheses e de objecções oppostas, denunciam logo nos primeiros passos o athleta fadado a luctar e a vencer. O sr. de Laveleye, escrevendo esta memoria, que saiu um bello livro, provou que se estreiava na liça coberto das armas mais finas e bem temperadas da erudição moderna e que na edade, em que outros balbuciam apenas as primeiras noções, a sua intelligencia educada com estudos solidos e profundos já possuia quasi todos os segredos da idéa e da fórma.

A serie de artigos de critica economica, religiosa e litteraria, publicada entre os annos de 1856 e 1859 na *Libre recherche*, revista fundada em Bruxellas pelo sr. Pascal Duprat, e na *Revue trimestrielle*, e colligidos posteriormente em um volume com o titulo de *Questões contemporaneas* [1], veiu acabar de confirmar

[1] *As Questões contemporaneas* comprehendem os arti-

a reputação de distincto escriptor, que seus primeiros ensaios haviam grangeado ao sr. de Laveleye. As materias discutidas n'esses artigos recommendam-se pelo interesse actual e pela maneira lucida e incisiva com que são expostas. A critica e a sciencia mais escrupulosa competiram nas paginas do jornal e do livro com a inspiração dos grandes principios de liberdade, de tolerancia e de progresso, divisa do nosso seculo, e que no futuro hão de fazer a sua gloria. Empregando com vantagem o argumento dos factos e das leis historicas, o publicista e o economista raras vezes se aparta do terreno practico, e quasi nunca se deixa arrebatar inteiramente para fóra d'elle. Desenhando com vigor a physionomia da questão religiosa nos paizes catholicos diz a verdade toda, mas sem deslisar da apreciação serena. Nem a ira, nem a indignação lhe offuscam a mente, ou lhe empanam a vista. Do ponto elevado, em que se colloca, descobre todos os horizontes, e com um sopro rasga e dispersa as nuvens, que escurecem parte d'elles. O mesmo póde asseverar-se em referencia aos artigos sobre o *Futuro do Catholicismo*, sobre a *Reforma catholica* e sobre o *Partido catholico na Belgica*.

O auctor, contemplando a questão religio-

gos seguintes: *La réforme catholique*, *La question religieuse dans les pays catholiques*, *L'avenir du catholicisme*, *Le communisme*, *Du progrés des peuples anglo-saxons*, *Les coulisses d'un grand règne*.

sa da epocha por estes aspectos, e avivando em cada um d'elles as feições mais proeminentes, sabe acautelar-se do perigo das exagerações, e conservar-se dentro dos limites da justiça e da verdade. O sr. de Laveleye, compondo estes artigos, propoz-se examinar um ponto delicado e de summa importancia social. Podem os homens viver sem religião, ou pelo menos sem um culto, e, não podendo, quaes deverão ser no porvir a religião e o culto? O eminente historiador Macaulay enunciou sobre este assumpto um parecer desconsolador. Ha pouca ou nenhuma esperança de progresso religioso, e tudo faz suppor, que, mesmo entre as nações christãs, a superstição nunca ha de abdicar o seu imperio sobre as almas. O sr. de Laveleye cita e commenta a opinião do auctor da *Historia de Inglaterra*, e, seguindo o methodo da demonstração directa, chama a juizo o passado e o presente, ouve o depoimento de ambos, e julga depois. As religiões não tendem a desapparecer, como alguns cuidam. A fé é um elemento essencial da natureza humana, assim como a rasão. As religiões existirão emquanto a humanidade existir. Mas uma transformação profunda e inevitavel se prepara, e todos os prenuncios a proclamam. Qual seja, e como se realizará, é o segredo do porvir, e o que a philosophia da historia sómente póde affirmar é que essa modificação ha de nascer do christianismo como o christianismo mesmo procedeu do passado. Este conceito do sr. Laurent nos seus *Estudos so-*

bre a historia da humanidade, encerra uma das conclusões que o sr. de Laveleye deduz do exame attento e profundo da questão. Tambem elle entende, que no futuro o christianismo e a philosophia, unidos, mas não como queria o eclectismo, hão de assegurar a victoria definitiva da rasão e da liberdade.

Os outros artigos incluidos no volume não são menos instructivos. Tractam de materias economicas e de questões politicas e litterarias. O *Communismo* e o *Progresso dos povos anglo-saxonios* pertencem á primeira classe, *Um grande reinado visto dos bastidores*, e o *Movimento litterario da França desde 1830* entram na segunda. No artigo sobre o *Communismo*, o sr. de Laveleye avalia os diversos systemas, e analyza ao menos tempo algumas das proposições do sr. Thiers no seu livro ácerca da *Propriedade*. Sem concordar plenamente com o illustre historiador, conclue que as differentes escholas communistas se apartam tanto de tudo o que existe, e fazem tão pouco caso das difficuldades, que é impossivel colher d'ellas meios practicos de reformar as iniquidades da existencia social. Considera fundadas, e por vezes até eloquentes, algumas censuras á organização actual; e admitte que despertem o desejo ardente de ver os abusos corrigidos; porém entende que a sua acção não póde, nem deve ir mais longe.

No estudo ácerca do *Progresso dos povos anglo-saxonios* abre-se theatro mais vasto, e a tela do quadro desdobrado n'elle é muito

mais larga. Attribuindo á influencia da religião reformada a superioridade adquirida desde o seculo XVI pelas nações da raça germanica, o auctor pinta em rapidos e vivos traços o estado da Gran-Bretanha no começo do reinado de Izabel Tudor, descreve a sua transformação successiva, regista o seu maravilhoso engrandecimento, e nota ao mesmo tempo a decadencia da Hespanha desde o governo de Filippe II. São curiosos os factos, e expressivos os algarismos adduzidos em defeza d'esta these. A Inglaterra, pouco antes de Izabel, segundo o testemunho de Guicciardini, não contava mais de 2 a 3 milhões de habitantes, menos do que hoje encerra Londres. Quasi que não tinha marinha, e todo o commercio corria pelos navios da Liga Hanseatica e dos estados de Flandres. Os fabricantes mais habeis e os melhores artifices eram flamengos. Só na capital trabalhavam mais de 15:000. Exportava as materias primas, a lã, o estanho, os cereaes, e a pelles para os Paizes Baixos, e recebia em troca artigos manufacturados, tecidos, pannos, armas e metaes. O seu capital correspondia. A terra, que hoje empresta 2:000 milhões de francos aos dois mundos, e que subsidia com o seu dinheiro a construcção de tres quartas partes dos caminhos de ferro do globo, em 1557, nos dias da rainha Maria Tudor, levantava 30:000 libras sterlinas em Anvers com o juro de 14 por cento, e assim mesmo sobre a garantia da cidade de Londres! A agricultura jazia no maior

atrazo, e o povo comia pão de centeio. Foram os flamengos que ensinaram os lavradores britannicos a aproveitar o solo, e a cultivar productos variados, nabos, cenouras, lupulo, e muitos legumes e hortaliças.

Dois a tres milhões de almas em uma ilha quasi selvagem e coberta de nevoas, sem marinha, sem commercio, sem industria, sem capitaes, sem colonias e sem aptidão para accumular e trocar as riquezas, eis a condição da futura senhora dos mares, logo depois da morte de Henrique VIII. A Hespanha, em opposição, parecia conter todas as opulencias. Possuia Portugal, a parte mais bella de Italia, e os Paizes Baixos, os paizes mais ricos, negociosos e allumiados do mundo antigo. No mundo novo dominava quasi todos os territorios conhecidos. Na Asia e na Africa a sua bandeira cobria magnificas possessões. Por ultimo as naus da India e os galeões da America recolhiam-se á metropole pejados de ouro. Suas armadas varriam o oceano, e o sol nunca se escondia em seus immensos dominios. Decorreram dois seculos. A Hespanha decaíu, e a Gran-Bretanha substituiu-a, adeantando os progressos na razão directa da declinação da monarchia de Carlos V. Como se operou a profunda mudança, que necessariamente envolve uma grande lição historica? O sr. de Laveleye attribue-a á indole, costumes e tendencias do povo anglo-saxonio, á sua rara aptidão para o trabalho perseverante, ao amor da liberdade, e ao governo do paiz pelo paiz,

assim como ao espirito de associação. Mas a raiz d'estas qualidades admiraveis aonde está? Na primitiva rijeza do caracter e da raça, ou nas crenças e no modo de viver e de sentir? A opinião do auctor inclina-se para a influencia das crenças religiosas, e, sustentando que o culto reformado, em toda a parte aonde se firmou, produziu effeitos analogos, allega muitos factos em abono da asserção. A seu ver, e prova-o, os povos emancipados de Roma sobresáem como cultivadores, como fabricantes, e como agentes mercantis, ao passo que os povos sujeitos ao catholicismo rigido esmorecem, sentem as forças attenuadas, e em todas as manifestações revelam uma grande inferioridade.

No artigo, que denominou *Um grande reinado visto dos bastidores*, o sr. de Laveleye, valendo-se dos argumentos ministrados pela *Correspondencia administrativa do tempo de Luiz XIV*, publicada por ordem da secretaria da instrucção publica, combate o preconceito vulgar, não só em França, mas entre nós tambem, de exaltar o passado e de deprimir o presente. Depois de descrever o reinado de Luiz XIV como a historia o representa, grandioso, regular e solemne, uma especie de olympo baixado á terra, e de nos mostrar o rei, no meio da sua côrte, rodeado dos seus duques, principes, pares e cortesãos, similhante a Jupiter, presidindo a assembléa dos immortaes no templo de Versailles, desce ás cryptas do edificio monarchico, e, á luz do facho

da verdade, acceso por mãos insuspeitas, descobre as oppressões, os vicios, os abusos, as torpezas, as miserias e o lodo escondidos debaixo do manto de purpura recamado de ouro pelos lavores da adulação. Visto de perto e com a expressão natural como o colosso diminue e se acanha! A nobreza não se envergonha de furtar ao jogo, e de se associar aos falsarios e aos moedeiros falsos para engrossar os redditos. Fidalgos distinctos honram-se de serem intermediarios publicos dos amores reaes, e outros, ainda menos escrupulosos, especulam com a propria infamia. Espancar os credores, delatar os protestantes ricos, pedir os bens sequestrados, e roubar com mão armada nas provincias eram feitos, que não desdouravam os brazões mais antigos, e que a clemencia do soberano quasi sempre perdoava.

Qual foi a sorte do povo e das classes medias n'aquella imaginaria edade de ouro? A liberdade de pensamento e de consciencia, punida como delicto atroz, via as portas da Bastilha e das prisões sempre abertas para a castigarem. O *Telemaco*, prohibido como um livro nocivo, incorria nas iras do grande rei; o *Projecto de uma decima real* de Vauban attrahia aos livreiros, que o reimprimiam, severas perseguições. A *Gazeta de Hollanda*, e immensos opusculos e obras, inscriptos no indice expurgatorio dos ministros, eram apprehendidos e lacerados apenas passavam as fronteiras. A intolerancia contra os protestantes é attes-

tada n'este reinado pelos actos mais cruentos. A liberdade de industria não padecia menos manietada pelos regulamentos e immolada ás idéas de protecção absurda e exclusiva. O povo morria de fome, a lavoura e as artes fabris decaíam, e o desenvolvimento da riqueza paralyzado pelas leis e pelas guerras estancava-se de todo. Eis a pintura exacta das felicidades do poder despotico. Em Portugal succedia quasi o mesmo. Os que se queixam da actualidade, e sonham com o passado, podem comparar. Duvidâmos que levem a saudade ao ponto de quererem trocar aquelles tristes dias pelos nossos.

III

Os annos posteriores a estas publicações não correram menos occupados para o sr. de Laveleye. Continuou n'elles a versar com mão diurna e nocturna os assumptos economicos e os litterarios, tornando cada vez mais util e mais practica a direcção das suas idéas. Em 1860, a questão monetaria da Belgica chamou a sua attenção; e, tomando por base o relatorio do ministro da fazenda, datado de 20 de agosto de 1859, declarou-se contra a idéa de se desamoedar a prata, procurando convencer a todos, de que, sendo identicos os systemas monetarios na França e na sua patria, a moeda não podia, nem devia ser diversa, concluindo em favor do curso legal do ouro. Os argumentos, em que fundou esta opi-

nião, firmaram-se na theoria e nos exemplos mais acceitos. Os negociantes, os fabricantes e quasi todos os cidadãos queixam-se do estado actual da circulação monetaria, diz o auctor. Porque? Porque a moeda de prata não cursa em quantidade sufficiente, e são obrigadas, por isso, a valerem-se da moeda de onro franceza. Mas esta, como não é recebida em todos os pagamentos, e como o seu valor é variavel, constitue um pessimo instrumento de troca. Que remedio convirá adoptar para vencer o embaraço? Cunhar mais moedas de 5 francos, o que não se faz, e recusarem todos sem excepção o ouro, sob pena do ouro expulsar inteiramente a prata. D'estas premissas deduz o sr. de Laveleye a vantagem de se restaurar a antiga legislação sobre a moeda, reputando este arbitrio o modo mais opportuno de occorrer ás necessidades da epocha.[1]

Outro opusculo, dado á luz em 1857 com o titulo de *Estudos historicos e criticos sobre o principio e as consequencias da liberdade do commercio internacional*,[2] veiu provar a extensão dos conhecimentos do sr. de Laveleye e a firmeza do seu juizo critico. O fim d'esta obra foi esboçar com rapidez a historia da

[1] *La question de l'or en Belgique*, opusculo de 81 paginas.

[2] *Études historiques et critiques sur le principe et les conséquences de la liberté du commerce international*, 1857.

idéa da liberdade do commercio, apreciando os argumentos dos principaes economistas, que a exaltaram. D'este exame conclue o auctor, que elles, contra o que geralmente se cuida, acharam mais apoios nos factos, do que na theoria, e que será bom seguir-lhes o voto, pondo até certo ponto de parte os raciocinios. O desenho do plano do livro denuncia a reflexão com que foi composto. Depois de indicar os lineamentos do systema mercantil e a verdadeira significação da protecção, como a concebia o ministro Colbert, o sr. de Laveleye aponta entre os defensores da livre troca João de Witt, o marechal Vauban, e Boisguilbert, grandes nomes em defeza de uma causa justa. Cita e avalia as opiniões da eschola physiocrata, as de Adam Smith, as de Say, e de Bastiat, e logo após as de Frederico List, Stuart Mill, Huet, Garnier, Proudhon. Entrando no amago da questão, invoca o exemplo da Inglaterra para mostrar como o commercio internacional póde determinar uma diversa distribuição do trabalho, expõe as preferencias da livre troca, rejeita as idéas proteccionistas, e em conclusão sustenta, que ella, em vez de ser nociva á prosperidade dos estados, a desenvolve, augmentando a acção productiva, unindo as nações, desviando as eventualidades de guerra, restituindo as industrias e o commercio ás suas posições naturaes, e assegurando aos povos as vantagens importantes da divisão e da especialidade do trabalho. O opusculo termina por excellentes

conselhos aos paizes, aonde prevalece o systema protector, dictado pelos sentimentos mais generosos em beneficio da humanidade, em geral, e das classes laboriosas em particular. «A união de todos os membros da familia humana, escreve o auctor encerrando o seu livro, tende a consumar-se, e pende manifestamente dos designios da Providencia. Todos os factos cooperam para ella. O regimen protector levanta-se contra como obstaculo, e por isso deve ser eliminado, e tem de desapparecer.»

Alguns escriptos estampados ácerca de assumptos valiosos em si e pelo interesse immediato, seguiram os que acabámos de mencionar. Entre elles avultam o estudo ácerca da obra composta pelos srs. Fisco e Vanderstraeten, sobre os impostos locaes da Inglaterra, publicado na *Revista britannica*, de 1860, o estudo sobre os bancos populares da Allemanha, inserido no mesmo jornal em 1861, e um artigo sobre os partidos da Belgica na *Revista dos dois mundos* de 1864. O trabalho ácerca da moeda internacional, acompanhando o projecto de convenção monetaria, saíu á luz na *Revista dos dois mundos* de 1867, e merece ser consultado pelos estadistas, porque encerra subsidios e indicações de inquestionavel alcance [1].

[1] *Étude sur le livre de mrs. Fisco et Vanderstraeten; Les taxes locales en Anglaterre; Étude sur les banques populaires en Allemagne; Les partis en Belgique; La monnaie internationale; Projet de convention monétaire.*

Duas publicações de certo vulto ácerca do ensino haviam anteriormente rasgado na carreira do auctor mais uma das bellas e largas estradas, que elle se compraz em traçar á sua actividade, sempre que depois as conveniencias sociaes estimulam o seu empenho. Alludimos ao escripto impresso em 1858, com o titulo de *Discussão sobre a organização da instrucção primaria nas côrtes hollandezas*, e ao opusculo ácerca do *Ensino obrigatorio*, em que o auctor expõe com o costumado vigor e clareza todos os argumentos em abono d'este systema. Estas duas obras precederam os quatro artigos estampados em 1865 e 1866 na *Revista dos dois mundos* sobre o *Ensino do povo no seculo* XIX, artigos em que o sr. de Laveleye, por meio de um estudo comparativo do systema de instrucção primaria em vigor nas principaes nações civilizadas, affirma e defende a necessidade de se diffundirem as luzes por todas as classes, vendo n'ellas o unico modo efficaz de prevenir as crises moraes. Estes artigos traduzidos em hollandez, em sueco, e só em parte na lingua portugueza causaram grande sensação, e estão hoje colligidos em um volume [1].

As reflexões que exprimem o pensamento do auctor, instando pela utilidade de uma transformação immediata na maneira de con-

[1] *Débats sur l'organisation de l'enseignement primaire dans les chambres hollandaises*, Gand, 1858; *L'enseignement obligatoire*, Bruxelles, 1859.

siderar o ensino, e de obter a sua vulgarização, são tão elevadas e profundas, e ao mesmo passo tão evidentes, que o convencimento nasce da leitura, e se robustece em cada demonstração. Poucas vezes se terá escripto sobre materia tão alta com egual amor da verdade, com maior imparcialidade, e com uma singeleza de phrase mais elegante e persuasiva. As sementes lançadas pelo auctor não caíram sobre espinhos, e um dia, bem cedo, até os governos mais impenitentes, advertidos do perigo, hão de riscar dos orçamentos alguns centenares de contos réis sacrificados á esterilidade das pompas militares, e applical-os á eschola da infancia e dos adultos, á mestra humilde, porém mais influente do que os exercitos e os canhões, para manter a paz domestica pela illustração das multidões, cuja rudeza foi, e ha de sempre continuar a ser, o precipicio da liberdade.

Meditando as paginas instructivas, consagradas pelo sr. de Laveleye a esta questão momentosa, é impossivel deixarmos de o acompanhar nas apprehensões e nas esperanças. O relatorio do ministro do imperio francez, o sr. Duruy, declarando com louvavel arrojo o mau estado do ensino primario, e a urgencia de profundas reformas n'elle, os escriptos do sr. Reyntiens sobre este ensino e o profisssional na Inglaterra e na Irlanda [1], os

[1] *L'Enseignement primaire et professionel en Angleterre et en Irlande, par M. N. Reyntiens*, Paris, 1864.

esforços constantes empregados na Belgica, na Hollanda e na Prussia para o melhorar e diffundir, provam, como observou o secretario d'estado da instrucção publica do reino de Italia, o sr. Nicoli, que ha muito que tentar ainda para se emanciparem as populações da ignorancia que as entorpece, e para as habilitarmos a corresponderem aos deveres e aos novos destinos creados pelas instituições modernas e pelo desenvolvimento das idéas democraticas. Em toda a parte, incluindo a Russia, a Australia, o Canadá, o Chili e o Brazil, nos paizes de origem latina, ou de origem germanica, o progresso lento das escholas preoccupa os governos, e em toda a parte se estuda o modo prompto e practico de tornar o ensino accessivel e mesmo obrigatorio para as classes populares, quasi desherdadas d'elle ha poucos annos, aperfeiçoando os methodos, organizando a instrucção normal, multiplicando as escholas, elevando a profissão do professorado, e não poupando diligencias e sacrificios pecuniarios para vencer o atrazo relativo e estimular os melhoramentos.

A França, gastando perto de 6.000:000$000 reis annuaes julgava-se muito inferior ao que exigiam as necessidades da instrucção primaria, e queixava-se da sua deficiencia. A Belgica, recenseando 4.700:000 habitantes, contava em 1860 3:840 escholas publicas, e suppunha-se ainda longe, com motivo tambem, do que devia realizar, gastando por anno réis 1.200:000$000. A Suissa tem uma aula para

400 habitantes. A Hollanda 2.500 concorridas por 300:000 alumnos. A Inglaterra junctou á larguissima dotação de quasi 6.000:000$000 réis constituida pelas parochia pelos particulares, pelos condados e por outros estabelecimentos e fundações de diversa natureza um subsidio de 2.600:000$000 réis A Prussia, finalmente, sustentava mais de 24:760 escholas; e remunerava os mestres com 6.660:000$000 réis. Portugal em 1866 não excedia o numero, mais do que modesto, de 2.000, e não arruinava de certo a sua fazenda dispendendo com ellas 240:000$000 reis!

Estes algarismos são eloquentes, e os exemplos actuaes da Prussia bem o attestam. Monarchia militar soube converter em armas de guerra e em instrumentos aperfeiçoados de conquista a superioridade da instrucção do povo e os seus grandes progressos scientificos. A campanha de Sadowa e as vantagens da lucta recente com a França explicam-se em parte pela educação cuidadosa das gerações destinadas a pelejarem pelo cumprimento do que os illuminados germanicos chamam a missão providencial da Allemanha. Só uma cegueira moral incuravel se negará a confessar, que o futuro das nações depende hoje do seu grau de cultura intellectual. O sr. de Laveleye insiste bastante sobre este ponto essencial e com toda a razão. Quando Bacon (diz elle) escrevia a phrase admiravel: *knowledge is power*, sciencia é poder, via o porvír com os olhos de um propheta. Nada mais exacto,

principalmente na esphera economica. A sciencia, apropriada á producção da riqueza reina sobre a materia, subjugada, abbrevia ou falicita o trabalho, e augmenta quasi indefinidamente as suas faculdades. No futuro, o povo mais rico, e por isso mesmo mais poderoso, será aquelle que animar a industria com maior somma de forças intelligentes. Um povo, para produzir muito, e para dispor judiciosamente dos seus multiplicados productos, carece de ser allumiado. Nos Estados Unidos os fabricantes não temem a concorrencia da Europa, apesar de pagarem aos operarios, dobrado salario. E' porque os operarios, assás instruidos trabalham mais depressa e melhor, e sabem aproveitar-se de todo o auxilio das machinas.

Os argumentos deduzidos das manifestações politicas não são menos concluentes. A democracia caminha, e a egualdade não só conquista as republicas, mas as monarchias. Cresce o numero de eleitores, e augmenta a sua influencia no governo de anno para anno. A França proclamou o suffragio universal, e a oligarchia ingleza foi obrigada a abrir a urna do escrutinio a classes anteriormente excluidas d'ella. Este movimento quasi geral adeanta-se irresistivel, e não ha freio capaz de o conter. Cumpre encaminhal-o, portanto, e alcançar pelos meios opportunos, que a ampliação do voto nasça dos progressos da rasão. O suffragio lato, concedido a um povo ignorante, observa, fundado na experiencia, o sr. de

Laveleye, servirá só para o despenhar na anarchia, e depois no despotismo. Os povos esclarecidos sómente é que podem ser verdadeiramente livres, porque só elles saberão usar dos seus direitos no interesse proprio e no da civilização. Os poderes arbitrarios, ou usurpadores, invocam sempre como pretexto a fraqueza da rasão publica. Se ao tempo, que se generaliza no seio das classes populares, accrescenta o auctor, a necessidade e a sêde de melhores condições de existencia, as luzes e a moralidade se não dilatarem a par, inspirando a uns o culto da justiça, e aos outros a paciencia, que sabe aguardar as reformas pacificas, e se as classes superiores continuarem a monopolizar a instrucção e a riqueza, emquanto as inferiores gemem submersas nas trevas da ignorancia e da miseria, é muito para receiar que a inveja e o egoismo suscitem cruentos conflictos.

Postos estes principios, o sr. de Laveleye começa por nos expor o quadro dos mais legitimos adeantamentos no ensino primario, e cita, como exemplo, quatro nações, que podem com orgulho asseverar, que todos os seus filhos sabem ler. São a Allemanha do Norte, a Noruega, a Suissa, e os Estados Unidos da America, e estes com a superioridade, não só de todos os cidadãos saberem ler, mas de lerem constantemente para se instruirem ou para se recrearem, habilitando-se assim para tomarem parte na gerencia dos negocios publicos, para a mais proficua direcção de traba-

lho e para a mais perfeita educação religiosa. A União imprime duas vezes mais do que outro qualquer estado, e gasta mais papel, do que a França e a Inglaterra juntas. O numero dos assignantes dos jornaes dividido pelo dos habitantes dá mais de uma assignatura por familia. As folhas diarias tiram centos de mil exemplares. E' que na America a leitura não significa só um habito quotidiano, significa muito mais, porque é a condição essencial da firmeza das instituições. A sua energia na ultima guerra levantou em quatro annos 2 milhões de soldados, e 20:000 milhões de francos, sem que o peso d'estes encargos e sacrificios, que nunca padecêra, excitasse impaciencias phreneticas ou desalentos perigosos.

A instrucção primaria, base d'esta grandeza moral, compete aos municipios, obrigados pela lei a sustentarem em suas circumscripções as escholas precisas para todas as creanças em edade de receber ensino. Commissões locaes de tres vogaes eleitos e independentes dirigem as escholas e respondem pelos seus actos perante a opinião publica. O conselho de instrucção publica *(board of instruction)* presidido pelo superintendente do ensino, eleva-se no centro de tudo sómente com a missão de esclarecer a legislatura e o paiz ácerca do aperfeiçoamento escholar. O numero das mestras é muito superior ao dos professores nas aulas do sexo masculino. Percebem menor ordenado e reputam-se melhores educadoras. O

sr. de Laveleye duvida, de que no continente exista uma potencia, que possa imitar esta organização livre e abençoada pelos resultados. A União considera a instrucção popular como um grande serviço publico, como uma divida social, e os homens mais distinctos honram-se de terem sido mestres primarios. Concordâmos plenamente com o illustre publicista. O systema americano, transplantado para fóra das idéas e dos costumes a que deve a sua prosperidade, não produziria senão maus fructos. Mas por outro lado é já occasião de alargarmos os laços centralizadores, que fazem derivar toda a acção de uma vontade unica. E' tempo de acabarmos com a tutela rigorosa, que annulla todas as manifestações espontaneas. O ensino do povo é uma obra nacional, diz o sr. de Laveleye com muita rasão. Convém, por isso, que todos contribuam para ella, que todos se occupem do seu progresso, e que ninguem fique indifferente, negando-lhe o impulso individual e collectivo, de que tanto carece para prosperar.

IV

No mesmo anno (1869), em que se concluia na *Revista dos dois mundos* a publicação dos artigos dedicados a descreverem o *Estado politico e economico da Allemanha depois da guerra de 1866*, obra de que nos havemos de occu-

par, quando apreciarmos os estudos ruraes do auctor, saía dos prelos do sr. Hachette um volume de *Estudos e ensaios* formado dos escriptos soltos inseridos tambem na *revista*, volume que attrahiu, e não podia deixar de attrahir, a attenção pela variedade e importancia dos assumptos e das informações, que encerrava. A's considerações ácerca da *Crise religiosa no seculo* XIX, e sobre os *Partidos da Belgica*, juntava o livro um bello trabalho de geographia economica relativo á viagem de circumnavegação da fragata austriaca *Novara* e aos relatorios do distincto sabio o sr. Von Scherzer, uma concisa e excellente noticia sobre o governo do *Rei constitucional Leopoldo I*, uma descripção do *Monte Rosa e dos Alpes Penninos*, e um esboço de pintura romantica intitulado *Marina*. A viagem da fragata *Novara*, emprehendida nos annos de 1857 a 1859, merece que nos demoremos um momento com ella pela grande copia de factos contemporaneos, que revelam os dois tomos compostos pelo sr Karl von Scherzer, firmados em uma quantidade prodigiosa de algarismos estatisticos e commerciaes methodicamente expostos.

A *Novara* visitou o imperio do Brazil, tão extenso como a Europa, e tão pouco povoado, que não contava mais de 8 milhões de almas, e d'estes sómente 1 milhão de habitantes de raça branca. O sr. von Scherzer entende que a emigração para aquellas regiões nunca ha de tomar verdadeiro incremento, emquan-

to a escravidão e a *parceria*, especie de servidão dos europeus, continuarem. Nota nos ultimos annos consideravel augmento na producção do café, e visivel declinação na das outras plantações. O café introduzido em 1762 pelo marquez do Lavradio ainda em 1810 só dava colheitas insignificantes. Hoje representa mais de metade da colheita do mundo, 200 milhões de kilos. A cultura de canna doce baixou muito, decaindo na totalidade de 150 a 75 milhões de kilos, pouco mais da trigesima parte, da producção do assuccar no globo. O algodão progrediu. O valor da sua exportação elevou-se em 1865 a 75 milhões de francos, mas quasi todos os outros productos, o arroz, o tabaco, o anil, a cochonilla, a pimenta, os metaes preciosos, e os diamantes, perderam muito da antiga importancia. Em 1862 as exportações do imperio montaram a 337 milhões de francos e as importações a 310. Metade d'este movimento mercantil foi com a Inglaterra. As opiniões do sr. Von Scherzer não se mostram favoraveis ao Brazil, attribuindo uma das principaes causas da paralyzação ao modo por que a terra é explorada, á forma da cultura flagellada pelos allemães com a denominação expressiva de *raub-cultur*, cultura depredativa ou cultura-roubo. O sr. Carlos von Scherzer deu-nos a descripção exacta d'elle. Consiste em disfructar a força vegetativa do solo, e em desamparar a terra depois de exgotada. A falta de madeira, a disseminação das familias

e dos casaes, e o despovoamento do interior do paiz castigam este errado e funesto systema.

O quadro dos melhoramentos, que a *Novara* encontrou na colonia ingleza do Cabo da Boa Esperança, contrasta com o da situação economica e rural do Brazil, e prova o que póde realizar a aptidão de uma raça laboriosa e perseverante. A população calcula-se em 300:000 habitantes, metade brancos, e a fonte mais rica da sua opulencia deriva-se dos rebanhos de carneiros, que n'aquelle clima secco dão vélos de excellente lã. A exportação cresce de anno para anno. Em 1854 não, excedia 4 milhões de kilos. Em 1865 passou de 18. A valia total das exportações quadruplicou em quinze annos. Em 1850 orçava por 636:833 libras esterlinas, e em 1864 subiu a 2.395:673. Casas commodas e risonhas, boas as estradas, bancos de desconto, rebanhos de 3 e 4 mil carneiros, sem contar as cabeças vaccuns e cavallares, abonam a solida prosperidade do paiz. Nos arredores da cidade de Constança residem ainda os descendentes dos refugiados francezes a quem o Cabo deveu a cultura de suas afamadas cepas. As qualidades mais finas de vinhos tintos e brancos vendem-se por 4 francos o litro, e as ordinarias, muito similhantes ao Xerez, por 1 franco e 50 centesimos. Em 1859 a exportação para Inglaterra valeu 4 milhões de francos. Não nos deteremos a registar as outras informações colhidas pelo

sr. Von Scherzer ácerca de muitas localidades, cujos progressos admiraveis attestam a superioridade da raça anglo-saxonia, como raça colonizadora. Levar-nos-ia muito longe dos limites, que nos propozemos mesmo uma noticia resumida dos resultados geraes.

Em 1861 occupava-se o sr. de Laveleye em dar a ultima lima á sua traducção dos *Nibelungen* em um volume, e á da *Saga dos Nibelungen nos Eddas e no norte da Escandinavia*, versão precedida de um *Estudo sobre a formação das epopeias nacionaes*. Em 1860 a *Revista germanica* tinha já estampado um largo artigo da mesma penna ácerca da *Formação da epopeia germanica*. Este bello trabalho, demonstrando a profunda erudição do auctor, e a clareza e penetração da sua analyse critica, veiu revelar aos leitores francezes a existencia de thesouros litterarios, de que as investigações de Ampère lhe não havia podido ministrar senão uma idéa muitas vezes inexacta e quasi sempre incompleta. O sr. Edgar Quinet na sua *Historia da poesia*, depois de examinar o merecimento das hypotheses de Wolf e de Niebuhr ácerca dos poemas de Homero e da imaginaria epopeia plebeia dos romanos, e de se ter declarado contra ambas, apontando as causas de decadencia poetica e seus differentes caracteres nas antigas e modernas litteraturas, indicára as verdadeiras origens da velha epopeia franceza, a importancia dos poemas cavalheirosos da meia edade e a sua unidade, e explicára as rasões por-

que o engenho francez rejeitára a tradição nacional e abraçára a imitação greco-latina, como os romanos tinham tambem abdicado toda a originalidade, seguindo os modelos hellenicos. N'este lago e instructivo exame da questão o sr. Edgar Quinet não podia deixar de comprehender a epopeia allemã e as tradições germanicas. As paginas consagradas á apreciação dos *Eddas* e dos primeiros elementos dos poemas dos *Nibelungen*, á theogonia dos barbaros e suas tradições populares, e por ultimo, ás opiniões dos auctores modernos sobre o assumpto, são paginas, que não poderá dispensar-se de consultar quem quizer formar com acerto seguro juizo ácerca d'elle, e o sr. de Laveleye, com a sua costumada imparcialidade, presta-lhes um testemunho merecido, observando, que as brilhantes e ousadas asserções do illustre professor na maior parte haviam sido mais vezes confirmadas, do que abaladas, pelas conclusões posteriores da critica.

A questão das origens da epopeia germanica suscitou na Allemanha debates não menos prolongados, do que a das origens da epopeia grega. Todos os annos se publicaram novos livros e opusculos sobre a these inexgotavel e todos os annos entravam na estacada novos campeões sustentando cada um na justa scientifica as opiniões a que mais se inclinava. O sr. de Laveleye enumera os escriptores mais distinctos das duas gerações de eruditos dedicadas á solução do problema, uns incan-

saveis na confrontação dos manuscriptos, na correcção do texto, e na interpretação de suas obscuridades, outros, não menos activos, e tambem infatigaveis na invenção das origens, nas conjecturas sobre o verdadeiro auctor, e na designação do paiz, aonde brotára a tradição epica, e a evolução se consummára. O sr. de Laveleye assenta com firmeza e desde logo as bases de sua critica. São só epopeias nacionaes as que, devendo a ultima fórma ao genio de um homem, nasceram todavia das faculdades poeticas de um povo, como a *Iliada* e os *Nibelungen*. A epopeia nacional representa, portanto, uma obra collectiva e democratica, e é sempre o monumento de uma raça e de uma nação.

O auctor julga difficil determinar com exactidão a epocha dos primeiros cantos da *Saga dos Nibelungen*, porque, remontando-se ao tempo em que os germanos ainda não tinham historia, faltam as indicações positivas. Entretanto suppõe provavel, que a parte heroica da tradição dos *Nibelungen* pertença ao IV ou ao V seculo. Como se formou no seio da raça germanica a tradição epica? Seguindo as leis, que presidiram sempre á sua organização. Primeiro vieram os cantos heroicos echo dos factos historicos, ou mais exacto, sensação viva d'esses factos na phantasia popular. Depois os cantos tomaram corpo, e desenharam uma figura, um nome conhecido. Siegfrid, por exemplo, Dietrich, ou Gunther, e os cyclos nasceram. Por ultimo os cyclos de origem e

de epochas diversas approximaram-se, e fundiram-se pela influencia de um mytho religioso, ou de um pensamento moral. O sr. de Laveleye estuda cuidadosamente esta phase, analyza o maravilhoso dos *Eddas*, inculca as feições mais notaveis do sentido mysterioso da tradição poetica, e da idéa moral que inspirou a lenda, e conclue que o poema dos *Nibelungen* confirma a theoria geral da formação das epopeias nacionaes, e esclarece ao mesmo tempo com novas luzes certos pontos até agora obscuros.

Provando, que se errou muito attribuindo exclusivamente á invenção individual dos homens superiores as grandes obras, manifestação do genio humano, mostra que esta opinião pecca em negar o trabalho preparatorio do pensamento collectivo do povo, elemento unico da sua possibilidade. As theorias absolutas, acrescenta, caíram deante do exame mais rigoroso dos factos. Se attestam, por um lado, que o engenho do poeta, por maior que seja a sua elevação, não póde tirar do nada e armar de todas as peças a epopeia nacional, e que só da imaginação do povo nascem os typos, a acção e o maravilhoso, filhos da sua fé e do seu enthusiasmo, por outra parte não é menos evidente, que só o genio individual está no caso de dar á obra collectiva, elaborada pelas multidões, a sua fórma definitiva, fundindo com feições duraveis a tradição, e salvando-a de se dissolver nas trevas dos seculos. Para ser justo e verdadeiro deve conceder-se ao

povo o que é d'elle, e aos poetas, como Eschylo, Sophocles, Corneille e Shakespeare, o que lhes pertence de direito. Dominado por estes principios, demonstrados com grande lucidez, o sr. de Laveleye discute entre outras a hypothese sustentada por Lachmann em harmonia com o systema de Wolf, e compara a formação e a redacção da epopeia allemã com o cyclo das tradições irlandezas. A imprensa de Alem-Rheno e os jornaes de França avaliaram com interesse os fundamentos e as deducções d'esta instructiva introducção; e o extenso e consciencioso artigo publicado na *Revista dos dois mundos* de 15 de dezembro de 1866 pelo sr. Alberto de Reville disse ácerca d'ella tudo o que mais importava enunciar-se, tractando de estudo tão laborioso e tão rico de subsidios e de idéas novas.

V

Vamos entrar na parte mais interessante para o nosso fim dos escriptos do sr. de Laveleye, n'aquella em que elle ostenta em todo o vigor, a par de eminentes faculdades de observação, copiosos cabedaes de sciencia practica. A economia politica tomou uma direcção que lhe assegura sobre o destino dos povos uma auctoridade muito mais proveitosa, do que a discussão muitas vezes esteril das formulas e das palavras, discussão que servirá só e com frequencia de tornar duvidosas para

muitos as verdades affirmadas pelos mestres e admittidas quasi geralmente. Assentados por estes os principios, o que mais cumpria aos successores era provarem a utilidade practica d'elles, não questionando, nem esgrimindo sobre distincções, ou subtilezas ociosas, mas averiguando as condições da vida dos differentes povos, e allumiando o seu estudo com o duplo facho da lição historica e da experiencia contemporanea. A sciencia economica, segundo nota o sr. de Laveleye, não aspira á exactidão dos axiomas mathematicos, como a algebra, ou a geometria, mas deve contemplar de perto, e do mais perto possivel, o homem, ente livre, perfectivel e sujeito á acção de motores diversos, que variam com as raças e com as epochas.

Ha annos que esta fecunda tendencia se manifestou, e os resultados todos os dias vão abonando as excellencias d'ella. Os trabalhos do sr. Roscher na Allemanha, os dos srs. Wolowski e Lavergne em França, os dos srs. Stuart Mill, Fawcett, Chadwick, Cliffe Leslie em Inglaterra, Jacini e Minghetti na Italia, Fermin Caballero na Hespanha, Emilio de Laveleye e Hardy de Beaulieu na Belgica, já produziram mais em beneficio do melhoramento das classes laboriosas e do desenvolvimento rural pela sua immediata apropriação e pelas vantagens actuaes, que encerra a comparação das forças productivas e a critica dos obstaculos que as paralyzam, do que muitos milhares de livros de polemica dogmatica, ou

de especulações mais ou menos nebulosas. Todos consultam as paginas da *Economia rural da Gran Bretanha*, e da *Economia rural da França* do sr. de Lavergne, e encontram n'ellas a explicação dos maravilhosos progressos agricolas da raça anglo-saxonia, e do atrazo relativo de algumas provincias francezas, emquanto só leitores especiaes abrirão com prazer as obras puramente theoricas, aonde o estylo e o saber mais bem aquilatados sómente poderão offerecer aos outros theses brilhantes e erudições de pouco, ou de nenhum uso para as necessidades quotidianas da existencia.

A terra, o grande, o inexhaurivel repositorio de nossas principaes riquezas, e a agricultura, a arte, e hoje a sciencia que as cultiva e explora, não podiam deixar, por isso mesmo de serem das primeiras a attrahir a attenção dos economistas practicos. O bello livro do sr. Leonce da Lavergne ácerca dos progressos ruraes da Gran-Bretanha, publicado em março de 1854, rompeu esta nova senda, e aquella minuciosa, larga, e reflectida exposição do mechanismo agricola, acompanhada da descripção agronomica particular de cada uma das grandes regiões, em que se dividira a Inglaterra e a Irlanda, realçou desde logo o esplendor do commettimento, unindo ao proveito dos exemplos e das lições de um povo admirado pela sua rara aptidão em todas as manifestações do trabalho o enlevo das scenas bucolicas, a elegancia e a pureza do pincel no desenho das paizagens, e a fidelidade

escrupulosa das informações. Dado este primeiro passo, o mais era relativamente facil. Atrás do mestre haviam de seguir-se outros mestres, e, não menos ousados do que elle, dobrarem o promontorio, que por tanto tempo fôra o limite, a meta, de todas as tentativas. Seis annos depois estampava o sr. Emilio de Laveleye na *Revista dos dois mundos* (1860-1861) os quatro artigos consagrados com a modesta denominação de *Ensaio sobre a economia rural da Belgica*, e, colligindo-os em 1862 n'um volume, dedicava as primicias do seu engenho n'esta applicação tão difficil da sciencia ao sr. de Lavergne, que na maxima parte adoptára por modelo, guardando, todavia, a liberdade requerida pela indole do assumpto e pela individualidade do seu talento e do seu estylo.

São arduas de executar, e demandam grossos cabedaes de observação, de estudo e de aturadas meditações as bases traçadas pela razão e pela experiencia á composição de uma economia rural instructiva, verdadeira, e quanto possivel completa. A' severidade da linguagem estatistica, aos algarismos, expressão árida, mas rigorosa dos factos, cumpre juntar profundos e variados conhecimentos agronomicos, leitura vasta, noticias extensas e apuradas, e miudo exame das causas e dos effeitos a que são devidos os adeantamentos, ou a estagnação. «Para se poder apreciar a economia rural de qualquer paiz, escreveu o sr. de Laveleye, é indispensavel indicar em

primeiro logar a constituição do solo, o clima, os methodos agricolas, a condição e os costumes dos habitantes, e accrescentar os traços essenciaes para um esboço descriptivo assás exacto. E' preciso em segundo logar apontar nos algarismos mais bem averiguados os valores da producção do solo, os preços da renda e da locação das terras, o numero dos predios, ou casaes, e o dos animaes creados, ou sustentados n'elles. Sem estas duas especies de noções sómente se alcançariam resultados abstractos, de que não seria possivel investigar as causas e as consequencias, e sem a expressão numerica dos valores, só teriamos asserções vagas e destituidas de fundamento para os estudos comparativos. Consultados os documentos, que lançam mais luz sobre estes pontos, segue-se a visita ao territorio para ver o seu estado, confrontar umas regiões com as outras, individualizar as especialidades de cada uma, e compor o quadro geral com os lineamentos e as côres mais verdadeiras». Este foi o programma determinado pelo sr. de Laveleye ao seu ensaio, e o modo por que se desempenhou d'elle é-nos attestado pelo excellente relatorio do sr. Leonce de Lavergne ao instituto de França. A relação dos documentos, que o auctor compendiou para esclarecer as suas apreciações, junta em duas notas á introducção e ao capitulo I, póde servir de roteiro aos que desejarem trilhar os mesmos caminhos. E' bella, concisa e lucida a descripção do solo e do cli-

ma de Flandres, e segue-a uma abbreviada noticia historica ácerca dos progressos agricolas na epocha da occupação romana, na meia edade, e nos seculos XVIII e XIX.

O sr. de Laveleye classifica todo o solo belga em seis regiões distinctas por caracteres peculiares em referencia á constituição geologica. A zona estreita, mas em extremo fertil de 100:000 hectares, a terra das pastagens ubertosas dos *polders*, situada á beira do oceano. A região arenosa da Flandres e da Campina, oito, ou nove vezes mais vasta, cuja esterilidade é vencida pela abundancia dos adubos, notavel pela sua pequena extensão e pela preferencia exclusiva dada ás culturas industriaes e ás segundas colheitas, em que predomina o centeio. A região hesbayana, na qual ás areias succedem as argillas fortes do periodo éocene e da bacia carbonifera, quasi egual nas dimensões á zona arenosa, e singular pela maior extensão dos predios rusticos, pelas muitas e formosas manadas cavallares, e pela fecundidade natural. E' a terra do trigo. A região condrusiana extende-se além do Mosa em terrenos de formação secundaria com o afolhamento triennal e pousios. Domina aqui a cultura do espelta. A quinta região, da Ardenna, occupa terrenos de sublevação da epocha primaria, e é caracterizada pela riqueza das matas, pelo uso das roças e dos córtes florestaes, e pelas colheitas predominantes da aveia. Finalmente, além da Ardenna, nas terras jurassicas, abre-se a sex-

ta zona, a do Luxemburgo inferior, abençoada pela suavidade do clima e pela variedade dos productos. E' a região das fructas e das flores. Poucos paizes accusarão com tanta firmeza as diversidades geologicas de seus terrenos, revelando ao mesmo tempo a conformidade dos methodos, das culturas, dos costumes e das condições das populações ruraes com ellas. Em cada um dos degraus d'esta escala os aspectos mudam, e a harmonia entre a natureza do solo e a exploração agronomica accentúa-se, ferindo até a vista dos observadores menos attentos.

Qual é n'estas seis zonas, ou regiões a superficie applicada á lavoura? Qual a extensão occupadas pelas diversas culturas? Quanto somma a totalidade da producção agricola e que valores representa? Quantos proprietarios e cultivadores concorrem para ella? Em quanto são avaliados os predios rusticos, o cápital de exploração, e a renda? Que influencia exerce a organização da propriedade e da cultura sobre a condição dos habitantes? Eis as perguntas que o auctor formúla, e a que respondem os algarismos apurados pelo seu estudo. Conhecida a porção do territorio, que uma nação emprega na cultura de cada classe de productos, já se póde formar idéa approximada da maneira por que os seus habitantes vivem, e do grau de prosperidade que attingiram.

A Belgica sobre 2.945:593 hectares de superficie agricultа 2.600:000. Esta extensão re-

parte-se entre as diversas culturas nas proporções seguintes:

Trigo, espelta e mistura..	325:016	hectares
Centeio e sarraceno	310:949	»
Aveia e cevada	232:135	»
Plantas industriaes e jardins	115:553	»
Forragens leguminosas....	224:423	»
Raizes	131:862	»
Prados permanentes	362:307	»
Pousios	80:907	»
Matas	485:665	»
Terrenos vagos	324:214	»

Estes algarismos são instructivos. Nos 1.800:000 hectares, que, excluidos os terrenos incultos e as matas, formam o dominio das terras araveis, quasi metade pertence ás culturas extenuantes, cereaes e plantas industriaes, e a outra metade, comprehende as colheitas intercallares, produz plantas de forragens, hervas, nabos e leguminosas consumidas pelo gado, e tendentes por isso a conservar e augmentar a fertilidade do solo. Esta repartição das culturas da Belgica participa do systema seguido em Inglaterra e dos methodos practicados em França. E' melhor do que o afolhamento francez, mas inferior á lavoura britannica, a qual nem mesmo concede a quarta parte das terras ás plantas extenuantes. O trigo na Belgica, quando muito, representará um terço da colheita total e a sua producção média annual regula por 7 milhões de hectolitros, a do centeio, mistura e sarra-

ceno por 6 milhões e meio, e a da aveia por outros 6 milhões e meio, pouco mais ou menos, o que perfaz 20 milhões de hectolitros de grãos a rasão de 7 hectolitros por hectare da superficie absoluta. N'este ponto a Belgica, que na colheita frumentaria, propriamente dita, cedia em 1846 a palma á Gran-Bretanha e á França, vence-as decididamente a ambas.

Apezar das provincias belgas serem talvez o paiz, cuja superficie produz mais cereaes, a população vive tão agglomerada (153 habitantes por kilometro quadrado), que a producção alimenticia não chega para o consumo. Exportam 7 a 8 milhões de francos de manteiga e 3 a 4 de ovos e fructas. alem dos cavallos e porcos, importam, em geral, todos os annos supprimentos avultados de grãos, meio milhão de hectolitros de trigo e centeio, e a cevada precisa para o fabrico de 7 milhões de hectolitros de cerveja. O preço dos cereaes corre extremamente alto, mais alto até do que na Inglaterra.

E' difficil determinar os valores da producção total agricola, e ainda mais comparar os seus algarismos com os dos outros paizes. Adoptando as bases, que o sr. de Lavergne assentou na organização dos quadros comparativos da producção agricola da França e da Inglaterra antes de 1848, o sr. de Laveleye calcula pelo seguinte modo os resultados da lavoura patria por este aspecto:

Productos vegetaes

Cereaes (deduzidas as sementes).	200	milhões
Plantas industriaes, fructas, etc..	60	»
Batatas, hortaliças e legumes...	70	»
Matas.....	20	»

Productos animaes

Leite, a 10 centesimos o litro...	90	»
Carne, a 1 franco o kilo.....	50	»
Lãs, pelles e despojos animaes..	10	»
Aves, ovos, coelhos, etc.	6	»
40:000 cavallos de tres annos, a 400 francos por cabeça.....	16	«
	522	milhões

A Belgica colhe portanto de um territorio de menos de 3 milhões de hectares um producto bruto superior a 500 milhões de francos, ou 180 francos por hectare de superficie total, sendo a proporção em Inglaterra de 135 francos por hectare, e em França apenas de 100. Cumpre notar ainda, que não deve estes resultados a um torrão dotado de fertilidade excepcional, porque só as argillas da costa e os barros da região hesbayana, ao todo metade do territorio, offerecem condições favoraveis; na outra metade os lavradores luctam com a aridez dos schistos e o rigor do clima, e modificam a esterilidade do solo á custa de quantidade enorme de estrumes. O mesmo acontece em toda a zona das areias, na Flandres e na Campina.

O valor venal da propriedade rustica concorda com as outras condições de prosperidade agricola. Em nenhuma outra parte os 3 milhões de hectares do dominio rural representariam o immenso capital, que representam na Belgica. A estatistica de 1846 avaliava-o em mais de 6:000 milhões e meio de francos, equivalentes a mais de 2:300 francos por hectare da superficie total. O sr. Caird não computa o valor do hectare do solo inglez em mais de 2:000 francos. O sr. Jacini calcula o do hectare da terra lombarda em mais de 1:000. Em França a avaliação do hectare, termo medio, não excede 1:500 ou 1:600. O rendimento liquido do dominio agricola belga subiu a 155 milhões de francos, ou 75 francos por hectare cultivado. O sr. de Lavergne, na mesma epocha (1846), calculava a renda media por hectare em 30 francos em França, e em 40 francos na Inglaterra. Importa observar, comtudo, que na Belgica o preço da terra é mais alto relativamente, do que a renda que se tira d'ella.

O sr. de Laveleye aponta como facto digno de attenção a tendencia constante desde 1830 para a rapida elevação dos arrendamentos. Até 1846 affirma, que subiram 30 por cento, isto é, quasi 2 por cento por anno. De 1846 em deante, em vez de afrouxar, o augmento accelerou-se. Este accrescimo no valor dos predios compensa o fraco juro, e mostra o erro de Bastiat e do americano Carey, suppondo que a renda significa sempre o resultado do

trabalho das bemfeitorias na propriedade. A condição dos rendeiros é muito menos lisonjeira, do que a dos senhorios. Nos districtos, em que prevalece a grande cultura, a sorte do lavrador é mais feliz, do que na região da pequena cultura. Mas nos logares, aonde a concorrencia levantou menos a renda, não colhe elle do capital de exploração nem os 10 por cento considerados como justa remuneração da sua industria, e como premio rasoavel do risco dos seus adeantamentos. Os rendimentos inglezes levam-lhe immensa vantagem n'esta parte. A pequena propriedade produz excellentes effeitos, quando o agricultor possue e lavra a terra. No caso opposto, a grande propriedade é mais util ao rendeiro. A pequena propriedade combinada com a locação em um paiz muito populoso colloca os cultivadores em posição desastrosa. Provoca o desalento e póde originar consequencias assás desagradaveis em relação á producção e ao trabalho agricola.

O numero dos cultivadores belgas é muito avultado em referencia á superficie territorial. Assim mesmo a população agricola concorre para a população geral em proporções inferiores ás dos outros reinos, exceptuando a Gran-Bretanha. Não representa mais da terça parte. Um cultivador, portanto, colhe da terra a subsistencia propria e a de mais duas pessoas, apezar da curta extensão da area territorial, que, repartida por todos os habitantes (creanças, mulheres e adultos), pertencentes á

população rural, não dá mais de 2 hectares por cabeça. Segue-se que os predios rusticos devem ser muitos e muito pequenos. E assim acontece. Em 1846 contavam-se 572:550, duas vezes mais do que em Inglaterra. A extensão media total não excede 4 hectares e meio, calculados sobre a superficie do dominio productivo, e só 3 hectares, deduzidas as matas e os incultos. A exiguidade das culturas acompanha, em geral, a densidade da população.

O numero dos proprietarios é menor na Belgica, do que em França. Em 4 milhões e meio de almas apenas em 1846 se recensearam 758:512, quasi um proprietario para 6 habitantes, emquanto em França a proporção é de 1 proprietario para 4, 7. A somma das parcellas computou-se n'aquella epocha em 5 milhões e meio, e o augmento annual em 30:000 de predios, construcções, e terras lavradas. Em relação ás condições dos possuidores o rendimento effectivo da terça parte d'elles por anno é inferior a 33 francos, e por conseguinte não cultiva mais de 1 hectare. A outra terça parte accusa uma renda de 33 a 130 francos. A ultima parte desfructa um rendimento variavel, que se eleva de 130 a 130:000 francos. A média pois do rendimento para cada proprietario orça por 211 francos. Deve deduzir-se da renda total o juro da dos onus hypothecarios na importancia de 600 milhões de todo o dominio agricola, e a 173 a de cada proprietario.

Avaliava o recenseamento de 1846 em

27.500:000 os dias de trabalho rural dos homens pagos, termo medio, a 1 franco e 13 centesimos, e em 14.600:000 os do trabalho das mulheres, pagos a 70 centesimos. Juntando os salarios e as comedorias de 107:000 creados de lavoura e de 70:000 creadas, teremos 100 milhões de francos adeantados para a retribuição dos serviços manuaes, ou 62 francos por hectare em cada anno ou 40 francos em relação á superficie total. Calculando, porém, o trabalho de 400:000 pequenos cultivadores entre o dos jornaleiros, acharemos que a Belgica gasta mais um terço, do que a França, e metade mais, do que a Inglaterra, em fazer valer o solo. O capital de exploração póde computar-se em 450 francos por hectare cultivado na região arenosa, 350 na hesbayana, 250 no Condroz, e 150 nas Ardennas, o que representa a media de 375 francos por hectare de terras cultivadas, e 250 sómente, repartindo na sua totalidade o capital empregado em trabalhar o solo em toda a superficie do territorio. Os elementos, em que se divide o producto por hectare, exprime-os o sr. de Laveleye nos termos seguintes:

Renda do proprietario.....	59	francos
Ao rendeiro (juro do capital de exploração e lucros).....	52	»
Salarios.....	40	»
Adubos commerciaes, despezas, etc.....	27	»
Impostos.....	5	»
	183	francos

Nos 52 francos attribuidos ao rendeiro entram os 10 francos que constituem o juro de 4 por cento dos 250 francos do capital de exploração. O resto quasi todo deve ser considerado como remuneração do trabalho do explorador.

Resta-nos expor os resultados obtidos pelo sr. de Laveleye em relação aos algarismos, que retratam a producção pecuaria, e em referencia aos melhoramentos physicos e moraes, que se ligam tão de perto com os progressos agricolas. Póde formar-se uma idéa geral do aperfeiçoamento da cultura, avaliando a importancia da sua producção, mas a contraprova da exactidão dos calculos encontra-se na quantidade de cabeças de gado grosso e miudo sustentado nas lavouras. De ordinario, quanto maior fôr o seu numero, mais bem cultivada deve estar a terra, e mais se deve colher d'ella. Consultando as estatisticas officiaes custa a conceber como na Belgica, com uma tão grande multidão de cultivadores, que só empregam a enchada, se podem alcançar algarismos tão elevados na creação cavallar. Em 1846 excediam 294:500, ou 10 cabeças para 100 hectares, ao passo que em França e nas ilhas britannicas não passavam de 6 em egual espaço. Esta differença nasce em grande parte das condições agricolas. No Reino Unido predominam os prados. Em França os bois são preferidos como animaes de trabalho. Mas nem por isso deixa de se tornar evidente, que um paiz como a Belgica no

qual a proporção média é de 15 cavallos de mais de tres annos, ou 19 cabeças de todas as especies, para 100 hectares de terras lavradias, é por força uma nação, aonde a agricultura dispõe de forças sufficientes para todos os trabalhos ruraes, e ministra valioso argumento contra a opinião dos que affirmam a incapacidade das regiões de pequena cultura para a creação dos cavallos.

Quanto á producção bovina, recenseou a Belgica 1.203:000 cabeças ou 1 cabeça para 2,5 hectares de superficie. A Inglaterra na mesma epocha contava 1 para 4, e a França 1 para 5 hectares. A Lombardia, mesmo, a despeito dos copiosos rebanhos, que tosam os seus pastos da planicie, ainda não obteve egual superioridade, porque apenas attingiu metade do numero. E entretanto os bois não passam de 46:524, cabendo o maximo desenvolvimento ás vaccas leiteiras, calculadas em 680:000, o que prova tirar o lavrador mais lucro do leite, do que da carne. A' riqueza em gado grosso não corresponde a producção dos carneiros, orçada em 1846 em 662.000, ou 22 por hectare. A França possuia proporcionalmente tres vezes mais, e a Gran-Bretanha o quintuplo. As provincias mais bem cultivadas, as Flandres, o Hainaut e o Brabante, são as que sustentam menos cabeças lanigeras. A razão é clara. A lavoura aperfeiçoada quasi que as exclue. O logar dos carneiros é na grande cultura, aonde o seu custeio corre barato, e por isso dá lucro. A Lombardia está no

mesmo caso. Ainda apascenta muito menos rebanhos ovinos, do que as provincias belgas. Não conta mais de 1 cabeça para 16 hectares. O inventario dos animaes domesticos da Belgica inscreve ainda 500:000 porcos e 100:000 cabras. Representando o equivalente do gado miudo em cabeças de gado grosso, e addicionando a esse algarismo o das raças cavallares e bovina, acharemos na totalidade 58 cabeças por 100 hectares de superficie, proporção muito alta, que nem as ilhas britannicas encerram.

Demorámo-nos de proposito com as noticias ácerca da prosperidade agricola da Belgica, porque os exemplos d'este pequeno reino em muitos casos podem servir de licção aos esforços, que Portugal deve tentar no caminho da regeneração rural. Os progressos da monarchia nascida da revolução de 1830 não se derivaram só da aptidão admiravel dos seus habitantes, e das condições do solo e do clima, desfavoraveis, como vimos, em metade da superficie arada. Brotaram á sombra da tranquillidade e da segurança affiançadas pela sabedoria do soberano e pela execução leal e sincera das instituições. Governado por si e para si, o paiz conciliou a economia com as despezas reproductivas, construindo 1:812 kilometros de caminhos de ferro, 1:800 de canaes e de rios navegaveis, e 17:730 de estradas reaes, provinciaes e municipaes, isto é, 21:345 kilometros de communicações, ou 72 kilometros por myriametro de superficie

quadrada. Depois da Inglaterra, da Lombardia e da Hollanda, nenhum paiz offerece á agricultura egual facilidade de transportes e relações. Cada um dos 106 districtos, em que se divide o reino, é representado por um comicio de lavradores, cujo numero total sobe a 6:000, e que são outros tantos elementos de estimulo e de cooperação. O ensino primario e rural progridem, e tudo assegura que a Belgica conservará o elevado grau, que soube conquistar entre as primeiras nações agricolas.

VI

Tres annos depois (1863 a 1864) publicava o sr. de Laveleye na *Revista dos dois mundos* os seus bellos artigos sobre *Economia rural dos Paizes Baixos*, colligidos em um volume no anno de 1865 com o titulo de estudos sobre a *Economia rural da Neerlandia*. Tanto esta obra, como a composta ácerca do estado agricola da Belgica, foram traduzidas em flamengo pelo sr. Boone, e estampadas em Gand. Esta segunda tentativa ainda fez sobresaír mais, se é possivel, as qualidades eminentes do auctor e a sua aptidão notavel para a pintura das scenas da natureza e da vida rural. Pizando o solo da Hollanda, o economista e o historiador, diz o sr. de Laveleye, sentem-se tomados de sincera admiração, e inclinam-se reverentes deante do genio laborioso e perse-

verante d'aquelle povo, não menos grande no esforço, com que conquistou ao mar e ás areias o torrão que fertiliza, do que firme e heroico no valor, com que soube defendel-o das aggressões do estrangeiro, justificando a orgulhosa divisa da Zelandia, em que o leão heraldico, rompendo soberbo das aguas, parece repetir a famosa lenda inscripta no seu escudo: *Luctor et emergo*, lucto e surjo!

E de feito nunca se gravou em nenhum brasão lenda mais verdadeira. Luctar com vigor, luctar a todas as horas, sob pena de perecer, foi o destino d'aquella pequena nação. Em que consistia o seu territorio? O que era? Um immenso banco de areias intercallado de turfeiras nas suas depressões, meio coberto de depositos lodosos, que nas marés cheias as ondas do mar assoberbavam, e que as aguas de tres poderosos rios inundavam, revolviam e cortavam em todos os sentidos. Em umas partes medões movediços, que o vento deslocava, arrojando-os para a superficie das terras. Em outros o lodo mal enxuto, que as vagas lançavam e arrastavam successivamente. Aqui plainos esponjosos, que nem quasi se consolidavam debaixo dos pés para suster o peso do homem, e que todos diriam sujeitos a eterna esterilidade. Além um chão falso, meio liquido, por onde se não podia navegar, ou caminhar. Falta completa de materiaes de construcção. Falta absoluta de ferro, de metaes e de cantarias! E a despeito de tantos obstaculos, a vontade dos habitantes, dis-

putando palmo a palmo ao mar os terrenos invadidos, fez da Neerlandia um estado, que chegou a competir com Veneza em opulencia mercantil, e tornou a sua marinha uma das primeiras da epocha. Victoriosa do poder da Hespanha nos seculos XVI e XVII, victoriosa tambem da colligação das armas francezas e britannicas, a republica das Provincias Unidas declinou depois mortalmente ferida pelos direitos differenciaes das pautas dos outros paizes, e pelo acto de navegação promulgado pelo governo inglez, que excluiam os seus navios e commercio de todos os portos. Nos fins do seculo XVIII a decadencia tocára quasi o ultimo grau. A invasão e o jugo do imperio napoleonico acabaram de a prostrar entregando as melhores colonias á Gran-Bretanha.[1]

A ruina parecia irremediavel, e outro povo curvaria a cabeça ao infortunio, apressando talvez pelo suicidio moral o ultimo dia. A Hollanda não. Desherdada de tudo o que a tornára forte e invejada, voltou-se para a charrua, tão esquecida nos periodos de prosperidade, abraçou-se com a terra, e pediu-lhe a restauração da grandeza perdida. A sua esperança não foi enganada. A pouco e pouco, sem ruido, sem ostentação, renovado em toda a

[1] Sobre a formação do solo e enxugamento do lago de Haarlem consultem-se os artigos do sr. A. da Esquiros na *Revista dos dois mundos* de 1 de julho e 15 de dezembro de 1855.

parte as forças, e assellando em todos os aspectos novos e repetidos progressos, ella, que existíra, exclusivamente do commercio e da navegação, transformou-se em um dos paizes agricolas mais adeantados, em uma das nações que mais productos exporta da sua lavoura. O café e o assucar das suas possessões, a manteiga, os queijos e os gados das suas ubertosas pastagens, constituem hoje os solidos elementos, em que se firma o presente, e que o futuro encara sem receio. O sr. de Laveleye, descrevendo-nos as diversas regiões agricolas da Neerlandia, a zona viçosa da Frisia e da Hollanda, as culturas tão ricas da Zelandia e de Groninga, e notando o ar de felicidade, que respiram muitos casaes e granjas, aponta-nos os symptomas d'esta profunda revolução economica, não só como exemplo louvavel, mas como grande e proveitosa licção.

Se Portugal, decaído desde o seculo XVII, vendo diminuidas as armadas, estancados os commercios, e perdidas as colonias asiaticas, tivesse invocado, como suprema salvação, o trabalho rural, e applicasse á exploração agricola do seu territorio metade do ardor, que lhe rasgou os mares, e lhe assegurou a posse de um vasto imperio, em vez de adormecer com tristeza e desalento como morgado arruinado sobre os pergaminhos de suas passadas nobrezas e glorias, bem opposto, e diverso houvera hoje sido o seu destino, e maior e mais bella carreira abriria o porvir a suas aspirações. Filho primogenito da civilização

moderna, juntaria á pagina admiravel, que lavrou com seus descobrimentos na historia do mundo, os honrosos titulos de cultivador progressivo, e de certo não seria menos respeitado por elles, do que o foi patenteando á Europa o novo caminho do Oriente.

Examinemos de mais perto os factos, que attestam em quasi todas as manifestações o aperfeiçoamento rural da Hollanda. Comecemos, seguindo o sr. de Laveleye, pelo dominio agricola e pela repartição das culturas. O territorio do reino dos Paizes Baixos media 3.275:533 hectares em 1858, mas este algarismo todos os annos augmenta na proporção de 1:000 hectares com os terrenos conquistados ao mar. As estradas, lagos, canaes e casas occupam 169:000 hectares. Fica, portanto, um pouco mais de 3 milhões para o trabalho rural, dezesete vezes menos do que a França, que possue quasi 50 milhões de hectares collectaveis, e mais 400:000 do que a Belgica, que conta apenas 2.600:000. Em 1859 a superficie aravel da Neerlandia dividia-se da seguinte maneira:

Trigo	85:000	hectares
Centeio e sarraceno	225:000	»
Aveia e cevada	129:000	»
Leguminosas e raizes	80:000	»
Batatas	100:000	»
Plantas industriaes	60:000	»
Pousios	21:000	»
Prados permanentes	1:352:000	»
Mattas	225:000	»
Terras incultas	702:000	»

Este quadro mostra que a Hollanda, assim como a Suissa, é por excellencia o paiz das pastagens. Se juntarmos a extensão plantada de raizes á que abrangem os prados, teremos uma superficie de 1.400:000 hectares consagrada á nutrição dos animaes domesticos, isto é, uma superficie duas vezes maior do que a applicada á producção das subsistencias alimenticias das populações. As terras de lavoura comprehendem apenas 700:000 hectares: exceptuados os paizes montanhosos, não existe na Europa outro paiz, em que a charrua represente papel tão secundario. As batatas concorrem com um largo quinhão para o sustento das classes mais numerosas.

A repartição, que acabâmos de indicar, á similhança da ingleza, assegura boas colheitas sem grande trabalho, porque nos prados a fertilidade do solo e a humidade do clima são os agentes principaes. Os terrenos incultos ainda se extendem sobre a quarta parte do dominio agricola. Estas interrupções, estas malhas de esterilidade, que ferem a vista por um modo desagradavel apontadas na bella carta rural do sr. Haring, explicam-se por duas causas: a qualidade detestavel do chão formado de areia arida, que entregue a si mal se cobre de magra vegetação, e a antiga constituição da propriedade, que declarava bens communs e indivisos dos coherdeiros da *Marca* estas charnecas.

O sr. Haring no livro, que serviu de base á sua carta rural, descreve com grande indivi-

duação os methodos empregados nas provincias neerlandezas desde a exploração intermittente do sarraceno e das batatas nas turfeiras até ao afolhamento biennal e triennal, em que o pousio representa os annos de descanso primitivamente concedidos ao solo. O pousio apenas reina hoje nas terras de alluvião da Zelandia, na bacia do Rheno e do Mosa, e na zona argillosa da Groninga. Na região arenosa cessou inteiramente, e foi substituido pelo sarraceno mas com um afolhamento assás vicioso. No Brabante septentrional este afolhamento já apparece modificado na essencia por muitas practicas copiadas da lavoura flamenga, practicas uteis que o approximam do afolhamento alterno. Os cereaes nas terras argilosas tomam grande extensão relativa, e o trigo exclue o centeio, a cevada e a aveia. O afolhamento da Zelandia abraça uma rotação de nove annos com pousio. Nas alluviões do Yssel, de Hattem, e do Doesborgh predomina a cultura dos grãos sem pousio. A Frizia, intercallando um anno de pastos, avizinha-se da cultura alternada do Oldambt. Nos lagos enxugados pelos moinhos a vapor e ainda não convertidos em prados, os afolhamentos assimilham-se muito aos da Frizia. A carta do sr. Haring mostra o logar, que occupa no territorio neerlandez cada um d'estes methodos.

A colheita total do trigo é calculada em 1.800:000 hectolitros, quasi meio hectolitro por habitante. Esta inferioridade data de longe, e principiou a ser combatida no seculo

XVIII, e como se não lavram senão terras ferteis, o producto medio eleva-se muito, orçando por 22 hectolitros por hectare. O das batatas sobe a 3 milhões e meio de hectolitros, e o da cevada e aveia a 1 milhão e meio. Das plantas industriaes o linho, a colza, a ruiva e o tabaco são as mais importantes, rendendo annualmente 30 a 40 milhões de francos. Mas os productos, de que a agricultura hollandeza se ensoberbece mais, são os innumeros e formosos rebanhos, que povôam seus vastos e uberrimos prados. Póde computar-se approximadamente em 2:906 litros por anno o leite de uma vacca hollandeza, e em 10 centesimos o preço do litro, isto é, 200 francos annuaes por cabeça. Existiam em 1860 pelo menos 856:000 vaccas, cuja producção leiteira não desceu de certo de 170 milhões de francos. Na Lombardia 256:000 vaccas deram em 1854 o producto annual de 80 milhões de francos ou de 350 francos por cabeça.

O sr. de Laveleye avalia em 481 milhões de francos o producto bruto da Neerlandia, e divide-o por esta fórma:

Productos vegetaes

Cereaes (deduzidas as sementes).	90 milhões
Plantas industriaes e fructas....	50 »
Batatas, legumes e hortaliças...	70 »
Matas.....	10 »
	220

Productos animaes

Leite, manteiga e queijo.....	170 milhões
Carne.....	160 »
Lãs, aves e pelles.....	18 »
Cavallos (novos).....	13 »
	261

Estes resultados mostram, que a hollandeza, tão pouco conhecida fóra, é uma das mais adeantadas, porque o producto bruto sobe a 150 francos por hectare da superficie total, e a 240 da superficie productiva. São os bellos prados da Hollanda e Frizia, e as fecundas terras de alluvião da Zelandia e da Groninga, compensando a esterilidade natural da região arenosa, que principalmente contribuem para isto. Os algarismos das saídas dos generos concordam com esta verdade. A exportação agricola em 1860 excedeu 100 milhões de francos, entrando n'esta quantia o queijo com 18 milhões, a manteiga com 21, a ruiva com 13, o linho com 13, a aveia com 5, e o gado com 21. O augmento da população, outro indicio não menos expressivo da prosperidade rural, confirma-se, depondo no mesmo sentido. Em 30 de novembro de 1860 a Neerlandia recenseava 3.336:000 habitantes, ou 1 habitante por hectare, proporção egual á da Inglaterra, quasi superior em um terço á da França, e menor outro terço do que a da Belgica. A população das cidades absorve a terça parte do algarismo total. As outras duas terças partes pertencem ás classes ruraes, exis-

tindo exactamente um habitante para cada hectare productivo e em posição bastante feliz. Consomem grande quantidade de productos animaes, toucinho, peixe, leite e queijo, bebem café e chá mui fracos, e genebra de que não poucos abusam. O vinho e a cerveja não figuram na alimentação dos camponezes. As habitações são commodas, e a mobilia muito superior ao que se poderia esperar em casa de lavradores e jornaleiros. Em resumo a po pulação de Hollanda parece a mais bem cuidada talvez da Europa, exceptuando a Inglaterra. A razão é simples. Os algarismos do producto bruto dividido pelo numero dos habitantes dão 150 francos por cabeça. Em França dão 140, e na Belgica 110.

A creação hippica contava em 1859 nas onze provincias neerlandezas 239:000 cavallos, 7 por100 hectares da superficie total, emquanto na Gran-Bretanha havia apenas 6 para a extensão egual. A raça frisan é a mais estimada.Os bois só trabalham nas lavouras no Barbante septentrional, Limburgo, na Gueldre, e em Over Yssel, e assim mesmo poucos, não passando de 11:000 os utilizados em trabalhos ruraes. O orgulho da agricultura hollandeza são as vaccas famosas pela sua aptidão leiteira, pesadas, fleugmaticas, de cabeça pequena, armação delgada, e ventre bojudo, verdadeiras machinas de producção de leite. Sobe a 856:000 o seu numero, e em 1856 o algarismo total das cabeças bovinas sommava 1.220:000, ou 37 por 100 hectares da super-

ficie absoluta, e 53 por 100 hectares da area cultivada. Além do gado grosso, os campos da Neerlandia sustentam 1 milhão de cabras, e 300:000 porcos. Reduzidas todas estas cabeças ao typo commum de animal adulto especie bovina acharemos na totalidade 1.361:000, ou 41 por 100 hectares de superficie absoluta, e 59 por 100 hectares da superficie productiva, o que torna a Hollanda uma das primeiras nações agricolas, porque a quantidade do gado corresponde sempre á intensidade da cultura, não devendo esquecer comtudo, que o predominio e a excellencia dos seus pastos collocam os Paizes Baixos, em circumstancias especiaes considerados por este aspecto.

O preço da terra egualmente inculca os progressos de agricultura, mas que tudo hoje, em que a facilidade das communicações e a mobilidade dos capitaes tende a estabelecer na Europa uma media geral. As publicações hollandezas ministram poucos esclarecimentos ácerca d'este ponto, e o sr. de Laveleye teve de contentar-se com uma avaliação approximada, e só relativa ás grandes divisões do territorio. Na zona argilosa, muito fertil, o hectare custa 2:000 e 4:000 francos o que daria a media de 3:000 francos, e o valor total de 4:500 milhões de francos. Na zona arenosa o preço não excede 300 francos por hectare de terreno inculto, e 1:600 por hectare de terra lavradia, e o valor total de 1:425 milhões de francos. A totalidade do dominio agricola

póde computar-se, pois, em 6:000 milhões, somma enorme, em referencia á sua extensão. N'este dominio estão representados os traços essenciaes das differentes phases da lavoura desde a cultura intermittente nas turfeiras até á cultura hortense do Westland, desde a cultura das mais pequenas parcellas dos arredores de Haarlem, até á grande cultura em suas maiores proporções. No *Wilhelmina-Polder*, nas fazendas do sr. Amersford, no lago de Haarlem, ou na exploração do sr. Reinders, em Groninga, encontram-se do mesmo modo as fórmas mais variadas de detenção da terra, comprehendendo a antiga communidade germanica nas *marken*, a propriedade indivisa nas charnecas da Veluwe, a propriedade apenas emancipada da communidade nos *eschen*, o fôro hereditario (*beklem-regt*) na Groninga, a parceria na Zelandia e no Limburgo, finalmente todas as diversidades de aluguer e de arrendamento do solo nas provincias sem excluir mesmo os dizimos.

A Hollanda carece ainda de aperfeiçoar os seus melhoramentos, começando por tornar productivos os 700:000 hectares de terrenos incultos que existem ainda, e de alargar as suas plantações de matas nas charnecas. E' de crer que em poucos annos tenha conseguido ambas as cousas. Os neerlandezes, assim como os allemães e os inglezes, prezam a vida campestre, são amigos da natureza, e a sua litteratura, rica de poesias bucolicas, attesta esta irresistivel tendencia. A grande

quantidade de habitações, campesinas, que se nota em todas as regiões, e o esmero com que as arvores e as flores são cuidadas, revelam o amor e o gosto das occupações ruraes. E' por isso, que a Hollanda sobresaiu, tomando um dos primeiros logares no desenvolvimento dos progressos physicos da epocha. Possue, como observa o sr. de Laveleye, tudo o que póde asssegurar-lhe a firmeza de suas conquistas pacificas. Auxiliada pelas instituições livres, que a regem, pelo espirito de associação, pela diffusão do ensino, por uma economia previdente, pelos capitaes e pelos braços necessarios, sairá triumphante em breve das ultimas campanhas contra a esterilidade, vencendo-a com as forças da enchada e da charrua nas areias e nas gandaras hoje desertas e infecundas.

VII

O espectaculo das armas victoriosas e da preponderancia alcançada pela Prussia, na guerra terminada pela batalha de Sadowa e pelo tractado de Praga devia despertar em um engenho tão zeloso de indagar as verdadeiras causas dos successos o desejo de estudar de mais perto as rasões d'aquelle rapido engrandecimento. Não fôra de certo a espingarda de agulha a iniciadora unica de acontecimentos inesperados e de tanto vulto, como os canhões de Krupp não decidiram tambem só por si na campanha contra a França o pleito ácerca

da influencia das duas raças rivaes. Excavando mais fundo na origem das cousas a verdade surge, e manifesta-se aos que sabem vêl-a. A Prussia supplantou a Austria e demoliu o imperio francez, não só pela superioridade dos seus capitães e do seu armamento, mas porque, aproveitando os dias de paz, nunca cessou de se apparelhar n'elles para a luta, convertendo em instrumentos de acção guerreira os progressos das artes e das sciencias. Nas suas provincias a instrucção batia a todas as portas, a cultura das lettras inspirava o ardor de todas as classes, os inventos uteis e as manifestações da intelligencia eram protegidos, o trabalho medrava bem regido e devidamente coadjuvado, a fazenda publica engrossava com a fiscalização mais rigorosa, e em summa todas as relações economicas e administrativas eram geridas com extrema regularidade, estricta parcimonia, e grande aptidão e capacidade. Estas notaveis condições moraes, determinaram as vantagens, que assombraram a apreciação superficial dos que não as conheciam, e ignoravam, que nos factos humanos as transformações profundas sempre representam a influencia de uma força espiritual, ou de uma virtude incontrastavel.

Foi esta a these que o sr. de Laveleye se propoz demonstrar, escrevendo na *Revista dos dois mundos* (1867 e 1869) os dez artigos, estampados, com o titulo de *A Allemanha desde a guerra de 1866*, artigos que excitaram merecido applauso pela curiosidade do assumpto,

pela significação actual e futura d'elle, e pelas revelações importantes, que encerravam ácerca dos poderes sociaes e economicos da nação guerreira, que está attrahindo a attenção e os cuidados de todas as potencias. Contemplando-a por todos os aspectos, o do engrandecimento militar, o dos progressos moraes e agricolas, realizados ultimamente, e o das tendencias politicas e absorventes, o auctor não deixou escuro, ou esquecido nenhum dos pontos que mais importava allumiar com um facho da critica, ou com os subsidios de uma larga e segura informação, contrapondo ao mesmo tempo ao quadro dos adeantamentos e das conquistas civilizadoras da Prussia o painel não menos instructivo da nova posição da Austria e das difficuldades com que ella tinha de luctar para se reconstituir. Tractaremos de expor concisamente a parte relativa á organização da propriedade e aos recentes progressos ruraes da monarchia prussiana. Os algarismos e as noticias colligidas pelo sr. de Laveleye ligam-se intimamente, tanto com as questões de economia agricola, de que desejámos dar uma succinta idéa em relação aos paizes mais dignos de observação, como com os successos actuaes, cujo rapido desenvolvimento inquieta, assombra e traz preoccupados e apprehensivos todos os animos.

Antes das annexações, decretadas em nome do direito de conquista, o territorio da Prussia media 28 milhões de hectares. Hoje abrange 35. O aspecto do paiz representa uma gran-

de planicie de fórma terciaria, que vae findar com leve inclinação nas aguas do mar do norte e do Baltico, sem portos com sufficiente profundidade para navios de guerra, exceptuando Kiel. Esta planicie levanta-se a pouco e pouco do lado do sul até entestar com as rochas crystallinas dos montes Sudétes, com a cadeia dos Gigantes, do Hartz, do Teutoburger-Wald, e do Eifel. A composição de sua vasta superficie é formada de um mixto de argilla e saibro, depositados no fundo do mar e sublevados acima do nivel das aguas na epocha geologica mais recente. No sub-solo encontra-se umas vezes certa côdea ferruginosa mui conhecida nas charnecas, outras marga da formação éocéne, optima para corrigir as terras, ministrando-lhes os elementos calcareos, de que em geral carecem. A cré mesmo afflora tambem n'algumas partes, como na ilha de Lugen, aonde se apruma em phalanges de muitos centos de pés de altura.

Não ha talvez na Europa estado menos favorecido da natureza, do que a Prussia. Frederico II alludia, zombando, aos seus areaes do Brandeburgo, e a pobreza natural d'aquelle chão logo se denuncia ao viajante, que atravessa o reino na maior extensão desde o Rheno até Königsberg, ou Gumbinnen. Em toda ella quasi predomina o cereal dos terrenos aridos, o centeio, mas curto e enfezado. Charnecas lisas, areientas, nuas e escalvadas, como as do deserto, prolongam-se, entristecendo a vista até ás immediações da capital. Depois

não se descobrem senão aguas estagnadas, lagôas melancholicas rodeadas em raros sitios de bosques semeados de pinheiros mansos mal medrados, turfeiras e paues, cortados no horizonte por um, ou outro perfil transparente de vinhas definhadas. O céu baixo, e de ordinario nublado, pouco anima com sua luz pallida as paizagens. O clima é em extremo rigoroso. A neve cáe tres mezes a fio, o frio chega a 28.° de Réaumur, e até junho e julho os gelos tardios queimam as batatas e o trigo mourisco. Que enfado e que monotonia não respiram aquelles plainos, aonde se desdobram incessantemente deante dos olhos os mesmos pinheiros acanhados, os mesmos vidoeiros rachiticos, os mesmos campos de centeio, e as mesmas mostras de indigencia vegetal. E apezar d'isso as habitações ruraes são commodas, aceiadas e agradaveis. Nas aldeias a egreja e a eschola bem conservadas annunciam o maior cuidado pelos interesses moraes. As estradas e os canaes bem reparados e activos inculcam zêlo egual pelos interesses physicos, manifestando o esforço de uma vontade perseverante.

A Prussia recenseia 23.590:000 almas, ou 67 habitantes por kilometro quadrado, um pouco menos do que a França, mas esta excede-a muito na qualidade do torrão, porque nos estados prussianos sómente a quarta parte da superficie, quando muito, póde reputar-se boa terra de trigo, ao passo que a outra quarta parte dá unicamente centeio, e o resto ainda

produz, mas pouco, e só colheitas menos do que mediocres. A extensão dos invernos e a curta permanencia da estação amena, difficultam muito os progressos das culturas, tornando-as caras, e inutilizando por largo espaço de tempo as forças humanas e os animaes empregados na lavoura. Existe, comtudo, uma compensação. Na Prussia a abundancia das chuvas e das aguas nativas favorece os pastos naturaes e artificiaes, emquanto na metade da França, que se extende ao sul do Loire, a sécca no verão flagella os prados e diminue o sustento dos gados. As influencias climatericas reflectem-se muito sempre nas culturas. A Prussia é a prova d'isso. Dos 31 milhões de hectares productivos, que hoje abraça o seu territorio, 17 são de terras lavradias e de hortas, 6 de prados e pastagens, e 8 de bosques. A França em 42 milhões de hectares productivos, conta 27 de terras de pão e de vinha [1], 8 de matas, e 4 apenas de prados, aos quaes deveremos addicionar pelo menos 3 milhões de hectares de pastagens, deduzidos dos 10, considerados como incultos, que os allemães classificariam, apezar d'isso, com a denominação de *weiden* (pascigosos). A França possue, pois, o dobro em terras de lavoura, quasi o mesmo em matas, e pouco mais em prados, produz muito mais cereaes e muito

[1] O sr. de Laveleye inclue nas terras lavradias as plantadas de raizes e os prados artificiaes, porque entram nos afolhamentos, em que a charrua trabalha.

mais vinho, e tem muito menos carne e manteiga.

A producção da antiga Prussia em trigo orçava por 9 milhões de hectolitros, em centeio por 38, em cevada por 9, em aveia por 44, e em batatas por 80. O consumo de cada habitante é calculado em 40 kilogrammas de trigo, 135 de centeio, 34 de outros cereaes e legumes, 288 de batatas, 20 de carne, e 14 litros de cerveja. O francez consome 150 kilogrammas de trigo, 60 de centeio, 19 de carne, 120 de batatas, 60 de diversos cereaes, e 45 litros de vinho. O consumo total do prussiano representa por cabeça 481 kilogrammas, e o do francez 409. A população franceza, como se vê, colhe do solo uma nutrição menos pesada e mais substancial. Em um clima frio e com um céu, aonde o sol muitas vezes não apparece, a Allemanha do norte é obrigada a contentar-se com avultada quantidade de alimentos indigestos, que engrossam o corpo, empobrecem o sangue, e, para alcançar o vigor e a belleza da raça britannica, teria de obter tão larga producção de carne como a Inglaterra a fim de contrastar por meio da nutrição animal os effeitos da qualidade inferior dos productos vegetaes.

Um dos indicios da prosperidade agricola é o augmento do gado, primeiro, porque os productos dos animaes domesticos são mais procurados e o seu preço é mais subido. Estão n'este caso a carne, o leite, a manteiga, os couros e as lãs; depois, porque o estrume, que

deixam os animaes serve para melhorar as terras. O gado alimenta o homem e eleva o valor do solo. A agricultura prussiana desde 1816 tem progredido por este lado, mas nos ultimos annos é que se introduziram os melhoramentos de maior importancia. A producção pecuaria era em 1816 de 7.090:387 cabeças, e de 11.399:369 em 1864.

Differença para mais nos quarenta e oito annos 4.308:982, ou quasi 61 por cento. O periodo de maior incremento foi o de 1830 até 1840, em que o augmento se traduziu em 16,45 por cento. O de 1849 a 1858 correu insignificante, porque deu apenas 1,19 por cento, mas o decorrido desde 1858 a 1864 subiu a 12,26 por cento. O aperfeiçoamento não consiste porém, só em o numero das cabeças, qual o não exprime o das raças, mais valioso ainda. N'esta parte não são menos satisfactorios os resultados. O producto medio de cada animal augmentou um terço em carne, manteiga e lã duplicando o valor da producção total. Na creação hyppica a Allemanha não ostenta as possantes raças de tiro, orgulho da Flandres, da Bolonha e da Inglaterra. Os cavallos prussianos são leves, mas optimos para as remontas do exercito. O estado possue tres caudelarias, as de Neustadt, Graditz e Trakehnen. Esta comprehende quatorze propriedades e perto de 4:000 hectares, e alimenta mais de 1:300 cabeças, e a despeza não ultrapassa em todos os estabelecimentos a receita em mais de 500:000 francos. Na creação

dos carneiros não se empregou menor cuidado. Frederico II quiz tentar a introducção dos merinos, mas sem exito. Em 1815 os esforços foram mais acertados e por isso mais felizes. Em 1822 formaram-se sociedades especiaes para acclimar e diffundir a raça dos carneiros de Hespanha. A implantação dos carneiros francezes cresceu e elevou o valor das lãs, computado hoje em 150 milhões de francos. Desde 1829 até 1852 o numero dos carneiros das raças apuradas cresceu muito, subindo a producção na sua totalidade de 28.930:000 a 33.510:000. Em França a creação ovina diminuiu desde 1852. Em 1857 não passava de 27.185:000, accusando uma reducção de 6.325:000 cabeças. Nos ultimos recenseamentos não havia mais de 100 carneiros por 200 hectares e 133 habitantes.

Na Prussia computa-se egual numero d'elles por 140 hectares 100 habitantes. Na producção hippica a Prussia tambem leva vantagem, porque a estatistica dá-lhe 1 cavallo por 10 habitantes e 15 hectares, emquanto a França possuindo 3.000:000 de cabeças, só offerece 1 por 17 hectares e 12 habitantes. Quanto á raça bovina, os dois paizes podem dizer-se equiparados. Em 1857 a França contava 12.765:000 cabeças. O ultimo recenseamento da Prussia inscreveu 5.837:000, não incluindo os vitellos de menos de seis mezes, em numero de 6.500:000, ou 1 cabeça por 4,2 hectares e por 2,9 habitantes. O unico ponto, em que a agricultura franceza se mostra visivelmente

superior, é na creação de capoeira, porque todos os annos exporta 100 milhões de francos só em ovos. O sr. Royer, depois de descrever a cultura prussiana na sua *Viagem agricola pela Allemanha*, em 1847, com as côres tristes, mas exactas, que ella pedia então, accrescentou comtudo: «Entretanto não admitte a menor duvida, que a Prussia, no melhoramento das raças das differentes especies de animaes domesticos, adeanta progressos mais rapidos, mais geraes, e mais intelligentes do que a França». Os resultados d'este cuidado foram os que acabámos de expôr.

As matas cobrem 8.000:000 de hectares da superficie da Prussia, ou 23 hectares por kilometro quadrado. As maiores extensões florestaes, 32,8 e 30,7 por cento da area respectiva, encontram-se no Brandeburgo e no paiz do Rheno, e as menores na Pomerania e na Saxonia. A provincia de Brandeburgo ufana-se com as suas bellas florestas, em que predomina o pinheiro, mas aonde sobresáem egualmente o carvalho, a faia, o alamo e a betula. A Silesia e a Westphalia produzem tambem madeiras excellentes. O Hannover mede 487:623 hectares de terrenos plantados de arvoredos, especialmente no Harz, e nas regiões de Luneburgo e de Hildestain. A Hesse Eleitoral aponta para os seus 382:950 hectares de bosques, em que sobresáe a faia. O Nassau conta 188:692 hectares de matas, e o Schleswig 48:507. O dominio florestal das antigas provincias rendia 9.819:798 thalers. O estado possue

27,3 por cento da superficie total arborizada, e administra melhor do que os particulares, colhendo grandes receitas. A maior parte das madeiras cortadas são consumidas no paiz, e a exportação da outra parte alimenta um commercio importante com algumas cidades das margens do Baltico, do Elba, do Weser e do Rheno. Dantzig é a principal d'ellas. Entre os estabelecimentos de silvicultura fundados na Allemanha do norte merece particular menção a eschola normal florestal de Neustadt-Eberswalde. A sociedade de silvicultura da Silesia creou escholas em muitos pontos para o ensino das pessoas encarregadas da direcção das matas.

O homem para viver carece de pão e de carne, e o numero dos individuos, que a terra póde sustentar, depende da successão das colheitas. A questão dos afolhamentos liga-se, portanto, com este fim principal muito de perto, e a sua importancia é por isso geralmente reconhecida. Na Allemanha existe desde o tempo de Carlos Magno o afolhamento triennal, correspondente a um estado social já adeantado, e durou até ao cabo do seculo passado. No XVII introduziu-se nas terras de pousio a cultura do trevo, importada de Flandres, e a das batatas. Os direitos feudaes não consentiam outro afolhamento melhor, por causa do privilegio da livre pastagem dos rebanhos dos senhores em todos os restolhos. Este e outros vexames só foram definitivamente abolidos em 1833, pelo menos na parte oriental do rei-

no. Hoje os nobres seguem o afolhamento alterno, e os camponezes já os principiaram a imitar, menos em alguns sitios da provincia de Posen, aonde prevalece o systema triennal com pousio completo no terceiro anno. Na parte occidental, e para o lado do Baltico, predominam os methodos do Holstein com os seus quatro annos consecutivos de cereaes seguidos de outros quatro de plantas de forragens e pastos. A Pomerania progrediu muito, deixou o systema triennal, e adoptou outro, em que as plantas farinaceas e as pratenses occupam metade da superficie. No Brandeburgo está quasi generalizado o afolhamento alterno com a cultura do trevo, do tremoço e da batata. A Silesia, fertil, porém mais atrazada, já emprega, apezar d'isso, a maior extensão de terreno na cultura das plantas industriaes, como o linho, e substituiu os pousios por pastagens. Mesmo nos districtos montanhosos vão desapparecendo os pousios completos e improductivos, que apenas occuparão hoje a setima parte da área cultivada, em vez da terça parte, como antigamente succedia.

Em quasi toda Europa, e até na Inglaterra, é tão diminuto o salario dos trabalhadores do campo, que mal lhes chega para occorrerem ás necessidades mais urgentes da familia. A Suissa e a França, depois d'ella, são os paizes aonde a sorte do jornaleiro póde reputar-se menos triste. Na Russia o salario, muito modico em toda a parte, eleva-se um pouco

nas provincias occidentaes, apezar de tão populosas como as orientaes. Em todo o norte o dia do trabalhador regula por 1 franco, em quanto no sul anda por 1 franco e 25 centesimos. Nas provincias de Posen, da Pomerania e da Prussia cada propriedade tem o numero de familias preciso para os trabalhos ruraes. A estes creados, chamados *insten*, *gartner* e *homorniks*, dá o senhorio casa, meio hectare de terra, e muitas vezes lenha e pastagem para um boi, ou para uma vacca. Por isto e por 1 silbergros se obrigam elles a todos os serviços da lavoura.

Muitos d'estes serviços constituem empreitadas. A ceifa de um *morgen* de trigo ajusta-se por 6 francos, e a da mesma medida de feno por metade. O salario de um creado rustico corre por 75 francos annuaes, e o de uma creada por 50 francos. Na Saxonia, na Westphalia e no paiz do Rheno sobe ao dobro. Em 1861 o pessoal dos trabalhos agricolas constava: primeiro de 1.119:134 proprietarios e e de 60:644 rendeiros, formando a classe dos emprehendedores, e sommando com suas familias 6.149:462 individuos; depois de 46:384 directores, chefes de cultura, e governadores; e por ultimo de 558:424 creados e de creados e de 500:500 creadas com 574:934 trabalhadores. As provincias orientaes differençam-se muitas vezes n'este ponto das occidentaes. N'aquellas cada amo tem tres servos, n'estas sómente um. O trabalho n'uma parte é executado por muitos, que tiram proveito

d'elle e na outra por individuos aos quaes os resultados são indifferentes. Não é para admirar, que o sul colha o dobro do producto bruto do norte.

A população rural augmentou em todas as provincias desde 1866. N'aquelle anno não passava de 7.438:460, no de 1840 era já de 11.714:285, e no de 1860 subia a 12.865:368. A das cidades excedia n'esta ultima epocha 5.611:000. Em França o numero dos habitantes cresce lentamente, e o dos nascimentos diminue. Os campos povoam-se pouco. O preço das terras elevou-se na Prussia nos derradeiros annos. Até 1840 actuou a depreciação causada pelas guerras do imperio e pelo rasgate das servidões feudaes. Os cereaes vendiam-se muito baratos em toda a zona oriental, as terras não rendiam nada, e a miseria tinha-se tornado geral e profunda, não se eximindo sempre d'ella nem os grandes proprietarios. As fazendas valiam ainda menos, do que as letras que as oneravam, e não achavam compradores. Mudou tudo. Os agricultores reanimaram-se, trabalharam, e o valor dos bens de raiz triplicou. Na provincia da Prussia o *morgen* de terra, que valia 35 thalers, custa hoje 100. Na Lithuania de 30 passou a 50 e a 60, e o preço dos arrendamentos dobrou. No Brandeburgo pela proximidade de Berlim, a alta ainda foi mais rapida. As causas d'este augmento são diversas. Figuram entre ellas o progresso da cultura, creando muito maior quantidade de productos, e ven-

dendo-se estes mais caros. As despezas de transporte, sempre pagas pelo productor, reduziram-se, e o desenvolvimento da industria abriu á producção agricola novos mercados no interior, offerecendo-lhe o consumo mais seguro, mais vasto e mais vantajoso. O imposto predial não é pesado. Os 28 milhões de hectares da antiga Prussia pagavam 36 milhões de francos, isto é, 1 franco e 32 centesimos por hectare. Em França póde calcular-se a contribuição no triplo, differença grande a despeito da maior fertilidade do solo.

São estas, em geral, as feições mais notaveis da economia rural da Prussia. A producção total da agricultura era avaliada no anno de 1860 em 583.509:416 thalers, ou francos 2.184:518:000. A da França em mais de 4.500 milhões de francos, não se incluindo em ambas os productos não alimenticios, as lãs, e as pelles. A producção por cabeça e por hectare podia considerar-se, pouco mais ou menos, a mesma, tanto em uma como na outra; mas os progressos agricolas caminharam na Allemanha muito mais rapidos, e tudo inculca, que de futuro continuarão com egual vigor. Não explicará este aspecto da situação economica só por si uma parte do segredo d'essas forças repentinas, que ninguem contava ver manifestar á monarchia de Frederico II antes de Sadowa, e que hoje tanto nos maravilham ainda na lucta contra a França?

VII

Reservámos para o ultimo logar a apreciação dos dois excellentes artigos estampados pelo sr. de Laveleye na *Revista dos dois mundos* de 15 de junho e 15 de julho de 1870, ácerca da *Questão agraria na Irlanda e na Inglaterra*, artigos em que estuda as causas e os effeitos provaveis do *Land Bill* irlandez proposto pelo sr. Gladstone e votado pelo parlamento, e os resultados da existencia da grande propriedade e do proletariado rural na Gran-Bretanha. As duas theses na realidade mostram as duas faces de um mesmo assumpto. Na base de ambas agita-se um problema identico, o da constituição da terra. Na Inglaterra lucta-se com os effeitos da sua accumulação descommunal, manifestados no augmento assustador da mendicidade em Londres e da invasão progressiva dos proletarios campesinos. Na Irlanda os rendeiros queixavam-se de que os senhorios lhes roubavam os fructos do trabalho, e pediam o reconhecimento de direitos solidos e claros, que lhes affiançassem o dominio das parcellas que agricultam. Em Inglaterra os operarios ruraes tocaram tal grau de miseria, que só o excede talvez o pauperismo das cidades. Na Irlanda um systema vicioso derivado das duras leis de conquista perturba a tranquillidade, envenena as relações sociaes, e provoca todos os annos crises espantosas. O conflicto, obser-

va o sr. Leslie, póde afigurar-se mais grave politicamente na Irlanda, mas é muito mais perigoso, considerado pelo aspecto economico, na Gran-Bretanha, porque cedo hão de perguntar até os mais imparciaes, se o solo do paiz deve continuar a ser uma fonte perenne de prosperidade e de opulencia só para alguns individuos, ou um elemento de trabalho e de abundancia para todos. E feita n'estes termos a pergunta resta saber se responderão os privilegiados acastellados em seus apanagios, ou a nação inteira!

Não nos propomos, nem cabia nos limites d'este escripto, seguir o sr. de Laveleye em suas profundas e minuciosas indagações ácerca da origem e das circumstancias actuaes da constituição da propriedade na Irlanda e na Inglaterra. Na Irlanda a posse da terra pelos senhorios britannicos suspendeu todo o desenvolvimento economico, não porque elles fossem exigentes ou deshumanos, mas porque não viam no solo senão um manancial, cujos rendimentos devoraram improductivamente, e sempre ausentes de geração em geração, sem protegerem os cultivadores, e sem melhorarem as fazendas. Todos os males nasceram d'este desprezo dos deveres e até dos verdadeiros interesses. As pessimas condições da lavoura, a subdivisão exagerada dos terrenos, o excesso da população, e a miseria mais cruel puniram o seu egoismo e a sua incuria. Os crimes agrarios, exprimindo o desespero das victimas, abalaram a segurança, e desviara

da terra os capitaes. Os remedios adoptados pelos poderes publicos serão efficazes, e o *Land Bill*, tão violento em algumas clausulas, que parece, não só annullar, mas supprimir o direito de propriedade, satisfará a Irlanda?

O *bill* assegura aos actuaes detentores a posse dos casaes que fabricam, e afasta a ameaça terrivel da evicção, especie de espoliação disfarçada, que não só despojava o rendeiro da terra, mas do preço das bemfeitorias. Hoje, se pagar a renda e não sublocar os predios rusticos, não poderá ser expulso sem o senhorio lhe compensar largamente o prejuizo. E' protegido pela lei contra os abusos dos *racks-rents*. As bemfeitorias hão de ser-lhe indemnizadas, e se quizer comprar a terra, o estado facilita-lhe os meios. Em nenhuma parte se concederam ainda ás classes ruraes vantagens similhantes, e o parlamento, que as votou para a Irlanda, não as extendeu á Inglaterra. Não é de suppor, que desappareçam de repente os infortunios, obra de longos seculos de oppressão, mas devemos esperar, que, applacada e unida á Gran-Bretanha pelos vinculos de uma affectuosa confiança, a verde Erin alcance do trabalho mais bem regido a subsistencia dos seus habitantes. Podia converter-se em um soberbo e immenso prado aquelle territorio regado de tantas lagrimas, como a região pascigosa da Hollanda, mas para isso era preciso que 3 milhões de seus filhos se separassem da patria, e o amor por ella é tão vivo no seu co-

ração, que o maior numero prefere a fome á emigração. Resta outro arbitrio ainda, e esse está na mão dos *Land-lords*. E' converter a pouco e pouco em proprietarios os infelizes até agora desherdados de tudo, reconcilial-os com os senhorios, e assegurar-lhes a posse tranquilla dos fructos da sua industria. O futuro e a paz da Irlanda dependem essencialmente d'esta transformação urgente. Realizar-se-ha?

Na Gran-Bretanha a questão não aperta ainda por uma solução immediata, mas já desponta no horisonte, e promette avultar, excitando as apprehensões dos homens, cuja vista alcança longe. A riqueza da Gran-Bretanha excede tudo o que a imaginação póde conceber. Seguindo os calculos do *Economist*, jornal de auctoridade insuspeita n'estas materias, só as reservas annuaes de todo o paiz em 1865 sommavam 2:000 milhões e meio de francos, 100 francos por cabeça, ou 450 por familia. A abundancia de carvão mineral e de ferro, e a rara aptidão industrial dos seus habitantes, assegura á poderosa ilha a supremacia em todos os mercados do universo. As suas fabricas produzem melhor e mais barato, do que as dos outros povos. A sua marinha é maior, do que a de todas as outras nações reunidas, exceptuando a dos americanos, seus rivaes. Os lucros enormes do commercio e da industria applicados a principio na terra natal á construcção dos canaes e vias ferreas, que a sulcam, á mineração, e á tele-

graphia electrica, desde que o premio remunerador lhes começou a escassear foram buscar outras regiões, fundaram n'ellas bancos, traçaram caminhos de ferro, abriram portos, exploraram minas, e cultivaram terras.

Os lucros d'estas emprezas todos os annos recolhem á patria, centro do mundo mercantil, polo de attracção da riqueza universal. Dos *placers* da Australia e da California correm sem interrupção para o banco de Londres dois rios de ouro. As exigencias e as necessidades de um povo de millionarios chamam á sua capital os artigos mais preciosos dos dois hemispherios. Nas cidades e nos campos erguem-se centos de mil palacios. Cuidados activos conseguiram por meio de escrupulosa *selection* revestir os productos animaes, cavallos, bois e carneiros, e os productos fabris de uma perfeição admiravel. A divida publica amortiza-se, os impostos todos os annos diminuem, e as receitas não cessam de crescer. O orçamento do estado e a riqueza dos particulares annunciam a mais invejavel prosperidade. Apezar d'esta immensa accumulação de capitaes, que torna quasi insignificantes os famosos thesouros de Tyro, Carthago e Babylonia, o que nos revelam as estatisticas officiaes e as discussões do parlamento? Que a miseria attinge um grau de intensidade assustador, que o pauperismo augmenta desde 1866, que o numero dos indigentes subiu de 920:344 a 1.039 49 em uma população de 21 [illegible]0.000

Estes progresos da riqueza por uma parte e da miseria pela outra confundem e desmentem as asserções da antiga sciencia economica, que punha como axioma, que a taxa dos salarios depende da relação entre o capital e os braços, e que o unico modo de melhorar a sorte dos operarioe consistia no augmento do capital. A Inglaterra conformou-se com o preceito. Junta por anno 2:000 e 3:000 milhões de francos, e vê, a despeito d'isso, a lepra da mendicidade cada dia mais alastrada. Sustentaram os economistas, que se a maior parte dos homens carecia de muitos artigos necessarios á vida é porque o trabalho não os fornecia em quantidades sufficientes. Bem! Realizaram-se prodigios. Construiram-se machinas excellentes com que um só individuo faz a tarefa de mil. O numero total dos cavallos a vapor empregados pela Gran-Bretanha era em 1855, segundo affirma o distincto engenheiro o sr. Feyburn, 3.660:000, equivalentes ao trabalho manual de 76 milhões de operarios. Existem no paiz 5 milhões de familias. Cada uma d'ellas, pois, conta para a servir 15 escravos, cujos musculos de aço, movidos pelo vapor, nunca se cansam. Na Russia, aonde elles não funccionam, o trabalho do pae de familias com as ferramentas mais singelas, alimenta muitas pessoas. Por que motivo cada inglez, mandando 15 escravos, não vive na abundancia? Só o algodão exportado em 1860 media 2.673:960 kilometros, ou 64 vezes a circumferencia do globo. Porque succe-

de, que o paiz que envia para fóra telas, que poder vestir todos os habitantes do nosso planeta não tenha com que cobrir a nudez dos seus pobres?

Que remedios se descobriram para modificar este estado? A caridade? Illusão! A caridade o mais que póde é suavizar algumas desgraças; mas o flagello em todo o horror escapa á sua acção. A emigração? Modera e melhora de certo as condições do que troca a fome pelo desterro, mas não resolve tambem o problema, e envolve inconvenientes graves. Saíram verdadeiras multidões. Só em 1869 mais de 132:000 individuos, e a miseria não se attenuou. Não haverá solução efficaz, e a Gran-Bretanha ha de ver eternamente um milhão de pobres, a vigesima parte da sua população, subsistir faminto e coberto de andrajos de uma taxa, que todos os annos anniquila sem compensação 300 milhões de francos?

Alguns economistas da nova escola e entre elles os srs. Stuart Mill, Leslie, Fawcett, e o partido de que o sr. Bright é o mais eloquente orador, attribuem uma das principaes causas do mal á accumulação da propriedade, que repelle as populações desherdadas dos campos para as cidades, rebaixa os salarios, paralyza e estorva a elevação das classes inferiores, provoca a repartição desegual do producto liquido, e cada vez estreita mais o logar que necessita occupar um povo, cujas proporções se engrandecem. O sr. de Laveleye, depois de expor assim a questão, entra no seu exame

com a lucidez e penetração usuaes, descreve o regimen agrario da Gran-Bretanha na epocha saxonia, no periodo da conquista normanda, e na meia edade, em que os cultivadores viveram muito mais felizes e padeceram muito menos, do que no continente, aonde os opprimia o jugo do feudalismo, e aponta para a numerosa classe dos lavradores proprietarios formada na Inglaterra ao declinar do XIV seculo, classe abastada e independente, dividida em muitos graus, desde o *squire*, já proximo da nobreza, até ao *cotier*, operario rural, mas possuidor tambem de uma casa e de um campo. Esta *yeomanry* constituia então a força do paiz, e o illustre Macaulay cita os serviços prestados por ella á liberdade nas guerras civis pelo odio implacavel que votou ao poder arbitrario e ao culto catholico. Hoje a classe inteira desappareceu completamente. Nos fins do seculo XVII, apezar de mui apoucada, ainda contava 160:000 *yeomen*, e com as suas familias compunha a setima parte da população. Diversas causas produziram esta revolução, que passou despercebida, mas que deu em resultado o ser arrancada totalmente a propriedade das mãos dos cultivadores. O sr. Leslie enumera com individuação as causas. Na Prussia, aonde a divisão de propriedade e a situação agraria offerecem feições mui differentes das da Europa occidental, a grande propriedade, á excepção da provincia rhenana e da Silesia, tambem é a que predomina. A estatistica de 1861 em 28 milhões de hecta-

res mencionava 2.141:730 predios ruraes e 1.200:000 proprietarios, ou 1 proprietario para 12 habitantes e 20 hectaresde superficie, emquanto a França conta 1 proprietario sobre 5 habitantes e sobre 7 hectares. Em todas as provincias orientaes da monarchia prussiana as grandes propriedades occupam mais de metade do territorio, e as de 7 a 75 hectares abraçam quasi o resto, de sorte que a propriedade parcellar não possue mais de 5 por cento. Mas o que ha de singular n'esta organização é serem quasi todas as terras lavradas pelos proprietarios. O arrendamento permanente considera-se uma excepção, e os contractos de caseiros são desconhecidos. O numero dos lavradores não excede 30:348 em todo o reino, e o dos locatarios 30:296.[1]

Fôra optimo ver o solo explorado por aquelles a quem devêra pertencer; mas é preferivel talvez, que os proprietarios o façam valer por intermedio de jornaleiros assalariados, a vêl-os arrendar os casaes e em cada re-

[1] A pequena propriedade produz mais, do que a grande, na opinião do sr. de Laveleye. O exemplo das provincias rhenanas, comparadas com a de Posen, attestam. Em Posen, com os grandes dominios ha 5:000 metros de estradas por milha quadrada, 3:000 habitantes, e 2:980 cabeças de gado. O Paiz do Rheno, de pequena propriedade, conta 17:000 metros de estradas, 6:000 habitantes, e 4:024 cabeças de gado grosso, com salario duas vezes mais altos. As nossa provincias do Minho e Alemtejo são tambem citadas pelo distincto economista como prova do seu argumento.

novação do aluguel auferirem muitas vezes o rendimento produzido pelas bemfeitorias do locatario, ou pelos progressos da socieedade. Na Prussia, abaixo da classe dos proprietarios, não existe a dos rendeiros lavradores como na Inglaterra. A população rural comprehende as tres quartas partes da população total, e os grandes proprietarios exercem irresistivel influencia sobre o pessoal que empregam. Na Gran-Bretanha em 1786 havia 250:000 proprietarios. As estatisticas recentes apenas indicam hoje 30:766, e apontam-se districtos, como o de Sutherland, em que a terra jáz monopolizada em poder de cinco ou de seis pessoas!

O sr. de Laveleye nota com summa penetração os perigos proximos e remotos d'esta falsa e violenta occupação por uma oligarchia poderosa, mas desamparada, e prevê o futuro gravido de arriscados conflictos politicos e sociaes, todos filhos da questão agraria. A posição da França por este aspecto é muito mais segura e vantajosa. A divisão da propriedade affirma a sua conservação. Mas a Gran-Bretanha como desatará as difficuldades, quando as classes medias romperem o assalto, e negarem o valor dos titulos e dos direitos das classes aristocraticas em nome da historia, da sciencia e do interesse geral? Quando as idéas de egualdade se diffundem não será desafiar um cataclismo manter a posse da terra, como um dos mais odiosos monopolios?

Entre os escriptores, que mais lisonjeiro conceito formaram do profundo estudo dedicado pelo sr. de Laveleye á questão prussiana figura o sr. Gladstone. Em o numero de outubro de 1870 da *Revista de Edimburgo* appareceu estampado um artigo com o titulo *On Germany, France, and England*, em que o primeiro ministro actual da Gran-Bretanha, avaliando o livro ácerca da Prussia e da Austria depois de Sadowa, dizia o seguinte: «Nenhuma publicação podia saír dos prelos mais a tempo, do que este volume consagrado pelo sr. Emilio de Laveleye á descripção do estado da Prussia e da Austria depois da curta e memoravel guerra de 1866. O nome do seu auctor, tão distincto e laborioso, é mui conhecido em Inglaterra pelos seus trabalhos sobre um assumpto de elevada importancia, mas restricto, o regimem agrario dos differentes povos. No livro, que temos presente, e nos seus *Ensaios* provou elle uma capacidade superior, tractando sob o aspecto mais rasgado as questões relativas á constituição e á felicidade das nações. Em auctores d'este merecimento se encontra a verdadeira realização da qualificação tantas vezes liberalizada no continente, de *publicista*, bem pouco apreciada e entendida na nossa patria. De feito, publicista é o escriptor que se occupa dos acontecimentos e dos interesses dos povos, não como factos separados, mas contemplando os principios de que elles se derivam, assignando-lhes o seu verdadeiro logar na historia, e incul-

cando a parte e acção que exercem nas soluções dos grandes problemas, de que pende o destino da nossa raça».

O *Cobden-club* offereceu em 1870 um banquete a que assistiram muitos economistas de grande reputação, tanto nacionaes como estrangeiros. Presidiu o sr. Gladstone, e sentavam-se á sua direita o sr. de Laveleye e á sua esquerda o lord chanceller. Sir Luiz Mallet, do *Board of Trade*, propoz um brinde aos auctores dos estudos incluidos no volume sobre os *Systems of Land Tenure*, e particularmente ao sr. Emilio de Laveleye, auctor do escripto tão elogiado ácerca do regimen agrario da Belgica e da Hollanda[1]. O sr Gladstone levantou-se então, e disse: «que se felicitava de vêr á sua direita o digno repaesentante de um paiz pequeno na extensão territorial, mas que na meia edade dera ao mundo o exemplo da liberdade mercantil, e hoje estava prestando eguaes serviços na practica leal e sincera do governo constitucional.»

Estes testemunhos insuspeitos na sua significação justificam as nossas apreciações, mostrando, que só fomos verdadeiros e imparciaes. O livro, que sae hoje traduzido pelo sr. dr. Venancio Deslandes, não é menos instructivo. Tracta da economia rural da Suissa e da Lombardia, e encerra licções e exemplos egualmente uteis. O distincto prosador encon-

[1] *Land system of Belgium and Holland*, by M. Emile de Laveleye.

trará na versão portugueza a reproducção fiel do seu pensamento, e, até onde a indole das duas linguas o consentia, as elegancias desaffectadas do estylo animado e por vezes tão colorido em que molda as idéas. No esboço, que em traços tão rapidos, desejámos formar da sua physionomia, como prosador, como erudito e como economista, procurámos accentuar os toques mais caracteristicos, a fim de tornarmos bem conhecido um dos vultos notaveis do nosso tempo e um dos homens que maiores e mais valiosos serviços tem prestado aos progressos da economia rural, e, em geral, aos progressos das sciencias moraes, encaminhando sempre os seus trabalhos para applicações fecundas e humanitarias. N'este momento mesmo o sr. de Laveleye, além dos estudos que está continuando para uma obra de grande interesse pelo assumpto e pelos resultados, o *Ensaio sobre as causas das guerras e o modo de as atalhar*, prepara a publicação de dois livros novos, um ácerca das *Instituições polititicas dos paizes livres*, e o outro sobre as *Causas que determinam a felicidade das nações*. Qualquer d'estas emprezas é digna do seu elevado engenho, e todas encerram o merito practico das mais intimas relações com a actualidade.

Lisboa, fevereiro de 1871.

INDICE

PAG.

A Arcadia portugueza 5

Advertencia dos editores..... 99

Emilio de Laveleye..... 101

BINDING - 7. JUN 4 1966

PQ
9261
R4M6
1907
v.2-3

Rebello de Silva, Luiz Augusto
A mocidade de D. João V
2. ed.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 02 012 9